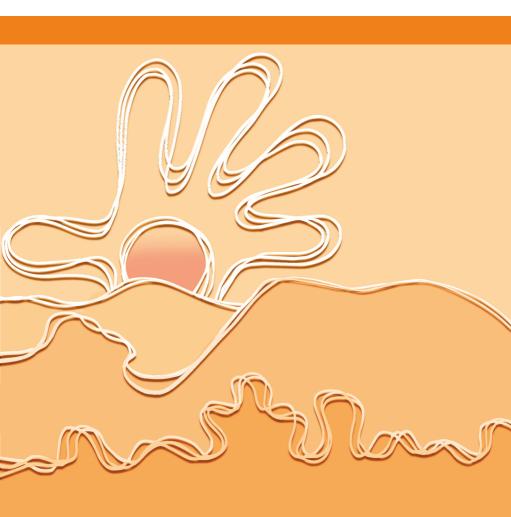
## **PRIMEIRAS IMPRESSÕES**

### IÁTRICO EM PERSPECTIVA

Coletânea da revista látrico



# Primeiras impressões

látrico em perspectiva

(coletânea da revista látrico)

João Manuel Cardoso Martins

Copyright © 2013 - Primeiras impressões: iátrico em perspectiva (coletânea da revista látrico)

Conselho Federal de Medicina

#### Conselho Federal de Medicina

SGAS 915, lote 72 – CEP 70390-150 - Brasília/DF

Tel: 55 61 3445 5900 - Fax: 55 61 3346 0231

E-mail: cfm@portalmedico.org.br

Publicação também disponível no site: http://www.portalmedico.org.br

Supervisão editorial

Paulo Henrique de Souza

Copidesque/revisor

Napoleão Marcos de Aquino

Projeto gráfico/capa/diagramação

Portal Print Gráfica e Editora Ltda-ME

Capa

"Phoronesis", 2013, Ademir Vigilato da Paixão, Curitiba (PR)

Tiragem

5.000 exemplares

Catalogação na fonte: Eliane Maria de Medeiros e Silva – CRB 1ª Região/1678

Martins, João Manuel Cardoso

Primeiras impressões: iátrico em perspectiva (coletânea da revista látrico) / João Manuel Cardoso Martins. – Brasília: CFM, 2013.

404 p.; 13,5 x 20,5cm.

ISBN 978-85-87077-34-9

1. Medicina - crônicas. 2. Medicina - literatura. I.Título:

CDD 610.808

### **SUMÁRIO**

Apresentação	9
Prefácio	11
Introdução	13
Capítulo I - Sobre Profissão	15
Conciso, com siso	17
Seu nome, gratidão!	19
Deu no Times	21
Até quando?	23
Em busca do tempo perdido	27
Experiência social	29
Chamamento	33
Horror e encanto	35
Um nada que faz a diferença	37
Imagem	39
Fora de moda	43
Divulgadores	45
Joio do trigo	49
Falso dilema	51
Cartas a um jovem médico	55
O médico e o monstro	61
Para ser médico	63
Dr. House	65
Falar demais ou de menos!	69
House, o incontinenti	73
Técnico, mas humano?	79
House e o diagnosticista	81
Supervisão	83
Médicos raros: como são?	85
Método	91
Uma história de amor	95
"Baby professor"	97
Santo de casa	101
Profissão de fé	103
Quimioterapia	107
A quimio do Torga	109

Capítulo II - Sobre Comportamento	111
Grande conversação: a consciência de Zeno	113
Falsos remédios	117
Razão e fé	121
Dez segundos	125
Ceifeiros	129
Mudanças	131
Mas como muda pouco o ser	133
Segredo de longevidade	135
Doutor Sócrates	137
Em busca de sentido	141
Capítulo III - Ideias	145
Cultura do fragmento	
O valor dos provérbios	
Pílulas de sabedoria	
Apócrifo	
Bife com fritas	
Aprender a viver	
Ciência em crise?	
Como e por que ler	
A arte de escrever (segundo Schopenhauer)	
A educação dos sentidos	
Ser amigo	
Capítulo IV - Memória	
Razões de viver	
Devaneios dolorosos	
Balzac, Balzar e Pasárgada	
Quando chegamos perto	
Bater à máquina	
Saindo do sacrifício	
Amor sublime amor	
Memorial	
O espírito de Paris	
À flor da pele	213

Capítulo V - Sobre Poesia	215
Se: poesia e comentário	217
Alma viva	221
Cansaço e sossego	223
Ato de criação	225
"Ora direis, ouvir estrelas!"	229
Esquecer para pensar!	233
O grande descontente	235
Medicina e poesia	241
A pedra e o diagnóstico	245
Capítulo VI - Sobre Ética	247
Etiqueta	249
Moral e ética	251
Capítulo VII - Sobre Futebol	255
Tostão	
Morte no relvado	
Balada nº 7 ("Mané Garrincha")	265
O que aconteceu a Telê?	267
Adeus ao irmãozinho	271
Linguagem dos gestos	273
Capítulo VIII - Sobre Pedagogia	277
O que deveria ser	279
É difícil!	281
À beira do leito	285
Aula de concurso	289
Perigo à vista	293
Estar pronto	295
Capítulo IX - Sobre Política	297
Pátios	
Certezas da dúvida e do sonho	
Horrores	305
Horrores sempre	307
Anotações necessárias	309

Capítulo X - Sobre Arte	315
Baile da vida, teatro da vida	317
Paixão de artista	321
Caravaggio: grandeza humana?	323
Guernica	325
Choro de mulher	327
Impressões	329
Capítulo XI - Sobre Personalidades	331
As rondas do dr. Vanzolini	333
O gigante e o aprendiz	337
Personalidade do cinema	343
Francis	345
DeBakey	347
Clint, um padrão?	353
Dois pesos sem medidas	355
Rubem: ponto e vírgula	357
Poetinha	359
Capítulo XII - Sobre Amor	361
Se você quiser	363
À solta	365
Prosa a dois	367
Capítulo XIII - Sobre Música	369
Aula de composição	371
Talento puro, pena a realidade	
A volta por cima	375
Trilha sonora	377
Letra de música, será poesia?	
Pérolas	381
Escolhas	
Palavras e sonhos	
Joe Cocker	389

Capítulo XIV - Poemas	391
Sondagem	393
Obsessão	395
Declínio	397
Sombras	399
Perdas	401
Sobre o autor	403
Sobre os organizadores	405

### **APRESENTAÇÃO**

### Medicina = arte + ciência

Há quem diga que a medicina é apenas ciência. Ledo engano, ela também é arte. É assim que vejo minha profissão e a de 400 mil outros colegas brasileiros: o terreno mágico onde, na busca pelo melhor diagnóstico e o tratamento mais eficaz, o médico usa de seu conhecimento, talento e sensibilidade para ajudar o seu paciente a reencontrar seu bem-estar e sua saúde.

Medicina também se faz com o olhar arguto sobre a sociedade, suas contradições e avanços, as quais têm sempre repercussão sobre a sociedade. Da mesma forma, quando exercemos nosso discernimento ético com base em fatos prosaicos: microdramas e comédias do dia a dia, resultado de encontros e desencontros que se não transformam vida, podem mudar uma vida para sempre.

Quando agimos, assim, atentos ao mundo que nos rodeia, assumimos um papel de agentes de valorização do humanismo tão necessário para reforçar o respeito, a ética, a justiça e a solidariedade. Neste momento, deixamos de ser apenas médicos de homens e passamos a ser, também, médicos de almas.

A coleção de crônicas que compõe este volume traduz de forma lúdica, bem humorada, por vezes crítica, os fatos de cotidiano contraditório em sim mesmo: simples e, ao mesmo tempo, complexo. Os textos de João Manuel Cardoso Martins, aos quais o leitor terá o privilégio de ver reunidos em um único volume pela primeira vez, são o novelo que nos orientam neste labirinto, que, ao final, revela que somos acima de tudo homens em busca de felicidade.

Roberto Luiz d'Avila Presidente do CFM

### **PREFÁCIO**

O Conselho Regional de Medicina do Estado do Paraná (CRM-PR) experimentava uma inserção mais marcante em sua representatividade e interação com a sociedade, em 2002, quando inaugurou a série *Cadernos do Conselho*. Um chamado de mudança para o profissional, sua arte e seu futuro. "Médico: sugestões para o seu dia a dia" foi o primeiro título, em contribuição do prof. dr. João Manuel Cardoso Martins, já responsável, então, pela formação de gerações de colegas. Aceitava ali o desafio de, como editor, compartilhar o privilegiado conhecimento, construído sob anos dedicados à conjugação de Ciência e Arte. Mais que isso, renunciava a parte de seu tempo de lazer, trabalho, pesquisa e também convívio familiar para alimentar um canal informativo que, bem mais que propagar cultura, despertasse o senso crítico e a autossuficiência intelectual.

Dessa experiência nasceu *látrico*, primeiro como páginas de cunho científico-cultural a enriquecer o conteúdo do jornal informativo do CRM-PR. Depois foi ganhando corpo e identidade, passando de suplemento a revista seriada. O título sugestivo – "a arte de curar" – adveio da criatividade do editor, que deu vida, consistência e maturidade à publicação, prestes a ingressar em seu 12º ano sob a chancela do público-alvo a que se destina. Esta luz de cultura, muitas vezes sob fragmentos de ideias, reflete esperança. Esperança da transformação. De exaltação da ética e do saber.

Muito mais que contribuir à execução do projeto editorial, tivemos a oportunidade de absorver ensinamentos propalados com mestria na revista. Daí alimentar a sugestão de reunir em livro uma "seleção de iátricas", transitando no tempo e nas muitas nuances que harmonizam Medicina e Arte, acentuando as emoções e as ideias. Não por acaso, literatura, música, poesia, cinema, pintura, escultura, dentre outras expressões, estão presentes de algum modo nesta obra, tornada possível pela sensibilidade do quadro diretivo do Conselho Federal de Medicina quanto ao semeio de

ideais e determinação para o futuro do nosso médico e da nossa nação. *Primeiras impressões* são um estrato dos muitos sabores do conhecimento, da experiência, da sabedoria, a serem degustados sem pressa. Afinal, esta é uma fome que está na alma e cabe a cada um suprir a seu modo. Às vezes, até, em verso e prosa.

As maiores oportunidades, responsabilidades ou obrigações que podem recair sobre um ser humano consistem em ser médico. Para tratar de um doente, ele necessita de habilidade técnica, conhecimento científico e compreensão humana. Empregando esses atributos, reunidos à coragem, humildade e prudência, proporcionará um serviço único aos seus semelhantes e contribuirá para a formação sólida de seu próprio caráter. O médico não deve pedir mais do que isso ao seu destino e não deve se contentar com menos. Esta é a essência do Código de Harrison, menção que o prof. João Manuel fez como "palavras de mestre" ao inaugurar o *látrico*. Vindo da terra de Camões ainda criança, esse legítimo guerreiro empresta seu testemunho à perseverante luta que nos move todos os dias nas artes que fluem da medicina.

Gerson Zafalon Martins Luiz Sallim Emed Hernani Vieira

### **INTRODUÇÃO**

látrico nasceu encarte. Cresceu suplemento e, finalmente, atingiu a maturidade revista.

Foi gestado pela ideia de um amigo e ex-presidente do CRM-PR, Luiz SallimEmed, que pretendia levar uma comunicação cultural aos médicos. E a amizade fez com que aquiescesse a seu pedido. Pura insensatez. Coisa de afeto. Não tinha noção do que fazer. Até o título, hoje compartilhado por mim e pelo Conselho, surgiu de estalo, enquanto dirigia.

Também a passagem de suplemento à revista foi outra insensatez. O conselheiro Wittig sugeriu e, mais uma vez, não consegui dissuadir. A amizade nos torna cúmplices. Ainda bem que não de malfeitos. Também não tinha proporção do esforço que é fazer uma revista e tentar dar-lhe qualidade. Principalmente diante das regras, verbais, consensualizadas. Não haveria anúncios publicitários; em compensação, não haveria orçamento. O Conselho pagaria apenas a diagramação, impressão e distribuição, conforme a licitação – tudo o mais seria gratuito. Contribuição social. E se uma das partes quisesse romper o vínculo, assim o faria. Valia a palavra, hoje tão erodida e maltratada.

A generosidade de todas as diretorias subsequentes deu-me apoio ao projeto – e este é o primeiro agradecimento. Nesses onze anos, duas outras pessoas se empenharam em dar feição ao que hoje temos: o jornalista Hernani Vieira e o designer Leonardo Escorsim, dois parceiros e amigos de viagem. Igualmente, não poderia deixar de relevar todos os colaboradores do período. A eles, minha eterna dívida.

Finalmente, me foi sugerido o livro, para que os leitores pudessem ter uma visão alargada do período. Hesitei, tudo já constava na mídia eletrônica. E mais uma vez fui convencido. A persistência do amigo e conselheiro Gerson Zafalon e sua intermediação junto ao Conselho Federal para que financiasse o projeto prevaleceram.

Uma determinante: que tivesse autor único. Por isso, prescindimos da contribuição de nossos talentosos colaboradores. Assim, é justo que dedique este livro não só aos leitores, como também aos colaboradores da revista.

O título "Primeiras impressões" é propositalmente dúbio. Primeiro, porque o material é originário da publicação. Segundo, porque, relendo, tive novas impressões. Coisas que gostaria de modificar ou acrescentar. Mas perderia o sabor original. Seria uma segunda demão lustrosa, portanto falsa, e não seria um retrato em grande angular da revista – que é o propósito.

O que temos a mostrar é o que vão ler. Um pouco de mim. Nas circunstâncias, foi o melhor que consegui fazer, atento às melhores intenções aos leitores. Sei, bem sei que o inferno está cheio de boas intenções, como dizia São Bernardo. Mas prefiro arder nas brasas da crítica a nada fazer. Sempre me propus desafios, e não seria no ocaso de uma existência que fugiria ao dever. Ao dever de contribuir para um modo de existir mais lógico e ético, baseado em provas e bom-senso, a bússola da dúvida, primazia do pensamento, sem deixar de falar sobre as flores raras.

Espero que aproveitem a leitura. E de mim, a maior das virtudes: a gratidão.

O autor



# CAPÍTULO I SOBRE PROFISSÃO

"O pensamento deve ter a pureza poética da intuição, o fulgor da percepção, o rigor da lógica e passar pelo crivo do confronto de seus opostos em busca da síntese precisa. Ademais, ainda necessita da retórica convincente daqueles que o depuraram. Isto é ciência e arte médica indissociadas."

### **CONCISO, COM SISO**

Publicado no látrico nº 13, janeiro/março de 2005

Prezados colegas que ora iniciais vossa atividade. Estou ciente de não ser prudente dar conselhos a quem no-los pede. E de que neste início estás mais a fim de dinheiro do que de conselhos. Pois, urge a sobrevivência autônoma. Mas ouso me contrariar, e contrariá-los, tendo em vista que sempre fui a favor de referenciais e não de conselhos. Referenciais são o destilado secular – poderia ser milenar, claro – da sabedoria filosófica, religiosa, poética, científica, e que tais. São um farol. Luz que alerta, não indica. Já os conselhos só nos fazem corresponsáveis pelas tolices dos aconselhados. Então, ficamos assim, recebam o conselho como se fosse um referencial, e o usem ao seu modo, mas para sua segurança e proveito.

Trata-se do prontuário. Depois do paciente, deve ser nosso maior empenho. É onde imprimimos os dados clínicos e operacionais, e exercitamos a lógica científica. É onde treinamos nossa objetividade e blindamos nossa segurança. E depositamos um possível norte para o paciente e a pesquisa. Por isso, tem que ser claro, conciso, prudente e veraz. Mas também dá dividendos linguísticos.

Se a medicina nos ensina a compreender corpo e comportamento humano, o prontuário nos permite exercer nossa capacidade de síntese, de verter no papel a essência do caso, função mental superior. Como não se nasce feito para qualquer função, quando muito temos propensão, é necessário treinar: observação, habilidades, conhecimento, atitudes. E treinar a escrita.

Como escrever conciso e com siso? Sabendo pensar com lógica impiedosa e prudência consumada. Para isso, além dos conhecimentos científicos e técnicos, temos que ler e refletir muito. Ler o que? Primeiro, os que vestiram a rigor nossa língua. Só depois devemos ler e pensar os luminares de outras línguas e culturas.

Há sentido em conhecer melhor a casa do meu colega antes de ir a fundo no entendimento da minha própria? Não haveria lógica. Destarte, Camões, Fernando Pessoa, Drummond, Machado de Assis, Eça de Queirós, deverão ser os alvos. Nossos jogos oficiais, os de campeonato. Nossos produtos de marca, os originais. Depois, para continuarmos treinando, ou seja, nos intervalos das pugnas – vige, não se usa mais! —, os dois toques com Rubem Braga, L. F. Veríssimo, Millôr e similares de boa origem. Servem também, nesses treinamentos, genéricos testados no gosto popular e no apuro linguístico.

Disso, o que resulta? Digamos, um básico, um *prêt-à-porter* benfeito, bem acabado e que cai bem. Pouco? Não, muuiito! Basta conferir os prontuários que andam por aí, verdadeiras armas engatilhadas contra seus autores – que podem ser feridos irreversivelmente a qualquer momento. Por isso, meu pedido, meio-conselho, meio-referencial, talvez implique num certo esforço inicial; ao depois resultará no oportuno apotegma de Jules Renard: "As palavras não devem ser senão a roupa, sob medida rigorosa, do pensamento". Uma roupa básica, adequada no seu acabamento, jeitosa na sua presença, peça decente e imune às ofensas.

Vejam, não estou sugerindo a alta costura, o traje a rigor exclusivo e raro que só a alguns foi concedido pelo gênio da origem. Se essa fosse minha intenção, não deixaria barato, evocaria logo como paradigma aquele a quem dedicamos esta edição. Aquele que talvez tenha produzido o mais belo texto já escrito e, para nossa alegria, no idioma de Camões. Refiro-me ao Fernando Pessoa de *Tabacaria*, traje a rigor da língua:

"Não sou nada. / Não posso querer ser nada. / À parte isso, tenho em mim todos os sonhos do mundo."

À parte isso, sejamos simples, claros, concisos, prudentes e verazes no prontuário. Ser denso já seria uma demasia, reservada aos gênios da língua.

### **SEU NOME, GRATIDÃO!**

Publicado no látrico nº 25, dezembro de 2009

O velho professor de tantos docentes tira do bolso do avental a carta e diz ao discípulo:

Toda uma carta de amor, um dia saberás a dimensão disso para um médico, mesmo vivido.

A cada momento que presenciamos pessoas ou a mídia denegrirem a imagem médica, justificadamente ou não, acusamos o golpe. Sentimos um pouco o chamado martírio da carne, mesmo que simbolicamente. Sabemos que o reconhecimento costuma ser silencioso. Já a incompreensão, um alarido desconexo. Quanto mais nobre, mais polar a profissão. Mais passional a reação.

No entanto, a carta abaixo nada tem de fronteiriça. Tem a serenidade de quem pensou antes de escrever, e foi autêntico. Tanto que o amarelo do tempo não fez perder o seu viço. Por trás do português ruim, mostra um paciente de carne e osso; o reconhecimento de alguém que, ajudado, destila uma alma em estado puro, certamente inocente, mas grato pela meia vida concedida, e valorizada. Um ato de amor. Se fosse culto, teria escrito: *gracias a la vida*, que me há dado tanto.

Joaquim Tavora 6/4/25

E Com grand Algria que lhe
ser vo centre Aprin de lle contre
que done une desente Jeur Aller
per done une responde de lle
most fui Aprindo 3 res de
most fui Aprindo 3 res de
magnale de persona 3 res de
magnale de persona 3 res de
magnale de persona 4 respondo a
persona de persona de mosto de cho
que e un grande de respondo a ce
mos autem era proces su mosto a ex
mos aboy e aucho trabullando de colo
mes autem era proces su mosto a ex
me como mosto acomo mosto de con
con servicio mos morre mosto
sen dios rece mos morre mosto
sen dios reco mos mosto de persona de la
muido futicidado do para o
senhor com seus amigur

### **DEU NO TIMES**

Publicado no látrico nº 11, setembro/outubro de 2004

O que é que, nós, médicos, devemos praticar? Por acaciano que seja, a medicina científica. A que tem embasamento em provas e que obtém melhores resultados se associada à experiência. Esse binômio completa a competência. Que não basta, precisa ter uma face humana, ser centrada no paciente. Isso não significa aliar a prática médica a um subjetivismo mágico ou místico, o que a tornaria obscura, em troca da lógica, do método e da técnica. Pois, como escreveu George Lundberg, ex-editor da Jama, "não há alternativa à medicina". O que quer dizer isto? Significa colocar como base se os atos médicos ou as drogas produzem de fato os efeitos desejados. Ou seja, não cabem ideologias, principalmente se não estiverem ao alcance de gualquer mortal dotado de inteligência normal, ou meros "modernismos", como sucedâneos do estabelecido, só a eficácia. É isso que o paciente quer, embora pelo querer seja tantas vezes iludido. Mas sabemos, o engano tem caminho curto. Que o paciente possa ser enganado, em face de sua credulidade e riqueza de desejos, faz parte, como diria o filósofo da hora. Que a mídia se equivoque, devido a sua superficialidade, ligeireza e falta de boa consultoria, também faz parte.

Não à toa, o *Times* de Londres, em 1834, destacava: "É duvidoso que o estetoscópio seja universalmente aceito; sua aplicação consome tempo demasiado e causa aborrecimento e dificuldades aos médicos e aos pacientes; seu aspecto e seu caráter são estranhos a todos os nossos hábitos. Há mesmo algo ridículo na figura de um médico auscultando seu paciente através de um longo tubo, aplicado a seu tórax". Que dizer do coitado Laennec, seu inventor, que usava, a princípio, cilindros de papel e, mais tarde, cilindros ocos de madeira... O que não faz parte, e esse exemplo é categórico, é estarmos fechados ao novo, à evolução. Naturalmente com senso crítico e equilíbrio, sabendo separar o joio do trigo, definindo o que é eficaz do que é simples fetiche mercadológico.

Não devemos temer a sociedade tecnológica. Nós mesmos fomos agraciados pela evolução com uma tecnologia única entre as espécies, refinadíssima, possuímos a capacidade de aprender e memorizar. Nossos aprendizados e memórias, em si, são como as tecnologias, neutros. Nem bons, nem maus. Tudo dependendo de como os usemos. Como exemplo, se estivermos cercados de fumantes e aprendermos a fumar podemos extrair prazer do tabaco. Que também, a longo prazo, pode ser nossa perdição por meio de inúmeras doenças. Decidimos. Já que aprender deveria ser inevitável, podemos aprender a nos intoxicar e ter algum prazer, ou resistir à pressão e exercermos nossa liberdade de escolha. Evitar o que pode nos destruir é uma expressão de inteligência. E se cedermos, quase sempre podemos começar de novo e sanarmos nossa torta vida

Tecnologia sempre houve, pelo menos desde que se atritaram duas pedras. Uma faca pode ter dois gumes, simbologia suficiente para alimentar ou matar. Mas o fundamento é, o que seria de uma cozinha sem uma boa faca amolada? Vedes? O que importa, verdadeiramente, é o que fazemos com as coisas. Desse modo, só devemos temer que as coisas passem a gerir as pessoas, em vez de ser o contrário. E para gerir coisas precisamos, antes de mais nada, nos saber gerir.

### **ATÉ QUANDO?**

Publicado no látrico nº 10, maio/agosto de 2004

A conversa e o toque são a base da medicina. Mais do que isso, são sua essência. Mas estamos perdendo essa arte. Em breve, estará em extinção, apesar dos apelos de praxe. Não? Então considere. Faça uma pesquisa, levando a sério a Medicina Baseada em Evidências, e depois de computar criteriosamente todos os trabalhos disponíveis chegará à conclusão que construir uma boa história clínica significa fazer, em média, 80% dos diagnósticos. Some à história o exame físico e terá mais 10%. Noventa por cento de diagnóstico com conversa e toque. E não é força de expressão; são provas baseadas em trabalhos bem conduzidos comumente com clínicos gerais ingleses (general practioners), à disposição de qualquer um que queira ser isento. Os 10% restantes dependem de tecnologia aplicada à prática médica, desde um exame bioquímico simples a uma imagem de alta definição. De última geração, naturalmente!

Os procedimentos ditos diagnósticos, invasivos ou não invasivos, baratos ou dispendiosos, têm certamente a sua indicação. Os casos médicos, às vezes, são muito complexos, bastando dizer que, mesmo quando associamos toda a tecnologia disponível e o paciente falece, em um quarto das necropsias ocorre dissociação clínico-patológica. Ocasionalmente, nem mesmo o estudo anatomopatológico atinge a certeza diagnóstica.

Os custos desses 10% é alto, mas necessário. O custo é crescente porque a tecnologia se aperfeiçoa e se expande. Mais um detalhe: infelizmente, um percentual inexato – mas pequeno – desses 90% com que fazemos corretamente o diagnóstico pelo método clínico, tem algum tipo de somatização. E, pela característica psicológica de alguns desses pacientes, acaba havendo a exigência de exames desnecessários. Mesmo o médico sendo experiente e seguro, tal a circunstância de pressão criada pelo paciente; é o

exame placebo, que deveria ser restrito, barato e não iatrogênico, mas inevitável em qualquer sistema de saúde.

Até aqui tudo parece claro e não polêmico, se bem administrado. Os exames subsidiários são válidos e devem ser usados em toda a sua plenitude tecnológica com o intuito de superar impasses. Estes, advêm do raciocínio clínico e não da sua ausência. Esse o ponto. Cada vez mais se usa o exame complementar e/o remédio no lugar da conversa. Ou seja, o seu uso indevido para despachar o paciente. Por quê? Por não se pagar o tempo gasto com a conversa e/ou por má-formação profissional.

Quando a anamnese é criteriosamente revelada e se associa a um bom exame físico, construímos a maioria dos diagnósticos de uma maneira simples, eficaz e ainda terapêutica. Ah, certo, isso carece de boa formação, experiência e de tempo, como disse? De pleno acordo. Leva uns 10, 12 ou mais anos? Concordo, embora nem eu nem ninguém saiba ao certo a duração. Afinal, não há trabalhos disponíveis nesse sentido e os testemunhos pessoais, já o sabemos, não têm validade científica. Além do que, falamos de diferentes capacidades individuais, esforços diferenciados e circunstâncias únicas.

Mas todos estamos de acordo quanto a necessidade de esforço, disciplina, oportunidades e tempo, correto? E que também devemos ter tempo suficiente para conversar e examinar o paciente, pois não? Para ganhar o quê, meu caro? O valor de um corte de cabelo? Ou 10% disso, conforme a grife do salão? Nada contra salões, pois são parte de um processo civilizatório. Nem estamos misturando alhos com bugalhos. O fato é que em todo o mundo ministérios e secretarias de saúde, sistemas e prestadores de serviços de saúde, estão matando a arte de diagnosticar. E depois se queixando dos custos. E reafirmo: qual o estímulo para que o médico clínico desenvolva cada vez mais sua capacidade de revelar e reparar? A humanidade, e nós médicos, via instituições, temos que resistir à predatória extinção de uma arte difícil e nobre.

O complexo médico-industrial também já se deu conta de que entrou na dança. Alguns exames, às vezes essenciais, já há algum tempo são remunerados a menos de seu custo e outros erodem rapidamente a sua margem de lucro. E sabemos que a tecnologia se aperfeiçoa e expande; portanto, necessita de mais recursos; e que os governos tendem a ser limitantes nos gastos à saúde, mesmo que estes cresçam vegetativamente.

Nós, médicos, estamos acostumados ao sangue e suor; fazem parte de nossa faina. Lágrimas, costumávamos ver na face de pacientes ou de seus familiares. Começam a escorrer em nossos rostos, na medida em que não conseguimos fazer frente a uma vida simples, mas digna. Sangue, suor e, agora, lágrimas. Não, não, essa expressão não foi cunhada pelo Churchill, apesar de todos pensarem em contrário. Foi pronunciada antes dele pelo nosso Padre Vieira, em um de seus sermões. Referia-se ao Brasil e ao custo em vidas das raças que o formaram: portugueses, negros e índios. Afinal, os portugueses eram a iguaria preferida dos nossos índios, antropófagos em todas as tribos, que os comiam com mandioca assada. Calculam-se em 100 mil os comidos. Sem par, obviamente, com os índios e negros massacrados aos milhões, especula-se.

Essa tragédia de deleção humana forjou a nossa base antropológica. E não se esgotou. A pobreza, a ignorância, a falta de escrúpulos e os podres poderes encarregaram-se desse continuísmo antropofágico, só que, indireto, à socapa. Nós que somos uma elite – e o somos para manter um padrão rigoroso baseado na ciência e na ética – sempre pertencemos à classe média; e sofríamos o sofrimento inerente à profissão, já duro em si. Agora sofremos com o brutal empobrecimento científico, social e cultural, muito mais difícil de lidar psicologicamente do que a pobreza. Trabalhamos cada vez mais, ganhamos cada vez menos. Mais da metade dos nossos têm três ou mais empregos. E a renda familiar, oh!, desse tamanhinho!

Essa proletarização restringe a educação continuada, o esforço pelo aperfeiçoamento pessoal e científico, e leva a que cresça a

opção por subespecialidades mais rentáveis. Uma defesa, logicamente, mas que já se saturou. E os clínicos, de todos os tipos, aqueles que não têm nenhuma saída por quaisquer procedimentos e estão amarrados ao mais poderoso instrumento diagnóstico – sua mente, até quando vão resistir? Até quando haveremos de aguentar os insensatos que teimam em matar o encontro? Ou ainda teremos, porventura, um futuro "estalo do Vieira"? Enquanto isso, observa-se um silêncio ensurdecedor nas hostes responsáveis!

### **EM BUSCA DO TEMPO PERDIDO**

Publicado no látrico nº 10, maio a agosto de 2004

O professor mais próximo do doutorado ou do médico residente certamente já foi arguido sobre qual a fórmula para recuperar o tempo perdido. Isto ocorre naquele instante vivencial em que a pessoa em formação vislumbra o que deixou para trás de maneira estéril. O dolce far niente não proposital, não aproveitado, simplesmente perdido. E dá-lhe angústia. E dá-lhe a intenção do atalho, a obsessão pelo curto-circuito que reporá a mente em ordem, preenchida pelas informações não adquiridas, ideias não encontradas, conceitos não entendidos, enfim, pela lacuna existencial culposa.

Como ler os 100 livros que não leu? Como resgatar de maneira compacta e rápida os sinais não visibilizados nos pacientes que deixou de ver por displicência, falta de curiosidade momentânea, inexistência de oportunidades, por não ter sido "rato de enfermaria"? E as demonstrações de técnicas cirúrgicas não presenciadas por não ser supostamente da panelinha? O que fazer quando olha o seu recente passado acadêmico com enorme exergo, aquele espaço não preenchido numa medalha para pôr data ou inscrição?

É melhor deixar em paz as angústias. Como escreveu Eliot no poema famoso: todo tempo é irremedível. Não há como recuperar o tempo. O que há como recuperar é a essência do que ficou no passado. Não os 100 livros, mas, desses, os quatro ou cinco que importam. Não temos como saber de tudo, nem mesmo importa saber tudo. Supostamente, o último a ler tudo o que vigia na sua época foi Pico Della Mirandola, sinônimo de saber sem limites, e esse morreu em 1494.

Então, importa saber o que nos toca; diria que é até um dever saber a que nos ater. O que preciso saber, que habilidades tenho que ter para apreender a realidade e nela me situar? De que é composto o cotidiano e de que maneira devo interagir com os pacientes de minha prática? Rendemos mais quando temos consciência de como funciona o nosso meio e de como devemos nos inserir nele. Médico, em princípio, deve falar e pensar sobre o que lhe é tangível. Claro que a clareza de propósitos exige conhecimento prévio. Mas a ação no cotidiano é delimitada, de modo que é possível ter uma formação suficientemente abrangente dentro desses limites. Só assim podemos ter vitalidade no trabalho e ânimo para ir além dele. Numa palavra, crescer!

Mas não nos iludamos. A verdadeira busca do tempo perdido está na busca de nós mesmos, na prospecção do autoconhecimento, na ida ao encontro da essência do que somos enquanto legado e vivência, em montar os fragmentos de nosso passado vivencial, integrá-los como num jogo de montar, ter noção de superfície e profundidade dessa inteireza fragmentada, pois só assim poderemos conhecer virtudes e vulnerabilidades do próprio ser; e saber o que se pode e o que não se pode fazer no cotidiano, do que se pode ser responsável ou não, pois só dessa maneira podemos levar o outro em consideração. Isto é, tratar de sujeito para sujeito, exercer nossa individualidade com propósito coletivo, evocar o que poderia ser chamado de amor, a busca e a doação do melhor de si no outro.

### **EXPERIÊNCIA SOCIAL**

Publicado no látrico nº 8, janeiro/fevereiro de 2004

O colega mais jovem deve ter lido *Dom Casmurro* como obrigação para o vestibular. Não sei se tal dever fê-lo perder a capacidade de prazer e curiosidade que vem de suas páginas; prazer, pelo menos estético, que deve ter sorvido lentamente.

O núcleo são as memórias do ensimesmado Bentinho, com suas dificuldades para avaliar a própria realidade. Evidente que o romance não é centrado apenas na suposta traição de Capitu, que qualquer machadiano como nosso Dalton Trevisan nem sequer admite discutir, nem no ciúme ingênuo e doentio de Bentinho. Sua tessitura é mais ampla e profunda. Um verdadeiro painel social da época, Rio de Janeiro na virada do século 19 para o 20. Aliás, época em que ninguém contestava o adultério – desculpem-me os politicamente corretos – de Capitu. Tanto que Otto Lara Resende, defendendo essa tese, cita uma carta de Graça Aranha, amigo pessoal de Machado: "Casada, teve por amante o maior amigo do marido". Como soe acontecer, tudo por perto. Mas a prova maior e definitiva? A esterilidade de Bentinho.

Quem lê *Dom Casmurro*, mesmo que não esteja a cata de indícios e provas de traição, sabe, se tiver experiência social, que Capitu não podia ser mulher de um homem só, tal seu impulso instintivo exacerbado, sua libido vulcânica. E não vai nisso qualquer juízo de valor; era assim e tentava lidar com isso. É claro que quando somos muito bons numa tendência, temos dificuldade de domá-la, às vezes podendo gerar sofrimento. É justamente a reflexão advinda do sofrimento, do infortúnio ou, o que seria melhor, do esforço, desde que assimilada, que determina maior ou menor experiência social que se tem. Não é ter vivido muito socialmente. É ter refletido muito sobre o vivido, mesmo que pouco. Por isso, que experiência não se ensina; cada um adquire à sua maneira e para seu uso. Ou, indo mais além, ter conhecimento é essencial, lógico, mas saber drenar esse conhecimento em atitudes adequadas a

cada circunstância nos é dado pela experiência social. Mais uma vez: só se adquire vivendo e refletindo sobre o vivido assimilado.

Na prática médica, utilizamos conhecimentos específicos e habilidades específicas, mas tanto uns como outras só atingem seus objetivos plenos orientados pelas atitudes mais concernentes. Para isso temos que conhecer a realidade na qual atuamos da forma mais clara possível. Temos de nos abstrair de qualquer ranço ideológico – o que achamos que deveria ser – e trocá-lo pela crueza do que é. O comportamento dos outros não é o que desejamos que seja, mas simplesmente é o que é. Exemplo: o sexo que os outros fazem não é necessariamente o sexo que fazemos, mas sabê-lo pode ter implicações epidemiológicas. Não cometer esse engano é fundamental para que possamos ajudá-los a ser isentos. E quero deixar claro que, a princípio, médico não pode ter curiosidade a respeito da vida sexual de outrem. A não ser que a pessoa pretenda discutir seus problemas sexuais ou se a revelação do comportamento implicar em potencial benefício para o paciente.

Se alguém consulta por uma monoartrite aguda de joelho, e é jovem, temos que conhecer o seu comportamento sexual, porque pode implicar em ajuda diagnóstica e terapêutica. Esse, o busílis. Tem que estar centrado no potencial auxílio ao paciente. Se sexo anal é certo ou errado, também não nos interessa, em princípio. Mas a orientação, para quem gosta, de que só faça depois do vaginal é crucial para evitar infecções. Isso nos interessa, e muito, pois apóstolos da prevenção.

Então, está posto que tudo o que nos interessa tem que ajudar o paciente, ao menos em potencial. E sem conhecermos a diversidade do comportamento, somos menos úteis. E nos tornamos preconceituosos.

Freud dizia que qualquer movimento corresponde a um gesto. Se é gesto interpretável, isso depende de observação isenta, contínua e a longo prazo. E comparação, claro! Experiência é adquirida na contemplação rigorosa sem contemplação. É jogo de palavras, mas é verdadeiro. Então não vai servir a ninguém, se não a nós próprios. É feita a cultura, um saber de segundo grau, "um saber do próprio saber". Como consequência, quando dizemos que alguém é experiente, não o estamos usando num sistema de valoração – impossível tê-lo em algo subjetivo, mas que é pessoa que viveu e entendeu o que viveu, embora continue sendo imprecisa. Apenas erra menos. E, por isso, sabe que se perguntar com pertinência a alguém se é ativa sexualmente, e esta lhe responder que sim, pode ter certeza; se responder que não, pode ser... Vamos ver. No correntio da conversa a pesquisa deve continuar. Experiência é isso!

### **CHAMAMENTO**

Publicado no látrico nº 8, janeiro/fevereiro de 2004

A palavra-título pode não ser bonita, mas diz à perfeição o que é vocação. Muitos estudantes me perguntam o que é necessário para ter uma verdadeira vocação médica. Na ausência de algo original, recorro a Max Weber, talvez o maior sociólogo do século 20, com sua tríade famosa: paixão, senso de responsabilidade e sentido das proporções.

Não a paixão privada e miúda, focada num único desejo, com antolhos que limitam a visão ampla da realidade e que corresponde a uma atitude emocional incompleta por só ter olhos para objeto único, exigindo tudo de si e do outro, camisa de força que arrasta a um beco sem saída improdutivo, chama tão intensa quanto passageira em sua circulidade obsessiva. Mas à paixão como vocação criadora. Isto é, àquela paixão pública *in totum*, desprendida, liberta das mesquinharias e interesses intestinos, dedicada ao que há de melhor de si para os outros e, nos outros, completada em si. Isso quer dizer que o prazer mais profundo ou a consciência mais clara da realidade não se manifestam sem a paixão. É o assumir-se a si próprio com a coragem de suas verdades.

Mas, cuidado. Estas verdades não podem passionalmente estar descoladas do senso de responsabilidade e do sentido das proporções. Não pode haver boa paixão sem proporção. É a proporção com seu distanciamento e isenção que permite a concentração e serenidade únicas na análise da realidade. E o próprio Weber alertava que o difícil era haver paixão e proporção em doses ideais na mesma mente, sem o que a responsabilidade soçobra. E as atitudes não se encadeiam.

### **HORROR E ENCANTO**

Publicado no látrico nº 7, outubro/dezembro de 2003

Terá a medicina as certezas de D. Quixote? Não, é uma ciência de probabilidades, não cabendo a falta de dúvidas com o que, dizia o filósofo, começamos a pensar. Terá então na postura hamletiana da dúvida permanente o seu eixo evolutivo? Não, essa dúvida metafísica paralisa, não permite ação, o paciente não espera. Será então a ação do Fausto goethiano a chave do progresso médico, ao se vender pelo saber, poder e riqueza? Mera quimera, que pode de fato enriquecer, mas não constrói uma ação centrada nas necessidades e/ou possibilidades do paciente.

Conquanto as conquistas técnicas, a medicina continua sendo mais arte do que ciência. Não pode, pois, ser reduto do clinico, logo medico; ou do opero, logo reparo.

Portanto, não é nada disso isoladamente e é tudo isso a um só tempo, no seu conjunto orgânico do fazer médico. Necessita de certezas, por mais transitórias que sejam, sem o que não há prática; precisa de dúvidas para continuar buscando novos horizontes em suas pesquisas. E usa o movimento da ação para conjugar as duas. Ensina o que sabe, pesquisa o que ainda desconhece, reavalia permanentemente tudo e age no que se supõe sensato à saúde individual ou coletiva.

O problema é que tudo isso, com frequência, é muito na cabeça de um único homem. Harmonizar direção em meio a tantas variáveis díspares parece nebuloso. É difícil manter-se cético-humanista com pílulas tão mágicas ou procedimentos tão ousados e eficazes. Essas maravilhas incrementam a onipotência e isolam a humildade intelectual.

É essencial que, ao termos as certezas quixotescas, as temperemos com as dúvidas do príncipe da Dinamarca, e que não sejamos possuídos pela ação como arma de guerra, querendo endireitar aquilo que, às vezes, é torto por natureza e que seria melhor não tocar. Essa falta de proporção ou arrogância científica que não leva em consideração o fator humano, pode se voltar contra si própria, ser autodestrutiva, uma versão moderna da *hybris* da tragédia grega a fulminar seus praticantes.

# UM NADA QUE FAZ A DIFERENÇA

Publicado no látrico nº 6, julho/setembro de 2003

É corrente se dizer que ouvir é a melhor forma de saber o que, como e quando falar. É usual também que se aprenda que devemos nos manter quedos e silenciosos quando não sabemos o que fazer ou falar. Mas o estudante de medicina está sempre inquieto por exemplos. Histórias úteis que revelem um modus operandi, que sejam um instrumento importante no processo educacional. Modelos para copiar. Todos começamos copiando, imitando; é o aprendizado por observação. Depois é que tomamos o processo pessoal e criamos um estilo. Os mitos satisfazem a necessidade básica de servir de modelo. Ao contrário das habilidades que ensinadas por quem sabe e aprendidas, se repetidas, e aperfeiçoadas quanto mais repetidas, as atitudes são apenas transmitidas, como a experiência; não se ensinam, são cópias para se usarem no laboratório da vivência que, uma vez processadas e assimiladas, poderão se tornar fluentes no comportamento humano. É a diferença entre ensino e educação. O primeiro se insere, se coloca dentro. O segundo terá que ser tirado de dentro para fora, terá que ser expresso por meios próprios. Os mitos facilitam esse processo ao ajudar a comparar ou imaginar, questionar ou libertar; é com esta intenção que reproduzimos este mito oriental.

Um rei oriental teve um sonho que o assustou de forma especial. Sonhou que todos os seus dentes tinham caído, um após o outro. Inquieto, mandou chamar o especialista na arte de interpretar sonhos. Este ouviu o relato com expressão preocupada e disse ao rei: "Tenho que lhe dar uma triste notícia. Você vai perder todas as pessoas da sua família, uma após a outra, exatamente como perdeu os dentes em seu sonho". A interpretação provocou a ira do rei, que de imediato mandou que lançassem aquele homem ao calabouço. Em seguida, mandou chamar outro especialista, que escutou atentamente a descrição e disse: "Estou contente em lhe dar uma notícia que o fará feliz. Vais viver até a idade mais avança-

da do que toda a sua família e sobreviverá a eles". O rei ficou contentíssimo com essas palavras e o recompensou largamente. Os cortesãos ficaram espantados e se referiram ao especialista: "Mas você, no fundo, nada disse de diferente do que afirmou seu infeliz antecessor. Como então ele foi punido enquanto você foi recompensado?". A resposta: "Demos interpretação idêntica ao sonho. Contudo, o importante não é apenas o que se diz, mas também a maneira de dizer".

Quer dizer, não basta contar, tem que encantar, diria o artista popular. Não basta ter talento, tem que ter sensibilidade.

#### **IMAGEM**

Publicado no látrico nº 3, janeiro/fevereiro de 2003

É por demais conhecido o esfacelamento da imagem médica na mídia. Estamos perdendo gradativamente a primazia da nobreza profissional. Mesmo que achemos que a mídia não constrói, só destrói, é conveniente analisar com um pouco mais de profundidade a questão.

É evidente que a mídia construiu muito dessa imagem por motivos alheios aos médicos. As instituições na qual trabalham têm o ônus maior. Mercê às péssimas condições de trabalho que lhes são oferecidas. Tudo é improviso, e as desculpas sempre as mesmas, orçamentos deficitários em face da desvalorização financeira dos procedimentos e diárias pagos, principalmente, pelos órgãos oficiais, mas também pelos convênios.

Estamos todos de acordo, certo? De acordo também quanto à deficiente formação médica. Há uma crescente invasão de acadêmicos que chegam às universidades sem formação familiar básica quanto a limites e afetividade. E as universidades pouco se importam. A tão almejada cidadania, equilíbrio de direitos e deveres, parece pender só para o lado dos direitos. Quanto mais velho fico, apesar de me julgar mais experiente e sereno, mais dificuldade tenho de controlar a concentração e a educação dos alunos, e digo isso com a tranquilidade de quem nunca teve nenhum problema sério na relação professor-aluno. É um sentimento de dificuldade interna, de quem cada vez faz mais esforço para manter um ambiente de bem-estar e propício à aprendizagem. A minha visão é a de que o problema não tem fundo socioeconômico, apenas psicológico e ético.

Ética, é sobre essa linda senhora a um só tempo frágil e poderosa que concentro o comentário. Poderosa por ser a interface de um acordo social mais confortável para as partes envolvidas, ou seja, é o meio que apara arestas da convivência, que busca saídas para os conflitos. E frágil, por ser tão desrespeitada e de difícil aquisição, haja vista o quão frequentemente ouvimos médicos falando mal de médicos, na maioria das vezes fazendo juízo de valor sem ter os elementos cruciais ao ajuizamento.

Façamos então um pequeno esforço para olhar com uma lente de aumento, na prática social e profissional, essa bela conquista humana.

Primeiro jogo, recente Copa do Mundo, quando tivemos a suprema felicidade do penta. Ao final da partida, Rivaldo simula ser atingido por uma bolada turca proposital, fora de jogo. Tecemos elogios à malandragem do boleiro. Isso faz parte do jogo... não se ganha só com técnica... burlar a interpretação do juiz é do jogo... prefiro ganhar aos quarenta e cinco do segundo tempo com gol de mão, a perder... e que tais. Acontece que aquela "simples" simulação, para quase dois bilhões de pessoas, na maioria jovem, foi um grave atentado ético a quem só tem como balizamento o que vê nos seus ídolos, sem poder ler, discutir, processar e, depois, praticar usos e costumes.

Rivaldo, como qualquer atleta bem-sucedido, ou qualquer figura pública, é referencial, está sob a ética da responsabilidade: centrada nos fins e objetivos. Está sendo exemplo pelo que faz. De que adianta ser uma pessoa "boa", ter princípios, ou supostamente ter convicção de seus valores – "ética de convicção" – se, no convívio social, isto é, na ação, não somos éticos. Ética é exatamente isso, a filosofia da moral em ação. Ela se mostra na prática, no dia a dia, nas escolhas que o indivíduo faz. Lógico que isso depende das circunstâncias e suas variantes, e é aí que a porca torce o rabo.

Nenhuma regra moral pode ser absoluta. Kant, um grande moralista, no sentido de prescritor de preceitos morais, sempre voltado à busca de regras de ouro para a convivência humana, criou imperativos categóricos, isto é, deveres incondicionais. Exemplo: não mentir. Respeitar sempre a verdade por mais dura ou prejudicial que fosse. É célebre sua pendenga com Benjamin Constant, o

original, que contestava o caráter absoluto da verdade. Constant propôs a Kant a seguinte questão: um assassino está atrás de um amigo (seu) que você acolhe, e lhe pergunta se está em sua casa, você diz a verdade? Então, mentiria para salvá-lo ou diria a verdade e o colocaria em risco? É autoevidente que o "bem", nessa circunstância a preservação de uma vida, está acima da "verdade". Isso revela uma escolha, um proceder ético, o relativismo moral saiu ganhando nessa situação. É claro que isso não subverte o princípio bíblico, reformulado por Kant: "Não faças a outrem o que não queres que te façam", princípio de toda a ética. Apenas mostra a necessidade da maleabilidade no convívio social para que atinjamos o melhor objetivo. A cena social é a convivência de contrários, portanto é conflito, e a ética é o que medeia essa interação. Não usá-la implicaria um custo social assombroso.

Mais ou menos como voltar ao Velho Oeste com a lei do mais forte. Seria desprezar o que de mais nobre o ser humano criou, o seu código de valores morais.

De volta à medicina e a uma questão prática: uma mãe lhe procura com um filho de quinze anos que, desde os cinco, faz prevenção secundária com penicilina-benzatina devido a suposta febre reumática. Por que o procura? Para segunda opinião. Está satisfeita com o colega que atende seu filho, confia nele, e tem sido muito zelosa na aplicação mensal. Na verdade, a segunda opinião é mais baseada nos reclamos do adolescente que reage a cada aplicação da injeção. Você examina o caso e chega à conclusão, com segurança, que nunca houve a febre reumática, ou melhor, no caso, o tal "reumatismo no sangue", o que faz? Diz a verdade? A que serviria? Se dita, abalaria a confiança na medicina, colocaria o colega em descrédito e, principalmente, jogaria por terra dez anos de cuidados maternos; que provavelmente preferiria continuar acreditando no colega anterior. Afinal, é difícil jogar fora zelo tão prolongado.

O único a ganhar seria o rapaz, agora livre do sofrimento preventivo. Considere a alternativa: você diz que o filho foi muito "bem

cuidado" por todos. Tão bem cuidado que é possível suspender a prevenção antecipadamente. Ganham a medicina, o médico, a mãe e o filho, todos. E você ainda tem maior chance de que a mãe acredite na sua conduta, pois nada está sendo desacreditado, nem mesmo a sua (dela) dedicação. Ganha o "bem", e a "verdade" é apenas contornada.

Se a ética não fosse usada e preservada, o custo em conflitos, das relações humanas, seria incomensurável, é para isso que existe. Para responder não ao que devo fazer – moral –, mas ao como fazer. O exemplo dado requer algum grau de reflexão pelas variáveis inseridas. No dia a dia, os exemplos são mais corriqueiros e mesquinhos.

É tempo de percebermos que só mudaremos nossa imagem, difundindo todas as boas conquistas que a ciência médica promove, é claro. Mas também, e acima de tudo, exercendo a arte médica, cuja função principal é tornar a ciência "amiga" do paciente, e isso se exerce com ética em cada ato simples do cotidiano, onde o respeito, atenciosidade e limites são os fiéis da balança. A boa imagem se constrói a longo prazo com responsabilidade, competência e confiança. Portanto, com o que se faz e com o que se diz.

### **FORA DE MODA**

Publicado no látrico nº 17, abril/junho de 2006

Se demoro na anamnese, dizem-me que não sou ágil, que emperro o trabalho. Se faço uma busca ativa por um sinal clínico, dizemme que o sistema não paga por isso e devo requisitar o exame que, além de ser mais rápido, embora mais custoso, tem maior sensibilidade do que minhas mãos. Se o paciente tem setenta e procuro identificar se sua cefaleia é em salvas ou de uma arterite temporal, que bobagem! É de início recente, peça logo a TC. Se pondero que com a anamnese e o exame físico estou preparado para a maioria dos diagnósticos, com a vantagem de conhecer um pouco da personalidade do paciente e sua maneira de reagir ou resistir aos mesmos, dizem-me ser ilusão de ultrapassado; qualquer programa de computador é mais eficaz e com menor margem de erro. E que desconheco existirem vários a precos módicos, e tão aperfeiçoados que ainda posso neles aprender muita medicina. E asseveram: até o Kasparov, depois de empatar duas partidas com o Deep Blue, correu da raia com medo de ser derrotado. E seria, fatalmente! Afinal, ninguém vence um programa aperfeiçoado.

Redarguo dizendo que quarenta anos de janela me dão experiência de observar, e sem palavras quase saber do que se trata. Esse o ponto: quase. Não há quase nos critérios, diretrizes ou nas formulações bayesianas, que têm uma sensibilidade e especificidade inalcançáveis pela minha pessoa. Digo que para os quadros atípicos, não identificados por tais ferramentas, ainda posso ser útil. Qual que! Só perco tempo andando em círculos e sem ir ao busílis, sou apenas romântico de um tempo que não volta mais. Atipia significa agressividade diagnóstica, invasibilidade tecnológica. Discrepo dizendo que tecnologia pode matar, que quanto mais invasivas, mais responsáveis. É preciso usá-la com mestria e não ao deus-dará. Dizem-me que só à tecnologia sem ponta se faz reparos. Tecnologia é resolubilidade; eu, imobilidade. É, estou

mesmo *old fashioned*. Razoabilizo dizendo que esclareço direito o que ocorre com o paciente e que tenho boa aceitação clínica.

Dizem-me que adesão só com a fórmula sound bite. É aquela que os políticos utilizam para não ser editados pela mídia. Uma, duas ou três frases, curtas, eufônicas, claras, ao ponto; é o suficiente para o paciente. Recupero um pouco as forças e alego que as pessoas, mais do que nunca, ainda precisam de palavras. Necessitam uma escuta atenta, ou simplesmente serem ouvidas, pois o mundo moderno com sua pressa e objetividade torna tudo impessoal, árido, desumano. Ineficácia, argumentam, esse o meu substantivo. Então ainda não percebi que as palavras ferem, matam, coisificam? Exponho timidamente que também me nascem para acalmar, compreender, restaurar, para criar esperança ao inesperado. Para ressuscitar o desprovido ou desalentado. Argumentação fútil e fatal! Tá vendo, tá vendo, meditação puramente religiosa, dizemme. Comprovação inequívoca de um homem fora de seu tempo, mágico do nada, avesso às provas que tocam o mundo! Enrolador subjetivo. Paro, avalio minha desvantagem, coloco o bacalhau dentro, como diziam no meu tempo, e me recolho à insignificância estatística de um médico que ainda adora a diversidade de sons, flores e palavras.

#### **DIVULGADORES**

Publicado no látrico nº 18, julho/outubro de 2006

Há uma citação de Shakespeare – "Each in his time, plays many roles" – que, traduzida, significa que cada um desempenha muitos papéis, ou seja, o poeta tentava aclarar que cada ser humano tem um universo dentro de si. Pelo menos os mais bem aquinhoados em circuitaria cerebral.

Tomo essa ideia para explicitar que o fazer médico, além de sua prática mais imediata com o paciente, também implica na função social de divulgar a medicina e a saúde. Mas isso torna-se difícil porque divulgar a ciência médica para colegas é uma coisa, já em si difícil, para leigos, outra, bem mais penosa. Basta dizer que com colegas usamos jargão e razão, e que estas ferramentas cognitivas têm pouca valia com o público leigo, mais propenso à emoção.

Sabemos que informação não muda comportamento. Se fosse o contrário, provavelmente não teríamos mais aids nem engravidamentos indesejados na adultícia. Para que a informação mude comportamento tem que ser processada, assimilada, e ainda virar convicção. É um longo caminho que passa não apenas pelo raciocínio lógico e analítico, mas principalmente pelas impressões, território carregado de emoções. Só se convence pela racionalidade os racionais, naturalmente uma pequena parcela da população. A maioria tem que ser pega pela emoção, porque age emocionalmente o tempo todo. Basta você, dileto leitor, assistir em uma tarde de ócio o que é propagado pela mídia televisiva. As panaceias mais absurdas, mais inverossímeis, são vendidas e compradas copiosamente. Acredite, até por médicos e seus familiares. Então, a questão que se formula é a seguinte: como divulgar medicina e saúde de maneira eficaz e correta? Claro que usando a racionalidade, mas temperada pela emoção. E quem você gostaria que as divulgasse? Pessoalmente preferiria um médico público leigo, mas o patrulhamento é enorme.

Damos de ombros, isto é, não damos à mínima, quando um colega charlata paga para ser entrevistado pela mídia tecendo loas à sua competência, única naturalmente; verdadeiro repositório do engenho e arte. Mas guando o Drauzio Varella, no Fantástico, disse a uma paciente: "Então, vamos tirar a sua pressão", sabem o que aconteceu? Foi varrido por uma enxurrada de e-mails de colegas que o desqualificavam dizendo que o certo era "medir a pressão". Oquei, queriam mesmo é que tivesse dito à simplória paciente, "vou aferir sua tensão arterial!". Por aí vejam o grau de patrulhamento da classe com bons divulgadores. Já os charlatas podem agir à vontade, ninguém tá nem aí. Dizem que é para não se melecar. Então, o que é melhor, uma imprensa marrom que corrompe e é corrompida por pseudos? Ou exercermos uma das funções básicas da medicina que é ser divulgada corretamente e sem vieses mercantilistas à população? É por causa desse tipo de patrulhamento que muitos colegas competentes, e que gostam de ensinar, não se atrevem a aparecer na mídia. Têm receio de parecer pouco científicos pela classe.

Claro que a divulgação da medicina e da saúde melhorou muito na imprensa leiga nos últimos 30 anos. E pelo simples motivo da população ter passado a se interessar mais pela própria saúde. As pessoas vivem mais e há mais possibilidades de prevenção. É um fenômeno mundial. Só nos últimos cinco anos, a revista Veja deu praticamente um ano de capas com matérias destinadas ao assunto. Tem quatro jornalistas preparadas e especializadas cobrindo a área. Mas por melhores que sejam, e são ótimas, não têm formação nem vivência, não são médicas, por isso às vezes levam barrigas, publicam simples "releases" da indústria farmacêutica como se fossem o "ó do bodó"! Claro que o ideal seria ter um médico-jornalista, consultor, vivendo o dia a dia da redação. Nada como idealizar! De qualquer forma fazem bem seu trabalho, até porque seus leitores são cada vez mais desejosos de informações médicas e exigentes. Portanto, rastreiam as principais publicações especializadas à cata de bom material e conferem com especialistas os nós das matérias.

Mas você há de me perguntar, isso é o que há de melhor em divulgação científica em nossa imprensa? Claro que não. O crème brûlée da divulgação está na concorrente e antípoda ideológica de Veja, Carta Capital. Lá pontificam três médicos cientificamente competentes e com a grande qualidade jornalística de deixar coisas complexas ao sabor do leigo. Drauzio Varella, Riad Younes e Rogério Tuma assinam a coluna Evolução e Saúde, sempre centrada em coisas do interesse da população, do consumo de vitaminas às técnicas médicas mais recentes. Isso elevou o nível do que é publicado. Há 30 anos a divulgação era baseada em "fazedores de notícias médicas" plantados pelo complexo médico-industrial. O contraponto eram colunas heroicas, como as do falecido José Reis na Folha de S. Paulo. Hoje, embora ocorra a indução por parte da indústria, o leitor, se quiser, tem à sua disposição a possibilidade de ter informações qualificadas, filtradas por profissionais de boa formação e com vivência clínica. Em outros países ocorre o mesmo fenômeno. A tiragem das revistas aumenta guando a capa é sobre saúde e há picos de audiência quando os canais abordam avanços, reais ou despropositados, na medicina. E cada vez mais profissionais da área médica se tornam jornalistas.

Claro que tudo tem dois lados. O telespectador que vê um ator conhecido passar por um transplante bem-sucedido, pensa simplesmente que o mesmo está curado, que nada mais precisa ser feito. Como se não tivesse trocado uma doença terminal, é fato, por outra crônica, o controle da rejeição. Pelo menos, nos chamados transplantes capitais, os que mais impressionam a população.

É para adequar os avanços da medicina à realidade própria que precisamos muito dos divulgadores. Naturalmente há que haver cautela. Quando um profissional fala só de si, de suas habilidades e de seus tratamentos miraculosos, é hora de mudar de canal. Ou de revista. Ou de livro. Ou de sítio.

### **JOIO DO TRIGO**

Publicado no látrico nº 18, julho/outubro de 2006

Há 25 anos, o Canadian Medical Association Journal publicava uma série de artigos que tentavam desmistificar a credibilidade instantânea adquirida por um artigo científico. Ou seja, a aura mística da palavra impressa. E fazia uma razzia em avaliação crítica, mostrando como muitos trabalhos publicados em revistas de prestígio, com um peer review de notáveis, falhavam no momento de discriminar a falta de evidências. E ia fundo. Metade dos artigos publicados nas revistas de maior credibilidade utilizavam métodos estatísticos inadequados, ou tinham problemas no seu desenho, na definição da amostra ou erravam na escolha de indicadores e instrumentos.

Depois de um guarto de século, como estamos? Melhoraram as revistas, mas ainda temos problemas importantes. Outrossim, houve uma incrível expansão de revistas médicas que continuam cometendo os mesmos erros de há 25 anos. E notem, isso depois do advento e consolidação da chamada Medicina Baseada em Evidências. Sabe por quê? Vamos aos fatores: a revisão de pares (peer review) não tem resolvido o problema; o complexo médicoindustrial continua plantando os resultados que quer; e as revistas científicas deveriam comentar criticamente os ensaios em vez de publicá-los. Acresce ser comum os ensaios terem como padrão de comparação terapêutica reconhecidamente inferior; ou usarem comparações com a menor dose do comparativo; ou ao contrário, com a maior dose da droga de comparação, tornando a sua "menos tóxica"; igualmente comum é usarem amostras propositalmente pequenas, buscando múltiplos resultados finais para selecionar os mais favoráveis para publicação; ou estudos multicêntricos, selecionando os resultados dos centros mais favoráveis; ou de subgrupos propícios; ou apresentando os resultados que mais impressionam, por exemplo, redução do risco relativo e não do risco absoluto. Corolário: ou você aprende a ler criticamente uma revista, ou será enrolado.

Assustado? Assuste-se um pouco mais. Há um quarto de século para se manter atualizado na leitura das 10 melhores revistas de Clínica Médica, um clínico deveria ler 200 artigos e 70 editoriais por mês. A uma expansão de 7% ao ano, faça as contas e atualize os números. Eu escrevi as "dez principais". Mas não se apoquente. Lutar por autonomia de leitura é sempre bom e você deveria fazêlo. Se não conseguiu, o mercado está a seu favor. Para preencher essa lacuna lhe apresenta um leque de opções tradicionais ou eletrônicas, mastigadas e baseadas em evidências, de boa qualidade e com preços salgados, para os parcos proventos do esculápio patrício. Ironia à parte, há igualmente publicações non-profit, de boa cepa, e mais baratas. Como exemplo, Medical Letter no segmento de avaliação de drogas, de maneira didática e correta. Tudo o que o homem complica em seguida simplifica. O tal do mercado se encarrega disso, desde que você tenha lastro. Nada é perfeito! Mas bom mesmo é não depender dos outros. Por isso, cabe a pergunta: onde está o conhecimento nessa pletora de informações? Onde a fidedignidade? Na sua liberdade intelectual, na sua capacidade de ser autônomo, de ler criticamente um artigo. Isso fará com que marche contra a corrente, do lado contrário do analfabetismo científico que, claro, sempre foi o caudal maior.

### **FALSO DILEMA**

Publicado no látrico nº 19, janeiro/março de 2007

Nos anos sessenta do século passado, lendo um artigo do professor de Neurologia Roberto Melaragno, deparei-me com a seguinte frase de Bernard Shaw: "O especialista sabe cada vez mais sobre cada vez menos, até saber tudo sobre nada". Generalista por propensão, a frase foi um achado. Ainda mais que, logo depois, tive um professor que a repetia à exaustão. Como ainda não tinha convição de mim, qualquer ideia que reforçasse tal frase era sempre bem-vinda. Não parecia haver harmonia possível. Lembremo-nos que eram anos de ruptura, com frases mais ou menos originais, onde tudo cabia. De tal sorte que o pobre do especialista bom profissional não podia ser. Como se não tivesse imaginação, era a ordem do dia. Quem pensava em pouco, não podia ter imaginação.

Mudam-se os tempos, mudam-se os costumes e as ideias. E voltase ao passado. Imaginem uma bolha de sabão. O filme visível que dá limites à bolha seria o nosso saber; seu vácuo, nossa ignorância. Claro está que nossa falta de saber, o nada da bolha, seria muito maior. E o é. Agora expandamos a bolha. À medida que aumenta seu filme líquido, nosso saber, o vácuo, aumenta muito mais. Ou seja, quanto mais sabemos, mais ignorantes nos tornamos. Uma prova prática? Imagine, então, que você tenha aprendido a fazer uma equação do 1º grau. A partir daí, só daí, você estará apto a desenvolver equações mais complexas, por exemplo, de 2º ou 3° graus. Quer dizer, quanto mais sabemos mais descortinamos nosso horizonte, mais aumentamos nossas possibilidades, e mais ignorantes nos tornamos. O que nada tem de diabólico; é apenas evolução cognitiva, meu irmão. É a famosa bolha socrática que, no final, gera o tal "sei somente que nada sei". Noutros termos, emburrecemos por conta própria à proporção em que evoluímos. O que, acredite, é muito salutar.

Medo, devemos ter de quem só tem uma ideia na cabeça; esse é cheio de certezas, portanto, muito perigoso. Uma ideia na cabeça

e a humanidade está salva. Mas se já era assim no tempo de Sócrates, que dirá hoje. Enfim, ter a cabeça bem feita dá uma danada humildade intelectual; esse o fato. Pois há alguém por aí afirmando que o conhecimento dobra a cada nove meses. E a tecnologia vertiginosa não o parece desmentir; muito ao contrário. Ai que saudades do Pico Della Mirandola, supostamente o último a saber de tudo. Mas isso foi antes de Cabral descobrir o Brasil, então não vale. Como lidar com isso? Só com a especialização.

Entrem num *shopping*, numa universidade ou num hospital. É só gente fazendo "a sua coisa", uma variante comportada dos jovens dos anos setenta, do "to do in your own thing", ou cada um na sua. Mas sabendo tudo daquilo, ou faz de conta. É, parece mesmo não ter jeito. Especialização ou morte. Será? E na medicina, como fica? Parece ser igual, mas nem tanto. Na verdade, na medicina já somos todos especialistas. Micro ou macro. Um clínico, internista, é um baita de um especialista, e esse é o que leva mais anos na sua formação. A mesma coisa com um cirurgião geral, ou do trauma, e por aí vai. Só que é uma especialização horizontal, a mais necessária porque dá base científica e operacional na trincheira do cotidiano. A especialização verticalizada é igualmente útil, mas num sentido diferente, pois lida com casos de alta complexidade, mais raros, contemplados na medicina terciária ou quaternária.

Claro que isso poucos devem explorar. Mas é também a que faz mais investigação clínica e experimental. Portanto, a que mais contribui para o progresso da medicina. Ambas são necessárias. Isso não é fragmentação; se bem disciplinado, é aprofundamento científico. E há subtons nessa especialização toda. Imaginem uma doença como a aids. Tem tal complexidade que necessita que um especialista se subespecialize. E necessita também de trabalho multidisciplinar. O corolário é que essa questão que se levanta com frequência, generalista versus especialista, é um dilema falso. Precisamos de generalistas e especialistas de todos os matizes, equipes multidisciplinares e, às vezes, de um "subsuperhiper", essa figura estranha que, surpreendentemente, só faz o que todos deveriam fazer: a imperativa síntese.

O mundo, hoje, é de quem sabe interpretar complexidades. E isso nos leva à formação do médico. E à conversa fiada de que as universidades só devem formar generalistas. Isso é coisa pra boi dormir. Se o fazem, é simplesmente porque é mais barato do que formar médicos com boa base ou especialistas. Só por isso. Deviam é estar criando conhecimento e pessoas capazes de interpretar complexidades, no sentido de uma formação científica correta, básica sim, mas universal, de modo que o estudante pudesse fazer a melhor opção, a escolha dentro de suas tendências individuais. E ser autônomo. Isto é, em vez de apequenarmos a formação, deveríamos tê-la à altura do país que gueremos, grande. Porque, especialistas ou não, como escreveu Karl Popper, grande filósofo da ciência, "não somos estudiosos de uma matéria específica, mas estudiosos de problemas. E qualquer problema vai sempre além dos limites de qualquer matéria ou disciplina". Ou seja, para conhecermos bem uma árvore, temos que ter uma boa noção do bosque, sob pena de nos tornarmos predatórios. Isso significa qualidade de conhecimento, do qual não podemos abrir mão sob pena de não haver "istas" nenhuns. Da mesma maneira que especialistas sem sólidos fundamentos científicos gerais bem resolvidos em suas mentes se tornam míopes e agraciados com a frase do Shaw. Isto é, um ignorante que não acompanhou a expansão da bolha socrática. Naturalmente, só tem a perder; e consigo seus assistidos.

Vivemos num mundo de mudanças rápidas e necessidades múltiplas e voláteis. Numa palavra, complexo. Fazer face a isso no futuro só com habilidades pessoais que permitam a pessoa se reciclar celeremente para, se necessário, mudar de lugar e de atividade, para poder ir onde há empregabilidade. A palavra do futuro é adaptabilidade. E sem uma boa formação horizontal, nada feito. Agora, certamente, você quer saber onde errei quando li a frase do Shaw via um epígono? Por melhores que fossem suas intenções. É que no original é assim: "O especialista sabe cada vez mais sobre cada vez menos, até saber tudo sobre nada. O generalista sabe cada vez menos sobre mais, até saber nada sobre tudo". Bom, não? Ah! O velho e bom Shaw, grande personalidade, esse sabia ser generalista e especialista ao mesmo tempo. Sabia que o mundo é complexo, e o simplificava.

# **CARTAS A UM JOVEM MÉDICO**

Publicado no látrico nº 20, abril/julho de 2007

O dr. Adib Jatene é um liso. Digo-o no bom sentido. Em Cartas a um jovem médico, consegue deslizar sobre delicados assuntos da profissão sem se picar, como convém a um bom cirurgião. E isso, que poderia ser comprometedor, não o é. Ao contrário, o faz com propriedade, usando os seus mais de 50 anos de atividade, pontuando sua formação profissional e o exercício da mesma com a evolução da medicina, e oferecendo aqui e ali preciosas achegas aos médicos que ora iniciam esta escolha pela vida. E não pensem que fuja aos assuntos mais delicados. Desde o que deva ser uma boa indicação cirúrgica à famigerada CPMF, que tanto lutou para ver aprovada pelo Congresso e que, depois, tanto o decepcionou - o que era transitório virou definitivo, e o que era para a saúde serviu para tudo e apenas um pouco para a saúde —, está tudo lá, com lógica irretorquível. E melhor, com simplicidade. Na introdução, adverte que o médico já não é o profissional de grande destaque na sociedade, com perspectiva de independência financeira a curto prazo. Porque a chamada livre escolha foi implodida com novas formas de intermediação, onde a ética sofreu derrota para uma equação puramente econômico-financeira. E a intermediação institucional, gerencial, estatal ou privada, entre médicos e pacientes, é que dá as cartas. E prejudica o vínculo, a confiança e a responsabilidade, entre quem presta e quem recebe o atendimento.

O jovem médico transforma-se, pois, no assalariado mal remunerado e, por isso, com múltiplos empregos. Cansado e sem tempo, não se atualiza e se desespera com sua qualidade de vida. Não raro, desiludido, escapa por caminhos tortuosos. Então, enfraquece-se a grande peculiaridade da profissão que se estriba no idealismo de não trair a confiança, de buscar o melhor para seu paciente, se necessário com sacrifício pessoal de legítimos direitos seus. Sabemos que quando a ética sofre, reduz-se a solidariedade.

Adverte também o jovem médico para outro fenômeno: na medicina não ocorreu o chamado desemprego estrutural. Ao contrário, o avanço científico e técnico colaborou para a criação de novas oportunidades de emprego, tornando nossa atividade multiprofissional e multidisciplinar nas últimas décadas. E aí o risco: o de poder se transformar o médico em um técnico. Seria oportuno lembrar que o médico cuida de doentes, e o técnico, de doenças.

Esta dissociação da doença e do doente é o grande prejuízo que o avanço científico e tecnológico acabou causando. Este tem uma ética mais mercadológica e acumulativa, ao invés da ética médica que visa sempre beneficiar o paciente. Em função disso, chega à conclusão: quando o patrimônio acumulado e a posição social conquistada são mais importantes que o reconhecimento dos pacientes e colegas de profissão, é sinal de que algo está errado. Não deixa de vociferar contra a abertura de novas escolas médicas baseadas no oportunismo político e no lucro, sem que possuam ambulatórios, hospital ou serviço de emergência com um volume suficiente de casos capazes de permitir a exposição do aluno às várias situações indispensáveis para adquirir a qualificação tanto para operar como para atender e diagnosticar de maneira correta, sendo o ensino predominantemente teórico. E sinaliza: a medicina não é uma ciência teórica, é prática. Para uma boa formação é necessária vasta experiência, tanto ambulatorial como de emergência e hospitalar.

Aponta a humildade intelectual como um traço indispensável no caráter do médico. E afirma que a maneira como um médico chega em uma localidade ou em um serviço é que vai determinar seu grau de aceitação. Às vezes, o jovem médico pode estar mais atualizado, mas os mais antigos têm a seu favor mais experiência e a confiança dos pacientes, o que conta bastante. É necessário ter a clareza de que a inclusão, o respeito e, principalmente, o prestígio por parte dos colegas e da comunidade são conquistas que só chegam por meio do tempo. E mais do que competência, é necessária muita sensibilidade. E conta um caso seu quando trabalhou em Uberaba.

Logo que chegou à cidade, atendeu uma paciente com linfonodomegalia cervical. A primeira providência foi a exérese de um dos gânglios, sendo o material remetido a São Paulo. Resultado: Hodgkin. À época, o tratamento era com injeções de mostarda nitrogenada. E assim foi iniciado. Dias depois, a paciente voltou dizendo que tinha consultado o doutor Fulano de Tal, e que ele dissera que Jatene estava errado. Este respondeu que iria falar com o médico. Pediu a um colega mais antigo na cidade que promovesse a aproximação. Frente ao tal doutor, disse que sabia o que havia dito a seu respeito e, calmamente, mostrou o resultado do exame laboratorial, justificando sua conduta. Resumo da ópera: tal médico acabou sendo um dos seus melhores amigos no local. Se tivesse dito que o colega estava desatualizado, a paciente certamente iria voltar àquele médico e Jatene ganharia um inimigo. E ninguém lucraria com isso, nem o doutor mais antigo, nem Jatene, muito menos a paciente.

Em tempo: quando um médico fala mal do outro, perdem os dois, perde a medicina. Em *A formação do médico*, discorre sobre o efeito Flexner no início do século XX nos Estados Unidos, quando o mesmo, que nem médico era, propôs o fechamento de grande número de escolas médicas e defendeu um currículo prevalente até hoje. E pontua o que de essencial deveria haver na formação profissional e como o médico deveria ser remunerado. E não tem receio de afirmar: se o médico trabalhar pouco e ganhar bem, não é bom para ele. É bom para o paciente que vai precisar dele, porque poderá contar com um profissional atualizado e com tempo para se dedicar ao seu caso com afinco. Ao contrário do cenário atual, em que o médico está sempre cansado e frequentemente desatualizado.

Para se ter uma ideia da proletarização profissional, basta lembrar que, na época do lnamps (até 1990), o médico recebia da previdência, por consulta, o equivalente a seis unidades, e cada unidade representava 1% do salário mínimo da época. Com o salário mínimo vigente, seis unidades significariam mais de R\$ 40. Mas ocorre que, quando ministro, para o SUS, a consulta médica

simples era igual a R\$ 3,50. O que significa o processo falimentar porque passam médicos e hospitais que trabalham para o sistema. O que significa dizer, por exemplo, que todas as Santas Casas brasileiras estão endividadas.

Com certa nostalgia, Jatene reflete também sobre lembranças do seu passado, em que o médico tinha influência e fazia parte do topo da pirâmide social sem que necessariamente exercesse dominação. Mas com o desenvolvimento tecnológico e a criação de grandes empresas, o poder econômico da sociedade se deslocou para outras categorias profissionais, executivos, diretores de bancos, empresários, restando ao médico uma posição intermediária. E estamos falando de pessoa insuspeita, que criou aparelhos, tendo patenteado algumas invenções. E que não é contra a iniciativa privada, muito pelo contrário. Mas que reflete responsavelmente sobre o andamento do atendimento médico. E se queixa, e muito, e com razões que vai desfilando. Hoje os privilegiados são os 20% da população que dispõem de planos de saúde. Mesmo com as mazelas encontradas com frequência nesses planos. Atualmente o paciente escolhe o médico da lista, um especialista, e se tiver sorte resolve o problema. Ocorre que com frequência faz o "shopping doctor", não por ser somatizador crônico – o que seria comum —, e sim porque os médicos não resolvem seu problema. O normal seria ser atendido por um internista, que, se necessário, o enviaria ao especialista adequado.

Mais adiante fala das minorias e das mulheres – que não mais o são; as turmas para quem ministro aulas na graduação já estão divididas ou com superioridade feminina – em sua luta, eternamente divididas entre a carreira e a família. E há necessidade disso ser equacionado, pois trazem para o trabalho características femininas importantes como a delicadeza, detalhismo, responsabilidade e sentimentalismo. Dá exemplos críticos de como é a medicina em outros países, mostrando vantagens e desvantagens. Também discorre sobre a falsa dicotomia de medicina preventiva e curativa, sobre serviço social obrigatório, sobre a revalidação de diplomas, sobre o maniqueísmo público-privado, a telemedicina, sobre

a falta de recursos – hoje convivemos com metade do orçamento determinado pela Constituição, deixando claro que embora possa ser melhorada a gestão dos recursos, o problema real é a falta dos mesmos.

E não deixa de discorrer sobre uma medicina mais humanista. E prescreve o que seja um médico adequado: primeiro, precisa ser competente para realizar um diagnóstico preciso; segundo, dedicado, para que possa fazer por aquele doente o melhor que sua competência permite; terceiro, precisa ser ético, porque não pode sugerir ao paciente algo que vai bonificar a ele, médico, e sim ao doente; e quarto, não pode oferecer alguma coisa mais complexa, com resultado discutível, quando existe algum procedimento menos complexo com resultado comprovado. E dá exemplos em sua própria área de atuação. E escandaliza-se quando hoje uma estrutura hospitalar faz propaganda realçando seus aparelhos e não seu corpo clínico.

É... há algo de podre no reino da medicina brasileira, e o dr. Jatene deixa claro que não pretende ser cúmplice; fez e faz sua parte para ajudar na racionalização do sistema, e aponta erros sem meias palavras. E apesar da indignação por assistir a desmandos, incoerências, desperdício e falta de sensibilidade com a saúde da população, ainda consegue um fato extraordinário: em nenhum momento do livro é pessimista. Sempre aponta saídas, embora as saiba lentas.

Este é o resumo de *Cartas a um jovem médico*. Longo resumo, mas oportuno. Ao final e ao cabo, dá vontade de ter um médico desses para si próprio, dileto leitor. São cartas indispensáveis para quem se aventura na profissão que é uma escolha pela vida.

# O MÉDICO E O MONSTRO

Publicado no látrico nº 22, janeiro/março de 2008

O médico vive em toda sua visceralidade a dicotomia do bem e do mal. Consultórios, ambulatórios e hospitais são pródigos em exemplos diários. Conflitos entre casais, pais e filhos, entre irmãos, ou pacientes que por terem um seguro-saúde se comportam com a arrogância dos déspotas não esclarecidos, esquecidos de que a boa educação é dever de todos. Ou pacientes serenos que têm familiares pra lá de desastrados, exigindo para si o indevido e aprontando gritarias e xingamentos sem sentido. Ou pacientes polares, tipo bem-me-quer e malmequer, que ora te amam, ora te odeiam. Ou pacientes que têm a convicção de que você, colega, praticou um milagre. Aliás, tudo o que não se entende pode virar mágica, daí ao milagre é um passo. Ou aquele paciente ou familiar - sempre começa com uma única pessoa — que tem certeza que você foi iatrogênico, culpado de todas as complicações. A maioria fica apenas com raiva, alguns te processam. Claro que, entre os últimos, alguns te veem somente como uma herança a resolver os problemas futuros de toda a família. E há, sem dúvida, alguns colegas que também praticam o inominável. Enfim, há de tudo, balançando entre o bem e o mal, ou fundido, ou seja, indistinguível.

Certa vez, durante uma visita noturna a paciente internado, ouvi uma gritaria num corredor e me aproximei. Um velho professor de meu apreço, flor de pessoa como se costumava dizer, encurralado por uma família que, em altos brados, só não o xingava de santo (e olhem que ele cortejava a santidade!). Aquela imagem de pessoa idosa, queda, acuada, qualquer que fosse o motivo ou não motivo, submetida à humilhação dos maiores impropérios é coisa que vira e mexe me aparece como se fosse um estresse pós-traumático. Fiquei condoído por dias. E, não menos importante, alguns ricos que pensam poder o dinheiro comprar tudo: diagnóstico, tratamento e, principalmente, o médico.

Por que tudo isso ocorre? Infelizmente, faz parte da natureza dupla do homem. A introdução do processo civilizatório é sempre parcial e ativa por toda a vida. O cerne irracional, egoísta e irredutível que nos habita, quer sempre colocar as manguinhas para fora. Por isso, a luta contra o mal é uma pugna sem tréguas. O diálogo entre o doutor Jekyll, o bom, e o senhor Hyde, o assassino, pode tornar-se impossível em face da eventual autonomia do mau. Uma luta titânica que pode levar à destruição mútua como na obra do escritor escocês. Não à toa, O estranho caso do Dr. Jekyll e Mr. Hyde, de Robert Louis Stevenson, publicado em 1886, mais conhecido entre nós como O médico e o monstro, tornou-se um "case" psiquiátrico para estudo de dupla personalidade. Mas o bem e o mal coexistindo de forma branda é coisa nossa do cotidiano, com a qual precisamos aprender a lidar.

Os jovens médicos que agora se iniciam na prática autônoma fariam muito bem se lessem essa obra. É uma bela reflexão sobre a mistura de sentimentos que acomete os pobres mortais. E não precisa estar fazendo terapia para se beneficiar dessa leitura. E mais, é um livro fino, que você lê de uma sentada, e fica sabendo quem morreu a bengaladas, de quem era a bengala, a perplexidade da investigação e o desfecho, se é que existe. Afinal, embora sejamos Jekyll, todos temos uma pitada de Hyde. Você não tem? liih, começo a desconfiar...

## **PARA SER MÉDICO**

Publicado no látrico nº 23, novembro de 2008

Para ser médico há que ter receptáculo. Enorme, desses refratários a qualquer distensibilidade. Afinal, enche-o com queixas. Muitas, de todos os matizes. Legítimas ou não, justas no sofrimento dos corpos ou ignoradas na sombra das mentes. Queixas elaboradas, redondas, incisivas e diretas, que mostram bandeiras vermelhas desfraldadas acusando doenças agudas para as quais os médicos são treinados e entendem com facilidade. Queixas obscuras, prolixas, crônicas, sem corporificação, que denunciam a pobreza de sentimentos, a morada de conflitos ou a estreiteza científica. Que indiciam meandros genéticos e/ou comportamentos repetitivos, labirintos ainda incognoscíveis.

Para ser médico precisa-se de tolerância. Com os muitos chatos de corpo mole que só querem atestados e uma folgazinha para o nada. Folgados de todos os tipos, forjando encostos repetitivos e se insurgindo contra análises justas ou critérios impessoais. Tolerância com os alexitímicos e firmeza com os que têm ganhos secundários, para que descubram seus autoembustes. Tolerante com sua própria intolerância que pode demonstrar arrogância ou onipotência, podres fazeres de plenos poderes.

Para ser médico é preciso ter calma. Não a calma amor talhada do silêncio dos inocentes, mas a quietude de quem raciocina e concentra o siso. Mesmo quando a entrevista suscita o riso.

Para ser médico é preciso ser inteiro, mesmo quando fragmentado por dentro, quando a dor de seus amores ilude a isenção e a firmeza diante do risco cirúrgico.

Para ser médico é preciso ser bom sujeito. Sem encolher o peito para inovar, tendo jeito para fazer o certo apesar dos reclamos dos pacientes, dos convênios ou do governo de plantão. Todos transitórios como a movediça ciência. Bom sujeito na arte múltipla e não evanescente.

Para ser médico precisa-se gostar de gente, mesmo que indigente. Gostar de diagnóstico, mesmo que por vaidade, é útil assim mesmo. Ter gosto de reparar, curar, modificar o ser como um deus terreno, sereno nos propósitos, certeiro nos acodes.

Para ser médico é necessário partir para o reajo, logo existo, das emergências; refletindo sobre o medico, logo clinico, da resolubilidade consciente e eficaz; que desfaz filas serpiginosas. E é preciso ser curioso, ter uma enorme curiosidade sobre a diversidade humana.

Para ser médico é necessário antes de tudo ter uma visão de mudança social. Para um mundo aberto à ciência, à decência profissional, ao olhar humano que respeita e se limita, e crê, no benefício resultante para a humanidade. Menos paralítica, menos inconsciente, menos necrótica, menos invasiva.

Para ser médico imaginação é preciso. E paixão pela liberdade de se vincular e se tornar responsável. Paixão pelo esclarecimento da ação. Sem o que a arte e ciência se tornam vanidades.

Para ser médico é preciso um contrato com o impossível, e apenas tolerar o possível. Pois só assim se chega ao inesperado da descoberta, de si e dos outros.

### **DR. HOUSE**

Publicado no látrico nº 23, novembro de 2008

Você vai adorar esta história. Uma jovem lisboeta, que nunca saíra de Portugal, contraiu a doença do sono africana. Mas como, se nunca fora picada por uma tsé-tsé? É aí que entra um brasileiro, seu companheiro. O cara estivera em Angola, foi cravado por uma mosca do gênero glossina e, pronto, estava infectado pelo protozoário tripanossômico. E sem sintomas. Portador são. E como se deu a transmissão, se não havia vetor, nem compartilhamento de agulhas, nem fora transfundida (epa!)? Pois é, adivinharam: pelo contato sexual. E tem mais, seu bebê de 19 meses também estava infectado. Verossímil? Este relato, feito por carta à revista inglesa *Lancet* por um médico português, foi aproveitado num episódio de House, sucesso de público e de crítica, e adorado por estudantes de medicina.

É disso que vive o seriado. Casos raros, mas não só. Vive de ciência e tecnologia. E o fator humano? Ora, que se lixe, pois segundo o doutor todos os doentes mentem, não merecem confiança. O importante é a doença com suas ricas variáveis ao alcance de uma mente formuladora e invasiva. Não adianta a etiologia se esconder, será encontrada nos locais mais recônditos. Seja em algum fragmento de órgão pouco acessível ou naquela molécula inesperada. Esse o *modus* do guerreiro dos diagnósticos difíceis. E por que o público vibra ao final de cada episódio? Porque o mal foi encontrado e/ou debelado, afinal poderia ser você a vítima de um micro-organismo letal ou de células que se multiplicam sem razão, só para tirá-lo deste insensato planeta. Precisamos de ordem, e House a restabelece; não importa o ônus.

A tecnologia está aí para superar impasses, não é mesmo? E House e sua trupe, apesar das demasias e dos questionamentos internos, quase sempre ganham as batalhas. Abusando da tecnologia, claro, pois de outra maneira não teria graça, não pareceria mágica.

Tudo o que o distinto público não entende soa mágico. E como se tratam de inimigos poderosos, como é que o médico, sem armas, poderia enfrentá-los? Por isso, até os residentes de House são fantásticos. Não há limites para sua extensa capacidade técnica; fazem qualquer procedimento de dar inveja em experimentados cirurgiões ou especialistas intervencionistas. Embora se esqueçam com frequência que as ferramentas são para o diagnóstico, não fazem o diagnóstico. Este é sempre multifatorial e, portanto, não prescinde do raciocínio clínico. Raciocínio que House tem de sobra, intrincado e sistêmico. Tão inusitado que não vê barreiras, sejam médicas ou administrativas. Um culto à onipotência. Cá de meu canto humilde, canto minha inoperância, baseada em mesmices clínicas, com eventuais desafios. House é sempre imperial.

Você há de me perguntar: o dia a dia do médico não é feito de casos comuns, banais? De certo, diria que sim. E lá isso daria ibope? Bom é uma panencefalite esclerosante subaguda por um vírus do sarampo latente no organismo (cansou lendo isto, né?). Ou um distúrbio neurológico paraneoplásico que só ocorre em um por cento, ou menos, dos pacientes com neoplasias malignas. Você, médico atarefado nas coisas comezinhas do seu cotidiano, talvez nunca tenha lido sobre essas raridades, mas certamente já leu e até diagnosticou dengue, pois não? No Brasil é mole! Vai pensar nisso no Hospital Princeton-Plainsboro, o quartel-general fictício do dr. Gregory House! Viu como as coisas se invertem? Conforme o lugar, o raro pode tornar-se comum e vice-versa. Essa, a outra dialética da série. Difícil é fazer diagnóstico da vaca louca em um humano no Brasil, percebeu?

Há outro fator importante no sucesso público alcançado pelo seriado. Tudo é emergencial, dramático. Conte as vezes em que apareceram convulsões com a palavra de ordem: lorazepam. Ou perdas de consciência. Dores agudas. Ou traumatismos graves. Ou dificuldades respiratórias. Ou seja, tudo o que tira o fôlego do telespectador. Tudo o que necessita de rapidez ou agilidade, fragmentos de informações. Tem risco de morte? É contagioso? Dá pra conversar? É possível aguardar os exames? Ou reajo, logo inter-

venho... O prognóstico, o potencial de letalidade dá o tônus. E o curioso público embarca junto com seu simpático ativado, como o leitor está agora depois de tantos "ous". Ou enjoado, claro.

Outro detalhe é o de ingleses pregando uma peça nos americanos. Explico-me. Não à toa, o premiado ator Hugh Laurie é inglês. Ou também, a própria capacidade dos americanos de verem seus próprios problemas. Note: só numa sociedade conflitiva e judicante como a americana poderia ser elaborada a série. Uma sociedade intoxicada pelo politicamente correto. E House é seu antídoto virtual. Faz tudo que, às vezes, nós médicos gostaríamos de fazer e não podemos, movidos por obrigações que se impõem por dever de ofício, porque a nobreza obriga. A realização só pode ser simbólica.

Há ainda outro motivo para que os jovens o adorem. É seu jeito relaxado de ser, do vestir-se à insubordinação persistente, lembrando os rebeldes dos anos sessenta. Sua rudeza, seu descaramento, o vale-tudo, até mentir, para se chegar a um diagnóstico, faz com que se sintam desamarrados das peias sociais que os engessam, e que não permitem que bringuem de deuses. O que chamamos de civilização, sem o que a onipotência se desnatura. Afinal, nosso cerne indomesticável anseia por regras para os outros, não para nós mesmos. E há ainda o fato de House não dar bola para os sentimentos alheios, sempre desprezíveis. O foco é a doença, não os doentes. Por isso, é mestre em ciência biológica e reprovado na relação médico-paciente. Zero em sua falta de habilidade social. Na precariedade de sua arte, tida como a combinação de conhecimento médico, intuição, experiência e bom julgamento, tudo mediado pela linguagem. Esta última sendo o problema dele. Mas linguagem não é aceita como necessidade primeira de qualquer estudante de medicina. Qualquer iniciante quer antes de tudo aprender a dominar o corpo, as estruturas, as doenças, sempre mais concretas, para as quais se utilizam remédios e procedimentos, que se podem quantificar e reproduzir. Já a personalidade humana é muito complexa, não abarcável em poucos anos de treinamento.

Há uma ciência passível de ser conhecida com anos de estudo e treinamento, já a relação médico-paciente é única, sob medida, para cada paciente. E isso só se aprende por conta própria, com anos não apenas de estudo, mas também de observação e reflexão. Demasiado custoso. E há ainda a propensão genética. Tem gente que não leva jeito para os rigores da ciência, prefere a nebulosa existencial. Mas como não tem rigor fica nas crenças. Outros, não têm propensão para subjetividades, endurecem-se na concretude da patologia humana. O ideal, a união das duas vertentes, é raro como tendência biológica, necessitando de disciplina e esforço intencional, sempre árduo. Daí ser tão difícil encontrar a virtude do meio, o médico que consigne o rigor científico com sensibilidade para o subjetivo. Muitos tentam, é verdade, poucos conseguem. House não consegue. Apesar do brilhantismo de seu raciocínio clínico. Uma pena. Só há lesões e formas de contê-las. Não há pessoas. Meros estorvos para um cientista clínico.

#### FALAR DEMAIS... OU DE MENOS!

Publicado no látrico nº 9, Marc/abril de 2004

O jornalista Cláudio Abramo dizia que "brasileiro não diz o que pensa e não pensa o que diz". Referia-se à falta de coragem nas suas convicções e à falta de disciplina no rigor lógico. Às vezes, é também um bom mote para nós, médicos, ao lidarmos com situações ou pacientes difíceis. Não costumamos ter a frieza cáustica, a franqueza excessiva do americano: é câncer!

O que seria melhor: nossa sinuosa forma de entreter uma situação por demais dolorosa ou o meio direto, sem rodeios, definidor? A palo seco ou de maneira untuosa? Calma lá, pessoal, ninguém precisa decidir imediatamente; essas coisas não são como no poema: ou isto ou aquilo. Que vivemos escolhendo o dia inteiro e que vamos ter que decidir, não tenhamos dúvida, mas cada circunstância ditará a melhor saída. Por isso, falar demais ou de menos pode dar encrenca. Ou ser solução. Então, o que fazer? Citemos dois episódios à guisa de exemplo. Paciente do interior, 50 anos, simplório, é internado fazendo-se acompanhar do filho já adulto. Diagnóstico: câncer gástrico, inoperável. A primeira atitude foi fazer o filho saber. Este, candidamente, nos disse:

— Doutor, pode contar pro pai, ele vai entender!

Não dissemos, esperamos o outro dia com aquelas palavras martelando a circuitaria neuronal... Ele vai entender! Dia seguinte, o acórdão. Aquele rosto magro carregado de palidez cérea nos diz conformado:

— Se Deus quer assim, seja feita vossa vontade!

E com que serenidade, e com que resignação, vá ter fé assim no caminho de Santiago... Que lição! Ou seja, jeito brasileiro ou americano tanto fazia, sinuoso ou direto não era a fórmula, o homem estava preparado e pronto! Bastava ao médico cumprir o dever.

Claro que é exceção; o comum é termos certo grau de dificuldade, como no caso a seguir.

Mal chegada, sem cerimônia, a paciente inicia sua catilinária contra todos os médicos consultados e seus tratamentos, todos intoxicantes, naturalmente. Você quedo e pensante... Serei o próximo! Mais um paciente difícil, de cada seis encontros um o é. A maioria oculta em suas queixas físicas algum transtorno psiquiátrico. Você sabe que aí mora o perigo, qualquer palavra pode ser a gota d'água para um paciente que não sabe o que diz. Pensa no adágio popular de que "quem fala o que quer, ouve o que não quer". Mas a conversa não é à mesa de um bar, é no consultório. Não sabendo o que fazer, interroga a prudência que, soberana, aconselha: "O silêncio é de ouro".

Manda a paciente continuar sua história, enquanto procura um atalho. Afinal, já sabemos que ouvir é a melhor maneira de saber o que, como e quando falar. No caso, emendar é infrutífero, quem tem transtorno de personalidade é impermeável ao bom-senso ou à argumentação lógica. O raciocínio normalmente engendrado pelo médico é mais suscetível à persuasão psicológica, mas há que saber fazê-la. Esse é o ponto. Quando não tivermos o treinamento ou a experiência para lidar com tais situações, devemos recorrer ao autocontrole, que é uma via de duas mãos, boa para nós e para o paciente. É um modo de não nos tornarmos vítimas, nem vitimarmos. Isso nada tem de autocensura ou hiper-repressão, mecanismo de defesa inadequado pela impossibilidade de canalizar a energia reprimida, resultando em conflito e mal-estar. Ao contrário, é satisfatório por sentirmos que temos as rédeas na mão e por favorecer a natureza do convívio, evitando o mal a si e ao próximo. É aí que entra o abade francês Josep Antoine Toussaint Dinouart, que no século 18 publicou o notável, tanto no pequeno tamanho quanto no grande espírito, A arte de calar.

Entre os bons conselhos: não falar, a não ser que valha mais do que o silêncio; só se pode falar depois que se aprende a calar; considerando nossa prática no geral, há menos risco em calar do que

em falar; o homem nunca é tão dono de si quanto no silêncio; quando tiver algo importante para dizer, diga-o primeiro a si e só depois ao outro; nunca há excesso a temer quando se guarda um segredo; não falar é uma arte ao alcance de todos, já a virtude de falar com habilidade e aplicação poucos têm; o silêncio nunca exporá sua ignorância; quem fala pouco não deve ser um grande gênio, mas certamente não é um transtornado; falar pouco e fazer muito é próprio de quem tem bom-senso; se tiver necessidade de falar muito certa coisa, desconfie, muita paixão pode significar pouca razão.

Até aqui todos os conselhos foram escritos livremente, o último faço questão que seja *ipsis litteris* em face da profundidade e gravidade: "O silêncio é necessário em muitas ocasiões, mas é preciso ser sempre sincero; podem-se reter alguns pensamentos, mas não se deve camuflar nenhum. Há maneiras de calar sem fechar o coração; de ser discreto sem ser sombrio e taciturno; de ocultar algumas verdades sem as cobrir de mentiras".

Como vedes, saber calar é fundamental em nossa profissão. Quem sabe o que diz, isto é, sabe escolher palavras e atos, tem menos chance de ser processado ou de ver um colega ser processado desnecessariamente. Mas calar quando o caso é grave e/ou precisarmos da adesão do paciente para condutas terapêuticas, pode ser igualmente pernicioso. A falta de esclarecimento, principalmente em doenças graves, cria fantasias de benignidade que se podem voltar contra o profissional. Impossível poupar o paciente de sua própria realidade. Encontrar a linguagem e a oportunidade mais adequadas deve ser o meio, para um fim sempre singular, único. Sempre o que não podemos ser é boquirrotos, sob pena de ter sido vã a arte do abade Dinouart.

### **HOUSE, O INCONTINENTI**

Publicado no látrico nº 23, novembro de 2008

Uma revista popular, *Seleções* (julho de 2008, ed. Nacional), caracterizada por ser bem escrita e de fácil acesso à maioria letrada, a propósito da incontinência verbal da personagem da série Dr. House, fez pesquisa entre médicos brasileiros sobre o que realmente gostariam de dizer aos pacientes, embora não o façam. O resultado, na sequência abaixo, variou de 63% a 19%, respectivamente, é o que segue:

- a) Se for atrasar ou faltar à consulta, por favor, avise com antecedência;
- b) A consulta é única. Não traga outra pessoa e me peça para examiná-la;
- c) Não posso renovar uma prescrição por telefone. Preciso que venha ao consultório;
- d) Você não está doente. Só quer um atestado médico;
- e) Seja franco. Se você não tomou os medicamentos prescritos, diga;
- f) Não espere o fim da consulta para falar sobre o seu problema;
- g) Explique os seus sintomas com exatidão: quando começaram, o que são e em que frequência acontecem;
- h) Por favor, tome um banho antes da consulta;
- i) Por favor, não me faça ler as páginas que você imprimiu na internet;
- j) Você precisa perder peso.

Sabemos que o negócio de House é o diagnóstico e a terapêutica, importa menos o paciente. Talvez falasse na lata o que o médico

brasileiro apenas pensa. Por isso, entre nós e House, e sua suposta incontinência, cabem uns comentários.

Ficar esperando alguém fora do horário aprazado, em gualguer circunstância, é sacal. Quanto mais numa consulta. E recíproco. E não precisa ser num consultório. Quem já foi a uma audiência sabe do que estou falando. Mas o médico tem muitos álibis. Emergências, reuniões, atrasos em procedimentos e por aí vai. Mas fazer do atraso uma sistemática revela falta de organização ou de respeito pelo paciente e por si próprio, já que é fonte de estresse e conflitos. O mínimo a fazer é declarar a cada paciente com antecedência o tempo de atraso e pedir compreensão. Esclarecimento gera tolerância. Da mesma maneira, se o paciente se atrasou indevidamente, sem motivo claro, mostrar-lhe que atrapalhou a grade, no caso outros pacientes, e que deve ter seu tempo reduzido como consequência - não esqueçamos que médico também vende tempo - ou mesmo a consulta suspensa. Valendo o bom-senso quando o paciente vem de outra localidade e tem bons motivos. Mesmo assim, conforme o grau de atraso, pode ser necessária uma remarcação, embora imediata. Tempo é sempre pedagógico. Embora haja pacientes e médicos impassíveis de mudanças.

A consulta é realmente única. E ter acompanhante, familiar ou não, querendo filar, é irritante. Tipo: – Doutor, dá para dar uma olhadinha na minha pressão?

- Minha senhora, estou com um problema, meu aparelho acabou de ficar descalibrado! Esta seria uma maneira elegante. Já House, o incontinente, diria simplesmente:
- Não. Marque uma consulta!

Justo, embora boquirroto. A propósito, o diálogo (havido em seu tempo, lenda ou realidade fica a seu gosto) entre o famoso dr. Miguel Couto e uma paciente, acompanhada de amiga, enquanto passeavam por Copacabana. Vale a pena recordar. Sabendo-se que estavam num passeio:

- Como vai, doutor, bonita manhã, não?

- Bonita e de mar calmo, respondeu com palavras de ocasião.

A amiga, visivelmente excitada com tão ilustre figura, irrompe:

- Por favor, doutor, tenho uma dor na barriga aborrecida, sobe e desce, vai pras costas, incomoda todos os dias, e ninguém acha o que é, qual sua opinião?
- Minha senhora, fala serenamente o velho mestre, dispa-se e deite-se!

Quer dizer, tudo tem hora, vez e lugar, e a impertinência, às vezes, deve ser castigada. Já na renovação de prescrição por telefone há que se ter muito cuidado. É uma das maneiras mais frequentes de filar consulta. Quando não se conhece bem o paciente, nunca emitir. Quando o paciente tem um seguro médico, deve-se seguir as regras. Quando é particular e você conhece sua vida financeira, ter equilíbrio é necessário. Mas, para potenciais abusadores, o aviso pessoal ou pela secretária da necessidade de nova consulta se faz necessário.

Também é um momento pedagógico. Exemplifico: paciente com artrite reumatoide controlado com polifarmácia tendo entre os medicamentos um controlado. Digamos, um comprimido ao dia. Pela regra, só podemos receitar 60 comprimidos. Mas o paciente está controlado há dois anos, clínica e laboratorialmente, sem quaisquer alterações de atividade ou toxicidade, tem vínculo e personalidade estável, e você resolve programar a nova consulta para três meses. Ao final de dois meses precisa renovar a receita para mais 30 dias. Nada a obstar. Agora se a doença não estiver controlada, ou houver discreta alteração nas enzimas hepáticas, ou não houver vínculo e você não tiver confiança no paciente, claro que antecipar a consulta e não renovar a prescrição é a boa norma. Entenda ou não o paciente. E o exemplo dado não é de psicotrópico, o que poderia ensejar outra leitura.

O que faria House? Encaminharia para um colega. House não faz sequimento clínico, apenas aparece em momentos decisivos. Seguir

o que é conhecido para ele deve ser entediante. Ah! Os atestados. Certo amigo, no antigo lnamps, assim que o paciente adentrava o consultório, conforme a ectoscopia, a palo seco proferia: atestado ou consulta? O susto devia ser o mesmo do "a bolsa ou a vida". De acordo com a reação, já sabia se se tratava de um ilícito ou não.

Brincadeira à parte, atestado é coisa séria, e como qualquer outra coisa, é necessário primeiro conhecer para depois praticar. Todo jovem profissional só deveria expedir um atestado depois de saber o que diz a respeito o Código de Ética Médica e tirar suas dúvidas no respectivo CRM. Quando conhecemos bem uma legislação, temos mais convicção para praticá-la e, no caso, negar uma ilicitude. House diria que o paciente está mentindo, aliás como pensa em relação a todos, e que é um "píssico".

Pensando bem, a situação não se lhe apresentaria, porque é um hospitalista, pouco atende fora do Plainsboro, e doentes graves, ditos orgânicos. Raramente atenderia simuladores, a não ser que elaborassem uma grande produção no próprio corpo e, por isso, fossem internados. A maioria dos médicos em evolução prematura (nada como um bom eufemismo) acredita que seus pacientes tomam os remédios prescritos. Ainda não leram nada sobre adesão terapêutica e suas dificuldades. Então, vale um caso verdadeiro, recente. Paciente hipertensa grave de longa duração, de muitas consultas e muitos médicos, por óbvio não aderente, vai a novo facultativo que, como outros, lhe explica a necessidade do tratamento para evitar morbimortalidade, e craneia um único comprimido com mais de uma substância ativa e em dose única para facilitar aderência. Ao chegar em casa, à espera, velha amiga que ao saber da nova consulta lhe pergunta como foi. Tirando o remédio da bolsa, já comprado, diz que o médico foi simpático e até a examinou, e falou que o novo medicamento controlaria sua pressão, mas não poderia pará-lo. A amiga olhou os comprimidos, fez uma cara de espanto, e disse-lhe: "-Você não deve tomar, é comprimido muito grande, vai baixar demais sua pressão!"

Adivinha se não continuou o "shopping doctor"! O que House faria se intuísse a non-compliance? Se possível, claro que dosaria a

substância no sangue e, se descoberto o embuste, não mais atenderia a paciente. "Ponha-se daqui para fora", para gáudio dos intolerantes. E os pacientes prolixos. Os populares bobinas. *No way*. É feito perua. Não tem solução, é da natureza. Uma vez prolixo, só com muita arte, engenho e esforço, o cara se atenua. Manja, desbasta um pouco. E não depende de classe, educação ou inteligência. As últimas só refinam a prolixidade. Por isso, os benditos sintetizadores – não confundir com instrumento musical –, esses sim, dotados da mais nobre função cerebral, a nobilíssima síntese, são apreciados por toda a categoria. E pelo House, claro.

Banho é bom, não? Inda mais num patropi. Estamos todos do lado dos fracos e oprimidos, respeitamos sua condição carente, auxiliamos muito a promover sua saúde ou a curar suas doenças, mas convenhamos: bom mesmo é um cheirinho bom, tipo "pobre mas asseado". E nada a ver com preconceito. Porque também tem uns riquinhos que não são nada asseados e pegam forte numa daquelas essências grifadas. Você diria: mas ser médico é sobretudo saber lidar com o apuro olfatório, sejam delicados ou nauseabundos. Afinal, quem como nós observa e cheira as vertentes dos emunctórios humanos é especialista nessas nuances. Nada a obstar. Agora, o que é intolerável mesmo, e é o que diria House explicitando essa contrariedade, é um perfume sem qualidade, adocicado e excessivo, vulgo desencadeante imediato de enxaqueca clássica. O intolerável odor de essências bárbaras. Mas também é provável que House não a tivesse. Já lhe basta uma dor crônica, a da perna, e seu Vicodin talvez a prevenisse. Mas que cheiraria torto, não tenham dúvida. E aqueles opúsculos de frutas exóticas, de ilhas paradisíacas, verdadeiras panaceias para curas e prevenções? Tais quais as páginas impressas da internet que os pacientes fazem questão que as leiamos no ato da consulta, ou recortes de iornais e revistas colados a fundo firme zelosamente trazidos para beneficiarem outros pacientes... Há que ter paciência, muita paciência. Coisa que certamente House não teria. E, por isso, às vezes, gostaríamos de sê-lo. Sem a tal noblesse oblige. Ou seja, só com firmeza de propósitos.

# **TÉCNICO, MAS HUMANO?**

Publicado no látrico nº 23, novembro de 2008

Sabemos que exercemos a cidadania, o equilíbrio de direitos e deveres, na vida da cidade. Quando votamos, quando praticamos um preito coletivo, estamos lá como cidadãos. A pessoalidade é diferente. Somos pessoas únicas, como tal não temos o pertencimento espanhol do cidadão, só nos pertencemos. Único e insubstituível, o sujeito se pertence em sua pessoalidade. E é sobre essa pessoa que o médico age, sobre esse ser inviolável. Então, cabe a pergunta a propósito de House: o profissional que só pensa nos meios para atingir um fim, no caso o diagnóstico, será útil? Será que não se torna mais iatrogênico? É sobre isto que devemos ponderar.

Claro que o médico que utiliza todos os meios para atingir um único objetivo, o diagnóstico, tem que pesar riscos e benefícios. Utiliza métodos, meios, e isso deve ser ajustado para alcançar os bons fins. Mas, note, mesmo que não se importe com a pessoa, e sim com sua competência, curiosidade e vaidade, se fizer benfeito, e desde que utilize os métodos adequados, chegará a um bom fim, e, portanto, por via oblíqua estará dando o melhor à pessoa. Afinal, quando um eletricista vai à sua casa, o que interessa a si, prezado leitor, é sua capacidade para resolver o problema, e não sua simpatia. Claro que se simpático for, será muito melhor. No caso médico, seria a empatia. Então, está respondida a questão. O médico puramente técnico pode, sim, ser humano. Agora, se você me perguntar se o mesmo profissional for atender uma somatização, para a qual não há técnica disponível para cura, respondo que não. Não terá a necessária arte. Aí, House sucumbiria. Aliás, nem teria saco!

#### **HOUSE E O DIAGNOSTICISTA**

Publicado no látrico nº 23, novembro de 2008

Na televisão brasileira via Universal Channel, a partir de 2005, o Dr. Gregory House é aquele médico que observa enquanto outros apenas veem. Tem ver treinado. Com raciocínio rápido e sistêmico vai comendo o diagnóstico pelas bordas, aos bocados, verdadeiro piecemeal approach. Vale-se também de intuição, a capacidade que o médico experiente adquire por ir direto ao alvo sem raciocinar. Ou seja, sabe sem pensar, por já fazer parte de seu repertório de diagnósticos e experiências pretéritas e, quando necessário, se incongruente, sabe voltar atrás, exibindo um raciocínio pendular muito útil no processo do diagnóstico. Direito e avesso analisados em bloco. É evidente que isso inclui armazenamento anormal de informações em sua mente, mas o mais significativo é que sabe processá-las, coisa não apenas de quem lê muito e, sobretudo, de quem tem rigor na sua seleção – bom grau de evidências – e as submete à reflexão. Nesse sentido, é médico das antigas, quando tudo tinha que ser memorizado, de tabelas a fórmulas, devido à falta de disponibilidade de recursos à mão.

Embora a medicina científica fosse mais estreita, já Osler em seu tempo tinha-se preocupado com o excesso de informações, pois deu forma a um manual de bolso a ser utilizado por médicos residentes (também deu forma ao treinamento prático dos médicos).

Hoje, não precisamos usar nosso cérebro para simples informações, coisa que qualquer assistente pessoal faz. De outra maneira, quaisquer dispositivos portáteis tipo Palm ou Pocket PC, podem armazenar o que há de importante, e nem precisa ser assinatura eletrônica de um UpToDate. Se você não sabe, um tradicional *Manual Merck* atualizado faria a maioria dos diagnósticos da série House. Embora como o leitor possa conferir, tenha a bagatela de 2.833 páginas (17ª edição).

Concluindo, prezado médico residente que tanto preza o seriado, não se preocupe com tantas informações. Preocupe-se mais com o raciocínio clínico, a verdadeira gema do Dr. Gregory. E que pode ser utilizado tanto em Bororos quanto no Hospital Plainsboro. E com quaisquer dispositivos à mão.

# **SUPERVISÃO**

Publicado no látrico nº 23, novembro de 2008

Imagine, hoje, alguém que pratique a Clínica Médica, especialidade extensa e de longo amadurecimento profissional. Se o clínico não tiver também uma subespecialidade, terá como grosso de seus pacientes os afetados por problemas emocionais, por poliafecções (ex. diabético, hipertenso, gotoso, com manifestações crônicas dessas doenças), ou orgânicos com dificuldades emocionais ou francos distúrbios psiquiátricos. Ou seja, pacientes que estão numa zona cinzenta que poucos se sentem confortáveis ou interessados em atender. Pacientes difíceis.

Ocorre que a maioria profissional é treinada para a organicidade (alterações estruturais) e não para a funcionalidade (entendendose funcionalidade, na maioria das vezes, como síndromes que envolvem distúrbios neuroquímicos com predisposição genética).

Útil seria que o clínico devesse ter a supervisão de um colega mais experiente, para que não se angustiasse e não sobrassem dúvidas em situações clínicas pouco claras quanto aos aspectos emocionais, isto é, aos alvos passíveis de ser atingidos e não às impossibilidades de cada um, paciente e assistente. Para que pudesse atuar com conforto, sem se sacrificar, e trazendo algum ganho existencial ao paciente. A supervisão objetiva essa troca de ideias, que também pode ser com colegas ou professores, sobre as experiências de cada um no exercício profissional, tendo como foco problemas específicos.

Na residência médica em que atuamos, temos uma sessão semanal curta, denominada "essências", em que o médico residente apresenta em poucos minutos uma dificuldade que tenha tido no manejo de algum paciente ou com seus familiares, que passa a ser discutida sob ângulos diversos e pertinentes. O objetivo é reduzir o seu grau de incertezas e elaborar melhor a experiência vivida e que tenha trazido algum grau de angústia ou insegurança. Quando um paciente está doente, lida com limitações que não tinha e com a expectativa de superá-las. Vai ao encontro de um profissional para que o mesmo restabeleça a ordem das coisas, mas que, às vezes, não é possível, pelo menos *in totum*. Atuar sobre essas limitações, adequá-las às possibilidades da ciência médica, variáveis para cada doença, e fazer com que veja mais claramente o que é possível ser feito e ajudá-lo nessa compreensão e elaboração é o papel do médico. Difícil e nem tão transparente assim, daí a utilidade da supervisão. Mas quem pode a ela se submeter? Carece de profissionais propensos de tempo, dinheiro e, principalmente, de boa vontade de se superar a si mesmo, isto é, de crescer. Tarefa a que poucos se propõem. Pelo menos sob o ângulo emocional.

# **MÉDICOS RAROS: COMO SÃO?**

Publicado no látrico nº 24, junho de 2009

Forjados no esforço e na curiosidade, não há dúvida. De que devam ter algum talento, todos concordam. Mas há sempre, individualmente, muitos pontos obscuros na trajetória dos médicos que sobressaem, que se tornam raros mercê algum tipo de unanimidade. Por isso, recorremos ao livro Prazer em conhecer, com o subtítulo *A aventura da ciência e da educação*, editora Papirus/7 Mares, em que o jornalista Gilberto Dimenstein faz a mediação de uma longa conversa com duas dessas figurinhas carimbadas, ditas unanimidades nacionais, Drauzio Varella e Miguel Nicolelis. Ambos paulistanos, formados em Medicina pela USP, com passagens pelo exterior. O primeiro, cancerologista; o segundo, poder-se-ia dizer, neuroengenheiro, já que procura integrar o cérebro humano às máquinas. O primeiro, além de pesquisa e prática médica, com longo currículo em educação; o segundo, na boca para ser Nobel, segundo a revista Scientific American, também tem propósitos bem definidos em educação. Um guer mudar o mundo pela educação, o outro quer mudá-lo por tecnologias que reabilitem e integrem o humano.

A primeira conclusão é que, para serem o que são, tiveram sempre que ser alunos. Ter um enorme prazer em aprender, desde os quintais ou chácaras da família, onde começaram superficialmente a sistematização de insetos e batráquios e a dissecá-los para descobrir o que existia por dentro. Essa curiosidade – o curioso é o grande amante do conhecimento – chegava ao requinte, no caso de Drauzio, de aprender com um primo a abrir um sapo sem que o mesmo tivesse dor. "Não tem dor, dizia o primo. Aprendi a enfiar um estilete no sapo de um jeito que corta todos os nervos dele". Claro que essa curiosidade estava sempre associada à necessidade de compreensão racional, de querer explicações de um jeito lógico, convincente.

Foi fácil a vida de ambos até a universidade? Qual nada, algumas passagens dão o tom. Drauzio perdeu a mãe aos quatro e a avó, sua segunda mãe, aos oito anos. Teve, portanto, que ter resiliência para suportar as duas perdas mais importantes de sua vida ainda precocemente. E teve um pai durão, severo, trabalhador incansável, que dizia: "Meus filhos chegarão à universidade. Minha obrigação é trabalhar e a sua é estudar. Se você não cumprir sua obrigação, vai apanhar até aprender". Para si, diz ter sido método infalível e não traumatizante. Internou-se dois anos estudando no cursinho porque sabia que os japoneses de lá também eram os melhores, e que a única maneira de passar seria estudando mais do que eles. No segundo ano de tentativa, passou em segundo lugar na USP.

O modo como o pai lhe disse que passara no vestibular foi sem qualquer afeto. Era homem alexitímico. Deu-lhe a notícia ao natural, sem abraços, palavras de ordem, risos, a frio. Quer dizer, quando se vive algo assim, as homenagens futuras não deixam de ser um pouco constrangedoras. E então você pensaria: o Drauzio sempre foi um cê-dê-efe, pois são três anos a média para passar bem colocado na USP dos tais japoneses que já sabem tudo, certo? Aparências e realidade não andam sempre juntas. Era um cara folgado até então. Mas como já disse, foram dois anos de não pensar em nada mais, só em passar, obsessivamente. A obsessividade necessária em certos momentos da vida quando se quer alcançar um degrau a mais na vida ou no intelecto. Depois disso, foram 20 anos como professor de cursinho e a paixão pelo ensino, agregados à pesquisa e à prática médica.

Miguel estudou no ótimo Colégio Bandeirantes, com simulados todos os domingos, cedo. Nele, aprendeu uma ética de trabalho cuja ideia central era: "a responsabilidade é sua; cada um é responsável pelo seus erros, não há nenhuma desculpa cabível". E ainda teve a seu favor laboratórios fenomenais, onde podia dar asas à sua imaginação. E teve na regra de cálculo o que Rivelino teve com a bola, uma extensão de si próprio. Isso ajudou-lhe a dar rigor. Ciência é rigor para perseguir sonhos e quebrar dogmas.

Ciência é fundamentação e objeção lógica. Isto é, se você tem objeção séria a fazer, o cara pode ser um Nobel ou de Stanford, não importa, confronte-o.

Se você acredita que a sua ideia tem mérito, persiga-a. Não tenha medo de fracassar. A experiência está diretamente ligada ao fracasso; infelizmente não somos treinados para a rejeição e o fracasso. O experimentalista fracassa em mais de 90% das vezes, ou seja, nessa proporção verifica que suas ideias não funcionam. Assim mesmo, tem a resiliência de lidar com a derrota. Esse o ânimo do pesquisador. Afinal, passa a vida medindo e conferindo dados da melhor maneira possível. Então, ficamos com aquela antiga fórmula: 95% de insistência e 5% de talento, pois, se o indivíduo desistir não há talento que o ajude. Para Nicolelis, a biblioteca e o laboratório do Bandeirantes foram seu reino. Hoje, talvez fosse o Google. Mas sem dúvida o colégio foi mais importante que a USP. Opinião compartilhada por Drauzio. Ao contrário dos cursinhos, nas universidades só um ou outro professor se destaca. De cada 200, talvez uns cinco.

Dario Birolini, no caso de Varella, e Cesar Timolaria, no de Nicolelis, foram suas referências. Tipo, quero ser um médico assim. Ou seja, poucos professores sensibilizam seus alunos, pois a maioria está cuidando apenas de seus interesses, nem aí para os alunos. Nos cursinhos, não; ou os alunos passam, ou os professores são dispensados. Há uma luta pela qualificação do aluno.

Outro ponto em comum: o ateísmo. Ambos são ateus intraútero, segundo dizem. Ou de outra maneira, ateus por configuração cerebral. Drauzio descobriu a ciência como professor de química nos cursinhos 9 de Julho e Objetivo. E Nicolelis? A história é interessante. Adolescente, descobriu o que iria fazer lendo *Hospital*, de Arthur Hailey. Logo no início do livro, o patologista, personagem principal, tem que tomar uma grande decisão: se seria ou não necessário amputar a perna de uma moça. Era a primeira vez na carreira que não sabia o que fazer... Existia um aviso no hospital: "Neste ambiente é proibido fumar". Ele tira um havana, o põe

na boca, acende e vai mais uma vez tentar fazer o diagnóstico patológico. Aquilo, diz, me pareceu maravilhoso: "Existe uma regra, sou contra e vamos em frente". Era este tipo de desafio que gostaria de enfrentar. Quem evita desafios não pode ser bom pesquisador ou bom profissional. Dito à maneira bíblica: foi sua estrada de Damasco.

Mas os sacrifícios seguintes foram grandes. Basta contar o de sua ida para Filadélfia, trabalhar com o professor John Chapin. Depois de Miguel escrever-lhe uma carta de dez páginas, induzido por um anúncio para entrevista, Chapin foi franco: "Sabe, Miguel, o negócio é o seguinte: esse não era um anúncio para ser verdade. Nós o publicamos porque há um coreano aqui no laboratório que gostaríamos que obtivesse o green card. Então anunciamos uma posição fantasmagórica para que ninguém conseguisse preencher os requisitos. Assim ele poderia se apresentar e, posteriormente, solicitar o green card. Você foi o único candidato, mas, como preencheu os requisitos, por lei tenho que entrevistá-lo".

Miguel relata que ficou o dia inteiro sendo entrevistado. "Eu era meio ruim em inglês. Ao final do dia, Chapin disse: Olhe, não sei se entendi o que você falou, mas o que entendi é exatamente o que queremos fazer. Você tem que vir trabalhar conosco. Mas, e o coreano?", perguntei.

Ele sorriu: "Não tem problema, fazemos outro anúncio". Consequência: cinco anos mergulhado num laboratório de neurociência, só existia aquilo em sua vida. Como vedes, prezado leitor, qualquer coisa que pretendamos fazer, por melhor cabeça tenhamos, exige esforço e dedicação plenos para talvez atingirmos parte do desejado.

Médicos raros são os que se dispõem a tal tarefa. Usando as informações – dados – desprovidas de qualquer julgamento moral, de qualquer viés religioso, racial ou ideológico. Só assim o conhecimento é libertador, agente de formação e transformação. Mas ainda há algo em comum a Drauzio e Miguel. Ambos estão con-

victos de que gostam de ensinar e pensam o ensino como uma atitude amorosa. Nesse prazer não pode haver fingimento, pois o aluno percebe. Por isso, poucos professores marcam um aluno numa universidade. A autoridade nunca pode ser imposta, advém da arte por ele exercida de catalizar a aventura do conhecimento, de transmitir ao aluno o caminho da liberdade, o aprendizado. E mostrar que ele mesmo jamais se afasta desse caminho. Porque ciência é assim, uma corrida. Você passa o bastão, vem uma pessoa de outra geração, corre a corrida e o passa para o seguinte, e assim por diante. Uma corrida sem fim. Portanto, os médicos raros também não têm fim. Sejam pesquisadores ou clínicos, cirurgiões ou afins. São discípulos da sinergia.

### **MÉTODO**

Publicado no látrico nº 26, julho de 2010

Era uma tarde, dia útil de uma longínqua semana e, por ser guri, estava disponível. O jogo, um amistoso entre o Nacional de Rolândia e o Noroeste de Bauru, do goleiro Julião. Tempos em que o locutor irradiava do campo, com aqueles fios todos. Só nos grandes estádios havia cabines, quando havia. Na sua inocência de início de adolescência, cujo ouvido e janela para o mundo eram respectivamente o rádio e o cinema, supunha que no intervalo de uma partida, ou ao seu final, os comentaristas, seus ídolos, falassem de improviso. Isto é, que recordassem lances e dinâmica de jogo na boa, sem usar mediação que não a de sua mente. Enfim, a surpresa, e a descoberta do método.

Próximo a si, na arquibancada de madeira, Mauro Pinheiro, da Rádio Bandeirantes, cognominado a enciclopédia do futebol e sua prancheta. O comentarista titular era Mário Moraes, mercê velocidade de raciocínio e modulações de voz. Mauro, o segundo na hierarquia, com menos inteligência linguística, era tido como o mais profundo conhecedor das regras do jogo. Na arquibancada e próximo ao guri, anotava, e anotava...

Terminado o primeiro tempo, desce e vai à beira do gramado e comenta sempre consultando a prancheta. Estava desfeito o mito, não havia hércules mentais, apenas dados oriundos de observação minuciosa que eram registrados e depois analisados à luz do sujeito. Este legitimava seu entendimento com evidências, sem excluir certo grau de subjetivismo. O entendimento existia nele e para ele, e com os ouvintes dividia. A coleta de dados era verdadeira, precisa no tempo, embora pessoal, e era sua mente que dava fluidez temporal à forma, ao movimento, às alterações do jogo.

A prancheta com seus dados coletados rigorosamente no tempo preciso eram as provas, os fragmentos de verdade isolados, que necessitavam ser conectados para dar clareza e distinção às dúvidas da partida. O meio para transitar entre as incertezas. A interpretação caminhando sobre dados confiáveis, as provas. Um método para bem julgar, podendo distinguir o verdadeiro do falso, sempre sujeito à análise e à verificação de outros observadores. Estes, importantes para validar a interpretação e evitar fraudes. Os mesmos, no caso do jogo, por não estarem presentes, não poderiam confirmar os dados, mas sobre os mesmos poderiam fazer outro ajuizamento. Claro que o ideal seria que pudessem replicar o experimento, o jogo, e reinterpretá-lo. Replicação e verificação, disso vive a ciência. Muda o tempo, a tecnologia, e o jogo hoje poderia ser gravado, e o experimento coanalisado por outros observadores com dados absolutamente fidedignos.

Descartes foi quem criou o método. Foi o *gênio da evidência*, da prova. Por duvidar de tudo, criou a dúvida metódica, o meio para atingir a prova da evidência. O método põe os pés no estabelecido, as regras do jogo, e sobre as mesmas baliza os dados observados, os lances, no transcorrer da partida para neles propor uma interpretação, uma verdade. Mas se o comentarista ficasse só nos dados e sua coesão, faria o que todos fazem, não entraria com sua experiência de vida, não conseguiria captar o jogo por ângulos insuspeitos. É aí que entra em cena D. Quixote, sim, a literatura, o gênio da vidência, o louco cavaleiro andante com seus momentos de lucidez, propondo que razão e imaginação devam andar juntas. Ao reconciliar razão (também chamada de bom-senso, a dúvida metódica que busca distinguir o verdadeiro do falso) com a imaginação, passa a dar conta de uma interpretação mais completa da realidade.

A razão significa em presença da coisa (no caso, os dados do jogo) extrair dela seu logos, seu sentido. E este tem que estar dentro daquilo que a pessoa faz, tem que se ater à sua circunstância de vida e seu aprendizado, só assim completará seu sentido. Daí a importância da experiência pessoal. Evidência mais experiência, binômio inseparável. Que coisa mais surpreendente, não? Evidência e vidência, porque a segunda atenta para o inesperado, o

insuspeito, sem subverter as provas, o que é essencial. Escapa-se assim do racionalismo, a doença da razão, com sua interpretação puramente matemática da razão, o que leva ao unilateralismo da razão. E esta não esgota o real. Assim conserva-se o método cartesiano que busca o conhecimento válido apoiado nos testes e na confirmação, para afastar a dúvida de meros palpites (hipóteses) e a influência de preconceitos pessoais e culturais. Mantém-se a base estrutural da metodologia científica sistematizada por Francis Bacon, fazendo a síntese do empirismo e da indução, ou seja, os dados provenientes de observações minuciosas e de experiências criteriosas são registrados, comparados e analisados para produzir hipóteses funcionais, que são, então, exaustivamente testadas, verificadas.

Disso derivada, a ciência de hoje busca um aspecto específico de determinado fenômeno e elabora um experimento para investigá-lo. Mais do que isso, a ciência de hoje, via Einstein, alterou os pressupostos tradicionais da metodologia científica criando o método hipotético-dedutivo, ou seja, as teorias passam a não ser apenas generalizações da experiência, da observação, mas também ideias criativas que produzem deduções sujeitas a exames experimentais. Isto é, as hipóteses não precisam ser extraídas só da observação, mas também da imaginação. De outra maneira, da vidência à evidência.

E o guri que acabara de descobrir o método num prosaico campo de futebol, não sabia em que enrascada estava se metendo. Mas de sua observação teve a centelha da iluminação. De outra forma, saiu do senso comum para o bom-senso.

### **UMA HISTÓRIA DE AMOR**

Publicado no látrico nº 28, junho de 2011

O que faz uma história de amor dar certo? Na ficção, o leitor já viu muitas, é usual; na prática, escasseiam. Se a realidade é fímbria, a ficção é pletora, para compensar, decerto. Mas, qual seria a fórmula do sucesso? Como para qualquer sucesso, não há fórmula, só acaso.

Tome-se o caso de Love Story, agora lançado em DVD. O leitor já deve ter ouvido falar, lido ou assistido ao filme. Se nada disso ocorreu, talvez por ser jovem, já escutou a expressão: "Isso tá pra lá de love story!", como redundância de dramalhão, tipo mexicano da Pelmex. É, sou velho, do tempo do Miguel Aceves Mejia e da Maria Antonieta Pons. Ou, se melhor for, do Cantinflas. Se nunca ouviu falar deles, servem as atuais novelas do país amigo do norte. Pois bem, corria o ano de 1970 do passado século e a Paramount preparava o lancamento do filme com esse título. Os chefões tiveram uma ideia que, depois, se revelaria brilhante. Pediram ao ignoto roteirista, Erich Segal, que colocasse o roteiro em livro como peca preparatória do lançamento do filme, isso em 1969, meses antes. O livro foi um estouro. Como rastilho de pólvora começou a ser lido por todos. Se Scott Fitzgerald, grande escritor, não deu certo como roteirista em Hollywood; Erich Segal, roteirista e pequeno escritor, foi subitamente incensado aos píncaros. Adiante-se, primeira e única vez. Sucesso, nunca mais. Mas se esse livro o foi, a trajetória do filme, casada com o livro, estava feita. Mais de 100 milhões de dólares na bilheteria, o que não era pouco para a época.

Mas o que liam e viam os americanos? Um drama comum já escrito e filmado inúmeras vezes, embora com vieses diferentes. A banalidade: mocinho rico e estudante de direito em Harvard se apaixona por menina pobre de faculdade inexpressiva. E não foram felizes para sempre. A família do mocinho era contra, naturalmente, e a mocinha teve doença fatal, possivelmente leucemia, único mistério do enredo.

Decerto, o prezado leitor já se deparou com tal sorte de argumentos na ficção, mas por que tal livro e filme atearam fogo nas mentes americanas? Ainda mais na fase da rebeldia juvenil que nada aceitava? Ou seria porque tal rebeldia pedia um descanso amoroso? Ou seria o slogan, "faça amor, não faça a guerra", o sublimador? E tudo isso com atores desconhecidos, roteirista idem, baixa produção e apenas um diretor firme? E filme que tinha como sofrível síntese filosófica a frase que ficou famosa: "Amar é nunca ter que pedir perdão?" Vá ser *love story* assim na única coisa que, de fato, se salvava no filme, a trilha sonora de Francis Lai, que ganhou o Oscar!

Agora que o jovem leitor pode apreciar esse fenômeno, também poderá tirar suas conclusões. A minha é bem prosaica. O comitê celestial determina num determinado momento qual é o anseio geral dos humanos, e a capacidade involuntária de um escritor coloca para circular esse anseio coletivo. Ou seja, tira na loteria da vida um sucesso, único pois sim, mas suficiente para deixá-lo rico. E, periodicamente, esse anseio desconhecido lhes é dado ao acaso, por um afortunado sem talento, embora trabalhador. Enquanto isso, na medicina, por mais trabalho que exista e seja feito, o talento raramente prevalece. Vide os vis honorários, se é que assim se podem denominar. Ou seja, sobra talento e falta rendimento. Apesar disso, continuamos uma linda história de amor com nossos pacientes, curáveis ou não.

#### "BABY PROFESSOR"

Publicado no látrico nº 29, dezembro de 2011

O título acima vem do fato de William Osler (1849-1919) iá ter prestígio como professor aos 23 anos. Poderia ter sido um professor a mais, seu gênio não deixou, por ser curioso, inquieto e multifário. Observava, experimentava e autopsiava. Portanto, viajava da expressão facial à intimidade do corpo. Vivia no hospital e ensinava e escrevia. Foi um educador prático. Mas não se pense que tenha sido a prática que o elevou, era culto e desejava que os médicos o fossem, por isso, aconselhava que todos deveriam, à parte a ciência, ler Cervantes, Shakespeare, a Bíblia, Montaigne, Emerson, entre outros. Sua maior contribuição certamente foi ter concebido a medicina numa tríade: ciência, arte e humanismo. E sabe, caro leitor, o que ele descobriu em 1874? As plaquetas. Como vedes, um médico completo que, como educador, ajudou a formatar a residência médica nos melhores moldes praticados hoje. Para fazer um voo de pássaro sobre esse paradigma da medicina, escolhemos alguns de seus aforismos.

- A grande universidade tem duas funções, ensinar e pensar.
- Comeces por criar uma biblioteca ao lado de teu leito de dormir e gastes pelo menos meia hora de teu dia em comunhão com os santos da humanidade.
- A medicina é aprendida à beira do leito e não nos anfiteatros.
- Vós sereis membros de uma educada e também liberal profissão, e quanto mais olhares para a vida fora do estreito círculo do vosso trabalho, melhor estareis equipados para a luta.
- O primeiro degrau para o sucesso em qualquer trabalho é o interesse por ele.
- O ato importante é retirar de cada caso uma lição para sua educação. O valor da experiência não está em ver muito, mas em enxergar com sabedoria.

- Há três requisitos para a salvação temporal: comida, sono e uma disposição agradável. Adicione aos mesmos exercício adequado e terás os meios pelos quais uma boa saúde pode ser mantida.
- Nada vai te sustentar mais do que o poder de reconhecer na tua monótona rotina, como se pode talvez julgá-la, a verdadeira poesia da vida – a poesia do lugar comum, do homem do povo, da cansada mulher trabalhadora, de seus amores, alegrias, dores e tristezas.
- A falta de treino pessoal sistemático nos métodos do reconhecimento da doença leva à má aplicação de medicamentos, a longos tratamentos quando o tratamento é inútil e, assim, diretamente à desconfiança em nossos métodos que pode nos colocar, aos olhos do público, no mesmo nível dos empíricos e charlatões.
- Nenhuma classe de homens necessita tanto do debate quanto os médicos; nenhuma classe tem menos.
- Frequentemente a melhor parte do teu trabalho nada terá a ver com a prescrição, mas com o exercício de uma influência do forte sobre o fraco, do justo sobre o mau, do sábio sobre o tolo.
- Leve em consideração apenas as palavras do doente; nunca sugira. Interrogue apenas o essencial.
- No que pode ser denominado método natural de ensino, o aluno inicia-se com o paciente, continua com o paciente e finaliza seus estudos com o paciente, utilizando-se de livros e leituras apenas como ferramentas, como meios para uma finalidade.
- Uma intervenção curta soprada por um professor categorizado pode brilhar por muito tempo em mente apropriada.
- Para quem tem poder de observação, quinze minutos à beira do leito equivalem a três horas em escrivaninha.

- Não utilize ousadamente qualquer medicamento envolto em canto de sereia... Considere sua própria pessoa e a de seu paciente como se estivessem colocadas em tubo de ensaio.
- A prática da medicina é a arte baseada na ciência.
- Ciência de incertezas e arte de probabilidades.
- O médico que se automedica tem um louco como paciente.
- Frequentemente a ignorância pode ser atormentadora; é, porém, mais aceitável que a segurança que permanece sobre uma delgada camada de conhecimento. <u>Ou seja, a vaidade não lhe deixa ver</u> (grifo do editor).
- Quer saber qual o epitáfio que escolheu para si próprio? "I taught medical students in the wards".

Obs: todos os aforismos têm origem em seu livro Aequanimitas, The Blakiston Company, Philadelphia, segunda edição, 1906; ou em Sir William Osler – Aphorisms from his bedside teachings and writings, 1950, de Robert Bennett Bean, que foi seu aluno. Aequanimitas deveria ser livro de cabeceira de qualquer médico.

#### SANTO DE CASA

Publicado no látrico nº 31, janeiro de 2013

Não aquento mais, você só me receita Tylenol! Se essa frase lhe soa familiar, caro colega, não está só. É verbalizada por nove entre dez esposas de médicos. Como se o cara depois de escutar queixas o dia inteiro tivesse que, ao regressar ao sagrado recesso do lar, continuar fazendo serão num consultório domiciliar. Como se tivesse que saber toda a medicina e ainda lhe fosse exigida a infinita paciência de um santo. Quando não tem algum familiar telefonando e dizendo que a sugestão medicamentosa não funcionou, se não há um remédio melhor do que aquele. Ou o genro que voltou de um checape e reclama que você não lhe requisitou o ácido úrico que está alto, e como é que fica esse período que ficou sem tratamento? E você, sopesando a resposta, com o saco nas costas, é que não aquenta mais. Quer depôlo a um canto, respirar fundo, e aliviar o peso de um dia de cão. Vai à geladeira ver se sobrou algum petisco. Está vazia. Apenas margarina e umas fatias de queijo. Fica pensando que só trabalha para os outros, que ninguém reconhece seu esforco, e matutando se se safa com um sanduíche – se é que tem pão – e uma gelada. Senta-se, põe a mão no queixo e, por instantes, fica torcendo para que ninguém telefone, enquanto pensa no que fazer. Resta-lhe o jornal televisivo, mas viu que o sofá estava ocupado. Vai ver a correspondência e chegaram mais contas para pagar. Quem sabe navegar um pouco? Senta-se de novo, sob o peso dos erros e das escolhas, abre a caixa postal, e o computador trava. Nem em casa os vírus lhe abandonam. O que fazer? Não é um pormenor. Comunicar-se com um amigo para trocar figurinhas? Mas o mesmo pode estar sofrendo da mesma vacuidade existencial. Resolve zapear pela televisão a cabo, já que ler, neste momento, não é uma boa. Questão de redução cognitiva devido ao adiantado da hora. Detém-se num faroeste. Está acabando. Surpresa! O mocinho, com o qual se identificou e começou a torcer, morre no fim. Pô, você sabe que a vida tem que ser inventada e que o inventário vivido acaba em morte. Mas logo agora? No filme tudo é silêncio, e os sobreviventes começam a se movimentar lentamente, como mortos-vivos. Como meio vivo você está. Passam os créditos. Qualquer semelhança não é mera coincidência.

### PROFISSÃO DE FÉ

Publicado no látrico nº 33, dezembro de 2013

Transcorria dezembro de 1967 quando Christiaan Barnard, cirurgião sul-africano, fez o primeiro transplante cardíaco. Pode ter sido por vaidade – aprendera a técnica na América, por irresponsabilidade - a maneira de lidar com a rejeição a tecidos era incipiente, mas o que mais importa era a tentativa de salvar uma vida, um código de honra humano. No mesmo dia, na mesma África do Sul, uma tribo canibal coseu e comeu um alheio ao seu território. Literalmente, o homem lobo do homem. Os sociólogos, sempre retardatários, explicaram que eram "contemporâneos, não coetâneos". Ou seja, habitavam o mesmo tempo, mas com estádios civilizatórios diferentes.

Tomo esses dois fatos distintos do comportamento humano para destacar algumas nuances. No primeiro exemplo, insere-se a medicina, sempre voltada, assim é seu princípio, a tentar proteger, curar, controlar ou, pelo menos, consolar um corpo em desalinho, corroído pela doença ou trauma. O homem cuidando do homem e, para isso, baseado na ciência, na tecnologia e no amor ao próximo. Ao invés disso, a inexistência do "bom selvagem" de Rousseau, que confundiu pensamento desejante com a realidade. O homem não é bom por natureza, com as exceções de praxe. É egoísta, autocentrado, conectado com a sua sobrevivência e vaidade por todos os meios, pois mais impiedosos ou violentos. No máximo, coopera com o grupo.

Não são apenas os selvagens do exemplo. Tende a ser um traço da espécie que, quando evolui, dá seu melhor numa forma de "toma lá, dá cá". Dá, para de alguma forma ser recompensado. Traduzida na síntese dada à luz por alquém muito humano, solidário, cordial e bom papo que foi Otto Lara Resende: "O ser humano é um saco de estrume ambulante, com direito a florir".

A essa concentração de reflexão, tenho uma imagem que um querido amigo, médico e fotógrafo, certa vez me enviou. Uma linda flor saindo de um bueiro. E essa é a questão. Temperamento é destino, tem forte base genética, sendo sempre difícil inculcar o marco civilizatório nas pessoas. Em outros termos, a educação é sempre precária, e produzida em meio à contenção e à repressão. É dolorosa, mas possível, ainda mais por não sabermos das tendências de cada pessoa. É a eterna luta entre o que é herdado e o que é cultivado. Não temos uma essência benigna, mas há sempre a possibilidade – e essa palavra é chave – de melhorar a vida de cada pessoa. É nessa possibilidade que a medicina se instaura, mesmo consciente da complexidade das sociedades e da natureza humana. E dou prova dessa possibilidade. Pessoalmente, já convivi com pessoas de tal maneira generosas, desprendidas, interessadas e tolerantes que foi uma dádiva vivenciá-las.

O organismo orquestra uma diversidade fantástica para se manter vivo, e a ciência médica procura entender esses mecanismos para harmonizá-la quando a orquestra desafina, independentemente de juízos morais. Ou seja, não importa a necessidade de fazer o bem, quando o mal parece generalizado. Importa o belo quando a doença desfigura. Importa a verdade quando necessitamos mudar o paradigma. Para isso, a medicina persegue variáveis que ignoramos para aflorá-las, para que a racionalidade impere e não se oculte. Por isso, a ciência é transparente, autorregulável, intransigente na busca da fraude. Sem compromisso com erros e sempre disposta às melhores provas. Em resumo, juntando evidências com a experiência. Pois não nos esquecamos que a medicina também pode ser fútil, e temos que estar atentos. Não podemos jogar ao vento nossa tradição humanista, pois guando não houver mais nada a fazer, ainda assim podemos confortar; desde que não seja com o conforto da irresponsabilidade. O conforto que promete e não entrega. Porque confortar desesperados é fácil, difícil é entregar uma vereda de luz e equilíbrio, sem a amargura da impotência. Sim, sou cético, mas humanista, otimista nas possibilidades humanas que criaram a linguagem, a música, a ciência e, mais importante, o código de valores morais.

Gosto da clareza de propósitos quando agimos no organismo, e tenho esperança na resposta do mesmo. Sempre única, porque únicos somos. Daí a esperança do inesperado. Sem essa díade não suportaríamos o difícil exercício da profissão, nem teríamos fé para continuar a obtermos respostas. Vivendo entre o sublime e a barbárie, nossa opção tem que ser uma profissão de fé. Na ciência e na arte. Na capacidade de fazermos o melhor possível dentro de nossas circunstâncias. E também podem chamar isso de religião. Uma religião alargada e ilimitada.

#### QUIMIOTERAPIA

Publicado no látrico nº 33, dezembro de 2013

Entreter a doença. É disso que se trata na maioria das vezes. Uma estratégia de guerrilha que tenta solapar as forças de ocupação. Peregrinos da fé, os guerrilheiros involuntários chegam em busca de poltronas confortáveis. De preferência, próximas aos banheiros. Em breve, o deságue começará, forçados por árvores de soros colocados à direita de guem foi convocado à luta. Não há escolha, só resignação e esperança no inesperado. Os pinheiros de soros veiculam, a princípio, anódinos que permitem suportar o sacrifício de horas de um gotejar que parece infindável. Começa a se sentir o frio interior, uma espécie de dia escuro.

Enfermeiras solícitas em sua labuta de avaliações e troca de soros trazem o conforto de um cobertor. Também tentam eleger palavras e atitudes meigas. Em pouco tempo, aos volumes preparatórios, sucederão moléculas tóxicas que tentarão subsujar castelos celulares de construção sombria a desfigurar a paisagem orgânica. E o instável equilíbrio de milênios de evolução parece se esvanecer em semanas de infiltração gratuita e sem sentido. E as ilhas autônomas de governos autoritários e sem obediência a leis naturais sublevam o meio interno. Este, de glória passageira, torna-se refém de si próprio.

Assim é a quimioterapia. Arsenal de luta que também devasta os campos tecidais. Tenta-se matar o inimigo e o meio sofre. São sessões periódicas de sofrimento e fé. Fé nos médicos, na ciência, na religião e nos deuses à mão, cada um surgido atípico, a cada momento ou ocasião de encontro, trazidos por outros penitentes, ou de guem se permite o afeto da solidariedade. Em sua majoria, deuses de barro que contêm apenas solicitude e boas intenções. Mas há também os aproveitadores do sofrimento alheio que, por ignorância ou pecúnia, transitam frustrando anseios legítimos. Como também os há os funcionários do sobrenatural a exercerem sua lida com desvelo e propósito.

De vez em quando, uma baixa. Que fim levou? Desistiu? Trocou de orientação? Ou, num murmúrio, morreu? Mas a vida continua. Sempre haverá mais um a ocupar a cadeira, e a sofrer, e a renovar as esperanças. Haverá mais um que não se dobra ao embate, e luta, e também espera. O quê? A cura é o almejado. Mas tarda, é ocasional, ou nunca acontece. Quando muito, o controle. E da vida o que esperar, senão o controle? Precário, é verdade, mas o controle.

Enquanto soberbos militamos por uma segurança inexistente, que nos escapa a cada episódio com final incerto, embora queiramos ser roteiristas de amor e vida sem fim. É no que somos melhores: em miragens. Enquanto a vida teima em ser limitante ou francamente cruel, ou apenas em nos mostrar quão pequenos somos. E nos agarramos como podemos a convicções mutáveis, porque o sólido se derrete na atomização existencial. Sobra a quimio e outros remédios reguladores, e outras crenças menos palpáveis, talvez por isso mais duradouras. Que assim seja, até o pleno advento das terapias-alvo, e sóis sem irradiação aqueçam o coração dos esperançosos.

#### A QUIMIO DO TORGA

Publicado no látrico nº 33, dezembro de 2013

Testemunhos pessoais não são ciência. Mas, carregados da verdade da beleza literária, arrepiam a sensibilidade, nos fazem identificar ficções ou experiências que não queremos compartilhar. E quando a experiência e a prosa se unem, fazem despontar palavras que se eternizam.

Miguel Torga, médico e escritor, dos melhores que Portugal já teve, tinha a personalidade do nome a que se autodenominou. O da urze. Uma planta de sua terra, rude, resistente às intempéries climáticas. Também ele gueria ser rude, cortante, não de feitio, mas resistente aos infortúnios e à pequenez e exiguidade da vida. E assim a exerceu. Refratário às glórias da profissão, as teve como escritor. O Nobel não lhe fez jus.

Seu fim foi dramático. Mas teimou como convém aos grandes dramas. E fomos encontrar alguns ápices de sua luta contra o cancro - é assim que os portugueses chamam o câncer - prostático e metastático, no Tomo XVI de seu Diário, onde cunhou palavras com sofrimento sem perder a altivez. Altivez que nos faz lembrar o que é o sabor da vida plena e prestável. A única que conhecia.

"Quimioterapia. Quatro horas a ver pingar dentro das veias o veneno aue há de matar a morte aue teima em viver e medrar dentro de mim."

"... Teimo em merecer ainda da vida a dignidade de alguns momentos de plenitude física e mental. E a vida, sempre madrasta, acaba por me pôr diante da evidência

do cadáver ambulante que na verdade sou e em que me recuso reconhecer."

"De vez em quando, como neste momento, lembro-me vagamente de que já fui um homem válido, ativo, prestável, que não concebia tempos vazios na existência. Que os enchia todos de esforço e esperança. Mas cheguei a uma miséria tal que nem saudade tenho desse outro que tanto batalhou e sofreu para nada e me parece agora uma ficção."

Quem não se arrepiar com tais palavras, não conhece o sabor da vida plena e prestável.



# CAPÍTULO II SOBRE COMPORTAMENTO

"Qual a palavra-chave para o respeito mútuo? Reciprocidade. O que não queres que te seja feito, não o faças aos outros. Deveria ser a regra de ouro de toda ação médica."

## **GRANDE CONVERSAÇÃO:** A CONSCIÊNCIA DE ZENO

Publicado no látrico nº 1, julho/setembro de 2002

"Uma das dúvidas que tenho é com o cigarro. Ajudou-me a sair de casa, a enfrentar a roda no bar, a pedir desconto, a ousar ir ao fim com a namorada ou na zona. Ajudou-me a estar sem ninguém, a prosseguir na leitura ou na máquina de escrever, a refugiar-me da angústia. A ser adolescente, a ser jovem, a ser homem. Nada me fez tão bem à saúde, porque se é pessoa antes de corpo. Calmantes e excitantes são um risco, e o cigarro excita sem nos tirar de nós. Sou isento. Há 15 anos não fumo; chequei a isso por desafio ou modéstia de objetivos. Mas fumei 40 anos e devo ao cigarro, nesse tempo todo, um equilíbrio, uma vida. Ao cigarro e ao cafezinho. Uma vida."

Este primor de texto em concisão, clareza, densidade e veracidade é do advogado, jornalista, escritor e publicitário gaúcho Paulo Hecker Filho, falecido em dezembro de 2005, aos 79 anos. É uma síntese do bem que o cigarro lhe proporcionou, com senso de proporção e tentativa de isenção – e suposto final feliz.

Mas posso ir ao passado e lembrar o samba de Noel, mais consentâneo com a realidade: "Atirei meu cigarro no chão e pisei/Sem mais nenhum, aquele mesmo apanhei e fumei/Através da fumaça neguei minha raça – chorei..." Note os sentimentos misturados de virilidade e humilhação, decisão e adjeção.

No consultório, ouvimos com frequência o que outro escritor, doente, já com um dó de si próprio e dos outros tabagistas escreveu: "Fumar foi das piores bobagens que fiz na vida, mas não pretendo convencer ninguém. Já tentei fazer isto e o sujeito ainda caçoa da gente, de cigarro no bico. Ah! Quem guiser, que fume". O dileto leitor está a perceber que a expansão cognitiva e o prazer sensorial nunca ficam bem equacionados com o risco físico no tabagismo. Mas há algo pouco citado e dramático no uso da nicotina: bastam quatro cigarros para estabelecermos dependência química; e isso ocorre em 80% dos usuários.

É sobre essa dependência e a tentativa de cura pela psicanálise que Italo Svevo enreda seu personagem Zeno Cosini, em *A consciência de Zeno*. A pedido do psicanalista, Zeno escreve sua história de vida; a discussão da mesma serviria como fio condutor de combate ao tabagismo. A pedra de toque do romance é a obsessão de Zeno para parar de fumar e a impossibilidade psicanalítica de cura. É a história do fracasso e de um fracassado. Não apenas em sua dependência química, mas em sua vida. Personagem enredado em si próprio, doente de si, incapaz de perceber os cordéis que o manipulam, que não estão fora de si, mas em si. Por isso, não consegue sair da mesmice, sempre prometendo para si mesmo que será a última vez, embora, submisso aos seus desejos, recorra nos erros, na falta de vontade, de convicção, de decisão, desejando uma coisa e fazendo outra, prisioneiro do inconsciente.

Svevo fez uma obra-prima da psicanálise, ou melhor dizendo, das impossibilidades da psicanálise. Tradutor de Freud para o italiano, só o achava importante para a cultura e não para os pacientes. Dota seu personagem e narrador de um periscópio que observa sua rala consciência moral e se ironiza, descobrindo o manto de suas impossibilidades. Mentiras e verdades estão permanentemente encobertas, misturadas, dissimuladas. Não podem ser elaboradas, pois são a substância própria de sua vivência.

Essa inconsciência, e a provisoriedade emanada dela, é sua essência. Da mesma forma que um somatizador crônico – digamos um hipocondríaco – necessita de seu corpo para expressar seus sentimentos, e a resolução dos sintomas físicos o levaria à desestruturação, por ser o único meio de seus conflitos, também Zeno Cosini necessita de depressão, da somatização, da dependência química e da sua incapacidade de compatibilizar desejos com a realidade, para continuar levando a sua vida sem convicções, sem decisões, inadequada à realidade.

Então, e você não tem aptidão para a vida prática? Acha-se um saco? Sonha em vez de agir? Ademais, acha o amor complicado? Experimentou a psicanálise e não funcionou? Tente a consciência de Zeno, uma consciência introspectiva, hamletiana, perigosa, mas profícua. Cuide-se na viagem. Se necessário, leve um guia, e não espere mudanças. Afinal, muda-se pouco, aos poucos, ao longo do tempo, com muito esforço e se se quiser. Mas não há mudança sem reflexão; e aí está um bom livro para reflexão. Faça bom proveito. A educação da mente agradece.

## **FALSOS REMÉDIOS**

Publicado no látrico nº 16, janeiro/março de 2006

Responda sem pestanejar: se acometido por doença terminal e dolorosa, como você, meu caro colega, se comportaria? Seria estoico? Resistiria à sereia das panaceias miraculosas? A minha experiência (oh!, pomposidade!) diz que não podemos nos atrever a responder previamente. Fragilizados física e mentalmente regredimos, nos tornamos suscetíveis a toda sorte de tentativas "terapêuticas". Já vi humanos de todas as estirpes nessa senda; a maioria, porém, sucumbe à poção milagrosa...

Por isso, há um capítulo com o título acima no livro de ensaios de Richard Dawkins, O capelão do diabo, que recomendo, em que exalta a coragem física e, sobretudo, intelectual de John Diamond, figura pública inglesa, escrevendo sobre sua luta contra o câncer, que o haveria de levar. Mais do que coragem física, uma postura intelectual inquebrantável.

No momento em que a medicina científica, ortodoxa, nada mais tinha a oferecer e, talvez, até desse de ombros à situação. É nesse estádio que entram em ação os abutres das terapias "alternativas" ou "complementares", em seu voo rasante para vender esperança. Questão de mercado. Transcrevo um trecho a respeito da voracidade financeira dos charlatões, com grifos meus: "Você já tentou cartilagem de lula (poderia ser de tubarão, no nosso caso)? A medicina oficial não a reconhece, é claro, mas minha tia continua viva graças à cartilagem de lula dois anos depois de seu oncologista ter lhe dado apenas seis meses de vida (bem, já que você pensou, ela também estava fazendo radioterapia). E há também esse terapeuta maravilhoso (?) que pratica a imposição das mãos, com resultados surpreendentes. Ao que parece, é tudo uma questão de sintonização de nossas energias holísticas (ou será que o termo é holográficas?) às frequências naturais das vibrações cósmicas orgânicas (o que será que são as tais vibrações orgânicas?). Você

não tem nada a perder, de modo que valeria a pena tentar. Cada período de tratamento custa 500 libras, o que parece caro, mas de que vale o dinheiro quando a sua vida está em risco?"

Como veem, os produtos são os mais estapafúrdios, surgindo dos olhares cobiçosos de espertalhões, tendo um exército de crédulos a lhes dar guarida. E a credulidade é pandêmica. Sim, sincera. Os chamados sonhadores tolos.

Mas voltemos a Diamond, que recebeu esse tipo de sugestões, e sua tenaz luta pela medicina científica. Ele a definia como um conjunto de práticas que se submetem ao suplício dos testes. Já a medicina alternativa, como um conjunto de práticas que não podem ser testadas, se recusam a ser testadas ou são invariavelmente reprovadas nos testes.

Se por meio de ensaios adequados, digamos um duplo-cego, uma técnica terapêutica demonstrar suas propriedades curativas, afastar-se-á da zona cinzenta intermediária e, consequentemente, deixará de ser alternativa. Mas Diamond ainda se fazia uma pergunta: não seria arrogância exigir que o método de testagem seja sempre o método científico? Não seria justo que se usasse testes "alternativos"? O problema, ele mesmo respondia, é que não existem testes de avaliação alternativa. Então, o resumo é: ou o remédio funciona ou não funciona, e só em condições rigorosas de avaliação é que se pode revelar sua eficácia. Quantos medicamentos da medicina científica já não foram abandonados pela simples e boa razão de não passarem nos testes? A maioria. Simplesmente não chegam ao mercado. E os alternativos? Continuam por aí. Subsistem pela crença das pessoas e pelos testemunhos pessoais, que ciência não são. Nunca vi nenhum medicamento alternativo controlar artrite reumatoide, padrão contínuo. Mas, com muita frequência, vejo nessa mesma enfermidade prescreverem, além das drogas alternativas, composições que contêm corticoides e anti-inflamatórios não esteroides em conjunto. Lógico, senão seriam abandonados imediatamente. É a chamada "camuflagem natural".

Sei que é muito difícil, em estádios terminais, resistir à sereia miraculosa. Daí o grande exemplo de Diamond que lutou bravamente até o fim pela racionalidade de algo que subverte todas as razões. Se vocês se lembram, o final do filme Invasões Bárbaras discutia esse delicado problema, trazendo uma solução polêmica, mas obrigando o espectador a refletir sobre o assunto.

Em certas situações, não ter mais um herdeiro talvez seja a melhor saída. Para isso, cautela e resignação podem ser melhores remédios. Com consolo religioso – se existir –, familiar e de amigos. Não estariam à prova de falsidade, mas seriam acessíveis, em conta, e sem falsas esperanças. E não haveria a necessidade de lutar até ao fim, como J. Diamond, contra o sofrimento de uma doença terrível e contra os que tentavam enganá-lo. Seu exemplo foi edificante.

### RAZÃO F FÉ

Publicado no látrico nº 16, janeiro/março de 2006

À exceção dos agentes do sobrenatural – padres, pastores, diáconos etc. – ninguém vive tanto e tão intensamente o dilema de razão e fé quanto os médicos. E nada mais desconfortável. Por isso, a maioria prefere a dubiedade, não se posicionar claramente, fugir à questão, e continuar na gangorra, ora com a razão, ora com a fé. Portanto, convém a pergunta: é possível ser cientista e acreditar em Deus ao mesmo tempo? É possível ter um pé lá e outro cá? Decididamente sim, desde que saibamos separá-las. A fé e a razão podem coexistir muito bem em uma pessoa, mas tem que se ter clareza de propósitos.

Ciência e religião são coisas diferentes, que podem estar associadas ou não. É preciso que se entenda que a ciência é uma espécie de religião libertada e ampliada. Libertada, porque não professa dogmas; e ampliada, porque ilimitada na busca de explicações e provas. A ideia de um ser supremo colocando ordem no caos, ou seja, dando uma feição lógica a todas as coisas, é sempre atraente, haja vista a ligação do humano com a divindade. Mesmo os que não se ligam a nenhuma religião em particular, ou que até mesmo as criticam enquanto instituições, e rejeitam qualquer forma de fundamentalismo, têm um sentido de religiosidade. Esta, ajuda a preencher lacunas existenciais, a resolver pontos obscuros, a preencher a suspeita de que não estamos sós no universo, mas em nada contribui para a ciência. Religiosos ou agnósticos - é incomum encontrar ateus -, ou se acredita em Deus, como uma opção de escolha, e com isso se tenta explicar os gaps filosóficos que permeiam nossa existência, ou se tenta um caminho diferente, isto é, começa-se a se perguntar se não haveria uma explicação alternativa sem a interferência do criador. Há bons cientistas em ambos os lados. Mas, como conseguem superar essa dicotomia ou até transitar em ambas? Noutras palavras, onde a intersecção? Fácil. Se tenho um problema que necessite uma abordagem racional, não devo recorrer à fé. Se ele está além da verificação e demonstração pela razão, posso buscar um sentido de sabedoria que transcenda a natureza física das coisas. É esta a melhor maneira de conciliar razão e fé. Exemplo: podemos saber porque uma pessoa morreu. Isso é ciência. Agora, qual o significado da morte? Isso já é transcendente, e a filosofia ou a religião podem ajudar. Mas mesmo estas não deveriam impor dogmas, e sim despertar no usuário das mesmas o gosto pela busca do sentido da vida e dos valores humanos. Essa a maior virtude.

Passemos a outra questão prática. Digamos que o caro leitor, médico, seja católico, e é sabido que um dos dogmas da igreja é a não utilização de métodos contraceptivos artificiais. Digamos, agora, que um casal pretenda planejar sua família e deve escolher o método, natural ou artificial, que lhe seja mais pertinente. Qual a posição do médico? Deve respeitar e orientar. Para que figue claro, método é meio, e o meio deve ser empregado da maneira mais ajustada aos bons fins que se deseja alcançar. A religião não deve impedir o melhor meio. Outro exemplo: o importante em relação à aids é evitar o contágio. Muito bem, se o melhor meio for o uso do preservativo, o mesmo deve ser indicado. Ah!, mas a pessoa leva uma vida promíscua? Pelo menos estamos evitando um mal maior, a contaminação de "inocentes". A própria igreja, para ficar no exemplo católico, dá mais valor à orientação evangélica de viver a verdade que ao valor dos dogmas. Chama isso de "hierarquia das verdades". Portanto, nada de ficar amofinado entre isto ou aquilo. É simplesmente uma decisão a ser tomada sobre os bons fins.

Há, no entanto, mais um problema. Antes, escrevi que era fácil superar a dicotomia razão e fé, bastando para tanto ter sempre uma abordagem racional dos problemas e quando ficassem fora do escopo de verificação e demonstração utilizássemos, então, a sabedoria transcendente. A questão é que a maioria das pessoas ilustradas não tem formação científica, portanto, usam *a priori* o caminho da crença, e frequentemente do preconceito, para avaliar um problema. Isso distorce sua análise desde o princípio. Ou

então outros, por má-fé, manipulam ou exploram o sentimento religioso das pessoas. Deve-se exigir, quando tratamos de problemas relativos à fé, que haja mais responsabilidade, convicção e solidariedade nas questões humanas. E nós, médicos, também podemos contribuir para uma religião de melhor qualidade, apresentando métodos e provas que justifiquem os bons fins.

#### **DEZ SEGUNDOS**

Publicado no látrico nº 14. abril/outubro de 2005

Sou dos que compartilham a ideia de que era mais fácil ser professor há trinta anos. Embora os recursos didáticos fossem mais escassos e a base cingida à presença, voz e quadro-negro (até este mudou), era mais fácil captar a atenção dos alunos que, no geral, eram mais respeitosos e "menos folgados". O que aconteceu? Primeiro, houve um afrouxamento geral nos costumes. Passou a se permitir o que não deveria ser permitido sob a égide de uma liberdade pessoal discutível e que não leva em consideração os outros. A geração dos anos sessenta tem muito a ver com isso.

Um pai que se permite fumar com um filho menor de idade, ainda não responsável por suas escolhas, não sabe estabelecer limites. E não é só de amor que se vive. Amor e limites são a essência dos deveres paternos. Binômio educacional inextricável, não existindo um sem o outro. A dose é que varia, pois nunca conhecida com antecedência, tendo que ser individualizada devido às diferenças de temperamentos, tanto de pais quanto de filhos. Alunos sem limites domiciliares – e não estamos falando em défice de atenção e hiperatividade – costumam ser folgados em sala de aula. E isso também é diferente de ser ativo, questionador, perceptivo. Em segundo lugar, ficou mais difícil avaliar a presença e a voz de outrem em uma cultura do barulho. Tudo hoje é barulhento; até os templos, quanto mais bibliotecas ou quaisquer outros espaços públicos. Perdeu- se a magia do silêncio. Todos se acham no direito de falar, de se expressar, "é democrático", mesmo que não haja articulação lógica. Ninguém mais fica na sua. É o tatibitate da modernidade. Todos se dão ao direito de falar mesmo que não estejam preparados. Como se não houvesse necessidade de preparo prévio, o chamado esforço de produção. Por terceiro, fica a leitura. Os alunos, hoje, leem menos. Não que tenham menor propensão, mas são tantos os derivativos, inexistentes há pouco - minha geração tinha o rádio, o cinema e a leitura; o resto era eventual ou não acessível —, que se dispersam em passatempos não organizativos. Aliás, só a leitura crítica pode fazê-lo. Sem a mesma não há salvação. A alternativa é a cultura do clipe. Imagens fragmentadas e passageiras, mero entretenimento. Que tem vez e lugar, mas não pode ser a tônica. E não havendo leitura, quanto mais crítica, tudo tem que ser explicado cada vez em um nível mais elementar.

Diante do exposto, penso ser mais difícil ser professor hoje. Além do que o preparo intelectual se tornou mais longo devido à expansão do conhecimento e à multifariedade de técnicas expositivas. À parte isso, diminuíram prestígio e salário.

Pois bem, mas não serviriam os argumentos listados de munição para o nosso despreparo? Será que a crise da educação, baseada na falta da capacidade de leitura crítica dos alunos, não estaria livrando nossa cara? Entra em cena nosso personagem.

Professor, filósofo e crítico literário, George Steiner se autodenomina "um mestre de leitura". Ou, pelo menos, é assim que gostaria de ser lembrado pelos pósteros. Figura fascinante e polêmica, dessas que fazem avançar o território da compreensão. Em plena ebulição da agitação estudantil em 68 e 69, quando alunos costumavam expulsar professores da sala de aula - não estou brincando –, ministrava cursos em Harvard e em Frankfurt. Sempre no original. Além de polímata, poliglota. Quando entrava num auditório repleto e barulhento pela zorra vigente, costumava gritar pedindo dez segundos, após o que a algazarra poderia voltar a tomar conta. O condicional não se consumava. Possuído pela vertigem da paixão e do conhecimento, hipnotizava sua plateia em silêncio religioso. Jamais teve medo de um auditório, que confrontava, como diz, como um cão danado, porque possuído pela vocação. Os alunos ficavam sempre no ponto de mira da sua atenção e escuta. Nunca facilitou. Exercia respeito e demonstrava conhecimento, em troca recebendo respeito e atenção. Para ele, professor é o que faz os alunos se enamorarem pelo mistério do sentido. O que exerce a profissão com paixão, porque sem isso assassina a esperança dos discípulos. Pois, esse senhor, propõe um teste para

quem quer se aventurar em tal missão: a fábula do trem. Imaginese num vagão apinhado e fedorento, de 3ª classe, em qualquer trem no interior da Índia, Indonésia ou, vamos lá, aqui mais perto. Haiti, ou qualquer outro lugar assemelhado, quando a máquina para por qualquer defeito. O clima fica mais quente e as pessoas mais irritadas.

Nesse momento, se você chamar a atenção para si, contar uma história, e conseguir manter o vagão/auditório em suspense, ligado no seu discurso, deve entrar na profissão. Tem os prerrequisitos. Basta preparar-se nos conhecimentos. E jamais passará pelo infortúnio do filósofo Theodor Adorno, de Mínima moralia, publicado no Brasil pela Ed. Ática em 1992, que na mesma época dos campi em alvoroço, em face de três garotas que se despiram à sua frente, teve um infarto agudo do miocárdio. Steiner não o teria. Diante do inusitado, talvez se despisse também, e dançasse. E continuasse como protagonista.

#### **CEIFEIROS**

Publicado no látrico nº 13, janeiro/março de 2005

Meu pai foi ceifeiro, ainda moço. Quarenta dias e guarenta noites ininterruptos, a cada ano. Era o "ir à ceifa". Um tipo de boia fria do trigo, sem sair do lugar. Sem alojamento, comida pouca, faina dura, e a escassez de tudo. Reinava o mercado negro da Grande Guerra. Única, para si. A segunda, para todos nós. O dia, regado ao sol a pino. A noite, adormecida sob o lençol de estrelas. Às vezes, a chuva, que derretia o produto do suor desidratado e odorificado. Assim mesmo, se cantava. Quais os motivos? Sei lá! Talvez por isso tenha ficado fascinado pelo "Ela canta, pobre ceifeira", a primeira vez que o li.

Fernando Pessoa, ortônimo, pergunta-se sobre as razões que a mesma teria para cantar a vida. E escreve que ela canta, canta sem razão! Observa-a cheia de alegre e anônima viuvez. E o som de seu canto de ave livre projeta-se límpido e ondulante, materializável, é só pegar! Por quê? Por que essa voz que a um só tempo alegra e entristece, tendo como palco o campo e a lida, e sem nenhuma razão? Vida que para si, Fernando, pesa tanto e é tão breve? "Ah, poder ser tu, sendo eu!" E desconfia da falta de consciência, que seria o motivo da alegria. Assim mesmo se entrega: "Entrai por mim dentro! Tornai minha alma a vossa sombra leve!" Também desconfio, e pergunto ao prezado leitor: daria seu conhecimento em troca de uma personalidade alegre? Duvido!

Kleist escreveu: "O saber não nos torna melhores nem mais felizes". Quem lia Kant à noite, ao som de Beethoven, e derretia os infelizes durante o dia num forno crematório, prova a primeira parte. O motorista de ônibus que sai de casa no subúrbio longínquo às 4 da matina, Rio 40 graus, aquecendo a marmita às doze no morro da Viúva, cumprimentando alegremente todos os passageiros conhecidos ou ignotos, trânsito infernal, e ainda voltando para casa de alma lavada depois de quase duas horas em sua própria viagem de retorno, para o prazer da carne e o sono dos justos, me parece provar a segunda.

O saber melhora, sim, é a nossa apreciação dos diversos ângulos e matizes da realidade, nossa percepção do real, para que aprendamos a lidar melhor com as coisas, pessoas e lugares. Para não sermos ingênuos, inocência que isola e aliena, e não permite operar no teatro da vida, a não ser de maneira limitada e prosaica. Por isso, redarquo: você trocaria seu saber e experiência pelo caminho da felicidade? Não confundamo-las. Felicidade não é alegria. Quando muito, esta é um de seus itens. Alegria é muito temperamental, tem forte contorno genético e, por isso, não precisa de razões. Pode ser, para os propensos, desencadeada por qualquer fator ignitivo da vida. Fernando Pessoa, ao que tudo indica, conseguia, no máximo, estar satisfeito na vida. Intelectualmente contente. Algo que é satisfatório, íntimo, contido, não exprimível como a ruidosa alegria. Alegre, poucas vezes. Daí não entender racionalmente a alegria da ceifeira. Que simplesmente cantava! Mas percebeu-a como ninguém, como o demonstram sua intuição e sua Autopsicografia. Embora racionalizasse bem, também não precisava de razões, tinha os versos. Parafraseando-o: a felicidade se existe, há de ver que consiste, na busca da felicidade!

Já o ceifeiro precisava mais do que intuições e razões, precisava sobreviver. E cantava!

## MUDANÇAS

Publicado no látrico nº 12, novembro/dezembro de 2004

Somos baseados em crenças. Quando estas falham, ou quando conseguimos algumas provas, ocorre uma instabilidade que nos leva a pensar. A dúvida, o que nos leva a pensar e ter ideias, só ocorre nos buracos das crenças que tudo permeiam ou das provas, que abrem novos orifícios. Como escreveu melhor o filósofo Ortega y Gasset, sempre ele: "Os ocos de nossas crenças são, pois, o lugar vital onde as ideias inserem sua intervenção. Nelas se trata sempre de substituir o mundo instável, ambíguo, da dúvida por um mundo em que a ambiguidade desaparece. Como se logra isso? Fantasiando, inventando mundos. A ideia é imaginação." O conhecimento é apenas um tipo especializado de pensamento, essencial em medicina, mas não único, para averiguar a intimidade das coisas e lhes dar um significado mais rigoroso, estável. Mas que pode sempre se desdobrar. É a interpretação "do que há como o que é". Mas, às vezes se desdobra em psicobaboseira, esquematizações rígidas e banais ou na ocultação do pensamento por um conhecimento supostamente estável, imutável. Na verdade, está cristalizado, não tem dinamismo, não evolui. Não é fácil a vida de guem pensa. Está buscando o que é estável, precisando dos instrumentos da instabilidade. Por isso, muda-se pouco.

#### MAS COMO MUDA POUCO O SER

Publicado no látrico nº 12, novembro/dezembro de 2004

Para mudar tem que se autoinvestigar, tem que se ter consciência de si, não apenas ser reativo, seguir impulsos; há necessidade de dominá-los e torná-los inteligíveis para si próprio. Precisa-se compreendê-los, o que é impossível sem reflexão. Esta aponta sua ação para a intencionalidade da interpretação. Nem sempre correta, mas sempre autocorrigível. Seja na observação do mundo, seja na introspecção. A diversidade do mundo e a sua própria rigueza interior – dela pessoa – geram ruídos que precisam ser harmonizados, conectados, compreendidos. É se atendo a essa realidade e tornando-a clara e compreensível, e perscrutando seu porão e acendendo as luzes para o esquecido e o empoeirado, ou seja, para as raízes do ser, que amalgamamos algo único. Que, claro, nada tem a ver com felicidade. Só com ser. Dá trabalho, leva tempo, mas rende uma solução existencial singular. É trabalho árduo para recompensa limitada, embora sustentável, daí a preferência para o escape dos prazeres imediatos, que são no ser, mas não emanam do ser. Difícil? Por isso, muda pouco o ser... ao longo do tempo, com muito esforço e disciplina, e se guiser. Se houver um pouco de sabedoria, talvez renda certa serenidade.

#### SEGREDO DE LONGEVIDADE

Publicado no látrico nº 4, março/abril de 2003

Hoje, quase ninguém mais lembra de Lewi Terman. Mas basta dizer que foi um dos inventores do teste de QI. Terman tinha uma curiosidade: será que uma criança de 10 anos conseque mostrar o que vai ser quando crescer? Reuniu mais de mil meninos e meninas com idade média de 11 anos e aplicou um questionário que poderia ser resumido em cinco tracos de personalidade: sociabilidade e extroversão; autoestima e confiança; energia física e nível de atividade; senso de responsabilidade; e uma combinação de otimismo e senso de humor, que poderia ser sintetizado na expressão "alegria de viver". Todas tinham QI mínimo de 135.

O início foi a década de 20 do século passado. Terman ainda viveu o suficiente para satisfazer a sua curiosidade: as crianças que aos 10 anos guardavam as bicicletas, fechavam as portas e faziam as lições de casa tornaram-se naturalmente adultos responsáveis. Isso quer dizer o seguinte: adultos que pensavam antes de agir, procuravam seguir resoluções tomadas, adotavam normas convencionais de moralidade e eram limpos e organizados. Embora Terman tivesse morrido, outros pesquisadores da Universidade da Califórnia, em Riverside, continuaram por 60 anos aplicando o questionário, um pouco mais alargado.

O estudo terminou nos anos oitenta, quando os estudados contavam mais de 70 anos. Agora, a surpresa: faz parte do senso comum dizer que quem não esquenta, vive muito, isto é, quem leva a vida na flauta, tem vida longa. Ledo engano. Morrem antes. Quem tem bom humor, é piadista, curtidor, vive sacaneando, ou seja, "sabe levar a vida", não se torna longevo. Sabem por quê? Porque só pensam no curto prazo; se vão ao médico, têm pouca adesão, não obedecem a normas de segurança, se expõem a riscos desnecessários, são mais impulsivos, assumem custos e riscos para terem mais entretenimento e prazeres. Quem é cauteloso, estoico, planeja a longo prazo e persegue seus objetivos gradual e lentamente com mais segurança; pode até sofrer um pouco mais, mas vive mais. Responsabilidade é regramento. Regramento é longevidade.

De todos os itens aferidos, só o senso de responsabilidade torna os indivíduos mais longevos, depois de descartados todos os fatores de riscos conhecidos. Por isso, se você for por natureza prudente, terá vida menos curta para acompanhar a longa arte; já se não for, aprenda rapidinho, pois ainda é tempo de adquirir senso de dever e objetivos de longo prazo. Pode não trazer uma vida tão condensada de alegria e prazer, mas torna o caminho mais longo para ser apreciado, com mais possibilidades e com um balanço final superavitário de alegria e prazer. Principalmente se associadas à liberdade e felicidade, conceitos que podem ser traduzidos por "um modo de ser e viver consentâneo com o de pensar".

## **DOUTOR SÓCRATES**

Publicado no látrico nº 30, julho de 2012

Sócrates, o jogador, morreu em dezembro de 2011. Jogou muita bola, e venceu, foi craque. Jogou muito com a saúde, e perdeu; a cirrose o derrotou. Do alto de seu 1,90 metro, e com pouco peso, esquio – daí o apelido de Magrão – e, portanto, com equilíbrio instável, ninguém diria que viria a ser craque. Mas fez da própria dificuldade da envergadura física sua aliada.

Refinou a maneira de tocar a bola, de primeira, sem corpo a corpo, passes certeiros, e desenvolveu o calcanhar direito. Fez dele astúcia de mãos, como diria João Cabral. Foi sua assinatura futebolística.

Foi ídolo no Corinthians e na Seleção. Nesta, jogou no time dos sonhos, a Seleção da Copa de 82, aquela que encantou e não levou. Ficou o sonho.

Desbotou na Seleção de 86, na qual também jogou. Na verdade, sonhos não lhe faltaram. Sonhou com um país democrático, lutou por isso, e viu sua realização. Mas seus outros sonhos foram vãos. A chamada democracia corintiana não prosperou. Autogestão, ainda mais no esporte, altamente competitivo, é algo difícil. A hierarquia fala mais alto. E seus sonhos políticos também não prosperaram, porque ficou estagnado numa ideologia imobilizante, não criativa; e a realidade é sempre mais forte e inesperada. Seus sonhos foram para as páginas, tornou-se um cronista apreciado. E findam aqui suas virtudes públicas.

E o doutor? Afinal, era assim que o tratavam. Esse, infelizmente, não existiu. Inteligente era, mas se teve sólida formação não mostrou. Na prática, seu Sócrates Medical Center, em Ribeirão Preto, teve vida curta. E como médico e figura pública com uma ética de responsabilidade, tendo que afirmar apenas aquilo que a ciência detém como verdades, por mais transitórias, mas necessárias à boa prática médica, no mínimo, deixou a desejar. Talvez o mecanismo de defesa que impera nos alcoólatras tenha sido o responsável por suas incongruências, mas, ainda assim, responsável quando porta-voz de uma ciência e de uma profissão. E foi esse seu maior problema: o alcoolismo. E, não menos importante, porque como figura pública deixou em suas entrevistas de ajudar muita gente com a falácia de não ser alcoólatra. E falo de 10% da população brasileira, cerca de 19 milhões de pessoas segundo a Associação Brasileira de Estudos de Álcool e Outras Drogas. Mais do que o dobro da população da Suíça. Senão, vejamos.

Numa entrevista à televisão, foi arguido da seguinte maneira: você tem cirrose?

"Eu tenho um ponto cirrótico, não é tão grave, bem localizado, mas num ponto bem sensível".

Ponto cirrótico? Ora, por definição, cirrose é um processo patológico crônico, difuso e irreversível, que era o que tinha, e que em decorrência da fibrose e dos nódulos de regeneração tinham levado seu fígado à hipertensão porta, que originou, via circulação colateral, as varizes gástricas e esofagianas, causa de suas hemorragias reiteradas e consequentes internações. Volto a escrever: ponto cirrótico?

Posso compreender a resposta como defesa diante da inesperada pergunta, jamais em face do que seja uma cirrose alcoólica. E onde fica a ética de responsabilidade? Isso é pura enganação. E mais adiante, na mesma entrevista, afirma: "Não me considero uma pessoa com vícios". Portanto, não se considerava alcoólatra. E, ironicamente, dizia que "bebia o dia todo, um pouquinho de manhã e outro à tarde..." E ainda: "Eu quero que meu fígado fique bom", como se possível fosse, "para poder usar na dose que dá prazer..."

Já pensaram na repercussão disso para os 19 milhões de alcoólatras brasileiros? Tipo, não sou alcoólatra, paro quando quiser, o discurso que sempre ouvimos dos pacientes. E ele mesmo, Sócrates, noutra entrevista dizia que "tinha sido alcoólatra". Francamente, mais surreal impossível.

Os alcoólatras brasileiros, que negam seu vício, muito agradecem o apoio. E os que agora se iniciam no beber pesado, principalmente adolescentes, bebedores pesados de finais de semana, não menos prejudicial, devem ter aliviado suas eventuais culpas. Não fora Sócrates médico e figura pública, este artigo teria menor relevância, mas devido ao seu inescapável exemplo social, torna-se pedagógico, pelo menos essa a intenção para os leitores de uma classe que lida diariamente com as consequências do alcoolismo. Vide os irresponsáveis motoristas que causam acidentes de alta morbilidade e mortalidade e aos violentos que banalizam a morte cotidiana.

"Bebo, fumo e penso", assim, terminando a tríade com que há de mais nobre na consciência humana. Sócrates aliviava o peso de seus vícios. Mas uma sociedade vigilante não pode deixar de enfatizar suas contradições, já que os méritos, justos, foram veiculados sobejamente.

Em entrevista ao Fantástico após a segunda internação, diria: "Fui alcoólatra, sim. Quando eu gueria. Quem usa álcool cotidianamente é alcoólatra". Faltou dizer: sou contraditório, expresso a natureza humana, seus valores e sua degradação.

Mas torci muito por você, Magrão. E sempre continuarei apreciando sua elegante arte. A ela levanto um brinde, com moderação.

#### **EM BUSCA DE SENTIDO**

Publicado no látrico nº 31, janeiro de 2013

Certa vez, um aluno me perguntou: professor, qual sua missão? Incontinenti respondi: conhecer e levar aos outros um pouco desse parco conhecimento. O que poderia ter sido uma iluminação momentânea não o foi; na verdade, foi fruto de um longo período de clareamento da consciência e teve um provocador, os escritos de um dos maiores homens do século passado: Viktor Emil Frankl.

Em setembro de 1997 estava a caminho da Europa, em férias, quando no avião pequei a revista The Economist. O obituário, o melhor que já li pela elegância e profundidade, me entristeceu. Morrera Viktor Frankl aos 92 anos. Nunca esquecera passagens inteiras de Man's search for meaning – escrito em nove dias, depois de sair de um campo de concentração ao final da 2ª Guerra Mundial.

Nunca esquecera os rigores, maus tratos e a destruição que passara para sobreviver aos campos de concentração. Sim, no plural. Nunca esquecera que no primeiro, depois de dar falta de alguns companheiros, perguntou a um colega onde estavam. Esse, apontando a fumaça que saía da chaminé, disse: estão subindo! Nunca esquecera que fora grande nas três dimensões em que se pode ajuizar o homem: inteligência, coragem e amor ao próximo. Nunca esquecera sua luta pela busca de sentido numa vivência de absurda futilidade, de nonsense paroxístico e recorrente.

Que não era um homem comum, sabe-se. Afinal, com apenas 16 anos (nascera em 1905), na Viena dos grandes psicanalistas, escreveu um ensaio e o enviou a Freud. Este lhe escreveu que ficara impressionado e que o recomendara para publicação numa revista de psicanálise, o que aconteceu três anos depois.

Pois, o jovem que impressionara Freud e que se tornou neurologista e psiguiatra, não foi pelo estudo da ciência que encontrou o sentido, a missão do ser humano sobre a terra. Foi observando os colegas de cativeiro em face das intempéries, iniquidades e brutalidades, que notou quem mais tinha capacidade de sobreviver, de vencer a depressão, de evitar o suicídio. Como se dizia, "ir para o fio", morrer na cerca eletrificada. E ficou-lhe claro que o autodomínio e a sanidade estavam ao lado de quem tinha forte senso do dever, uma missão. Podia ser a fé, a vocação ou a esperança de reencontrar as pessoas amadas. Mas, qualquer que fosse o motivo, o mesmo estava sempre impregnado de amor. Escreveu: "A verdade é que o amor é o derradeiro e mais alto objetivo a que o homem pode aspirar. Então captei o sentido do maior segredo que a poesia humana e o pensamento humano têm a transmitir: a salvação do homem é por meio do amor e no amor".

Não pense o leitor que seja mera passagem melíflua. O amor a que se refere Frankl não é apenas a inclinação pelo outro, ou o ponto mais alto da fé, é também autonomia, liberdade e valor de consciência. É a libertação do espírito, e não sua submissão ao materialismo, ao consumo desenfreado, à escravidão grifada. Tal submissão tolhe o rumo, não deixa antever um destino, e enche os consultórios dos psicoterapeutas. Tal submissão não aclara a história exclusiva de cada um de nós, indivíduos únicos e irrepetíveis. Não permite que ajamos de acordo com quem somos. Não permite descobrirmos qual nossa missão, descobrirmos quem somos. Descoberta que é lenta, pois mister se faz ouvirmos nossos profundos desejos, intuições, nossa paz solitária e nossa alegria social, ou seja, realizar o melhor de nós mesmos. O contrário disso sendo a alma desatendida e a somatização consequente.

Qual a pergunta fundamental em que se apoiava Frankl para ir ao encontro do sentido da vida? Ei-la: "Que é que eu devo fazer e que não pode ser feito por ninguém, absolutamente ninguém, exceto eu mesmo?" Embora de valor universal, essa resposta é sempre individual, só eu posso encontrá-la. O que serve para um, não tem serventia a outro. Talvez o traço de união seja o trabalho; o trabalho com amor e sentido. O que faz de um tempo de alto desemprego mundial uma carência individual de grande peso. E Frankl certamente ficaria desapontado quando os políticos, be-

bendo em suas águas límpidas, cinicamente deformam o slogan "peque sua bicicleta e procure", como se tudo se restringisse à falta de vontade individual. Condições devem ser dadas para que um trabalho devotado seja um dos sentidos da vida.

Frankl foi um iluminador de porões existenciais e, portanto, das doenças do espírito, que chamava de "noogênicas". Noogênico quer dizer "proveniente do espírito". Com isso, deu luz à logoterapia – a terceira escola vienense, depois da de Freud e Adler – ou terapia do discurso. Mas, cuidado, sentido não pode ser inventado pela mente, como fórmula universal. Ele tem que surgir cristalino da mente; não é uma construção, é uma abertura superior que a mente tem que encontrar para se transcender. Enfim, é um advento.

Yeats afirmou que os melhores careciam de convicções, e os piores estavam cheios de intensidade passional. Pois, Frankl tinha convicções e nunca perdeu a paixão pelo humano. Aleluia!



# CAPÍTULO III IDEIAS

"O pensamento não deve jamais submeter-se nem a um dogma, nem a um partido, nem a uma paixão, nem a um interesse, nem a uma ideia preconcebida, nem ao que seja, senão aos fatos mesmos, porque para ele, submeter-se, significaria deixar de existir."

Henri Poincaré

### **CULTURA DO FRAGMENTO**

Publicado no látrico nº 26, julho de 2010

"O homem, ao se despersonalizar numa multidão, não quer ter, nem quer dar razão a ninguém. Quer, apenas, ter o direito de não ter razão."

Ortega y Gasset, Rebelião das Massas

Tudo é fragmento. Ou a *Odisseia* de Homero não o é? Um filme não o é? Agora, o esforço para entender a luta de Ulisses, o grande herói da Odisseia, é muito diferente do de um filme, sem demérito ao cinema. Quando Homero registra a coragem e a habilidade de seu herói, revela todo o potencial que entranhamos em busca de nossos objetivos, de nossos princípios, de nossa luta para atingir um equilíbrio interior que não sabemos bem qual seja, e que chamamos de felicidade. Que, nas palavras de outro poeta, se existe, há de ver que consiste na busca da felicidade. De quebra, faz um périplo pelos mitos, religiões e valores da humanidade, por isso sendo a primeira referência na cultura ocidental. A Odisseia, se formos avante, e é necessário sempre esforco e disciplina, ou a ação de um mediador intelectual, certamente provocará no leitor um impacto profundo, porque é inescapável a reflexão. Ou seja, com sua leitura temos um meio para obter um bom fim, a meditação e possível discussão de um clássico. Por que clássico? Porque a cada releitura gera novas reflexões, novas sacadas. O que também pode acontecer com bons filmes. Ao impressionarem e fugirem dos clichês, suscitam possibilidades inesperadas. São fragmentos elucidativos.

Agora, seja um livro ou filme, clássico ou não, o importante é que busquemos alargar nossa base de entendimento, nos libertar do senso comum que tudo pasteuriza e homogeneiza, que nos engessa na mesmice. Temos que fazer esforço para nos livrar de coisas prontas; embora, muitas necessárias ao dia a dia. Isto é, ter uma base educacional ampla e liberta que nos permita abrir mão de nossos conceitos ao lermos um autor, para só depois deletá-lo, se for o caso. Esse exercício nos estimula a desenvolver um autoexame crítico, que nos convença e permita convencer. Um fundamento que permita a leitura e a interpretação isenta que, no caso de nós, médicos, tem que se basear em evidências para a prática e vidência na pesquisa. Também, arte na prática e verificação e reprodutibilidade na pesquisa. Esse alicerce intelectual chama-se bom-senso ou razão, e é imperioso que se distinga do senso comum.

O "senso comum" é a maneira do homem comum pensar. Seu fundamento é o lugar-comum. A simploriedade cognitiva, que é universal e não tem dono, portanto, anônima e irresponsável. É o que é de todo mundo e de ninguém. Não tem origem conhecida; é vinho apenas, potável, se tanto, sem origem controlada. É a dinâmica da sociedade com suas crenças, usos e costumes, sem passar por nenhum crivo; pode ser útil ou simples baboseira, mas não admite contestação por ser emanação de mente simplória. No exemplo que dei, é vinho e acabou, não permite aclarar sua qualidade ou capacidade de intoxicar. Já o "bom-senso", também chamado razão, é um modo individual de pensar, responsável, crítico, que, como canonizou Descartes, "é próprio do indivíduo espiritualmente separado do anonimato da massa ou do colégio dos doutores; algo que executo a partir de mim mesmo, com meu entendimento livre de qualquer pressão externa."

Ao terminar o parágrafo acima, alguns podem estranhar o "... ou do colégio dos doutores", isto é, acadêmicos. É isso mesmo. O bom-senso prescinde do eruditismo. Pode-se aprender mais no trato do que nos tratados, já que o conhecimento que pode ter uma pessoa não pode ir além de sua experiência. O sujeito pode ser versado em alguns filósofos e não ter filosofia, ser um fracasso vivencial. Como já foi lido aqui, um nazista podia ler Kant e escutar Beethoven à noite e enviar humanos à incineração na manhã seguinte. Ou seja, pode-se ter muito saber e nenhuma sabedoria. Ou muito saber a serviço do mal. E pode-se ter muita sabedoria com pouco saber. Por quê? Porque sabedoria é saber o que fazer com seu saber e também com suas limitações na condução da

vida. Segundo Ortega, saber a que se ater. Estar apto para lidar com sua circunstância de vida. Portanto, sabedoria pode ser comum a doutos e iletrados, porque nenhum pode viver a não ser dentro de sua circunstância, respeitando seus limites. Só depois de dominar e reabsorver sua circunstância poderá expandir seus limites. O bom-senso é baseado na evidência, na prova, segundo o mesmo Descartes, "no poder de bem julgar e distinguir o verdadeiro do falso", e isso se impõe tanto na ciência mais refinada dos doutores quanto num ato comezinho do cotidiano, que a todos perpassa.

Como vemos, o senso comum repousa no consabido, nivela por baixo. O bom-senso repousa na prova, exige sensibilidade e dúvida metódica, por mais oculta ou à vista. Um douto pode eventualmente ser um bas-bleu, um literato pretensioso e pedante, sem os pés no chão. Não saber conectar sua erudição, não conseguir expressar conhecimento. Uma pessoa sem grande instrução pode saber fazer boas escolhas dentro de seus limites. Ser ponderado, se ater à sua circunstância. Juntar seus fragmentos vivenciais e agir com sabedoria. Pequemos um refrão poético como "passou a vida em branca nuvem": o senso comum pode aplicá-lo mal, a esmo, ou mesmo de maneira maledicente. O bom-senso sabe escolher o momento pertinente de usá-lo. Portanto, o valor de qualquer fragmento está no uso que fizermos dele. Claro que quem mais estuda e se aplica, pode beber melhor "na experiência e especulação de nossos antigos sábios", os criadores mais comuns de fragmentos valiosos.

O médico tem por dever de ofício fugir do "senso comum" e professar o "bom-senso"; seguir o que está provado, e não crenças. Se não houver provas para determinado fato, aí poderá usar a experiência de vida, sem se isentar do raciocínio lógico. Por fim, chamo atenção para nossa responsabilidade em qualquer fragmento vivencial. Como há uma circularidade inevitável entre o senso comum e o bom-senso, o primeiro respondendo pela maioria e o segundo pela minoria, fica claro que a minoria mais esclarecida tem o dever de contribuir mais, de convencer a maioria de que há melhores razões para que essa possa absorver o bom-senso, e este se torne senso comum.

É dever do médico, tanto na ciência quanto nos costumes, cultivar hábitos mais sadios. A omissão da minoria dificultará a reabsorção de sua circunstância pela maioria. Somos com frequência mediadores de sua expansão, facilitadores do entendimento da ciência e do bom viver. E já que começamos com Ortega y Gasset, terminemos com o mesmo: "O valor das elites culturais está na sua disposição de garantir os padrões rigorosos sem os quais não há civilização."

# O VALOR DOS PROVÉRBIOS

Publicado no látrico nº 26, julho de 2010

Embora as manifestações culturais sejam múltiplas, nada se iguala em expressão e síntese aos provérbios e suas variantes (adágios, máximas, reflexões etc.). É o fragmento cultural por excelência.

Na sua fina sabedoria e economia de palavras, é a verdadeira síntese do espírito humano, no que tem de grandeza ou apequenamento. Do conteúdo filosófico ao mero componente lúdico, são concentrados de entendimento, na forma de pílulas de sabedoria cuja origem está "na experiência e na especulação dos sábios antigos". Quem leu D. Quixote pode se lembrar deste fragmento aspeado. Quem não leu, deveria ler, mormente se médico, porque aprenderá a distinguir evidência e vidência no mesmo personagem, como nós, médicos, temos que descobrir o falso e o verdadeiro, o real e a fantasia, o desejo e a adequação, na fala de nossos pacientes.

Dom Quixote é um grande exercício de humanidade, porque desvela a loucura e a lucidez que nos habita. Revela nossas dubiedades, as certezas que só existem nas dúvidas e, de repente, nos mostra também um clarão de lucidez. Refletimos e, num átimo, nos perguntamos: como é que não havia pensado nisso? O Quixote tem um caráter heurístico, ou seja, aquele método pedagógico que induz o aprendiz a descobrir por si o que se quer ensinar-lhe. E o ensinamento poderá ocorrer de várias formas, inclusive na do provérbio. Até quando nos diz que este tem que assentar como um "anel no dedo". Isto é, um provérbio só tem validade se empregado obedecendo a lógica da situação. Seu uso tem que ser apropriado, sob pena do usuário ser um papagaio irrelevante. Prosaísmo ou acúmen? A diferença está no discernimento do utente, que não pode prescindir do bom-senso, da razão adequada à situação.

Adequação que espocou na cabeça de Selma Debakey, até por ser mulher, quando afirmou, com graça, que o provérbio, quanto à sua extensão e ideia, tem que ser como um vestido: suficientemente curto para ser atraente e suficientemente longo para cobrir toda a matéria. Quer dizer, tem que sugerir sem explicitar, mostrar sem escancarar, se amoldar às situações. Mas o que o molda e torna pertinente é o usuário que ajusta sua utilidade e brilho, que detona sua cintilação curta e intensa. Para nossa iluminação.

# **PÍLULAS DE SABEDORIA**

Publicado no látrico nº 26 e 28, julho de 2010 e junho de 2011

• "Tento dizer em duas frases o que um escritor diz num livro – e outro não diz num livro"

#### Nietzche

• "O que pode ser afirmado sem provas pode ser rejeitado sem provas."

#### C. Hitchens

• "O aforismo jamais coincide com a verdade; ou é meia verdade ou verdade e meia."

#### **Karl Kraus**

• "O que me vem dos outros não é nunca ensinamento; é só provocação."

#### R. W. Emerson

• "A vida é como tocar um solo de violino em público e aprender a manejar o instrumento enquanto se toca."

#### Samuel Butter

• "A autossuficiência é a maior de todas as riquezas."

## **Epicuro**

• "Simplesmente aperfeiçoe a si mesmo; é a única coisa que você pode fazer para melhorar o mundo."

## Wittgenstein

•"O culto de si mesmo é estiolante; mas ser avesso a elogios é querer louvor dobrado."

#### **Emanuel Sá**

• "O caminho da verdade começa por duvidar dos outros e principalmente de si mesmo."

#### Freud

## **APÓCRIFO**

Publicado no látrico nº 27, dezembro de 2010

Apócrifo você sabe, é algo falso, ou que rola por aí sem a devida autenticidade. A internet tem uma pletora de apócrifos. Eu mesmo já entrei pelo cano. Jurava que determinado texto fosse do Drauzio Varella e não era. O autor apócrifo com frequência tem uma admiração sincera pelo autor original, procura imitá-lo, às vezes à perfeição, mas sabe que não será lido. Essa, a sua ânsia. Então, traveste-se do autor botando sua assinatura e coloca o texto no mar da internet, onde acabará sendo lido por milhares. Esse seu gozo secreto.

Pois bem, devidamente vacinado, recebi três poemas de um amigo, todos com lavra do Drummond. Um deles, Campo de Flores, já conhecia. É um dos poemas líricos mais lindos já escritos, aquele que começa assim: "Deus me deu um amor em tempo de madureza..." Inclusive já o publicara no látrico. Agora, os outros dois, eróticos, além de não os conhecer, me deixaram com a pulga atrás do pavilhão. Seriam mesmo do Drummond? Um tinha o título A Língua Lambe e se inicia: "A língua lambe as pétalas vermelhas/ da rosa pluriaberta; a língua lavra/ certo oculto botão, e vai tecendo lépidas variações de leves ritmos". E continua: "E lambe, lambilonga, lambilenta..."

Até aí tudo Drummond, alta poesia. Mas logo em seguida vem uma frase que, para mim, não era do poeta, era até de certo mau gosto, e faço questão de não grafá-la por pudor. Meu dilema estava a mil. Consultei toda a obra do poeta a mim disponível e nada encontrei. O que fazer? Como não tenho intimidade com especialistas em Drummond, comentei aqui e ali com pessoas de confianca, até que uma me falou:

- Doutor, meu irmão faz Letras - latim e grego - em São Paulo e adora o poeta, conhece sua obra – também é poeta –, quem sabe nos dá a solução?

Ligou de imediato e o mano, prontamente:

Olha, não sei se existe tal poema, mas se existir está no livro *O* amor natural. Não o encontrando, mandei vi-lo (Editora Record).
 E estava lá, ao natural. E nada tinha de apócrifo, tudo certinho.
 O poetinha sendo docemente pornográfico o livro inteiro. Aliás, confusão, erótico, que são coisas bem diferentes e que fazem uma balbúrdia danada na cabeça das pessoas.

Que livro é esse? É um livro póstumo para o qual Drummond deixou tudo determinado, como e quando editá-lo. E, para não tirar o saber da coisa, publico em seguida o belíssimo ensaio de Affonso Romano de Sant'Anna, que prefacia o livro da Record. Vale a pena ler, principalmente para quem ainda confunde erotismo com pornografia.

la esquecendo: muito cuidado com a internet. Há coisas extraordinárias e ordinárias. E só uma boa formação cultural pode desvendar e separar o joio do trigo. Como no nosso caso, vá à origem, onde foi publicado, se não quiser comer gato por lebre. Bom proveito.

N.A. Eu tinha certeza, sem ser especialista e, portanto, um não autenticador, que o poema era falso. E se provou verdadeiro. O espectro do verdadeiro ao falso é sempre muito amplo. Busque o real.

## **BIFE COM FRITAS**

Publicado no látrico nº 27, dezembro de 2010

Acabara de perder a mãe e o homem observava seus guardados. Detinha-se sobre fotografias. Nenhuma lhe chamava atenção. Até que estancou. Aquela era importante. Para qualquer um, uma foto igual às outras. Não para ele. Ali estava o verdadeiro rosto da falecida: a inocência, a doçura de sua mãe. Ou seja, aquela fotografia não rememorava o passado, mais do que isso, atestava-o. Não era uma simples lembrança, mas, sim, a reconstituição do passado. Tinha descoberto o punctum, algo como uma seta no alvo, e aquela foto passava a ser referência para quaisquer outras. Pela retrospecção da foto conseguiu atingir o "isso-era", conseguira ler a verdadeira essência de sua mãe. Esse homem, envolto nas memórias familiares, tinha essa característica, a de buscar no prosaísmo do cotidiano algo surpreendente, não à vista da maioria.

Considere o amigo leitor que me acompanha: gosta de bife com fritas? Poucos rejeitam esse prato. Agora, conseguir extrair dessa mistura simples e comum significados insuspeitos, poucos de nós seríamos capazes. Ele era, tanto que o fez! Quem era esse homem incomum? Roland Barthes. Sucesso de crítica e público, via seus muitos livros tendo sempre como tema a ética da vida em comum; bateu-se como ninguém por uma moral da linguagem. Seu objetivo de análise era a vida em comum, sem dúvida, mas seu foco era a busca do viver de cada um em companhia e liberdade, já que a vida em comum tem tantas regras e crenças rígidas que engessam e anulam a liberdade.

Esse homem diferente foi eleito, em 1976, membro do Collège de France para uma disciplina criada sob medida: semiologia literária. E aqui começa nosso interesse acadêmico, pois no ano seguinte, 1977, ministrou sua primeira aula, vertida a posteriori no belíssimo livro Aula. Nessa sua primeira aula explicitou que sua disciplina não seria científica. Seria uma semiologia na qual o signo seria imaginário; o método, uma ficção; e o tema de cada curso um fantasma pessoal. O que pretendia? Que o ensino fosse capaz de "fazer do saber uma festa". Que maravilha! Ensinar como se estivéssemos na leveza de uma festa. Maravilha maior é a bela fórmula final da *Aula*, livro que todos os professores de medicina deveriam ler. Eis o formato da fórmula: "*Sapientiae*: nenhum poder, um pouco de saber, um pouco de sabedoria e o máximo de sabor possível."

E com isso esperava começar uma vida nova também para si. Quis o destino trágico que mal a começasse. Em fevereiro de 1980, foi atropelado por uma ambulância em frente ao próprio Collège de France, morrendo um mês depois de insuficiência respiratória. Apenas três anos de uma vida nova e futuros novos livros.

Mas apreciemos as principais propostas da *Aula*: ensino não opressivo, renúncia ao enciclopedismo, discrição acadêmica e abertura de tópicos aos quais daria apenas a partida. Claro, qualquer ensino de boa qualidade só se manifesta num ambiente de liberdade. De todas as liberdades, sem abrir mão da disciplina e do esforço.

Numa época de tanta informação, temos que saber nos situar no que importa, nos ater ao conhecido para poder buscar o improvável, sair do saber para a sabedoria, ou nos versos de T. S. Eliot: (...) "Todo nosso conhecimento nos leva mais próximos da nossa ignorância..."

Onde está a vida que perdemos no viver? Onde está a sabedoria que perdemos no conhecimento? Onde está o conhecimento que perdemos na informação?

Num mundo de vaidades, abrir mão do brilho pessoal é sempre difícil. Exercitar uma personalidade mínima para expansão máxima do discípulo é sempre tarefa árdua, mas necessária. Discrição acadêmica, esse o mote.

Finalmente, o professor tem que dar a partida. Por águas conhecidas, como o saber estabelecido. Ensinando o que é sabido, en-

sinando saberes, mas se dispondo a fazer com que o aluno possa usar bússola, carta náutica, a advertência do farol, tudo que leva a uma independência de raciocínio lógico e com rigor de argumentação, de maneira ativa. Claro está que isso dependerá também muito do aluno.

Em segundo lugar, navegando por águas desconhecidas, quando o professor ensina o que não sabe, a isso se chama pesquisa.

Por fim, há os professores que atingem o acme de sua atividade, aqueles que não têm medo de desaprender. Nas palavras de Barthes, significa "deixar trabalhar o remanejamento imprevisível que o esquecimento impõe à sedimentação dos saberes, das culturas, das crenças que atravessamos; deixar-se levar pela força de toda força viva: o esquecimento". Só aí aparecerá algo novo. Sei ser difícil entender essa última aposta de Barthes, talvez Fernando Pessoa, na fala de seu heterônimo Alberto Caeiro, nos ajude a esclarecer esse último tópico caro a Roland Barthes e, com ele, homenageamos um mártir dos semiólogos. E, por extensão, todos os semiólogos clínicos, que fazem da propedêutica médica o portal de entrada para o mundo da Clínica Médica:

"O essencial é saber ver. mas isso, triste de nós que trazemos a alma vestida, isso exige um estudo profundo, aprendizagem de desaprender.

"Eu procuro despir-me do que aprendi, eu procuro esquecer-me do modo de lembrar que me ensinaram e raspar a tinta com que me pintaram os sentidos, desembrulhar-me e ser eu."

Ou de outra forma, para aqueles que ministram aulas e exercem personalidade mínima para a máxima expansão do aluno: cultura é o que sobra depois que esquecemos tudo o que lemos.

## APRENDER A VIVER

Publicado no látrico nº 28, junho de 2011

Você se espanta com o que vive? Questiona seu viver? Digamos que sim, mas não tem nenhum interesse especial pela filosofia, certo? Então é a pessoa adequada para ler Aprender a viver, de Luc Ferry, filósofo francês.

Qual o objetivo: resolver seus problemas? Não exatamente. Diria que é simplesmente para tornar-se mais crítico, autônomo, reflexivo. E isso nada tem de pouco, pois ajudará a apurar seu rigor a respeito das coisas da vida e de sua vida, de modo a validar melhor seus argumentos em qualquer conversação, principalmente com o seu outro eu, com quem você convive quando está só. Esse duplo eu, um quando conversamos com alquém, outro quando dialogamos com nós próprios, se enriquecerão se você tiver ideias mais claras sobre a natureza de si mesmo e, portanto, de seus limites e de sua finitude. No que isso vai desaguar? Numa riqueza maior do instante presente, sem as angústias do passado e do futuro.

Você tem duas maneiras de vivenciar isso. Uma pela procuração que você der a uma religião, ou seja, pela fé; outra, por conta própria, mais difícil mas mais autêntica, pois implica na superação das dúvidas, modo de raciocinar por excelência e primeiro passo para a autonomia. É o caminho mais árduo para alcançar a serenidade pela liberdade de pensamento. Como se faz? Associando os conhecimentos científicos vigentes, pois a filosofia atual depende muito deles, à história do humano, pois é com eles que vivemos e com eles temos que conquistar a harmonia possível. Isso deve fornecer os meios que dispomos para nos conhecer, dentro do alcance que nos é dado. Também deve nos levar a viver mais sabiamente e a ter menos medo de nossa finitude. Numa frase: a filosofia é a busca do sentido para o mundo que nos cerca, aqui e agora.

Pois não esqueçamos as sábias palavras de Sêneca, um filósofo estoico, "enquanto se espera viver, a vida passa". Portanto, "esperar um pouco menos, amar um pouco mais" deve ser o mote de uma vida melhor vivida. Essa e muitas outras lições você obterá lendo *Aprender a viver*.

# **CIÊNCIA EM CRISE?**

Publicado no látrico nº 28, junho de 2011

A ciência é uma cadeira apoiada em quatro pernas: empirismo, racionalismo, imaginação e verificação. Todas importantes por sua interação e complementaridade. Sem surpresa, é do conflito das mesmas que surge a vitalidade da ciência. Mas como há interação e troca, às vezes a cadeira se torna instável. Instabilidade essencial para o exercício da verdade científica. Portanto, a experiência prática do empirismo unida à lógica do racionalismo, associadas ao voo da imaginação com o apuramento da verdade pelas provas, é que tornam a ciência mais exata, ratificam sua necessidade e força no mundo moderno. No entanto, no seu seio há também fatores que podem minar o conforto e a segurança da cadeira: é o binômio dogmatismo e superespecialização. Como combatê-lo? Com a filosofia da ciência. Esta não pode ser débil, isto é, tem que dar uma consciência ao progresso científico. Na verdade, essa interação deveria ser forte; a filosofia fazendo reflexão sobre os fatos científicos e estes alimentando a filosofia. Sem quaisquer fronteiras. Esse diálogo permanente fortaleceria ambas, ciência e filosofia.

O condicional acima é porque outros problemas se agregaram. Quando a filosofia pôs em crise a ideia de fundamento, os seus e os da ciência, criou uma instabilidade maior, pôs em cheque "a própria legitimação das verificações/confirmações suportadas por armaduras lógico-matemáticas que pareciam refletir as estruturas do real". Em miúdos, Karl Popper demonstrou que a verificação não era suficiente para dar suporte a uma teoria científica. Esta nunca traria a certeza, ao contrário, sua refutabilidade é que lhe daria maior consistência. E como adverte Edgar Morin, a própria lógica dedutiva que, para Popper, conservava valor decisivo de prova e seria um fundamento irrecusável da verdade, não passava também a ser suficiente diante da indecibilidade lógica estabelecida pelo teorema de Gödel. Portanto, teríamos uma dupla crise; à crise dos fundamentos do conhecimento científico se associaria a crise dos fundamentos filosóficos. E estes que sempre quiseram ser a consciência do saber científico se debilitaram. Uma dupla orfandade. Ou seja, continua havendo insuficiência filosófica e de ciência.

Aí estão, pois, postos os desafios futuros de nossos conceitos, nossa lógica e nossa inteligência. A cadeira balança, mas não cai. Nós é que temos que fortalecer suas pernas com o novo, sem medo da instabilidade. A ciência sempre viveu em crise. É seu destino e força. Resta-nos alimentá-la com nossas pesquisas e provas, mesmo que às vezes precárias, e mesmo que ainda sob desconfiança. Não há nada melhor. Desde que não fiquemos enfeitiçados só pela técnica e não subestimemos a curiosidade pelo novo, embora sem tentar inventar a roda.

## COMO E POR QUE LER

Publicado no látrico nº 29, dezembro de 2011

O amigo leitor talvez tenha conhecimento do título em epígrafe do livro de Harold Bloom. Se não tem, deve lê-lo, é extremamente instrutivo, apesar das idiossincrasias do autor. Se não quiser se dar a esse trabalho, vou resumi-lo em poucas linhas.

Devemos ler primeiro para ter memória. São nossas leituras que criam as melhores e mais duradouras memórias. Devemos ler para aprender a pensar. Nisso não há salvação. Só com a leitura e posterior reflexão aprendemos a articular melhor nossas memórias, a lhes dar organização e consistência, e a poder, com isso, dialogar criativamente com os outros e consigo mesmo. Finalmente, devemos ler para adquirir sabedoria. Com isso, fecho o livro e volto à sabedoria. Não que não a tenha no inculto, mas a chamada experiência de vida é necessariamente limitada, o que vivemos e com quem vivemos é um círculo restrito e que só pode ser expandido com o que chamamos sabedoria da vida. Ou seja, a experiência da vida, ao lado da ciência, da filosofia, da arte e do mito, constitui, segundo Ortega Y Gasset, uma das formas de o homem saber a que se ater no mundo.

Ora, nosso mundinho pessoal, vivencial, é exíguo, daí a necessidade de açambarcarmos outros mundos, o mundo de muitos outros, que nos deixaram uma herança valiosa que não podemos desprezar. Esse mundo só nos vem por meio da leitura crítica e da discussão produtiva. De outra forma, a experiência da vida não é a experiência da minha vida, e sim a produzida pela "decantação da presença de outras vidas na minha", assim nos diz Julián Marias. Só dessa maneira posso legitimar o entendimento em mim e para mim, e ser convincente num diálogo, ter a capacidade de bem julgar e, portanto, distinguir o falso do verdadeiro, o valioso do perfunctório. E para isso não necessito do eruditismo. Um homem pode possuir muito saber e nenhuma sabedoria; ao contrário, pode revelar insuspeita sabedoria com escasso saber.

Mas, por que a leitura pode alargar tanto nossos horizontes? A biologia nos diz que é muito simples. O ser humano é visual e verbal, ao invés de um cão, essencialmente auditivo e olfativo. Característico de espécie. Tanto que um cão cego nos reconhece pelo cheiro e pela voz depois de muitos anos. Tivesse eu esse olfato, certamente seria um bom sommelier, como alguns da nossa espécie que o têm. Ou como ouvi de um produtor de vinhos para um colega de profissão: um belo escanção. O exemplo dado foi apenas para reforçar que não podemos abrir mão do nosso melhor, o visual e o verbal, e, portanto, da propriedade da palavra escrita. Se alquém nos diz "nosce teipsum", ou seja, "conhece-te a ti mesmo", frase inscrita na entrada do templo de Delfos, na Grécia, tendo como conotação a base da perfeição, é provável que essa memória auditiva pouco perdure. Se, no entanto, estivéssemos em Delfos, e a lêssemos, a possibilidade de perdurar seria grande, graças à nossa capacidade visual e à associação que fazemos com as outras memórias agregadas ao momento da exposição.

A diferença da palavra oral para a escrita pode ser comparada com clareza utilizando a matemática oral, paupérrima dizem os neurocientistas, e, na escrita, provavelmente infinita. É esse fundamento de sermos visuais e verbais que gerou o culto à palavra escrita. De uma aula pouco lembramos depois de um único dia, desde que não tenhamos conhecimento prévio algum do conteúdo. De um bom e interessante texto muito retemos, principalmente se for refletido pós-leitura. Além do que um texto pode ser revisitado ene vezes, decorado, discutido, interpretado, compreendido, gerando memórias, às vezes, perenes. Tanto que tendemos a guardar conceitos, fatos, e não datas. Os fatos são complexos, associativos, podem ser emanações ricas. As datas são nuas, parcas em nudez imutável. O que é definitivo é que vivemos para aprender, e que só somos longevos intelectualmente com o aprendizado. E que aprendemos com leitura, e principalmente releitura. A releitura é sempre mais rica e preciosa, e crítica. Forja o leitor a separar o joio do trigo, sendo a maioria dos livros meras nulidades.

Se é tão importante a leitura, o que ler? A minha experiência pessoal começou na chamada cultura paralela, os quadrinhos, à par-

te a necessidade dos livros didáticos. Depois, veio Tarzan. Ah, o Tarzan, esse arquétipo perfeito que todos conhecemos. Criança de pais aristocráticos ingleses é perdida numa floresta africana e criada por macacos. Quem não se interessa pelo que possa vir a ser, da sobrevivência à adultícia? Daí ter virado esse herói multifário de quadrinhos a filmes. Pois foi num episódio de Tarzan que o tradutor lascou a palavra acepipes. Pelo texto, primário que era em leitura, não consegui conotá-la. Dicionário não havia em casa, aliás não havia livros, à exceção dos didáticos. Também no colégio não havia. Pobres tempos. Hoje há tudo, bastando teclar o Google... Meus pais, parcos em letras, nem tentei. Mas a professora talvez soubesse. Ao argui-la, apesar do meu primarismo em duplo sentido, senti que me enrolou. E acepipes deslizaram na minha mente por bom tempo. Se apenas tivesse ouvido a palavra, provavelmente não teria causado o menor efeito. Mas, escrita e não sabida, virou obsessão. Até chegar a um dicionário. Significado: iguaria. Figuei na mesma. Mas palavra puxa palavra. Fui à iguaria: comida apetitosa, gostosa.

Ah, que valor têm os dicionários. Já passei horas deliciosas, como os acepipes, folheando esses livros. Estão entre os livros que mais amo. Tanto que sou fissurado, e tenho vários. O melhor atual? O Houaiss. Mas dei esse exemplo ao leitor, de como comecei, só para deixar claro que o importante no início é adquirir o gosto pela leitura. Tornar a leitura gostosa, apetitosa feito uma iguaria. Essa inclinação tem muito de genética, mas tem também o polimento educacional. Para essa ourivesaria fina do intelecto não podemos ficar na lagoa rasa da leitura comum. Jornais, revistas e a guase totalidade dos livros são leitura comum. Pouco a quem se quer um intelecto forte. Se guisermos avançar, evoluir, temos que singrar mar alto. Temos que ir aos clássicos, os imortais. Somente a leitura meditada e discutida dos clássicos nos dá uma base educacional ampla e liberta, nos dá a possibilidade de sair da camisa de força do cotidiano baseado em clichês e num repertório exíguo. É essa formação reflexiva que permite um autoexame isento e crítico a cada circunstância e nos liberta das ideologias e das pseudociências. Em suma, nos convence e nos torna convincentes e, portanto, nos torna seres autônomos.

Convido, agora, o leitor amigo que ainda não participou desse banquete a ler dois livros. O primeiro, *Dom Quixote*, de Cervantes. A relação de Quixote com Sancho Pança é um diálogo psicanalítico. Quando Quixote delira é o simples Sancho que o põe na terra. No entanto, o simplório Sancho consegue admirar as sacadas do "cavaleiro de triste figura". Há veemência, mas há também respeito mútuo. A consequência é que ambos se modificam. Esse é o efeito terapêutico de um diálogo profícuo e produtivo. O segundo é *Hamlet*. Os solilóquios em *Hamlet* são uma ode à autoescuta. Shakespeare inventou um monólogo interior, por isso se diz que "inventou" o ser humano, e *Hamlet* mostra esse duplo eu. Interessante notar que os dois, *Dom Quixote* e *Hamlet*, foram criados mais ou menos à mesma época.

Diálogo e monólogo, essências do humano. Uma boa maneira de navegar em busca de novas descobertas. Para isso, ler é preciso.

## A ARTE DE ESCREVER

## (segundo Schopenhauer)

Publicado no látrico nº 29, dezembro de 2011

"Schopenhauer, psicólogo da vontade, é o pai de toda psicologia moderna; dele se vai, pelo radicalismo psicológico de Nietzche, em linha reta até Freud."

Thomas Mann

Os três estilos segundo Schopenhauer:

- 1. Um em sentenças curtas, ambíguas e paradoxais, que parecem significar muito mais do que dizem;
- 2. Outro que recorre a uma torrente de palavras, com a mais insuportável prolixidade;
- 3. E, por fim, o estilo científico e profundo, no qual o leitor é martirizado pelo efeito narcótico de períodos longos e enviesados.
  - ... deve-se evitar toda prolixidade e todo entrelaçamento de observações que não valem o esforço da leitura. É preciso ser econômico com o tempo, a dedicação e a paciência do leitor, de modo a receber dele o crédito de considerar o que foi escrito digno de uma leitura atenta e capaz de recompensar o esforço empregado nela.
  - ... quanto às traduções dos escritores da antiquidade, elas são um sucedâneo de suas obras assim como o café de chicória é um sucedâneo do verdadeiro café.
  - · Assim como as atividades de ler e aprender, quando em excesso, são prejudiciais ao pensamento próprio, as de escrever e ensinar em demasia também desacostumam os homens da clareza e profundidade do saber e da compreensão, uma vez que não lhes sobra tempo para obtê-los.

- A peruca é o símbolo mais apropriado para o erudito puro. Trata-se de homens que adornam a cabeça com uma rica massa de cabelo alheio porque carecem de cabelos próprios.
- Um erudito é análogo ao operário que, ao longo de sua vida, não faz nada além de mover determinada alavanca, ou gancho, ou manivela, em determinado instrumento ou máquina, de modo a conquistar um inacreditável virtuosismo nessa atividade. Também é possível comparar o especialista com um homem que mora em sua casa própria, mas nunca sai dela. Na casa, ele conhece tudo com exatidão, cada degrau, cada canto e cada viga, como, por exemplo, o Quasimodo de Victor Hugo conhece a Catedral de Notre-Dame, mas fora desse lugar tudo lhe é estranho e desconhecido.
- O sinal característico dos espíritos de primeiro nível é a espontaneidade de seus juízos.
- Como diz Sêneca: qualquer um prefere crer do que julgar por si mesmo.
- Pode-se dizer que há três tipos de autores:
- 1. Os que escrevem sem pensar. Escrevem a partir da memória, de reminiscências, ou diretamente a partir de livros alheios. Essa classe é a mais numerosa.
- 2. Os que pensam enquanto escrevem. Eles pensam justamente para escrever. São bastante numerosos.
- 3. E há os que pensaram antes de se pôr a escrever. Escrevem apenas porque pensaram. São raros.
  - Em geral vale a regra: o novo raramente é bom, porque o que é bom só é novo pouco tempo.
  - Citando Friedrich W. Riemer, filósofo alemão que foi secretário de Goethe e preceptor de seu filho: um adversário que mostra sua cara abertamente é uma pessoa honrada, moderada, com

a qual é possível se entender, chegar a um acordo, a uma reconciliação; em compensação, um adversário escondido é um patife covarde e infame, que não tem a coragem de assumir seus julgamentos. Portanto, alguém que não defende sua opinião, mas se interessa apenas pelo prazer secreto que sente em descarregar sua ira sem ser reconhecido nem sofrer retaliações.

- Como diz Voltaire: o adjetivo é o inimigo do substantivo.
- Ou como diz Goethe: viver segundo seus caprichos é vulgar; o nobre se esforça pela ordem e pela lei.
- A ignorância degrada os homens somente guando se encontra associada à riqueza.
- · Quando lemos, somos dispensados em grande parte do trabalho de pensar. Só pensando nos apropriamos do que foi lido, assim como as refeições não nos alimentam quando comemos, e sim quando digerimos.
- Lique-se na arte de não ler. Livros ruins são veneno intelectual, capaz de fazer definhar o espírito. Não leia o que é ruim, pois a vida é curta, o tempo e a energia são limitados. Então: Leiam com afinco os antigos, os verdadeiros e autênticos antigos. O que os modernos dizem sobre eles não significa muito. A leitura dos clássicos antigos é o maior conforto do espírito.
- Seria bom comprar livros se fosse possível comprar, junto com eles, o tempo para lê-los, mas é comum confundir a compra dos livros com a assimilação do seu conteúdo.
- A repetição é a mãe do estudo.
- N.A. Excertos de *A arte de escrever*, Schopenhauer, Editora LPM.

# A EDUCAÇÃO DOS SENTIDOS

Publicado no látrico nº 30, julho de 2012

Na década de cinquenta do século passado, o dr. J. Willis Hurst, professor de Medicina e Cardiologia na Emory University, Atlanta, Geórgia, USA – e famoso em todo o mundo mercê seus livros-textos de Cardiologia e medicina interna –, levou a cabo um experimento clínico. Reuniu 100 estudantes do segundo ano médico e colocou à sua frente um paciente com "osteogênese imperfeita". O exercício constava que cada um passasse à frente do paciente e o observasse atentamente. Apesar de já terem visto milhares de olhos, só um, apenas um, notou suas escleras azuis. Uma demonstração de que não basta ver, é necessário um ver treinado, que se transforma em observação. Um dos sentidos mais importantes para o humano, só bem treinado se completa. Ou seja, precisamos educá-lo, tal qual os outros.

Ludwig van Beethoven (1770-1827) teve ouvidos excepcionais. O chamado ouvido musical. E excepcionalmente os perdeu, tendo que compor uma parte de sua obra já surdo. Educou seu "ouvido interno" graças ao domínio igualmente excepcional da técnica de solfejo que lhe permitia imaginar as notas que ia grafando, sem precisar ouvi-las. Assim compôs a Nona Sinfonia, inclusive apondo um coro, algo inédito em sinfonias. E assim compôs muitas sonatas e quartetos. Passou do sentido da audição à imaginação, igualmente gênio. Não manteria a genialidade se muito não houvesse treinado, a ponto de substituir um sentido por outro mais etéreo, inefável, trocando uma genialidade por outra. O que houve, por fim, atrás disso? Disciplina e esforço. Ou numa completude memorável em um poema de Augusto dos Anjos, A Ideia, psicogenética e alta luta. Isso fez com que Beethoven, apesar da surdez, conduzisse a transição do classicismo ao romantismo musical, e ousasse como poucos em harmonia e melodias.

Hoje podemos treinar audição na ausculta e comprová-la. Não existem mais os "ouvidinhos de ouro" de antanho a ouvirem todos os ritmos descritos e a cirurgia a desmenti-los. Hoje o saber é pré-cirúrgico. Treinamento justo tem que vir aliado à comprovação. De outra maneira, observação, correlação e comprovação. E o mais espetacular é que tudo também pode ser treinado fora do escopo médico. Observando uma paisagem, uma tela, uma escultura, ou grande ator. Ou um canastrão, para ver a diferença, basta observar a propaganda da Fiat, do alto e do baixo, com o Dustin Hoffman. Ouvindo música ou um grande pregador de ideias. Sentindo o corpo da amada, ou as diferentes texturas que palpamos. E, principalmente, saber a diferença entre palpar e apalpar, em função de um interdito ético. Treinando o olfato num mercado municipal com sua explosão de diferenciados odores e adaptá-los ou confrontá-los com as excrescências humanas. E treinar o gosto no sabor dos alimentos, e do vinho, que alimento é, não no Brasil. Vide a diferença de impostos. Claro que você não precisa ser um Robert Parker, grande escanção, gênio da percepção gustativa, a ponto de, do alto de sua autoridade consentida, dizer que não há correlação entre os sabores das comidas e dos vinhos; quer dizer, impossível harmonizá-los. Se sentiram felizes? Simples mortais? À parte polêmicas do tipo, o fato é que, mesmo um Parker, só treinando em torno de cem vinhos diferentes por semana alcançou o atual estádio. Provar e cuspir, é seu treinamento; e a disciplina do cérebro a sentir sem embotá-lo.

De tudo o que foi escrito fica patente que os sentidos nos integram ao mundo. E que nós, médicos, precisamos deles, in totum, mais do que outros profissionais. Pois só assim podemos integrar o humano. A tecnologia, extremamente útil e necessária, apenas os amplia, não os substitui. Ao ampliá-los, principalmente a visão, objetiva mais claramente nosso conhecimento. E só com a totalização e integração de nossos sentidos podemos dar guarida a origem de "sapientia", que tanto sugere saber quanto sabor. E exercer, portanto, ciência com gosto. Degustar o saber. Pois não existe prazer verdadeiramente pleno sem a educação dos sentidos. O fisiológico e o patológico expandidos pela imaginação, a arte da ciência.

Educar os sentidos é introjetá-los de prazer, na observação, no estudo, na necessidade de restaurar o outro e lhe prover o prazer possível, apesar dos descontos das lesões, pois sempre há um pouco de Beethoven dentro de todos nós. Em algum de nossos sentidos. E a disciplina e o esforço, a alta luta, é que faz a integração, sem o que não há educação perfeita. Não colocamos para fora o que introjetamos de mais nobre.

E se você, caro leitor, quiser bordejar a perfeição, terá necessariamente que desenvolver a intuição, que é o prazer do conhecimento em sua ausência. O pensamento genuíno, embora gestado em toda sua vivência. Sem o que, não existe completude.

## **SER AMIGO**

Publicado no látrico nº 32, julho de 2012

Ser amigo não é para qualquer um. Exige presença e lealdade, no momento incerto, fidelidade e proximidade.

Ser amigo não é estar entre muitos, melhor poucos e bem conhecidos. Afinal, ter amigo cinza é mais perigoso do que um desafeto sábio. Este, não atira a esmo, é parcimonioso na munição, critica com argumentos, é para ser levado a sério. Mesmo inominado não é tolo, provoca sem ferir, eleva nossa argúcia.

Amigo presunçoso é bala perdida de trajeto errático, não poupa o escondido. Sem pudor, é dissidente de espírito, inconfidente ao sol de abril.

Ser amigo é relevar falhas, desde que não sejam as de caráter. Se existentes, melhor criar uma zona de transição com prudência. Amigo que não protege a intimidade é vírus letal, irreversível no dano, bastardo da confiança.

Ser amigo é como obra-prima, está onde está, à vista, nítido nos propósitos, oculto nos mistérios que nos eternecem, nas virtudes que nos emudecem.

Ser amigo não é para qualquer um. É ser conciliador sem ser acomodatício. É ser como velhos livros relidos e carregados de pessoas, e que sempre nos inspiram. Sempre colocados à esquerda do peito para ditar o ritmo da consciência, o voo da verdade, a profundidade do bem, a simetria do belo. É ser único na maneira de sê-lo. É ser muito na exiquidade da vida. É tornar-se assemelhado na compreensão, solícito à compaixão; é ser ponderado quando nos assalta a passionalidade.

Ser amigo não é para qualquer um, é não nos dar o desgosto da ingratidão. Para isso, melhor a distância no silêncio. Mas é também saber que a mudez faz parte de muitos que não se sabem nossos eleitos.

Enfim, ser amigo é compartilhar saúde e doença em prol da afetividade, mesmo na ausência de sabença.

Sim, ser amigo não é tudo, mas já é muito. Muito porque nos deixa ser como somos: imperfeitos! Mesmo bem-intencionados.



# CAPÍTULO IV MEMÓRIA

"Assim como a memória é a base da personalidade individual, a tradição é a base da personalidade de um povo."

Miguel de Unamuno

## RAZÕES DE VIVER

Publicado no látrico nº 20, abril/julho de 2007

Minha mãe morreu. Morreu enquanto eu proferia uma conferência em um congresso. Enquanto elogiava qualidades femininas sem saber que, involuntariamente, a homenageava. Morreu muito. Como morrem muito as pessoas com graves enfermidades que, mesmo bem cuidadas, como ela o foi, sobrevivem semanas a fio, com suporte, vias e fios.

Teve boas razões de viver a despeito de seu semianalfabetismo e simplicidade. Viveu o mundo encasulado de uma família. O mundo externo só tinha importância quando adentrava seu círculo familiar. Ainda assim foi muito querida. Por quê? Porque criava poemas em sua cozinha e fazia do acolhimento seu sentido de vida.

Mas dizia que eu falava a conferentes e falava de mulheres. Não é bem assim; falava de humanos, do mundo atual que criaram, e das dificuldades da mulher se inserir nesse mundo. Falava sobre a instabilidade atual das formas de vida que se dissolvem, como se diluíram as crenças. Sim, porque as formas de vida "são o aspecto externo das crenças básicas que alimentam nosso mundo e nos afiançam o que podemos esperar dele. O homem vive de crédito, o mundo não passa de um vasto sistema de créditos, e os fundos que garantem esse crédito são as crenças". Quer dizer, as crenças se confundem com a própria realidade.

Nós, médicos, sabemos bem o que isso representa. Somos obrigados precocemente a reavaliar nossas crenças e a amalgamá-las com provas. Há poucas provas. Por isso, somos impelidos a harmonizar crenças pretéritas em que nos formamos com as provas vigentes, o que sempre é conflitivo. E resolver essa dualidade com equilíbrio. Resolver de maneira ativa e permanente, o que implica esforco constante, revisões periódicas, sem abandonar o equilíbrio necessário. Esforço esse que as massas por impossibilidade, imediatismo e por falta de padrões claros, no passado visíveis e bem distintos, não seguem.

Considerem a humanidade há um século, na passagem do mesmo, num período que se estendeu à Primeira Guerra Mundial. Chamamos belle époque. Porque o mundo enriquecia, e ventos amenos de doçura e de alegria de viver refrescavam a segurança vital em que os humanos se sentiam. Não importava o fato de viverem metade do que vivemos hoje, o importante é que se sentiam seguros nas suas formas de vida. Senão vejamos.

As unidades típicas das formas históricas eram as nações, bem delineadas e diferenciadas, embora pudessem haver rebuliços no seu entorno. Hoje, as fronteiras se tornam indistintas com a formação de grandes blocos. Ou conflitivas, por bloqueios socioeconômicos. Nas formas sociais há uma promiscuidade entre o público e o privado que desintegra o tecido dos estados. E o núcleo familiar em franca dissolução. Médicos americanos começam a fazer treinamento para lidar com formas de famílias múltiplas. Notem que não estamos fazendo juízo de valor, apenas notificando mudanças. Nas formas jurídicas, não se delineiam o futuro do direito de propriedade e do direito adquirido. Nas formas políticas, o socialismo implodiu por defeito inato; o capitalismo, com o codinome de Estados liberais, sofre de vários sentimentos de culpa, e a social democracia, também chamada de via intermediária, não se aquenta nas próprias pernas, vide a França atual, sendo exceção os nórdicos.

A globalização está criando a mesmice, não havendo novas soluções à vista. As formas religiosas se corromperam em falsos profetas e falsos credos; o sagrado se desnudou e perdeu valor face à sua mercantilização. A religião começou a ser vivida basicamente como angústia. Nas formas sexuais, o masculino e o feminino estão se dissolvendo na indiferenciação. Passamos a viver o polimorfismo sexual. As formas de lazer, que eram criadas sem custo em qualquer terreno baldio, foram contaminadas pelo dinheiro, propaganda, regulamentações e violência. As regras do jogo são

exercidas pelos mais poderosos. As formas artísticas perderam seus parâmetros; hoje tudo é "arte". Qualquer um tem o direito politicamente correto de fazer arte. Então, uma perguntinha simples: das músicas que se compõem hoje, qual delas será tocada daqui a trinta anos? Certamente poucas, se alguma. Por derradeiro, as boas maneiras. Bem, essas foram para as cucuias. Quando me formei, sempre que encontrava um médico num corredor de hospital, mesmo que desconhecido, dizia: - Bom-dia, doutor! E era redarquido. Hoje, passamos batidos. A polidez se aposentou; logo a que não teria direito, por obrigação perpétua.

Ao somatório do que escrevi se une a violência. E estamos, ao contrário da belle époque, num mundo de insegurança, de brutalidade. Os valores borrados, a moral afrouxada, a linguagem tatibitate, o ambiente poluído, os ideais sumidos, e a cultura rarefeita.

O que causou esse colapso das formas? A massificação e a tecnologia. Em princípio, nada contra, podem ser coisas boas. Mas a maneira como se disseminaram e são usadas estão gerando o caos.

Antigamente, minha dileta leitora, sua funcionária doméstica não lhe invejava a roupa; invejava a da vizinha de bairro; esse era seu parâmetro de conquista. E sabia que tinha que lutar, progredir nas habilidades específicas, para se tornar mais valiosa e ascender na escala social. Hoje, o filho dessa mesma funcionária, via sociedade de consumo, quer porque quer o tênis Nike de seiscentos reais. E os limites, sempre tão necessários em qualquer sociedade, ficam difíceis de ser estabelecidos. Não raro, vias tortuosas fazem adquiri-lo.

A massificação, na verdade, nivela por baixo. Para que criar belezas simples, mas eternas, como: "queixo-me às rosas/ mas que bobagem/ as rosas não falam/ simplesmente as rosas exalam/ o perfume que roubam de ti"; se posso balançar o corpo com as mãos na genitália e falar um monte de grosserias? E como o ritmo é contagiante, lá estamos nós nos balançando ao som da chulice.

Há alguns anos foi editado no Brasil *O nome da rosa*, de Umberto Eco. Ficou acessível à massa em edição popular. Todos correram a comprar. Sucesso editorial. Era chique tê-lo na estante. Quem o leu? E se leu, quem foi além do começo? Indo além, quem entendeu? Poucos. Porque exigia uma base de conhecimentos e referências para ser lido com proveito e prazer. Obviamente, poucos tinham. A massificação falha porque entrega o que não é da pessoa, por inatingível. O que é supérfluo ao seu estádio de desenvolvimento. Ou supérfluo por irrelevante, o que é mais comum.

E a tecnologia? Ora, quem iria contra. Mas avança na velocidade impossível do humano. Cria saturações e excrescências. O celular fez do comunismo uma piada. Jamais com antecedência se imaginou que um artefato desses se universalizasse à base da pirâmide social. E quem paga a conta de crianças e adolescentes usando-o sem necessidade, por lazer? Ah, a tecnologia, essa coisa extraordinária que aos olhos de quem não a entende, as massas, parece mágica. E todos a querem, mesmo quando desnecessária. No caso médico, serve à pesquisa, e muito ao diagnóstico e à cura. Mas se usada desnecessariamente, por via torta e sem mestria, pode matar. E sabemos, quanto mais invasivos, com ou sem tecnologia, nos tornamos mais responsáveis. E essa responsabilidade se dilui cada vez mais. Cada vez mais damos preferência ao científico-tecnológico menosprezando o ético-humanístico. Sem percebermos que a solução está na associação. O que é mais do que uma rima.

É esse mundo de formas de vida caducas que estamos entregando às mulheres médicas. Elas que galgaram lentamente e com muito esforço a pirâmide social se veem agora competindo num mundo indistinto, onde predominam incertezas. Além de competir com a racionalidade, a objetividade e a rudeza masculinas, não têm no seu horizonte regras claras onde possam usar sua dedicação, delicadeza, detalhismo, sentimentalismo.

Esta última palavra, no entanto, me faz evocar a possível solução. Educação sentimental. E não pensem, lá vem o último dos românticos! A educação sentimental aperfeiçoa a pessoa (e é na pessoa-

lidade que exercemos nossa vida) para a bondade, a amizade, o amor, em todas as suas diversas formas, inclusive a intersexual. Desbasta as paixões, sem suprimi-las; expande os sentidos, para acurá-los; e ainda refina o diálogo com nossos irmãos. Se a vida é a convivência de contrários, e o é, ajuda na compreensão dos contrários.

E tudo isso me leva ao preito involuntário que fazia. Sim, minha mãe morreu muito. Mas enquanto viveu, também viveu muito, porque teve boas razões de viver. Simples e encasulada, fez o melhor possível dentro de sua circunstância e para seus circunstantes. Militou em toda a experiência doméstica com denodo e carinho. Os seus acolhidos e comensais são prova disso. Não pode cultivar o mundo externo. Mas quis dotar o filho com essa possibilidade. Dotou-o com genética e educação sentimental. E são parte de minhas razões de viver, tentar entender. E levar aos outros um pouco desse entendimento. Por isso falava, enquanto ela morria. Outro fosse o cenário, teria sorrido e lacrimejado, como sempre fazia quando emocionada. Requiescat in pace, nobre senhora do mundo interno.

N.A. Agradeço ao grande ensaísta Gilberto de Mello Kujawski o decalque de muitas ideias.

#### **DEVANEIOS DOLOROSOS**

Publicado no látrico nº 24, junho de 2009

Acordei com dor. Aliás, não sei guantas vezes acordei com dor. Durante esses hiatos de consciência corria-me a ideia que tivesse feito uma fratura. Mas como? Não caíra e a tosse proveniente de um resfriado contraído nos últimos dias era fraca e não tenho osteoporose. Claro que essa última convicção não se respaldava numa densitometria, que nunca fiz.

Não sei quantos despertares houveram, mas rapidamente aprendi que ao ficar quietinho não tinha dor. Como era no hemitórax esquerdo e sempre na mesma região, em alça, veio-me outra ideia, herpes zoster.

Sabia, como médico, que a dor poderia começar súbita, o tal raio em céu límpido. Estranhava que ao me ajeitar na cama, algo sempre penoso em face da dor intensa, conseguia ficar confortável. Ora, isso não era próprio de dor neuropática que tem uma autonomia que invejamos. Além do mais, varicélico em criança, já tivera um herpes zoster em adulto, facial, com infecção secundária – provável autocontaminação em hospital –, com cicatrização viciosa, em segunda intenção, e, portanto, com marca definitiva. Seria possível novo episódio? E se o fosse, não corresponderia à paraneoplasia? Com mais de sessenta no lombo, não deixava de ter cabimento. Isso me assustou. Nós, médicos, sabemos não ter o benefício da ignorância. Levantei-me com dificuldade, o ato respiratório e qualquer movimento do tórax eram penosos. Fui me olhar ao espelho. Dúvidas dissipadas. Mesmo sendo míope podia ver claramente a erupção na região da dor; estava herpético.

Chegara tarde da noite de um congresso, e, fora o resfriado, estava ótimo. Cansado, mas ótimo. E agora? A mulher, também médica, viajara para ver sua mãe. Acima dos noventa, e morando longe, nunca se sabe quando será a última visita. Só com um filho restando em casa, doutorando, que dormia, pra que acordá-lo? Fiquei matutando no que fazer.

Embora a dor fosse intensa deveria ir ao consultório, onde tinha prednisolona. Sei que não evita neuralgia pós-herpética, principalmente na minha idade, outro medo que já me sondava, mas talvez atenuasse a dor. Tomaria antiviral? Anti-inflamatório não poderia, a última creatinina estava acima do normal. Pensava, além de algum analgésico, em gabapentina, tricíclicos, e em seus efeitos colaterais quando nos automedicamos. Se tivéssemos o mesmo zelo com os pacientes... Um colega para me examinar? Para algo de tão fácil diagnóstico? Nem pensar.

Quando meu filho acordou, falei-lhe solenemente que pouco dormira porque estava com zoster. Ele mais solene ainda: "Que herpes coisa nenhuma, você caiu ontem à noite, são escoriações. Até coloquei gelo na região e você resmungou muito. Disse não ter quebrado nada. Tava com dor, mas não se queixava muito, não".

- Eu caí? Como não me lembro? Aonde? Como foi?
- Não sei como foi, acho que estava tentando ligar a televisão.
- Televisão? De madrugada e no escritório? sei não, disse-me.
   Você não tinha tomado comprimido para dormir?

Aí é que dei nó no laço. Amnésia anterógrada. Cansado e insone tomei zolpidem. Estava tomando também um descongestionante com anti-histamínico de boa penetração cerebral, desses que interagem com hipnótico. Tudo explicado. Só não tenho a menor ideia do que fui fazer no escritório depois de deitado. O que estou cônscio é que dor de fratura costal dói muito. Agora, ao menos sei o inimigo, e não vou precisar tomar todos aqueles remédios.

Quantas costelas? Duas. E, claro, doem mais que nos pacientes.

## BALZAC, BALZAR E PASÁRGADA

Publicado no látrico nº 27, dezembro de 2010

O clima ameno da primavera parisiense convidava a novas sensações, e o que melhor do que a Giverny de Monet? Não conhecia sua casa com seus jardins famosos onde pintou seus nenúfares. A apenas uma hora de Paris, certamente me proporcionariam novas sensações. Afinal, é da transmissão de sensações que viveu e vive o impressionismo; e Monet, um dos seus melhores representantes. Será que conseguiria captar nos seus jardins aquelas impressões fugazes, instáveis, sem contornos precisos, que faziam do impressionismo sua marca registrada? Ou não haveriam essências, só apreciamento. Como dizia Cézanne, outro impressionista, "sou a consciência da paisagem que se pensa em mim". Nunca esqueci essa frase, que fazia baixar meu topete inexistente e humildemente não ter grandes expectativas. Mas Giverny hoje é muito mais bonita do que na época do artista. Um batalhão de jardineiros se encarrega de deixar tudo um primor à vista dos turistas, que são muitos, centúrias, o que não gera a calma necessária para um desfrute real. Esse o grave problema do turismo moderno. São tantas as pessoas que perdemos o que deveria ser visto lenta e calmamente. De qualquer forma, mesmo que não os houvesse, certamente não conseguiria buscar as sensações do artista. São únicas, intransferíveis, a não ser pela própria arte. Giverny e a pinacoteca que também não conhecia e levava uma exposição de um dos meus pintores preferidos, Edvard Munch, o pintor dos sentimentos amargos, me deram a sensação do dever cumprido. O resto era flanar e voltar a lugares que a memória amou. E são tantos.

Mas nem tudo são flores a um prosaico turista que tem que contar seus dinheiros. No dia da tarde de Giverny, levantara depois das dez e fora obrigado a tomar o pequeno almoço, como dizem os portugueses, num restaurante a uma quadra da Place de la Sorbonne, onde ficava meu hotel. Esse café da manhã é sempre nas dependências externas. Jamais se vai sujar as impecáveis toaIhas de algodão egípcio das mesas internas do Balzar num simples desjejum. Afinal, é estrelado no Michelin. Para guardar seu nome o associei a Balzac. Muito bem, chegado cedo de Giverny, e como minha mulher não quisesse jantar, apenas sete da tarde, pensei certo, vou tentar o Balzar. Não sabia o que me esperava. Ao chegar, adentrei o recinto dos prazeres gustativos e visuais, como diria um especialista, e logo vislumbrei duas mesas vazias, para dois, e sem indicação de reservadas. Mas à minha frente, o *maître*, um rotundo personagem retirado de uma tela de Botero com bigodes de Dali. Manja aquelas pessoas enormes, bem fornidas, do Botero? Era um de seus representantes. Ao lhe dizer que queria uma mesa para uma pessoa, com rosto de lua cheia, mas impassível, disse-me simplesmente: *full*. Imediatamente me veio à cabeça Pasárgada:

"Vou-me embora pra Pasárgada

Lá sou amigo do rei."

Recomposto, apelei e menti descaradamente impostando meu inglês de periferia, explicando-lhe que era meu aniversário e que só ele poderia me dar uma noite especial. Olhou intransigente e sem nenhum meneio facial: *full*. E mais não disse. Novamente, à minha mente Pasárgada:

"Vou-me embora pra Pasárgada

Aqui eu não sou feliz"

Saí cabisbaixo, e fiquei por instantes na calçada em frente ao restaurante pensando no que faria. Procuraria outro estrelado? Ah, essa mania de seguir manuais! Ou voltaria à boa e velha Place de la Sorbonne, com dois restaurantes, um dos quais do garção Alan, que não me deixaria na mão?

Resolvo, não sei por que me virar e olhar novamente para dentro do Balzar; qual não foi minha surpresa quando vi o Botero-Dali, quero dizer o cara de bolacha, me olhando pelo vidro como se eu fosse um E.T. Pode?

Deixei Giverny, Monet, Munch, e todos os lugares que minha memória amou em Paris e pensei no Brasil, nos restaurantes que frequento e que nunca me negaram uma mesa em tais circunstâncias, quando solitário. E Manuel Bandeira mais uma vez me socorreu, deixando claro que Pasárgada existe, e que lá sou amigo do rei.

### **QUANDO CHEGAMOS PERTO...**

Publicado no látrico nº 28, junho de 2011

Quando chegamos perto... queremos ser cúmplices do passado, rememorar o que a memória amou e deixou esparsa no tempo que não é mais nosso. Quando chegamos perto queremos captar os instantes que nos felicitaram, que nos fizeram dizer: valeu a pena! E são tão poucos... Tente. Lembre-se do que sua memória esculpiu no tempo pretérito e fez você se afirmar com gosto e alegria, e verificará que não são tantos quanto gostaria. Você correu, correu demais, e, por isso mesmo, perdeu o sabor dos momentos, não chegou a tempo, restaram poucos que iluminaram sua alma. Dos que nos impregnam feito cicatriz invisível e que realçam a existência.

É, meu caro, quando chegamos perto gueremos voltar, refazer o caminho apenas rascunhado, dar feitio definitivo à caminhada. Mas não dá mais, não é mais possível, quando chegamos perto... Resta a saudade dos momentos perfeitos na imperfeita vida. Resta usufruir a brisa amena que se pospõe aos vendavais existenciais. Resta a nostalgia de que poderíamos mais. Será? Não será a doce ilusão de um fazer necessariamente tateante, intuitivo, repetitivo e sem sentido definitivo? Não será o impossível sonho de reordenar fatos, corrigir distorções, revelar emoções ocultas e elaborar trajetórias? Calma, fomos feitos para esperança, não se afobe no calor do balanço, não se entristeça ao suor da coleção de infortúnios, na gélida amargura dos momentos palpitantes que evanesceram. Quando chegamos perto... ainda podemos, sim, ainda podemos ter alguns momentos. Não os desperdice, estão aí, à sua frente, enquanto é tempo, e estamos perto...

# **BATER À MÁQUINA**

Publicado no látrico nº 28, junho de 2011

Um dos problemas da idade é que nos tornamos cada vez mais reminiscentes. Talvez seja o motivo de ter apreciado o delicioso artigo de Carlos Leonam e Ana Maria Badaró, Testemunha ocular da história (Carta Capital nº 641), sobre seus tempos de redação jornalística. A testemunha é a máquina de escrever, que volta a ter interesse no circuito cult, tal qual o LP.

Levou-me a recordar o final dos anos cinquenta do século passado, quando fiz um cursinho de datilografia a bordo de uma surrada Underwood, para atingir 60 palavras por minuto sem erros e sem olhar o teclado, o que nunca consegui (colava de viés o teclado), para provável desespero de meu professor, um senhor severo e sempre com as camisas puídas nos colarinhos e nos punhos, não condizentes com a mensalidade que pagávamos.

A máquina de escrever me acompanhou até os noventa, e ainda hoje sinto saudades de minha Olivetti Lettera, portátil, com seus tic-tecs metálicos e os plins que anunciavam o fim da margem direita. Embora, às vezes, me desse problemas. As folhas, chamadas laudas, de vez em quando engelhavam, e mesmo que as retirasse e alisasse, raramente voltavam à forma original. Mesmo imperfeitas, as usava. Eram caras. E as fitas que borravam nossos dedos de preto (quando chegaram as bicolores, eram um must), colocadas deslizando entre dois carretéis, exigiam habilidade específica para serem trocadas. No cursinho de datilografia o professor, primeiro, ensinava a mecânica, só depois a bater (não se usava o termo digitar). Semelhante às aulas de educação física, em que primeiro fazíamos ginástica e só nos últimos minutos jogávamos futebol. Que desespero! O meu professor do ginásio (era o termo que se usava) devia ser ruim ou não gostar de bola, ou sádico. O de datilografia o imitava, primeiro mecânica, depois teclado. Como adquirir as 60 palavras por minuto me afligia...

Mas, prezado leitor que já nasceu com um teclado à frente, acredite, bater à maquina era diferente de manuscrever. Exigia outra maneira de olhar o texto e ordená-lo. E quem o fazia, se sentia parte de outra estirpe, achava que escrevia melhor do que quem apenas manuscrevia. Igualzinho hoje, com o computador. Mudam os tempos, e as vaidades são as mesmas.

Deixei para o fim duas confissões. A primeira é a inveja que tinha das secretárias que digitavam 120 palavras por minuto. Simplesmente dobravam minha habilidade. Você, leitor, pode achar que não é nenhuma maravilha; relembro que o teclado era mecânico, não a moleza de um teclado eletrônico de hoje.

Segunda confissão: nunca fui traído por uma máquina de escrever como fazem os computadores hoje em dia. Sabe por quê? Porque se contentavam a único papel: escrever. Tal como os relógios, que só davam horas. Nada da promiscuidade atual da computação eletrônica...

## SAINDO DO SACRIFÍCIO

Publicado no látrico nº 28, junho de 2011

Muitas de minhas pacientes, sobretudo mulheres, durante suas vidas tiveram que transitoriamente habitar uma unidade de cuidados intensivos. Sou de um tempo que inexistiam, e quando começaram não havia boxes, sendo a separação dos pacientes fundamentalmente por cortinas. A privacidade não era levada em conta, principalmente numa fase da vida – a maioria na terceira idade – em que a pudicícia aumenta. Afinal, ninguém gosta de mostrar a decadência corporal. Alguns chamavam as UTIs de inferno, e chegavam ao limite de me levar cópias de natureza oficial dando-me o direito, supostamente válido, de não mais colocá-las nesse setor hospitalar.

As UTIs mudaram muito, ficaram mais humanizadas, há boxes, e a pudicícia mais levada em linha de conta. Coube-me o destino de adentrar uma dessas unidades como paciente. Como paciente privilegiado, não só por ser médico, mas porque a maioria dos chefes de plantão tinha sido meus ex-alunos e não escondiam o zelo e o carinho por mim. Apesar disso, vale o registro de certa comicidade e reflexão

Figuei num boxe em frente à farmácia e "set" dos médicos, ambos conjugados. A cortina do boxe, naturalmente aberta. Assim tem que ser, para melhor vigilância. Só é fechada para higiene e certos procedimentos. E a todo momento, não é força de expressão, alguém chegava e regueria ao dispenseiro, que tinha um nome, ou pelo menos assim era chamado, diminutivo. Por motivo ético, chamá-loei de Sr. Diminutivo. Três fraldas grandes, Diminutivo! Meus caros, depois de um dia inteiro ouvindo os mesmos pedidos, ou quase, você não só reconhece a rotina das prescrições como não aguenta mais ouvir as mesmas coisas. É feito aquele cuidador de demenciado que depois de ouvir cem vezes, no mesmo dia, a mesma pergunta, tem uma irritabilidade que dá vontade de jogar o paciente junto com a água do banho. Por isso, o cuidador é especial e tem que entender o processo, o motivo clínico das reiterações, para amenizar ou destruir seu processo irritativo, e também por isso, os pacientes têm que ser medicados para que não suscitem animosidades. De vez em quando, o Diminutivo sumia. Afinal, devia ter lá suas necessidades. Era um corre-corre, pois nessas unidades tudo é urgente, pra já. Cadê o Diminutivo? Onde foi o Diminutivo? Vai chamar o Diminutivo! O Diminutivo ficou tão presente em minha vida que a sensação era de onipresença, o cara não devia dormir, ter lazer ou qualquer outra necessidade humana, a não ser trabalhar.

E já que falamos de diminutivos, e isso já foi assinalado pelo Drauzio Varella no seu livro *O médico doente*, a não ser na poesia e nas letras de músicas do Vinicius de Moraes, o diminutivo é altamente infantilizante. "– Doutor, só uma picadinha! – Doutor, só uma dorzinha!" Um eufemismo que nada atenua, porque você sabe que vai ser uma picada, mesmo.

Ou então essa: o enfermeiro ou técnico, ao trocar minha fralda e verificá-la limpa, dá duas batidinhas em minha bunda e diz: "– Menino bonzinho, de fralda limpinha!" Logo eu, um sexagenário sendo avaliado por bom comportamento como se pudesse controlar meu sistema nervoso autônomo. Há algo mais infantilizante?

Unidade de terapia intensiva é um local que fere a demografia humana. Não há território com mais gente por metro quadrado. Então, as pessoas deviam falar bem baixinho, a sotto voce. Qual nada. A sensação é que todo mundo precisa ser bem ouvido. Então você passa a conhecer toda a fauna existente. Exemplo: no boxe, o meu lado esquerdo tinha um Sr. Antônio. Assim era tratado. Nunca o vi mais magro. Mas conheço bem suas doenças e alguns eventos pessoais, graças à inconfidencialidade do setor. Depois de já saído do hospital, um amigo que dá assistência espiritual aos pacientes me falou que iria visitar o Sr. Antônio. Era o próprio. Ah, como esse mundo é pequeno e querem enchê-lo cada vez mais!

Numa UTI tem sempre médico, enfermagem e técnicos. Altamente competentes, são o setor mais competente de um hospital. Pois tudo é intensivo. Inclusive suas habilidades. Isso é bom, mas, há sempre um mas, gera uma onipotência semelhante à de muitos colegas que conhecemos. Então, vou avisando, não delire, se puder. Delirou, acabou sua credibilidade. Era um antes do delírio, outro depois de delirar. Fiz coisas poucas: arranquei uma sonda nasoenteral, tentei extrair uma via venosa, delitos menores. Acabou aí minha credibilidade, afinal era o que delirava, mesmo voltasse à lucidez. Certa vez, pedi para falar com meu médico. Pedido negado, estaria suficientemente lúcido para um diálogo com alguém externo? Aliás, é interessante: numa UTI todos são alienígenas, a não ser seus próprios habitantes; até os médicos não pertencentes ao staff intensivo têm pouca influência. Lá pelo terceiro dia descobri que havia um relógio no boxe, marcava 6 horas. Chamei alguém e pedi para que me dessem naguela noite um remédio para dormir, pois até então insone. Claro que não fui levado a sério. Era seis da manhã, e não da tarde. Como pode ser levado a sério alguém que não sabe a que horas anda?

E há umas figuras diferentes. Não sei se enfermeiro ou técnico, devia ser técnico, havia alguém com talento vocal. Para si, claro. E cantava o homem, mal naturalmente, e só músicas que não gosto. Parecia de propósito. Além de cantante era palrador. Meu Deus, como falava! E para esse tipo de personagem não há solução. Não há remédio para quem se atribui talentos inexistentes.

Bem, depois de supostamente lúcido, ponderei que deveria fazer algumas reclamações. Talvez durante a meia hora matinal ou vespertina de visitação. Mas como os familiares lidariam com isso. Seriam convenientes, ou piorariam a situação. Pois todos os dados clínicos estavam normais, e isso é essencial numa unidade de cuidados intensivos. Reclamar do quê? Do vozerio, da luz intensa, do não ser levado a sério, quem manda ter falado tantas bobagens? Ponderei que seria melhor ficar quieto, pelo menos não haveriam represálias. Numa UTI é fácil ficar conspirativo.

Todos nós, quando guris, brincamos às vezes de lutar. E quando alguém pedia água era o sinal da derrota. Deixava imediatamente de apanhar e sofrer. Como num ringue de vale-tudo quando um oponente bate com a mão na lona ou pede água. Pois bem, há algo numa UTI que é sagrado. Desde que você possa ter ingesta hídrica, por mais que delire, jamais terá um pedido de água negado. Por favor, água fresca. E lá vem a boa alma com uma água fresquinha. Que coisa boa, o melhor de uma UTI, certamente!

Minha saga por meu inferno particular é cheia de pormenores. Mas devo ficar por aqui para não aborrecer o leitor. O resto são flores. Aos médicos que me cuidaram, à enfermagem sempre atenta e ao hospital que me deu imerecido tratamento de superstar. A todos agradeço por um pouco mais de vida. E como é boa, principalmente com saúde. Apesar de todos os regalos dos médicos e do hospital, melhor não repetir a experiência, e não ter histórias para contar.

#### AMOR SUBLIME AMOR

Publicado no látrico nº 30, julho de 2012

West Side Story ("Amor Sublime Amor", no Brasil) foi o grande filme de 1961. Arrebatou 10 Oscar, todos merecidos. É um Romeu e Julieta do West Side de Nova Iorque. Dirigido por Robert Wise e Jerome Robbins, teve nesse último seu coreógrafo; e que coreógrafo! As cenas de dança, é um musical, são deslumbrantes, como extasiantes são as tomadas da cidade no início do filme. E olhem que não gosto de adjetivos.

Mas o que é mesmo fora de série, ou seja, indiscutível, é a trilha sonora de Leonard Bernstein com letras do meu compositor preferido, gênio da Broadway, velhinho – é carinhoso –, mas ainda vivo, Stephen Sondheim. Composições como Maria, Maria, Tonight e Somewhere ganharam eternidade.

Quando assisti ao filme, em 62, numa pequena cidade do interior paranaense, a grande decepção. Não do filme, mas dos circunstantes. Deslumbrado com o que nunca vira em outro musical, me aborrecia a cada nova tomada de dança e canto, porque começavam a bater com os pés no assoalho do cinema, em sinal de protesto. Simplesmente estavam despreparados para o que viam. Via isso se repetir quando rompia a fita de um filme, o que era justo. Ou quando um filme proibido para 18 anos não mostrava o que prometia. Justíssimo. Agora, para a grande arte, nada justo. Havia uma piada na época entre os cinéfilos: filme bem focado já é um luxo.

Mas surpreendente mesmo foi 1984. O mesmo gênio Leonard Bernstein resolveu fazer The making of the recording. Reuniu José Carreras, Kiri Te Kanawa, Tatiana Troyanos e Kurt Ollmann, entre outros, para gravar a trilha de novo e com estas vozes. É engraçadíssimo ver um Carreras jovem não conseguindo fazer o que Bernstein queria. A exigência era total com todos, músicos incluídos.

Hoje *making of* é comum, mas com tal patamar de exigência, certamente, meu caro leitor, você nunca viu. É uma experiência notável mesmo para quem não é aficionado de música. Mas doulhe a receita: ao contrário do usual, assista primeiro o *making of* e só depois o filme. Uma grande experiência para um dia chuvoso e sem nada a fazer. E me agradecerá, pelo que devia ser a regra num trabalho que exige devoção e exigência. Está tudo em DVD e baratinho. Um luxo.

#### **MEMORIAL**

Publicado no látrico nº 30, julho de 2012

Eu me lembro que no cinema da minha cidade o que anunciava o início da sessão era o Concerto para piano nº 1, Allegro, do Tchaikovsky. Curto até hoje.

Eu me lembro de ter assistido o Nelson Gonçalves cantando na minha cidade e não acreditar que era gago. Gravou mais de duas mil músicas.

Eu me lembro da "duradoura" virgindade da Doris Day. E de ter acabado no filme Confidências à meia-noite, com o Rock Hudson, que era homo e morreu de aids. Mas me lembro também que era uma das maiores cantoras americanas. Ouço-a até hoje. Foi subestimada como cantora.

Eu me lembro do Repórter Esso com Eron Domingues e do Cantinho da Saudade com o Fiori Gigliotti. O rádio era o mundo.

Eu me lembro da Crush e da Grapette, e de que não as podia comprar. Muito menos dos doces da Confeitaria das Famílias.

Eu me lembro do Canal 100 com suas tomadas fantásticas à beira do campo no Maracanã. E do Garrincha driblando, driblando...

Fu me lembro dos bailes do Dava e do Danc.

Eu me lembro do cine Rivoli, do Lido, do Vitória, do Avenida, do Ópera, enfim, de todos os momentos alegres durante o curso de medicina, cinéfilo que era.

Eu me lembro de todos os comunistas que tentavam fazer nossa cabeça (Marx, Engels, Trotski) e que não havia opositores intelectuais.

Eu me lembro do primeiro 007, Dr. No, e de ter voltado a assistir devido ao Sean Connery e a Ursula Andress com aquele corpão e o biquíni amarelo.

Eu me lembro que o presidente Figueiredo gostava mais de cavalos do que de gente.

Eu me lembro do fim dos Beatles e de todas as teorias conspiratórias a respeito da dissolução.

Eu me lembro que os filmes proibidos para 18 anos não mostravam nada que interessasse.

Eu me lembro que a sessão de cinema das oito, aos domingos, era para todos e a das dez, para os mais velhos. Ou compareciam na reprise das segundas.

Eu me lembro do Flávio Cavalcanti na televisão sendo o guardião da moral e dos bons costumes na música. E sua cara de enfezado.

Eu me lembro do 60 na André de Barros, república livre, sensu lato.

Eu me lembro de não ter conhecido pessoalmente nenhum gênio. Pobre vida.

Eu me lembro do CCC, tão perigosos quanto o PCC, estourando bancas de revistas. Era o mínimo que faziam.

Eu me lembro que cheguei a ser coroinha e que achava a missa em latim e o canto gregoriano coisa de elevação sublime. Com seu desaparecimento nunca mais senti tal elevação de espírito. Não acompanhei os tempos. A tempo: nessa época os padres usavam batina.

Eu me lembro que durante o curso de Medicina frequentava a Biblioteca Pública do Paraná das 20 às 22h. Foi meu passaporte para a cultura.

Eu me lembro que Freud transava com a cunhada e que isso ficou bem explicado.

Eu me lembro das asas da Panair. Antes da música cantada pela Elis.

Eu me lembro da sunga rendada do Gabeira e da Leila Diniz, grávida, de biquíni.

Eu me lembro que guase acreditei no Teseu, no Hércules, e no Maciste. Hoje não consigo nem ver o UFC. Afrouxei.

Eu me lembro que fui ensinado a não falar mal dos outros, e quase segui... As reticências são pelas exceções.

Eu me lembro que era preciso endurecer, sem jamais perder a ternura. Isso é o que chamamos de oxímoro, contradição em termos.

Eu me lembro de ter atendido torturados que mais pareciam"zombies"

Eu me lembro que meu pai tinha adoração pelo corredor checo Emil Zatopek e dizia que ele sempre treinava com uma mochila pesada às costas. Chamavam-no de "A locomotiva de Praga".

Eu me lembro dos Festivais da Canção e do Fino da Bossa. E do Ray Charles no Rio e do Frank Sinatra no Maracanã.

Eu lembro que, ao contrário do Caetano, vide Sampa, Vinicius achava S. Paulo o túmulo do Samba.

Eu me lembro do Cinema Novo Brasileiro. E de achá-lo chatérrimo. E ninguém tinha coragem de dizer.

Eu me lembro do Carne Seca que aterrorizava nosso interior e das reportagens do Cruzeiro sobre ele.

Eu me lembro que David Nasser, principal colunista de O Cruzeiro, mentia pacas; mas as fotos de Jean Manzon eram ótimas.

Eu me lembro do "Amigo da Onça", do Carlos Estevão, na mesma revista. Teve o chamado fim trágico, suicidou-se.

Eu me lembro da Elis – sempre ela – cantando: "Meu Brasil... Que sonha com a volta do irmão Henfil... Com tanta gente que partiu. Num rabo de foguete..."

Eu me lembro que não perdia nenhum O Pasquim, e sempre os relia.

Eu me lembro que não se podia entrar acompanhado num hotel sem apresentar certidão de casamento. Mas dois homens, para duas camas, podia.

Eu me lembro do Mário Moreno, o Cantinflas, comediante mexicano, e suas calças caídas, e do filme em que se tornava invisível. Ser invisível é sempre uma grande fantasia de infância.

Eu me lembro do time do Vasco, super, super, campeão carioca de 1958: Hélio, Paulinho, Bellini, Orlando e Coronel, Écio e Valdemar, Sabará, Almir, Roberto Pinto e Pinga. Nunca tive tanta alegria no futebol. A não ser nas Copas que ganhamos.

Eu me lembro que no tempo da faculdade se dizia: "O filme é uma merda. Mas o diretor é genial".

Eu me lembro de *O Cruzeiro* achar que Josef Mengele vivia em Rolândia. E que o Adolf Eichmann, no julgamento de Nuremberg, ter dito, como se diz até hoje, que cumpria ordens.

Eu me lembro que a formação do futebol mudou tanto ao longo dos anos que, hoje, ninguém sabe como joga o Barcelona. Mas que era chique *center-half* e *center-forward*, lá isso era.

Eu me lembro que quando vi a letra de *Construção*, do Chico, ter pensado que ele poderia ter parado ali como compositor. A letra parecia definitiva.

Eu me lembro que sempre hesitei em escrever. Por quê? Por causa do Mario Quintana; "Se dizem que escreves bem, desconfia. O crime perfeito não deixa vestígios".

Eu me lembro que só tomava Emulsão de Scott se minha mãe me deixasse jogar futebol.

Eu me lembro que o fio de bigode era uma questão de honra.

Eu me lembro que o táxi no meu tempo de Arapongas era charrete.

Eu me lembro criança, com hepatite, achando que minha mãe é que me curaria.

Eu me lembro do Oiapoque ao Chuí. Parece que até isso acabou.

E a terrível frase de Goethe: "Eu te amo. Que tens com isso?" Isso é o que se chama assimetria.

Eu me lembro que não se honra mais pai e mãe e que só se cobiça as coisas alheias...

Eu me lembro de Detefon, que todos os dias meu pai espraiava nos guartos. Até hoje penso que o Parkinson dele e da mãe foi disso, além da genética. E fico pensando quando serei afetado.

Eu me lembro que o único fogo que tomei na vida foi de Cuba Libre. Talvez, por isso, não simpatize com a ilha.

Eu me lembro que o Mazzaropi enchia os cinemas.

Eu me lembro que o Jeca Tatu já foi um herói nacional. Com esse tipo de herói nada vai pra frente... Só preguiça.

Eu me lembro da Catherine Deneuve em Belle du Jour e do que tinha naquela caixinha do chinês. Mais tarde, a decepção, o Luis Buñuel, diretor, disse que não tinha nada.

Eu me lembro do Chet Baker cantando baixinho. E isso foi antes do João Gilberto.

Eu me lembro do maio de 68 em que era proibido proibir, e que era preciso ser realista, exigindo o impossível.

Eu me lembro que o mundo já acabou várias vezes.

E me lembro também daquele jornalista que perseguia o professor Eugenio Gudin em busca de uma entrevista. Finalmente, o professor vem ao telefone, e o jornalista: "Bom dia, dr. Gudin, queria saber se seria possível um encontro com o senhor para trocarmos ideias..." Dr. Gudin respondeu: "Sei, meu filho, e que ideias você tem para me oferecer em troca?"

Eu me lembro sempre do Stanislaw Ponte Preta e de seu *Festival de besteiras que assola o país,* e também de suas recomendações: "Rabo e conselho só se deve dar a quem pede".

Eu me lembro que o capitalismo estava historicamente condenado e que ia acabar. Esqueceram de avisá-lo.

Eu me lembro de Casablanca, de Humphrey Bogart dizendo pro Sam: "Play it once, for the old times. Play it, Sam". E este: "You must remember this"

Eu me lembro de que você não mudou nada.

Eu me lembro que a vida não é só isso que se vê, é um pouco mais.

Eu me lembro que os políticos antigamente sabiam escrever.

Eu me lembro de que "Tem dias que a gente se sente como quem partiu ou morreu".

Eu não me lembro de quem disse que nada traz de volta tão bem os bons velhos tempos quanto uma memória fraca.

Eu me lembro de: "Yesterday/all my troubles seemed so far away..." Com a voz do Matt Monro, claro.

Eu me lembro muito bem que esta seção foi baseada em *Memo-rando*, livro de Geraldo Mayrink e Fernando Moreira Salles, Cia. das Letras, à maneira de *I Remember* ou de *Je Me Souviens*, de Homero a Proust.

## O ESPÍRITO DE PARIS

Publicado no látrico nº 30, julho de 2012

Para uma viagem de poucos dias a Paris o visitante tem hoje guias esplêndidos, objetivos, e com imagens belíssimas em papel couchê orientando o que deve ser visto, o imperdível. Mas nenhum desses quias mostra o espírito da cidade.

Certa vez, tentando descobrir tal espírito, figuei guase um mês na cidade tentando viver como um parisiense. Debalde, não consequi. Para o tal espírito você precisa saber falar francês e ter longa estada na cidade.

Dois livros que ajudam o visitante a tangenciar a alma da cidade luz são: Paris, é uma festa, de Hemingway; e Paris não acaba nunca, de Betty Milan. O primeiro foi póstumo, editado por uma das mulheres de Hemingway, Hadley, que o chamava carinhosamente de Tatie. Baseou-se nas anotações que o escritor fizera em cadernos no período de 1920 a 26. O segundo, de Betty, é da década de noventa, ela, que foi analisanda de Lacan e posteriormente sua assistente e, portanto, viveu muitos anos na cidade e, por conta de sua atividade profissional, tendo maior capacidade de captar as nuances da cidade.

Uma história contada no livro de Hemingway e recontada no de Betty nos diz que o escritor, que abandonara o jornalismo para se tornar escritor full-time, passava até fome nesses primeiros anos da década de 20, tempo da lost generation, americanos literalmente perdidos na Paris desse tempo, vivendo alguns de favores. Tanto que, nesses primeiros anos pós-jornalismo, a fome era tanta que o escritor evitava passar na frente de vitrines que mostrassem comida. Era para evitar o aprofundamento da carência.

Pois bem, as condições de vida melhoraram e Hemingway se hospeda no hotel Ritz no final da década. Em 1957, vindo de curta passagem pela Espanha – adorava touradas –, se hospeda de novo no hotel; já era época de vacas gordas. Qual não foi sua surpresa quando os bagagistas lhe entregam duas malas que esquecera 30 anos antes. Pode? Mesmo parecendo inverossímil, parece que o episódio foi verdadeiro. O que continham? Além do usual, seus cadernos com anotações dos anos vinte, período de sua errância pela cidade.

Agora, pergunto ao dileto leitor: poderia conceber tal situação num hotel da pátria amada? Pois é, isso dá um pouco a noção do que é Paris. Essa relação da intensidade das pessoas com seu açougueiro, padeiro, e quantos mais, revela o espírito. O açougueiro não diz apenas o corte ideal para a carne do jantar, mostra também a melhor maneira de temperá-la, e se descortina ao longo do tempo uma fraternidade que melhora o consumidor e mantém o cliente.

Paris não é uma cidade fácil. Os imóveis são pequenos, acanhados, para seu vivente. Mas, para que acumular coisas se a cidade tudo oferece? Quer melhores museus, bibliotecas, monumentos, jardins e tudo o mais que possa transpirar cultura? É assim Paris, de um número de cinemas superiores aos dias do ano aos bistrôs mais acolhedores e restaurantes mais requintados. Tudo visando mudar o paradigma das pessoas, aperfeiçoá-las. E até em sua origem, o termo grego *parrhesia*, que quer dizer liberdade de falar, Paris dá destaque à importância da palavra. Seus escritores não nos deixam mentir. E como são cultuados.

Há uma história de um pintor francês, Manet, que já tinha lido no início de minha profissão de professor, que me serviu de inspiração e humildade para o resto da vida. Convidado a formar outros pintores, respondeu: "Não posso ter alunos. O que lhes transmitiria eu? Nada ou muito pouco, que pode ser resumido em duas palavras: a primeira, é que o preto não existe; a segunda, é não faça nada do que você já viu na obra dos outros". Com isso asseverava que devíamos conhecer tudo o que nos precedeu para não repetir, e buscar outro caminho, ou vertentes, sozinhos. Foi o que tentei fazer enquanto professor. Síntese primorosa para uma ati-

vidade que se pretenda original, mesmo com os tropeços naturais do caminho.

Por isso que quem conhece bem Paris adorou o filme de Woody Allen, Meia-Noite em Paris, onde tentou captar esse espírito e o conseguiu na brevidade de um filme. Não à toa, seu roteiro ficou consagrado.

Paris, onde aprendi a não ser gourmand, e sim gourmet; onde aprendi a melhor controlar meus desejos; onde aprendi que o olhar organiza a existência; onde aprendi um pouco a ser eu mesmo.

## À FLOR DA PELE

Publicado no látrico nº 30, julho de 2012

Em função da atividade profissional me acostumei a ver lesões cutâneas de processos sistêmicos, principalmente vasculites. Mas, claro, no mais das vezes eram lesões discretas e limitadas como as de psoríase nos cotovelos, portanto, mais cosméticas do que sérias. E vi também a dificuldade, principalmente em mulheres, de lidar com o problema. Um problema simples, literalmente, virar a cabeça da pessoa. É bem verdade que, não raro, outros dilemas, no caso emocionais, também existiam como pano de fundo.

Acontece que adoeci. E sabemos que médico não tem o benefício da ignorância. É consciente, ou deveria ser, da extensão de seus males. E deve ser, ou também deveria ser, um bom paciente. Ou seja, seguir as ordens médicas. E sigo.

Como paciente fui obrigado a usar medicação que provocava intensa erupção cutânea, e difusa, mais intensa na cabeça, com expressiva exposição facial. E para mal dos pecados, parece que tão mais eficaz quanto maior a erupção. Quer dizer, sem alternativa, apesar das atenuações do tratamento dermatológico.

Ocorre que os pacientes te avaliam pela aparência, como se sequissem o preceito de Oscar Wilde, que dizia que tudo deve ser avaliado pelas aparências. Não deu outra: se algo aparece, você não pode estar bem. Ou tipo se não consegue resolver seu próprio problema, como vai resolver o dos outros?

Então, a diversidade de comentários eram – pelo menos os que chegaram aos meus ouvidos, imaginem os outros – "está bem, mas está todo descascando"; "parece que a doença está explodindo na pele"; ou, "coitado, está numa fase final". A analogia que eu fazia, devidamente exagerada, era semelhante aos aidéticos do início dos anos oitenta do século passado; caquéticos e moribundos. E, diante dos fatos, a resignação: era obrigado a fazer o que sempre

mais odiei, a dar explicações de mim mesmo aos pacientes, contra minha vontade e detonando um preceito que sempre apregoei. Resultado, um exercício de humildade existencial.

Agora, restabelecido, quanto à pele, me olham como algo miraculoso. "Doutor, como o senhor ficou mais jovem!" E querem saber detalhes do milagre. Apenas digo que estou sob influência do comitê celestial. E diante de força tão poderosa, se aquietam. Tudo passa.



# CAPÍTULO V SOBRE POESIA

"Os homens não entendem os livros até que tenham vivido um pouco, ou melhor, nenhum homem entende um livro profundo, até que tenha visto ou vivido pelo menos parte de seu conteúdo."

Erza Pound

# **SE: POESIA E COMENTÁRIO**

Publicado no látrico nº 16, janeiro/março de 2006

Por que Millôr faz uso irônico do "Se"? "Já leu? Não leia. Nunca ouviu falar? Não ouça". Por que sabe-o inatingível, não humano. O homem é, quando muito, um ser a caminho da perfeição, portanto, não perfeito. O que evoca o poema? A idealização de um modelo baseado na serenidade e no equilíbrio, na resignação e na convicção, na verdade e no sonho sem escravatura, na resiliência e na regulação do orgulho, na restauração de todos os prejuízos, nem que seja pelo perdão. Nada mais irrealista, embora com os melhores propósitos, daí o apreço das gentes pelo mesmo.

O If de Kipling é conservador, cristão, porque tem no perdão e na resignação sua grande força. Isso o transforma em reza. O perdão, introduzido pelo cristianismo, foi uma revolução sob o ponto de vista religioso e pessoal. Isto é, se opôs ao olho por olho, dente por dente. Não mais a vingança, o sacrifício de algo ou alguém, e sim a busca de uma consciência moral autônoma, tendo que nos sujeitar ao indulto e não à desforra, ou à reparação consentida, quando possível. Isso melhorou muito a convivência humana, difícil por natureza, na medida em que houve urgência em controlar os desejos, principalmente os mais primários, necessidade fundada num ajuste à realidade plural, complexa, conflituosa – convivência é conflito —, em que se concita o compromisso.

Daí também a exigência de edificar o homem sem arestas, polido, perfeito e, portanto, inumano. Inumano por que bom demais e ingênuo em demasia. É então de se perguntar: no mundo atual temos direito a ser ingênuos a respeito de crenças, ética e de nossos valores fundamentais? Temos direito à pureza que aliena? A globalização trouxe em seu bojo a livre circulação de ideias, em princípio algo bom. Pressupunha-se que a ingenuidade, uma forma de alienação, estaria com os dias contados. Nada mais ilusório. A simples circulação de ideias nada modifica se não houver pessoas com um mínimo de formação para absorvê-las, discuti-las, assimilá-las, e com isso trazer mais luzes aos modificáveis. Que, por sua vez, farão parte da cadeia de alterações que darão mais sentido ao ser. Esse vir a ser que é lento, de digestão difícil e demorada, mas que aperfeiçoa a inserção da pessoa nesse mundo de complexidades.

If é tolo porque pressupõe um homem evoluído, inteiro, que estamos longe de alcançar. Na melhor das hipóteses, estamos a caminho. Para que se esclareça: virtudes e vícios têm a mesma origem. São siamesas. O que Kipling quer no poema é que abandonemos de supetão os vícios e nos tornemos puros. Algo impossível, esquizoide. Vale, portanto, a epígrafe de Graham Greene. a inocência é uma forma de alienação. Quer dizer, o inocente, o puro, ingênuo, está tão por fora do mundo quanto o alienado, o doido. Apenas com focos diferentes: um olha para fora e nada compreende, o outro olha para dentro e nada organiza. Só há uma saída para as virtudes, o lento desabrochar (a única coisa que corre solta e rápida é a tecnologia; e o besteirol).

A reprimenda de Millôr é para que não aceitemos a primeira versão, e sim a revisada. A revisada por uma mente crítica, reflexiva, não suscetível a formas elegantes mas pueris. Que não sejamos miméticos, e sim proféticos. Antevidentes como ele é. Embora isso já seja também outro estrato, outro patamar, no qual ele próprio está situado, e por isso é o que é. A maioria das gentes permanece no limbo, esforçando-se para ter clareza e ser claridade. Amém.

#### Se

Se és capaz de manter a tua calma quando Todo o mundo ao redor já a perdeu e te culpa; De crer em ti quando estão todos duvidando, E para esses no entanto achar uma desculpa; Se és capaz de esperar sem te desesperares, Ou, enganado, não mentir ao mentiroso, Ou, sendo odiado sempre ao ódio te esquivares, E não parecer bom demais, nem pretensioso; Se és capaz de pensar – sem que a isso só te atires; De sonhar – sem fazer dos sonhos teus senhores; Se encontrando a desgraça e o triunfo conseguires Tratar da mesma forma a esses dois impostores;

Se és capaz de sofrer a dor de ver mudadas Em armadilhas as verdades que disseste, E as coisas, por que deste a vida, estraçalhadas, E refazê-las com o bem pouco que te reste; Se és capaz de arriscar numa única parada Tudo quanto ganhaste em toda tua vida, E perder e, ao perder, sem nunca dizer nada, Resignado, tornar ao ponto de partida; De forçar coração, nervos, músculos, tudo A dar seja o que for que neles ainda existe, E a persistir assim quando, exaustos, contudo Resta vontade em ti que ainda ordena: Persiste!;

Se és capaz de, entre a plebe, não te corromperes E, entre reis, não perder a naturalidade, E de amigos, quer bons, quer maus, te defenderes,

Se a todos podes ser de alguma utilidade, E se és capaz de dar, segundo por segundo, Ao minuto fatal todo o valor e brilho, Tua é a terra com tudo que existe no mundo E o aue é mais – tu serás um homem, ó meu filho!

## **ALMA VIVA**

Publicado no látrico nº 13, janeiro/março de 2005

Em mim habitam multidões, embora tenha poucas afinidades. Fernando Pessoa é uma delas. Não o das primícias poéticas. Mas aquele que se fez adulto com Alberto Caeiro, seu mestre, seu primeiro heterônimo, e que deu vida aos demais. Aquele que começou a beber da realidade e não de idealizações, sonhos edulcorados, de doces diluídos por qualquer líquido, e sim do versejador pagão e objetivo, qual um vinho difícil de ser apreciado porque complexo, feito de boa cepa, verdadeiro, só falsificável por quem vive no néon da virtualidade. Foi Caeiro que deu a Pessoa um olhar agudo, "nítido como um girassol", onde o sonho só terá lugar se for tão visível quanto a realidade.

Uma realidade coisificada e de sentimentos indizíveis, que ele soube materializar. Pois, todo poeta deve ser um grande realista. Como o médico. Este se insere na realidade, opera nela, e extrai da mesma as mudanças que vitalizam a sua profissão. E fazse perguntas diante de sua perplexidade científica. E embora às vezes não tenha respostas, continua arguindo a si mesmo sobre a oportunidade, veracidade ou prudência de seus atos. Tal qual o leigo que em face de decisões difíceis quase sempre as adia, o médico também gostaria, mas não pode, o sofrimento não deixa. Nem que seja uma decisão forjada na arte, quando a ciência não pode significar. E é exatamente sobre esse "isso ou aquilo" de que tratam "as decisões" aqui publicadas.

Uma leiga, genérica; outra médica, específica em sua inespecificidade. Quem já não quis cair fora de uma situação concreta e ficar a espiar? Quem já não ficou perplexo e incerto diante de um enigma clínico ou vivencial? Pois é, poesia e realidade não são a mesma coisa, mas são indissociáveis. À semelhança de corpo e alma, uva e vinho. Difícil haver boa poesia se não for extraída da realidade. Cabe-nos dar-lhe clima e propriedade, como Pessoa deu a seus heterônimos.

N.A. Almaviva é o mais belo nome já dado a um vinho. Senti uma coisinha ao ver o nome, e várias ao sorvê-lo. Mas anda meio caro. É também o *status* que dou à presença, na sua ausência, do poeta e sua poesia.

# **CANSAÇO E SOSSEGO**

Publicado no látrico nº 13, janeiro/março de 2005

Cansaço é recorrente em prosa e poesia. Da profissão, dos amores, da vida, do nada. Cansaço da esterilidade de criação que teima em ser persistente. Cansa-se de si, dos outros, e até mesmo do próprio cansaço. Só não se cansa do desejo, também recidivante, sujeito álacre em voos intensos, perdido na extensão da fantasia e na falta de proveito. Só se cansa do desejo o deprimido, um oprimido das lembranças vis. Pessoa também foi homem de muitos cansacos e verteu-os todos, ou guase, na sublimação do verbo. De si dou exemplo d'outro cansaço no poema abaixo. De mim não me canso de arrolar outros poetas paranaenses e de os colocar em companhia tão ilustre. Embora se exija, nesta festa, traje a rigor.

Mas depois de tanto cansaço, que não se figue sem descanso. Evoco o mesmo Pessoa/Álvaro de Campos para nos apaziguar. Será? "Sossego, sim, sossego... /Grande tranquilidade... /Que repouso, depois de tantas viagens, físicas e psíquicas! /Que prazer olhar para as malas fitando como para nada! /Dormita, alma, dormita! /Aproveita, dormita! /Dormita!/É pouco o tempo que tens! Dormita! /É a véspera de não partir nunca!"

## O que há em mim é sobretudo cansaço

O que há em mim é sobretudo cansaço, Não disto nem daquilo, Nem seguer de tudo ou de nada: Cansaço assim mesmo, ele mesmo, Cansaço. A sutileza das sensações inúteis, As paixões violentas por coisa nenhuma, Os amores intensos por suposto em alguém, Essas coisas todas – Essas e o que falta nelas eternamente -;

Tudo isso faz cansaço, Este cansaço, Cansaço.

Há sem dúvida quem ame o infinito, Há sem dúvida quem deseje o impossível, Há sem dúvida quem não queira nada – Três tipos de idealistas, e eu nenhum deles: Porque eu amo infinitamente o infinito, Porque eu desejo impossivelmente o possível, Porque quero tudo, ou um pouco mais, se puder ser, Ou até se não puder ser...

E o resultado?
Para eles a vida vivida ou sonhada,
Para eles o sonho sonhado ou vivido,
Para eles a média entre tudo e nada, isto é, isto...
Para mim só um grande, um profundo,
E, ah com que felicidade infecundo, cansaço,
Um supremíssimo cansaço,
Íssimo, íssimo, íssimo,
Cansaço...

Fernando Pessoa (1888-1935)

# **ATO DE CRIAÇÃO**

Publicado no látrico nº 11, setembro/outubro de 2004

Aguilo que se pensa ser criação, da poesia à música popular, é quase sempre evocação banal do já vivido, ou do vivido por outros, dos quais tentamos obter uma procuração poética para representá-los, de jeito jejuno e simplório, daí haver tantas melodias estragadas por letras ruins em que predomina a mesmice do "eu te amo". Ou seja, ao invés de vigorarmos, banalizamos o sentimento amoroso, aqueles instantes únicos e, portanto, memoráveis, em que sentimos o mundo a nossos pés e que gostaríamos de eternizar, como se não fossem apenas momentos luminosos e, ao depois, reflexivos. Momentos que se têm persistência viram paixão, algo tão intenso quanto fugaz, paradoxalmente, tão mais fugaz quanto mais intenso for. Por isso, a paixão é o amor doentio, febril, cuja história natural é tornar-se terminal, irreversível, apesar do enxerto de sentimentos aditivos que procuram mantê-la a qualquer custo e sacrifício, unilateralmente, pois sempre termina primeiro em um dos dois, desembocando na humilhante mendicância amorosa do outro.

Amar é, acima de tudo, respeitar-se e ter respeito pelo parceiro. Isso não é só espontaneidade, é o desenvolvimento de uma sociedade justa, em que os sócios se sentem confortáveis e não usados, e fazem da reciprocidade e cumplicidade seu esteio, semelhante a uma canoa sólida que lhes dá suporte e não afunda, mas que sozinha fica à deriva, ao sabor da correnteza, não tem rumo nem se dirige às metas almejadas, necessitando dos remos do prazer e do afeto para dar direcionamento e estabilidade. Paixão é diferente, como cunhou Vinicius e deixou registrado no cânone lírico – e disse-o a respeito do amor, embora quisesse dizer paixão -"Que não seja imortal, posto que é chama/Mas que seja infinito enquanto dure".

Quer dizer, especialista que foi em encontros e desencontros, amou e sofreu, subiu e desceu, mas soube extrair da sua vivência uma realidade que estava ali para ser colhida, e o fez criativamente. Inventou um sentido poético sem sequer transgredir sobre o estabelecido, não foi além, mas registrou de forma única e pessoal o dilema de tantos. Com uma diferença. Enquanto a maioria desorganiza a sua vida tornando-a caótica – só se tem olhos e interesse no "objeto" da paixão, e aí já estou estendendo o impulso passional –, o poeta deixou-se levar mas sempre se recuperou, usando a compreensão e a criação.

Ora, cantar poeticamente o amor ou qualquer outra coisa deveria ser assim, um ato criativo alternativo ao corrente, ao usual, e não o ramerrame nosso de cada dia. Mister difícil, bem o sabemos. Mesmo que não fizéssemos nada de novo, pelo menos deveríamos dizê-lo diferente; ou de outra maneira, em não podendo construir novos caminhos, deveríamos ornamentar os iá conhecidos com colorido insuspeito, misturando novos matizes. Fazendo conexões imprevistas. Esse, o ato poético da criação, tantas vezes recriado por Vinicius. E nutre-se do que? De percepções, evocações, sentimentos, do estuário de nossa espontaneidade e realidade. De nossos desejos tornados realidade ou frustração. E cozidos em fogo lento com os ingredientes das agruras, apogeus e indefinicões próprios de nossa experiência, sempre resoluta e forte quando se depara com o já vivido, mas frágil e imprecisa ao por viver. Poesia e magia têm veio único, origem comum. Não costumamos nos referir à magia da palavra quando lemos um verso revelador? Essa magia vem de consentir a palavra, isto é, suspender nossas razões para que nos entreguemos sem reservas à sua contemplação espiritual.

Para sentirmos a poesia não necessitamos de exercício intelectual, precisamos de entrega sensorial, nos encantarmos com seu ritmo e aprendermos o seu significado antes de sabê-lo. Isso se chama "incorporação imediata da estranheza poética". Lógico que é imprescindível estarmos afeitos ou propensos ao tema, ter certo número de receptores, mas mesmo que nos seja inacessível por meio intelectual – o que é necessário na grande poesia épica universal forjada na multiplicidade de mitos, símbolos, crenças ou

evidências, requerendo esforço para ser compreendida, de modo próprio ou por intermediação de um intérprete -, é possível ter um sentimento poético imediato de comunhão. E a comunhão pode ser educativa à medida que se abra à compreensão. Ou à permeação de um fluxo de sentimentos gostosos, como uma melodia que se cantarola ou assobia. Um alagar-se dopaminérgico, diria um neurocientista; um alargar-se cognitivo, diria eu.

Precisamos entender que tudo que há de inventivo se inicia no discurso poético. A tensão entre opostos que é a dialética, o início da tentativa de provar a existência de algo, só se faz em cima do possível – poético –, e só a partir disso pode ser levado ao analítico, ou seja, ao provável que pode se tornar verdadeiro. O resto é retórica, arte de convencer alguém sobre o que se pretende provado, verdadeiro sob nossa perspectiva. Essa síntese é aristotélica, mas só foi citada para mostrar a importância do que é intuitivo, perceptivo, poético. Como em ciência, em que a teoria vem antes e a prática depois. Primeiro a ideia, depois o método para prová-la e sua necessária reprodutibilidade. Portanto só a poética, o possível intuído, pode se tornar fato provável, verdadeiro. É a ciência emanando da poesia. Mas de onde vêm essas emanações e quem é capaz de produzi-las? De onde vem a banalidade e a genialidade? De qualquer um e de nenhum. Certamente não é um segredo a ser desvendado. Não há fórmula. Está mais para um mistério a desafiar. Augusto dos Anjos sentiu-se desafiado e respondeu à questão com uma síntese viva: "De onde ela vem?! Vem da psicogenética e alta luta". Questionou, respondeu e ainda deixou em aberto, é mole?!

Como a medicina é fato e trato, ou seja, aquilo de que se trata e seu reparo, tentarei mostrar na prática como se faz a gênese poética. Para isso, ilustrarei com a história vulgar de um menino que literalmente bebeu do real e como um gênio desafiou essa realidade.

Lembram-se daquela garrafinha de Coca-Cola, modelo 1915, inspirada nas formas femininas? Pois é, o tal menino, pobre, tinha um forte desejo naquele líquido negro. Seu pai, pequeno comerciante do que se chamava "secos e molhados", não permitia a satisfação daquele desejo. Certa tarde, forte verão, o delito. O menino furtou e tomou ao natural o que provou ser um xarope horroroso. Parecia maldição paterna, algo tão aversivo quanto o óleo de fígado de bacalhau que só se tomava se fosse permitido algum folguedo. Como regra, futebol. Anos depois, já adolescente, verão alto, sob o chamado sol abrasador, termina uma partida de futebol de salão em quadra não coberta e, sedento, vai ao bar do clube. Para sua desolação, o único refri havido já manjaram, a tal garrafinha, mas geladinha. Sorveu a contragosto e o milagre se fez, nada mais refrescante. Primeiro, o horror, depois, o encanto. Já adulto, fica sabendo que Fernando Pessoa, o poeta, foi redator da McCann, em Lisboa, empresa de publicidade que tinha no seu portfólio a conta da Coca-Cola, e que criou seu primeiro reclame - é assim que se diz por lá, o pá! - em terras lusas. Ei-lo: "Primeiro, estranha-se; depois, entranha-se". Não é estranho? Como é que ênclises não eufônicas podem ser tão poéticas e verdadeiras? E, pois, entranhar- se? Só um poeta para consegui-lo, e o adolescente soube-o, sem o saber. Prosaicamente bebeu da realidade, o outro, gênio, também bebeu da mesma realidade, com a diferença de dar saliência ao que estava oculto. Brincando com as palavras e observando a realidade deu ênfase a desejo e comportamento.

Para nós, médicos, uma lição, pois bebemos todos os dias da e na realidade, e é com a mesma que temos que lidar, e salientar, como um duplo de desafio e desvendamento poético, a cada explicação, analogia, exame, procedimento... a cada prescrição.

## "ORA DIREIS, OUVIR ESTRELAS!"

Publicado no látrico nº 7, outubro/dezembro de 2003

Se você não conhece, o "caso Dreyfus" dividiu a opinião pública francesa entre 1894 e 1906. Alfred Dreyfus, capitão do Estado Maior do Exército, foi acusado de ter entreque à Alemanha documentos referentes à defesa nacional. Acusado sem provas, foi condenado à prisão perpétua e à degradação militar, e deportado para a Guiana Francesa. Começou uma grande luta pela revisão de seu processo, formou-se uma comissão de pessoas representativas que reunia jornalistas, sociólogos, políticos, artistas e tutti quanti. Em face desse comitê heterogêneo e da dificuldade de nominálo, Clemenceau, jornalista e estadista francês, em 1898, chamouos de "intelectuais". Pessoas, embora díspares, que trabalham um pensamento organizado e buscam atingir objetivo(s). Por isso, diz Gerardo de Mello Mourão, que se recusa a ser intelectual, já por sua origem são homens que trabalham dentro do pensamento útil. São fazedores cognitivos.

Nesse sentido, médicos são intelectuais. Exercem suas capacidades cognitivas e suas habilidades com coisas úteis. Um "caso médico" deve ter sempre indícios e ter buscadas suas provas. Quando não existem, para errarmos menos e circunscrevermos um entendimento, utilizamos comitês de especialistas, em suas devidas sociedades, que ditam diretrizes que funcionam como referências. Ou quando há provas demais, ou técnicas, ou caminhos terapêuticos em demasia, seja no Japão, no Haiti ou aqui, recorremos aos mesmos comitês para referendar caminhos menos tortuosos, consensos que facilitem a prática médica. Essas diretrizes ou consensos não podem ser camisas de força para que prejulguemos um diagnóstico ou terapêutica, o que equivaleria a um equívoco Dreyfus. Isto é, temos que sopesar sempre indícios e provas, porque o erro é sempre possível. Quem trabalha com coisas úteis está sempre servindo para algo ou a algo. E é aí que mora o perigo, já que podemos nos desviar do que possa ser socialmente útil ou certo, e cometer equívocos ou iniquidades, mesmo sem o saber.

E um "caso poético", para que serve? Rigorosamente para nada. A poesia é inútil, dizia-o Benedetto Croce. Ou se preferirem um poeta nosso e atual, Manoel de Barros, é antes de tudo um inutensílio. Não serve a nada e a ninguém. Só a si mesma. E nisso reside sua grandeza. Não precisa ser lógica, nem necessariamente conceitual, está intimamente associada ao conhecimento intuitivo, "que busca a realidade e a metáfora das coisas, dos lugares e das pessoas". Dá uma plenitude que mesmo um caso médico com toda a sua concretude e subjetividade é incapaz. E é esse o ponto: a poesia não é útil, mas é insubornável e plena, em sua falta de utilidade e limites. Quem faz poesia, pode fazer péssimos versos, mas não mente jamais, pois está usando seu "fundo insubornável", a feliz expressão do filósofo Ortega Y Gasset para o que temos de mais íntegro, para o nosso cerne incorrompível. Então, para que a poesia nos serve?

Para treinarmos o nosso melhor em moral e ética, e para depurarmos nossa sensibilidade. Para aperfeiçoar o caráter. Essa depuração permite não fazer juízo de valor antes do tempo, não fechar as portas a novas evidências, ou à sua ausência. Treinamos a sensibilidade à medida que se desdobra em múltiplos sentidos e surpreende, quando bem feita, sempre. Como nosso mister é harmonizar ciência e arte, o da poesia é o de modular um casamento perfeito, indissolúvel, entre música e significado. Ou se preferirem, harmonizar sintomas e/ou sinais com os exames complementares. Mas, como o diagnóstico não pode ser mera impressão, a poesia não pode ser mero sentimento, como o foi no seu início. Começou como canto do íntimo, só emoção lírica, e se transformou no canto da realidade. Como a realidade não lhe parecia estética, ornou-a com imagens. Só mais tarde sentiu que podia crescer mais e acrescentou-lhe o conceito.

No dizer de Humberto de Campos, "conceito e imagem tornaramse as duas asas do inseto de ouro de que foi crisálida o coração". Bonito, não? Usando o mesmo autor: a imagem dá extensão ao pensamento, o conceito dá-lhe profundidade. Em outras palavras, o conceito dá prestígio e a imagem dá graça. E isso também é civilização. Ah, quanta filosofia há em "vítima do acaso e da ilusão, beijei tua mão". E é de filosofia que precisamos mais. Para entender o outro, decodificá-lo em suas alterações funcionais ou estruturais, químicas ou lesionais, em sua subjetividade, do mesmo modo que explicitamos um poema. Lógico que a ciência é resolutiva, mas sem a arte nos tornamos mais iatrogênicos. É também evidente que funcionamos por condicionamentos. Se forem bons e permanentemente avaliados, nada de errado. São clichês comportamentais que dão agilidade ao fazer. Da mesma forma que o clichê poético, de tão notável e simples, passa a fazer parte da cultura de um povo, e chega a ser despercebido em sua poesia. Leiam este florilégio: "quem passou pela vida em branca nuvem"; "sem lenço e sem documento"; "quem é bom já nasce feito"; "a mão que afaga é a mesma que apedreja", quem diria que tudo isto é grande poesia tão entranhado que está na boca das pessoas? São frases que não se erodem com o tempo e enriquecem a cultura de um povo, ajudam a dar senso, luz e sombra, superfície e profundidade. Associar o útil ao inútil, dar cor ao nosso prosaico viver.

O médico para ser inteiro há que ser técnico e subjetivo, concreto e sensível, e ter a percepção de que o "cerebral amor estéril das histéricas" também é muito bom, mas ainda não caju na boca do povo. Ora, diria, é por isso que devemos respirar e viver poesia.

## **ESQUECER PARA PENSAR!**

Publicado no látrico nº 18, julho/outubro de 2006

O poema Instantes é prescrito a pacientes com frequência. Por que os médicos o fazem? Porque é comum pacientes se apresentarem no consultório estressados por levarem uma vida com vazios existenciais. E o poema tenta trazer o valetudinário para um ritmo mais lento e é um alerta a uma vida inaproveitada. Será? A grande ironia é que não se aplica à maioria das pessoas, que são devagar, quase parando. Quem não tem parada, o acha lindo. Quem passa a vida em brancas nuvens o utiliza para justificar sua vagagem.

Uns e outros o acham uma beleza, por que é de autoajuda, e o fato de estar associado a um gênio da literatura, o argentino Jorge Luis Borges, falecido na Suíça em 1986, e considerado um dos maiores escritores do século passado, lhe dá uma aura de preciosidade. Nem é um grande poema, nem é de Borges, nem se aplica à maioria das gentes. Como não é de Borges, se você já o viu por aí impresso nas paredes da vida com seu nome? É desses mistérios como os que cada vez mais se vê na internet. Textos apócrifos. Alquém escreve e nomina outra autoria. Geralmente de alguém famoso de quem gosta, e que gostaria de ser e, portanto, espalha seu próprio texto com uma falsa autoria. A ser lido por uma multidão.

Todos os grandes autores sofrem, ou sofreram, com isso. E Borges não poderia ser exceção. Para isso existem os autenticadores. No caso, a própria María Kodama, inicialmente secretária, depois esposa do autor, que diz muito a nós, médicos, já que entre outros escreveu, esse sim, um conto genial chamado Funes, o memorioso. Nesse conto descrevia a história de um rapaz uruguaio que, depois de um acidente, ficou com uma memória prodigiosa. Tão perfeita que podia lembrar qualquer detalhe de um dia inteiro. Isto é, conseguia reconstituir na sua inteireza o dia todo.

Resultado: não lhe restava tempo suficiente para pensar. Para pensar é necessário poder esquecer, só assim se generaliza. Ou seja, Funes é uma personagem literária que não poderia existir na vida real. É uma personagem magnífica, mas falsa. O que é coisa de gênio. Ah, de quem é o poema? De uma escritora americana de autoajuda, de quem não lembro o nome. Mas não tem importância. Também necessito esquecer, para pensar!

#### **Instantes**

Se eu pudesse viver novamente a minha vida, na próxima trataria de cometer mais erros. Não tentaria ser tão perfeito, relaxaria mais. Seria mais tolo ainda do que tenho sido, na verdade bem poucas coisas levaria a sério. Seria menos ingênuo. Correria mais riscos, viajaria mais, contemplaria mais entardeceres, subiria mais montanhas, nadaria mais rios. Iria a mais lugares onde nunca fui, tomaria mais sorvete e menos lentilha. teria mais problemas reais e menos problemas imaginários. Eu fui uma dessas pessoas que viveu sensata e produtivamente cada minuto da sua vida: claro que tive momentos de alegria. Mas, se pudesse voltar a viver, trataria somente de ter bons momentos. Porque, se não sabem, disso é feita a vida, só de momentos; não percas o agora. Eu era um desses que nunca ia a parte alguma sem um termômetro, uma bolsa de água quente, um guarda-chuva e um paraquedas; se voltasse a viver, começaria a andar descalço no começo da primavera e continuaria assim até o fim do outono. Daria mais voltas na minha rua, contemplaria mais amanheceres E brincaria com mais crianças, se tivesse outra vez uma vida pela frente.

Mas, já viram, tenho 85 anos e sei que estou morrendo.

### O GRANDE DESCONTENTE

Publicado no látrico nº 20, abril/julho de 2007

Às vezes, um papo fugidio num intervalo de reunião científica é mais significativo do que horas de rígida labuta, principalmente quando se comunga um mesmo poeta e sua obra, no caso, Fernando Pessoa. Que bom! Mas, depois, figuei matutando sobre sua miserável vida. Que ruim! Estas, as lembranças que me vieram. E que doeram.

Um cara que nasce bem, em 1888, e ainda no fabuloso mês de junho, com um pai jornalista, culto, alto funcionário de Estado e chegado à música; e uma mãe inteligente, sensata e sensível, tudo o que Freud gueria para uma boa mãe, tinha meios para dar certo, não é mesmo? E deu, e não deu...

Porque aí começaram os problemas. Não os genéticos, que já os carregava, mas os existenciais. Morre-lhe o pai aos cinco anos. Mas, ainda havia jeito. Principalmente quando notamos que cometera seus primeiros versos aos sete. A mãe contrai as chamadas segundas núpcias, quando tinha oito. E lá se vão para Durban, África do Sul, onde ele permanece dez anos. Não sei que padrasto teve, mas a vida lhe corria franca e risonha. Aprende a falar e escrever inglês. Mais importante, aprende a pensar em inglês. Tanto que os primeiros versos para valer são nessa segunda língua. Shakespeare, Shelley e Dickens se tornam familiares. Ganha prêmio de estilo inglês na Universidade do Cabo.

Com essa formação básica, e já internacionalizado, volta aos dezoito a Portugal. Mas a reintegração é difícil, leva tempo para assimilar coisas, seres e lugares. Ou seja, para se "naturalizar". Pior, começam a ficar claros os contornos de sua personalidade: temperamento melancólico, tímido, abúlico e obsessivo, o tornam desassossegado para a vida e suas atribulações práticas. Somatizador, se diz doentio. E engaja-se na tentativa obsessiva de fazer o autodiagnóstico psíquico. Por quê? Quanto mais os traços de sua personalidade esquizoide ficavam nítidos, mais achava que seu destino seria igual ao da família. Afinal, o pai morrera tuberculoso e, para mal de seus supostos pecados, uma avó ficara louca. Esta a grande nódoa familiar que o obcecava. Adepto de Lombroso, passa a ter fúrias de categorização, classifica-se como "histeroneurastênico".

Sabes o que é? Eu, não! Mas o fato é que tinha a convicção de um caminho psíquico tortuoso. Pelo menos é o que afirma Paulo Mendes Campos que, cronista e também poeta, foi grande estudioso de Pessoa. Poetas gostam de se espreitar. Retratava-se muito em Virginia Woolf e, talvez, como ela – lembra-se do filme As Horas? -, também fosse bipolar. O certo é que boa parte de sua poética é uma vã tentativa de autoconhecimento, de tentar se ajustar ao seu desequilíbrio emocional. Claro que também são essas características que o tornam um imenso interior. Um ruminador de ideias e observações que se atam e só se explicitam na linguagem. É isso. Esse caos começa a ser canalizado por sua incomum inteligência linguística. De outro modo, a inteligência interpessoal era problemática, a intrapessoal tinha dificuldades para elaboração, mas a lingüística era luminosa, estuário natural de suas águas turbulentas. Na verdade, o panorama visto da ponte revelava que seus sentimentos eram "água de um instante". Tratada, virava água de fonte, nobre.

A vida é levada em pobreza. Os caraminguás vinham da correspondência que fazia em inglês e francês para casas comerciais. Era pouco, muito pouco. Às vezes, confeccionava horóscopos. É isso mesmo, era chegado à astrologia. Em certo momento começou a incorporar um ente. Sabemo-lo místico. Mas isso, também o sabemos, não costuma resultar em pecúnia. Fazia alguns outros bicos. Chegou a ser redator da agência McCann. Mas sua natureza abúlica e dispersiva entornava o caldo. Morou em sótãos, indicativo de quase miséria, um dos quais numa leiteria, por generosidade de um comerciante que o admirava sem poder compreendê-lo.

Dava vistas para a famosa tabacaria. E escrevia claro, e muito. Em momentos, feito metralhadora giratória. Conta-se que os trinta

poemas de O Guardador de Rebanhos, escreveu-os de um jato e em pé, sob o heterônimo Alberto Caeiro. Ah, os heterônimos. Ainda não se sabe ao certo quantos. Nasceram porque representavam sua fragmentação, ao possível caminho para a unidade:

E como são estilhaços Do ser as coisas dispersas Quebro a alma em pedaços E em pessoas diversas.

Os três principais e mais notórios nasceram em um mesmo ano, 1914. Alberto Caeiro, impressionista e irônico; Álvaro de Campos celebrava a modernidade e a técnica; Ricardo Reis, bucólico, elegíaco. As características de cada um são tão distintas que inventou até biografias para os mesmos. Suas tendências eram intransferíveis de um a outro. E o ortônimo? Esse era simples e emocional. Mas toda essa genialidade múltipla e prolífica que acabou por influenciar toda a poesia moderna, pois criou uma nova linguagem por desatar-se do passado, servindo de fundação para a literatura portuguesa do século XX, não conseguiu romper o círculo tradicional em que estava inserido. Não tinha punch, drive, para essa empreitada; aquele impulso vital que faz com que você lute pelo que acredita, ficando só reconhecido pela boemia literária de Lisboa. Quando publicou Mensagem, seu único livro em vida, muito esperava dele. Mas decepcionou-se. Embora tenha ganho um prêmio oficial, não foi considerado o melhor, foi o segundo em valor, e ainda por engano. Foi interpretado como manifestação de nacionalismo pelo regime vigente.

Você sabe, tipo ame-o ou deixe-o. Mas deu-lhe dividendos literários a longo prazo. Começou ali a discussão da poética prima de sua obra, que só cresce, como a de qualquer gênio.

Penso até que, por pouco ter publicado em vida, isso permitiu-lhe não se subornar a si próprio, sendo autêntico em boa parte de sua obra. Os fingimentos ficavam como contraponto ou como ilusões do ser:

O poeta é um fingidor. Finge tão completamente Que chega a fingir que é dor A dor que deveras sente.

Ah, esse pastor de palavras encantadas que não apascentava a si próprio. Sua síntese de vida talvez pudesse ser descrita assim: Pessoa escreve, traduz, redige cartas comerciais e reclames, e bebe. Muito.

O drama vivencial com o alcoolismo poderia assim ser resumido: durante a semana entornava copos no Martinho da Arcada; aos domingos, embriagava-se no Montanha; em casa, cotidianamente, esvaziava garrafões de tintos e brancos; e na pasta comercial, escondida, uma garrafinha com aguardente. O resultado? Quando deu entrada na noite de 28 de novembro de 1935 no Hospital S. Luís dos Franceses, parecia horrorosamente envelhecido para seus 47 anos. Resistiu dois dias.

No dia 30 morreu da eufemística "crise hepática". Morreu como viveu, em miséria existencial e emocional. Mas seu esforço para tentar traduzir seu vulcão emocional nos brindou com a sublimidade do verbo. Se imolou no verbo, sua única razão de viver; e suas sacadas nos ajudam a viver:

Para ser grande, sê inteiro: nada Teu exagera ou exclui. Sê todo em cada coisa. Põe quanto és No mínimo que fazes. Assim em cada lago a lua toda Brilha, porque alta vive.

Este verso nos diz que não precisamos nem de crenças nem de ideologias, ou quaisquer outras coisas para darmos certo. Bastaria que fizéssemos, cada um, o melhor possível dentro de nossas circunstâncias e haveria uma revolução de qualidade e sensibilidade. E nos tornaríamos mais humanos e o mundo menos miserável.

Não gosto de falar mal de pessoas. Prefiro discutir suas ideias. Mas falar da genialidade de Pessoa sem saber o que foi em vida, é não saber Pessoa. Sua obra-prima está indelevelmente atada às suas contradições e ao desconforto vivencial. É, portanto, uma lição de vida. Se vivendo mal e porcamente, e torturado, fez o que fez, não poderíamos nós fazermos um pouco? Idealização? Claro! Mas deixemos a vida tormentosa para os gênios que revolucionaram nosso viver em sua imolação contraditória.

Esses grandes provocadores de mudanças em todos nós, e que não sabem se organizar a si próprios. E cá figuemos com o pouco que podemos fazer que, no somatório, resultaria em melhor qualidade de vida e mais respeito humano. Imagine! Como diria o Lennon. Esperando novos encontros reveladores de nossas afinidades, mesmo que fugazes, pois esse catalisou esta vitrine existencial do poeta de gosto em comum, vou me despedindo com um Fernando Pessoa embriagado, mas de verve e desespero. E, para alguns, de suspeição:

Tão cedo passa tudo quanto passa! Morre tão jovem ante os deuses quanto Morre! Tudo é tão pouco! Nada se sabe, tudo se imagina. Circunda-te de rosas, ama, bebe E cala. O mais é nada.

E para terminar, sua aguda percepção provocativa do que seja liherdade.

Quem quer pouco, tem tudo; quem quer nada É livre; quem não tem, e não deseja, Homem, é igual aos deuses.

A liberdade dos deuses. A liberdade do intelecto e da arte. A liberdade limitada, única que pode ser possuída. A liberdade de si próprio, que Pessoa só a tinha na expressão poética.

## MEDICINA E POESIA

Publicado no látrico nº 25, dezembro de 2009

Você está sozinho em casa? Ótimo! É para que não o achem doido. Então, receba o fragmento poético de W.H. Auden e o declame alto e com a devida dicção: "A crack in the tea cup opens a lane to the land of the dead". Note que é uma síntese dramática e perfeita formada por monossílabos e dissílabos com uma natureza granítica, perene, significando que a queda do Império Britânico (a fenda na xícara de chá) abriu caminho para as duas grandes guerras mundiais (a vereda para a terra dos mortos) com seu morticínio.

Mas não tem importância que não saiba o significado. Suspenda quaisquer dúvidas e concentre-se apenas na vivência poética, na apreciação estética das sílabas estalando na sua língua. Se levar jeito na entonação, não há como não se entregar sensorialmente, tal a força e harmonia sentidas. É poesia em sua melhor acepção. Ritmo e sonoridade a serviço do conteúdo. Um casamento perfeito, indissolúvel, entre música e significado. E mais: o conceito dando profundidade e a imagem, extensão ao pensamento. Uma escalada para sentir o sublime. Não sentiu? Não escalou? Não se preocupe. Pelo menos abra-se a uma nova possibilidade de compreensão, essência da educação.

Admitamos, então, o brilho dos versos; convém perguntar: de onde vieram? Como Auden os produziu? Melhor chamar outro poeta para responder, Augusto dos Anjos. Em seu poema Ideia questiona: de onde ela vem?! E, no mesmo, responde: vem da psicogenética e alta luta. Ufa, que síntese! Sabia sem saber. Se antecipou à genética, deu voz à psicologia e, portanto, grandeza à imaginação, às percepções, às evocações e sentimentos. Mas deixou claro que o esforço e a disciplina são fundamentais, sua alta luta. Para alguns, como João Cabral de Melo Neto, era luta pura. Tanto que saía de seus poemas suando e de picareta na mão. Pessoalmente sou favorável ao binômio psicogenética e luta.

Ainda neste veio também convém saber se a poesia tem importância. E surpreenda-se, nenhuma. Além do encanto e do espanto, nada. Não serve para nada. Inútil como um inutensílio, diria outro poeta. Não serve a nada e a ninguém, só a si mesma. Por isso, individual, singular. Nisso reside sua grandeza. E seu interesse não é acanhado. Procura simplesmente absorver a alma inteira do interessado. Quando acontece essa apreciação estética, estamos diante do sublime.

Suponhamos que em face de um grande poema o mesmo não tenha absorvido seu espírito, ainda assim restará a mediação intelectual e crítica. Ou seja, palmilhar a beleza que outros lhe mostrarão decodificando a graça e o testemunho do poeta. Sua provocação, não seu ensinamento. E este, o poeta, quem é?

O poeta é um lutador. Esgrime as palavras ora acertando-as, ora desperdiçando-as, porque nunca aprende a escrever. Está sempre aprendendo, sempre buscando as palavras e as formas certas, para que possam tocar mentes. Espantá-las com a diversidade humana. Era o que pensava João Cabral e que Drummond colocou tão bem em seu poema *O lutador:* "Lutar com palavras/ É a luta mais vã./ Entanto lutamos/ mal rompe a manhã."

Ah, coitados de nós que simplesmente juntamos palavras vãs de ocasião e, por isso, raramente atingimos a essência dos outros, raramente acendemos um ponto luminoso, um brilho, em sua trajetória. Mas sempre nos consolam os acendedores de espírito. Aqueles que com uma frase nos despertam da sonolência existencial, os poetas.

Agora, você me pergunta: onde entra a medicina nisso? Qual o ponto de encontro das duas artes? Certamente a linguagem. Mas, enquanto ciência, a medicina é poética.

A ciência busca suas ideias no poço fundo das vivências não memorizadas "No rearranjo que o esquecimento promove na sedimentação dos saberes". E num átimo a conexão se faz, isto é, as

ideias aparecem nas ocasiões mais insólitas. O pesquisador nunca está em férias. As ideias podem aparecer observando a natureza, dirigindo um veículo, assistindo um filme, até mesmo, pasme, fazendo amor. Intuir algo é captar e desvendar um enigma, pressentir sem o uso da razão. Perceber por meio dos sentidos. Um momento poético. Só depois a razão começa a trabalhar, e surge um palpite, ao qual chamamos hipótese, sobre o que possa ser uma verdade. Elaboramos uma previsão e montamos um método para buscar provas. Pois como sabe o advogado Saulo Ramos, hipótese é aquilo que não é, mas a gente finge que é para ver como seria, se fosse... Não é poético? O se fosse se baseia na consistência das provas. Isso é ciência, o salto da crença à evidência. E ainda restará convencer os outros, usar a retórica, tudo com "lógica implacável e prudência consumada".

Tudo posto, um médico não alargará seus horizontes sem música, literatura e poesia. Pois são as aptidões gerais que ajudam a desenvolver competências particulares ou especializadas. É o encontro da cultura científica com a cultura das humanidades, o amálgama do pensamento organizado.

Pronto, está feito o grande encontro da arte e da ciência, nascedouro único para o desenvolvimento e acabamento em mentes bem organizadas, benfeitas, rigorosas, onde só cabem provas, as dos cientistas. Também estes, grandes aprendizes e lutadores. Os que tentam saber o que não sabem. Pois o conhecimento brota do fascínio do assombro. Poético, não? Pois é, meu caro leitor, não podemos ser livres no rigor da ciência, que nos enquadra em seus preceitos de maneira severa. Ser, é ser livre. Mas isso só se completa no encontro da ciência com a arte, com a música e a literatura. Na aliança da poesia com a biologia.

## A PEDRA E O DIAGNÓSTICO

Publicado no látrico nº 25, dezembro de 2009

"No meio do caminho tinha uma pedra tinha uma pedra no meio do caminho tinha uma pedra no meio do caminho tinha uma pedra.

Nunca esquecerei desse acontecimento na vida de minhas retinas tão fatigadas. Nunca me esquecerei que no meio do caminho tinha uma pedra tinha uma pedra no meio do caminho no meio do caminho tinha uma pedra."

Drummond

No meio do atendimento há uma pedra. Essa pedra é o diagnóstico. O intrincado processo de observação e raciocínio essencial à superação do desafio. Sem o mesmo, não há o melhor tratamento. Então, como contorná-la? Como lidar com a angústia inevitável que faz parte da maturidade crítica? Como buscar correlação de dados em busca da especificidade? No meio da vida profissional dos médicos há muitas pedras. Algumas fáceis de ultrapassar ou rodear: outras, verdadeiros paredões a escalar. De qualquer sorte, jamais a pedra pode ser evitada, jamais o diagnóstico preterido. Não é só a terapêutica que dela deriva, também o entendimento do médico e o esclarecimento do paciente. Não é apenas sua superfície rugosa, cheia de reentrâncias, e sua dimensão que interessam. Não apenas seu corpo anatômico, mas também suas origens, sua dureza ou resiliência. Do que é feita? Que invisível a ser percebido? Seu âmago carrega história e sentimentos, um pulsar físico-químico a respeitar, ordenar, sem que se extraia a pátina de seu tempo.

A ideia poética da pedra é integrante do meio de vida do médico, de seu próprio cerne, de sua seriedade profissional. A pedra implica em reflexão e ação, pois o objeto de nosso trabalho não é bruto nem insensível, embora indecifrável, às vezes. Esse enigma necessita horizonte claro, pois pleno de dramaticidade. E no meio desses sentimentos ambíguos, o médico opera. E tem que fazê-lo na concretude da pedra, com bisturi desnudado, preciso, sem desperdiçar a rubra emoção. A pedra é o segredo a ser desvendado; ocasionalmente, mistério a desafiar. Por isso, somos sempre aprendizes, por maior que seja a experiência, por melhor que seja a tecnologia. Arte linguística e ciência de probabilidades a serviço da ordem orgânica. Da saída compartilhada para o equilíbrio necessário. Pedra e diagnóstico, obstáculo e busca, encontro com a verdade sólida, sombria, à espreita de uma fresta de sol. Do mais prático dos sóis, diria o poeta.



# CAPÍTULO VI SOBRE ÉTICA

"Conhecimento e verdade estão longe de ser a mesma coisa, e geralmente nem se relacionam. O conhecimento habita em cabeças repletas de pensamentos de outros homens: e a sabedoria nas mentes atentas às suas próprias ideias. O conhecimento se orgulha de ter aprendido tanto; a sabedoria é humilde por saber tão pouco."

## **ETIQUETA**

Publicado no látrico nº 5, maio/junho de 2003

É um absurdo o uso desse antibiótico forte! Você está tomando remédios demais, vai se intoxicar! Esse médico tá louco de dar essa dose de cortinosa! Você vai ficar viciada com essas drogas! Isso faz perder a memória! Você é muito nova para tomar essas pílulas, não precisa disso! Se você continuar tomando essa droga, nunca mais vai deixá-la!

Frases de médicos. Mesmo levando-se em conta o desconto a ser dado às afirmações dos pacientes que, com frequência, colocam médicos contra médicos, essas frases foram pincadas daqueles que reproduziram o ambiente e a fala do profissional da mesma maneira e por mais de uma vez, o que confere certo grau de verossimilhança.

A quem ajudaram? A ninguém. Só trouxeram insegurança aos pacientes. É impressionante como profissionais de saúde agem e erram fora de seus limites, comportando-se como leigos, emitindo meras impressões sem qualquer responsabilidade conceitual. Pior. É desapontador observar que emitem essas opiniões fora do contexto clínico, isto é, não se tornam responsáveis pela condução do caso, só semeiam a dúvida inconsequente.

Deviam estar atentos à locução latina: sutor, ne supra crepidam. Sapateiro acima da sandália. Que foi a resposta do pintor Apeles a um sapateiro que, além de criticar a sandália pintada, achou de julgar o restante da tela. Ou seja, cada vez mais infringe a etiqueta. Que nada tem a ver com os talheres, e sim com boas maneiras. Etiqueta significa pequena ética. Deve ser usada para prevenir danos, não causá-los. Deve ser usada para trazer conforto social.

Ninguém deve oferecer um jantar japonês a seus convidados sem saber antes se sabem manejar os pauzinhos. Isso evita uma saia justa, um desconforto social injustificado. Significa que levamos o outro em consideração, que o respeitamos. No trato social, cada vez mais privamos com pessoas espaçosas, folgadas, que vão se permitindo liberdades não concebidas, que se apropriam do outro sem nenhuma cerimônia.

O espírito de corpo da medicina não pode tolerar que isso ocorra entre colegas. Nossa profissão não serve apenas para curar, controlar e aliviar, o que já consigna grande nobreza; também deve ajudar as pessoas a viver melhor. Deve, portanto, ser educativa e iluminar, no sentido de gerar possibilidades de entendimento dentro das circunstâncias limitadas de cada um de nós. Quem fala o que quer, produz o que não quer. Inclusive sua própria falta de credibilidade.

## **MORAL E ÉTICA**

Publicado no látrico nº 19, janeiro/março de 2007

O filósofo Bertrand Russell dizia que nenhuma opinião deveria ser defendida com fervor. Pois o fervor é utilizado quando a opinião é duvidosa ou demonstravelmente falha. De acordo. Mas, às vezes, a veemência é benfazeja. Principalmente com interlocutores barulhentos, ruidosos, quando a voz da razão terá que vir acondicionada com um tônus imperativo.

O mesmo Russell tinha sérias dúvidas sobre a possibilidade de se mudar o homem. Mas dizia que era preciso tentar. Também somos parceiros.

Isso nos leva aos valores e à lei moral interna, o imperativo categórico de Kant com sua regra de ouro: "Não faças aos outros aquilo que não desejas para ti". Sou moralista, mas não kantiano.

Me explico. Moral é o discurso normativo e imperativo que resulta da oposição entre bem e mal, considerados como valores absolutos. É o conjunto dos nossos deveres. De uma maneira prática, responde à questão: "Que devo fazer?" Se levada à última instância, culminaria na santidade. Já a ética não é imperativa. Utiliza as circunstâncias e suas variáveis. Bebe na moral, mas usa o bem e o mal como valores relativos, procura flexibilizar a moral para melhorar o funcionamento social, a convivência humana. Leva em consideração usos, costumes, desejos, mas tem como base a moral. A moral é a linha férrea, a ética seus desvios, suas variantes. Pretende responder à pergunta: "Como fazer?" A moral é coletiva, a ética é particular, isto é, inerente a um indivíduo ou a um grupo. Se preocupa com a arte de viver, ao como viver, e em sua culminância levaria à sabedoria.

Por que não sou kantiano? Porque entendo que às vezes o bem é superior à verdade, que em outras o bem é a mentira. Na medicina vivenciamos muito isso. Claro está que isso não é subverter a moral, é criar condições sensatas de convivência, é a regência da ética. Por isso, esta se divide em "ética de convicção", pautada nos valores, princípios; e "ética de responsabilidade", que pensa nos resultados e objetivos, que usa os meios para obter os bons fins. Como vemos, a ética só existe na ação, isto é, no plano social.

Se você é ético, e é o que desejamos, e vive num meio não ético, o preço a pagar será enorme, às vezes brutal. Por isso, os deveres (moral) têm que estar sendo sempre lembrados, por mais moralistas que pareçamos. E a ética sempre treinada, já que é ação, para que possa ser introjetada e se incorpore, faça parte de sua natureza.

Muito bem, agora você quer saber se seu amigo, parceiro, ou o que seja, é ético, certo? Lá vai. Verifique se muda sempre o seu discurso, isto é, se não há uma constância básica, um fio condutor, sem que isso signifique compromisso com o erro; se não diz uma coisa e faz outra; se confunde privilégios públicos ou institucionais com sua vida privada; e se não é omisso, ou seja, se aparece em crises.

Claro que, humanos que somos, portanto, imperfeitos, às vezes pisamos no tomate, e há um poema lindíssimo que explicita essa dificuldade: "Não conseguimos firmar o nobre pacto/ Entre o cosmo sangrento e a alma pura/ Gladiador defunto, porém intacto/ (Tanta violência, porém tanta ternura)".

O que nos resta? Viver, portanto, treinar. Já que é comum que se tenha uma moral pública e outra privada, tanto que o nobre Shakespeare dizia que seríamos muito melhores se fôssemos o que parecemos ser, treinemos para ser o que parecemos. Temos aqui um poema-treino, um poema de Fernando Pessoa. Treine sua pessoa.

#### Poema em Linha Reta

Nunca conheci quem tivesse levado porrada.

Todos os meus conhecidos têm sido campeões em tudo.

E eu, tantas vezes reles, tantas vezes porco, tantas vezes vil.

Eu tantas vezes irrespondivelmente parasita,

Indesculpavelmente sujo.

Eu, que tantas vezes não tenho tido paciência para tomar banho, Eu, que tantas vezes tenho sido ridículo, absurdo,

Que tenho enrolado os pés publicamente nos tapetes das etiquetas.

Que tenho sido grotesco, mesquinho, submisso e arrogante, Oue tenho sofrido enxovalhos e calado.

Que quando não tenho calado, tenho sido mais ridículo ainda;

Eu, que tenho sido cômico às criadas de hotel,

Eu, que tenho sentido o piscar de olhos dos moços de fretes,

Eu, que tenho feito vergonhas financeiras, pedido emprestado sem pagar,

Eu, que, quando a hora do soco surgiu, me tenho agachado Para fora da possibilidade do soco:

Eu, que tenho sofrido a angústia das pequenas coisas ridículas, Eu verifico que não tenho par nisto tudo neste mundo.

Toda a gente que eu conheço e que fala comigo Nunca teve um ato ridículo, nunca sofreu enxovalho, Nunca foi senão príncipe – todos eles príncipes – na vida...

Quem me dera ouvir de alguém a voz humana Que confessasse não um pecado, mas uma infâmia;

Que contasse, não uma violência, mas uma cobardia!

Não, são todos o Ideal, se os oiço e me falam.

Quem há neste largo mundo que me confessasse que uma vez foi vil?

Ó príncipes, meus irmãos,

Arre, estou farto de semideuses!

Onde é que há gente no mundo?

Então sou só eu que é vil e errôneo nesta terra?

Poderão as mulheres não os terem amado. Podem ter sido traídos – mas ridículos nunca!

E eu, que tenho sido ridículo sem ter sido traído, Como posso eu falar com meus superiores sem titubear? Eu, que tenho sido vil, literalmente vil, Vil no sentido mesquinho e infame da vileza.



# CAPÍTULO VII SOBRE FUTEBOL

"Em futebol, o pior cego é o que só vê a bola."

**Nelson Rodrigues** 

#### **TOSTÃO**

Publicado no látrico nº 15, novembro/dezembro/2005

Sobre si, escreveu em seu livro: "... eu não fugia à verdade número um do ser humano: a vaidade". Como não apreciar alquém que, com total isenção, consegue dizer isso de si mesmo? Tá bem, um outro poderia dizer que se tratou de mero efeito oportunista, algo para tornar-se credível. No entanto, meu senso clínico não me permite ficar com evidência única. O aprecio por muitos outros motivos.

Jogador de futebol, ganhou títulos, prêmios e, o mais importante, uma Copa do Mundo, a de 70, ápice de qualquer futebolista. Foi craque. Não à toa. Apesar do imenso talento natural que possuía, fazia o dever de casa. Treinava fundamentos, refletia sobre seu jogo e o dos outros. Só por isso conseguiu perfeita harmonia com Pelé na seleção. E na hora da verdade, em face de grave lesão ocular que o limitava para o futebol, não teve dúvidas; simplesmente pendurou as chuteiras. Largou fama e glórias, e começou tudo de novo.

Formou-se em medicina. Curso brilhante, com a mesma dedicação dada ao futebol. Tornou-se professor. Também nessa atividade procurou exceder-se. Dedicação, disciplina, seriedade, no aperfeiçoamento de suas possibilidades. Tímido e fóbico, jogou-se às feras, para se superar. Submeteu-se à psicoterapia – psicanálise – para se depurar. Para perceber seus pontos fracos. Não para deletá-los, por impossível, mas para que não atrapalhassem sua ação sobre outros, numa profissão tão nobre. A crise da universidade brasileira com seus baixos salários, falta de condições e reclamações constantes de seus aprendizes, fê-lo lentamente transferir-se para outro cenário; um retorno, embora diferente, ao futebol.

Tornou-se o comentarista louvado, único. Sim, solitário na grandeza de suas análises, aliando as nuances técnicas à carga subjetiva

que carregam os atores da bola, e como isso interfere no comportamento das torcidas. Isso, às vezes, o torna poético. Embora seja mais comumente um intermediário da poesia, ao citar os poetas de sua estima. Intermediário sem lucro, pois abomina a mais-valia. Melhor seria dizer que se torna um agente indutor de percepções.

Fez algumas reformulações em sua vida, de tempos em tempos, que não vêm à baila, mas salientam a vontade de viver muitas vidas numa só. Como se possível fosse.

Atualmente, é um grande conversador. Conversa consigo e, ocasionalmente, com outros. Como todo grande conversador, dialoga principalmente consigo próprio. E extrai dessa introspecção conhecimento, experiência e intuição, que derrama nos artigos enxutos e densos – não é uma contradição – que oferece à sua legião de leitores.

Mas o Tostão de hoje quer mais. Não quer roubar seu próprio tempo. À maneira de Voltaire, que tinha seu dia de felicidade – o dia da semana em que ia para seu laboratório sem nada predeterminado e lidava ludicamente com qualquer coisa; criava sem intenção, o que pintasse na oferenda de seu próprio dia; um dia seu, não dos outros —, tem a quarta-feira como o dia do caminho e do inesperado. Seja flanando pelo Savassi, em Belô, seja falando com o escritor Roberto Drummond, seja escutando pacientemente o que o simples torcedor tem a dizer – numa dessas, escutou de um amante do futebol: ótimo jogador é o que faz muito bem todas as coisas esperadas. Já o craque é o que faz isso e ainda vê o que os outros não veem –, Tostão passou a curtir sua própria disponibilidade. Algo difícil para quem se pretende útil, para quem não quer passar pela vida em brancas nuvens.

Tostão continua médico. Nunca deixou de sê-lo, porque mantém o olhar do clínico. Proust dizia que não necessitamos de novas paisagens, mas de novos olhos. Esse o olhar do clínico, esse o olhar de Tostão, apesar e talvez devido à grave lesão ocular. Certamente não só pela mesma, mas pelo conjunto de experiências sofridas

e absorvidas, e restauradas mercê seu isento profissionalismo e rara sensibilidade. Um médico que professa seres, coisas, lugares. Que honra a classe com a dignidade de sua personalidade e de sua pena.

#### MORTE NO RELVADO

Publicado no látrico nº 15, novembro/dezembro/2005

Serginho, jogador do São Caetano, morreu no Morumbi a 27 de outubro de 2004, em rede nacional.

O episódio foi tragicômico. Trágico, pelo sacrifício de um profissional cujo acontecimento funesto estava anunciado. Cômico, pela falta de jeito e treinamento de quem tentava reanimá-lo. Como sempre acontece nessas ocasiões, e talvez seja a única faceta positiva, passou a se discutir a segurança nos estádios de futebol, de espectadores a jogadores.

Ensinou-se pela mídia como proceder uma reanimação, as possíveis causas de morte súbita, a utilização de cardioversores, e a responsabilidade de uns e outros. Apesar disso tudo, muitas coisas não ficaram claras mesmo com a boa vontade e conhecimento dos entrevistados que tentaram esclarecer o caso. Também houve muita vaidade, quando o único intento deveria ser o esclarecimento da opinião pública, sempre sedenta de informações em situações incomuns.

O dr. Edimar Bocchi, do Incor, uma das partes envolvidas, deu entrevista à Carta Capital em 15 de dezembro de 2004. Foi entrevistador o dr. Rogério Tuma, médico e colunista da revista. Merecem destague alguns pontos. O dr. Edimar é coordenador de pesquisa em exercício na Unidade de Insuficiência Cardíaca. Fez o primeiro exame em Serginho em fevereiro de 2004. Além de fazer anamnese e exame físico, solicitou exames complementares: ECG, teste ergoespirométrico – teste que avalia a capacidade de exercício com monitorização do ECG - e um ecocardiograma. O eco foi normal. Mas o teste ergoespirométrico revelou aparecimento de arritmias e, mais grave, um episódio de taquicardia ventricular não sustentada com cinco batimentos, o que o preocupou. Por quê? Quando aparece uma taquicardia ventricular, mesmo que não sustentada, deve-se evitar atividade física competitiva. A não ser que tudo fique claro e superado. O risco? Morte súbita. Parece ter sido conversado com o atleta e o médico do clube a necessidade de outros exames, e que supostamente tenham entendido a gravidade da situação. Aparentemente, havia testemunhas oculares. Não sei se foi elaborado um laudo técnico.

Ainda em fevereiro, o jogador foi submetido à ressonância magnética (RM) do coração, que mostrou estar discretamente dilatado com redução na sua capacidade de ejeção. Não havia aparente hipertrofia. O cateterismo, que por motivos vários só foi realizado em junho, mostrou a mesma coisa: dificuldade no bombeamento. Entre fevereiro e junho, continuou jogando sob os cuidados do médico do clube. Não era paciente do Incor, que prestava serviços ao São Caetano. Depois do cateterismo, o que foi sugerido ao médico do clube corre em segredo de Justica. Mas parece ter havido uma reunião com o jogador e seu médico e apresentada aos mesmos a normatização da 26ª Conferência de Bethesda, de 1994, e também as sugestões da Sociedade Americana de Marca-Passo e Eletrofisiologia, de 2001, que definiram as condutas, hoje mais aceitas, em relação à abordagem de arritmias em atletas. Qual a súmula? Na presença de taquicardia ventricular não sustentada e lesão estrutural do coração, o atleta é orientado a não mais praticar atividades competitivas. Muito bem.

O que ficou claro na entrevista, por uma das partes? Que o atleta Serginho não estava com o mesmo desempenho profissional, e se cansava muito no segundo tempo, e em função disso foi levado à avaliação especializada. Notou-se nos exames uma arritmia perigosa com alteração estrutural do coração, uma miocardiopatia dilatada discreta. O que revelou a necropsia? Surpreendentemente, uma hipertrofia miocárdica expressiva. Vejam como é a medicina. Submetido aos mais refinados métodos de avaliação, notou-se a gravidade funcional, mas não a exata dimensão do problema estrutural. Mudou alguma coisa? Claro que não. A conduta seria a mesma. Tanto a miocardiopatia dilatada quanto à hipertrófica contraindicariam a atividade do atleta. As duas podem provocar

morte súbita, a última com mais frequência. Atualmente, transita na Justiça comum um processo para responsabilizar as partes.

O que nos ensina o episódio? A par a seriedade com que se deve levar a medicina esportiva, hoje muita avançada, com diretrizes bem estabelecidas do que se deve fazer na avaliação de atletas de alto desempenho, também o cuidado de que o trabalho profissional do médico não deve nunca se submeter aos interesses financeiros ou de quaisquer outras origens. Havia um evidente drama humano. O atleta que ganhava bem e estava ascendente numa carreira que é curta, via na interrupção de seu futebol um claro desastre econômico-financeiro. Natural que resistisse. O médico do clube, porventura o mais sensível a esse drama, talvez tenha tentado entender e contemporizar. Tudo compreensível. Mas entre o drama humano e a consciência profissional não se deve abrir mão do dever ético. Ou como diria Claudel, o dever fica sempre acima.

### BALADA Nº 7 ("MANÉ GARRINCHA")

Publicado no látrico nº 15, novembro/dezembro/2005

Garrincha foi o gênio da ética no futebol. Depois de cada drible, ou ensaio de drible, parava, esperava o adversário se recompor, tanto o marcador quanto a defesa, e só aí reiniciava o ataque, fulminante, sempre pela direita – e sabe-se lá por que sempre insuspeito para os contendores –, rente à lateral ou à linha de fundo e, sempre perto da baliza, o cruzamento alçado sobre o goleiro que fechara o ângulo para a facilidade final de um único toque do atacante vindouro. Gol. Ou, então, um arremate forte, cruzado, rasteiro, rumo às redes. Gol. Mas não necessitávamos do gol. Bastava a alegria pelo momento lúdico, risível. Mesmo que, como eu, fôssemos de outro time. Mas não penseis que seu individualismo jocoso fosse estéril. Desmontava as defesas porque os defensores se moviam hipnotizados em socorro do beque esquerdo – era esse o nome do lateral esquerdo –, numa cobertura que deixava clarões na área por onde penetravam os Quarentinhas ou Valentins, ou outros menos votados. Era o individualismo solidário, doador de cruzamentos para o ofertório da alegria. Seu melhor marcador? Coronel, do Vasco; mas na porrada. Não havia tática para marcá-lo. Só corpo. E desmoralização.

Num livro memorável, com o subtítulo Do teatro ao futebol, Décio de Almeida Prado descreve como jogava Garrincha: "Era-lhe indispensável, para o drible, parar a bola, já nas imediações da grande área, tendo naturalmente o adversário à sua frente. Ele ameaçava sair para um lado, para o outro, numa sábia e medida dança de negaças. Quando sentia o marcador ligeiramente desequilibrado, apoiado sobre a perna errada, partia com a bola como um raio, para cruzá-la da linha de fundo, com a defesa desorganizada, em pânico. De pouco valia saber que ele investiria quase certamente pela direita. A sua vantagem nesses lances era também de ordem física, a sua arma estava na prontidão da partida, no pique inicial, na capacidade de atingir o máximo de aceleração logo nas primeiras passadas". Que texto! Que síntese!

A Balada nº 7, de Alberto Luiz, cantada por Moacyr Franco, descreve seu ocaso. A difícil parada de qualquer atleta por lesão ou declínio técnico ou físico. Ou, simplesmente, porque chegou a hora. No caso Garrincha, um somatório de fatores. O autor descreve um estádio vazio com aplausos de memória que fustigam nostalgia. E, à la Drummond, mas sem as perguntas incômodas, diz que o que era doce, e o que não era, está encerrado. Ou seja, pela vida impedido parou, para sempre o jogo acabou, e agora? E agora que o time do tempo ganhou, o que fazer? E sem estar preparado para outra vida! Elaborará o que a história gravou? Para nós, o videoteipe recorda o sonho e faz presente a alegria. E para o jogador, o que restou? Fragmentos.

## O QUE ACONTECEU A TELÊ?

Publicado no látrico nº 12. novembro/dezembro de 2004

Não sei! Sei que há muitos anos teve um AVC e que foi submetido a procedimentos, angiografia cerebral e coronariana, conforme indicado pelo Estadão em seu Caderno de Esportes, em março de 2004. Ainda no mesmo jornal, os familiares diziam aquardar o resultado da sindicância aberta pelo Cremesp. Segundo ainda seu filho, René Santana, estava sendo atendido por um cardiologista, que coordenava o atendimento, quando foi chamado um neurocirurgião (por guem?) para opinar. Os dois profissionais começaram a discutir os procedimentos no quarto, na frente da família. A partir daí, encrenca. A confrontação de suas ideias na frente do filho e da esposa acendeu a luz para possíveis erros. E a família, insatisfeita, tratou de buscar outras opiniões... e o caso foi se enrolando.

Não estamos aqui discutindo o mérito, nem poderíamos, faltamnos elementos para ajuizamento. Esse é o ponto. Não é incomum que emitamos opiniões avulsas, fora do contexto, e compliquemos coisas que não estão ao nosso alcance. E, na maioria das vezes, inocentemente, na boa vontade. Passamos a ser atores, quando deveríamos ser apenas figurantes. Ter noção de nosso exato papel é fundamental. Vejamos uma situação básica quanto à segunda opinião.

Ao sermos chamados por uma família, o colega atendente, responsável pelo paciente, deve estar de acordo, deve poder acompanhar a avaliação e ter a prerrogativa, se guiser, de também sugerir outro nome de sua confiança. O que não se pode admitir é que as opiniões dos consultores sejam dadas de imediato e na frente do paciente e familiares. Há um ritual básico a ser seguido para o bem do paciente e do profissional. O consultor deveria examinar o paciente com toda liberdade e perícia possível, e ter acesso ilimitado ao prontuário, rever com ou sem especialistas específicos as imagem e/ou tecidos estudados e fazer sua correlação. Isso leva tempo e, portanto, não deveria ser emitido parecer imediato. A não ser que se trate de urgência ou que os dados/informações sejam autoevidentes propiciando opinião sem demora. Os médicos devem confrontar suas opiniões em separado, porque trabalhamos numa ciência probalística, enquanto pacientes e familiares querem certezas. Além do que, às vezes, pode haver vários caminhos para atingirmos o mesmo objetivo. Isso requer conhecimento de *timing*, o que foi feito, com que intenções e em que circunstâncias. Se quisermos efetivamente auxiliar o paciente, precisamos do desarme de espírito de quem atende e da competência e prudência de quem chega para colaborar. Vaidades à parte, lógica impiedosa com os dados e prudência consumada.

A partir disso, dá-se então a opinião, de preferência por escrito – a linguagem verbal deve facilitar o entendimento da escrita –, primeiro, para o colega reservadamente; depois, para o paciente e/ou família; se foi o colega que o chamou, emite-se a opinião só para o colega, que a transmitirá à família. E se assume o caso ou não, na dependência de acordo com o colega e a família. Deve-se acrescer, ainda, que se o profissional é chamado para atuar em local médico que desconhece, sua prudência deve ser dobrada. Todo nós atuamos melhor nos sítios a que estamos acostumados, mesmo que não sejam tão bons quanto a tecnologia e pessoal de apoio.

Em face do lido e escrito, o que aconteceu a Telê? Acidente vascular encefálico, ponto. Apesar da minha curiosidade, natural, porque o acompanho desde os tempos de ponta-direita no tricolor carioca na década de 50 – mera curiosidade humana, sou cruzmaltino –, a distância e pelo jornal, só sei isso. Nada mais posso dizer. E se na época fosse uma autoridade médica no assunto, e a mídia quisesse saber minha opinião a respeito, deveria reservar minha opinião por não obter elementos suficientes para ajuizamento. Assim são os costumes, pelo menos os vigentes. Ao sermos contatados pelos meios de comunicação, devemos ter a clareza de estarmos auxiliando no esclarecimento e jamais adicionando comburente à discussão. Todos podem sair crestados. E o paciente na mesma.

Em tempo: quando uma junta médica se reúne, deve ter um dos componentes como secretário, que redigirá, de maneira clara e sucinta, seu parecer. Todos assinam. Se houver alguma opinião discrepante, não consensual, deve ficar registrada e nominada. O médico do paciente reportará o resultado.

#### **ADEUS AO IRMÃOZINHO**

Publicado no látrico nº 19, janeiro/março de 2007

Sou obcecado pelas minhas memórias afetivas, sendo as do futebol algumas das mais caras. Sempre fui fascinado por guem conseque ser muito bom, fora de série, em algo. Sei que o espírito humano é fragmentário, que o fato de ser bom em uma habilidade pouco se traduz na absorção dessa habilidade pelo todo e que se se tem habilidades múltiplas raramente o espírito as cose num todo orgânico, enriquecendo a personalidade e a possibilidade de seus dividendos humanos.

Mas a paisagem humana é, de regra, tão estéril que a mim me basta a habilidade solitária, solidária em si. Por isso, consigo abstrair as pessoas de sua arte e amá-las apenas pelo que nos dão em beleza. Muitas as amei a distância, sem nunca tê-las visto exercendo seus atributos. Puskás e Di Stéfano, duas delas. Agora perco uma delas com a morte do Ferenc "Öcsi" Puskás.

Não acompanhei sua trajetória no time húngaro do Honved nos anos quarenta e cinquenta, nem nas seleções magiares. (Campeã olímpica em 1952 em Helsingue e vice-mundial em 1954 na Suíça, no chamado desastre de Berna; a Hungria perdeu a final para a Alemanha por 3 a 2 depois de estar ganhando por 2 a 0, e ter um time absurdamente superior, tanto que na primeira fase desse mundial goleara a mesma Alemanha por 8 a 3.) Mas senti muito a invasão soviética da Hungria em 1956, e a partir de então a minha referência húngara passou a ser Puskás no Real Madrid. Aquela figura exilada de sua pátria, que nunca reclamou de nada, apenas continuou sujeito na beleza de suas jogadas.

Se você não sabe, antes de Romário houve outro dono da grande área, o atarracado magiar. Aliás, olhando bem, todos se parecem em seu biótipo, Puskás, Maradona e Romário, terá isso algo a ver? Como dizem do baixinho, fazia da grande área seu latifúndio, produtivo. E apesar dessa posse toda, e talvez por ela, e longe de sua pátria, era amado por seu povo. O húngaro mais conhecido do século XX. No topo das listas, nem precisava concorrer.

Há você de me perguntar: eu no Brasil, Puskás na Espanha, onde o fascínio? Claro que tudo começou no Madrid, simplesmente, como dizem os madrilenhos. Mas vinha também do Benfica – conheci Coluna pessoalmente, e do Santos de Pelé, grandes times de um futebol que se globalizava. E, pasmem, não era adepto de nenhum dos três, mas a beleza está acima das paixões. E o "Öcsi", irmãozinho em húngaro, passou a ser minha referência húngara. Aprendi a soletrar os esquisitos nomes magiares por causa dele, e a acompanhar a cena político-social desse povo por uma espécie de procuração afetiva dele. Até transferi-la para outro húngaro brilhante – este nas letras, que aportou por nossas bandas, Paulo Rónai, a quem muito deve o Brasil.

Você talvez não saiba, mas para gregos que nos deram a filosofia, a gratidão era um sentimento maior. Naquele 17 de novembro de sua morte, em 2006, numa UTI de Budapeste, de falência múltipla de órgãos iniciada por uma pneumonia, e já morto em vida há alguns anos devido ao mal de Alzheimer, quito este débito de gratidão por alguém que ajudou a globalizar minha visão política e futebolística. Ah!, que inveja santa tenho do dr. Ravazzani, que o viu jogar no Maracanã, em 1957, com o Honved. Logo depois ganharia o mundo com a camisa 10 do Real Madrid (1958-1967), ao lado de Di Stéfano e outros muito votados. Fardamento todo branco, só com o escudo madridista ao peito. Descaradamente copiamos isso no nosso time de futebol de salão, aviltando a arte desses mágicos. Mas copiar não deixa de ser uma forma de lisonja. E não se pode ter tudo, taí um pouco do que aprendi na vida, a conjugar desejos e realidade. Descanse em paz, irmãozinho!

#### LINGUAGEM DOS GESTOS

Publicado no látrico nº 29, dezembro de 2011

Estava ao final do primeiro ano escolar em Lisboa, já lia e entendia o que lia, naquela fase em que queremos ler tudo, sobretudo letreiros. Fui com minha mãe a um açouque. Do lado de fora do balcão, uma pequena mesa com um jornal aberto em página de esportes. Depois de genérica olhada, vi a classificação do que supus ser o campeonato brasileiro. Afinal, lá só havia um campeonato e se chamava nacional. No primeiro lugar, Flamengo, em segundo, Vasco da Gama, em último um tal Canto do Rio. É, já existiu esse time, saco de pancada dos grandes, hoje apenas um clube social de Niterói. Já perceberam meu equívoco, tratava-se do campeonato carioca. Foi amor à primeira leitura, Vasco, que nem era o primeiro. E, claro, não tinha a menor ideia nem do navegador nem de quaisquer coisas correlatas. Quis o destino que em menos de um ano emigrasse para o Brasil, a bordo da terceira classe do Highland Monarch, nome soberbo para um navio de médio porte de bandeira inglesa.

Foram 15 dias de travessia atlântica, fato marcante para o resto de minha vida. Não só pela solidão oceânica, como por não entender patavina do linguajar predominante, o inglês. E uma coisa horrorosa: não havia café com leite nas refeições intermediárias, mas, sim, chá com leite. Minhas leituras eram fragmentadas, tinha que entender mais a linguagem gestual, com apenas sete anos de idade. Bem, como notaram, pela via da linguagem comum, o meu time no Brasil tornou-se o Vasco. E o que a infância ama, não se desvanece. Mas, acreditem, o meu time verdadeiro do coração não é o Vasco, porque o precede.

Lá pelos cinco anos de idade, meu pai, chofer de táxi em Lisboa, bairro Alcântara, zona portuária, era adepto do Atlético Clube de Portugal, time do bairro e da primeira divisão, e me levava em domingos de jogos, na Tapadinha, seu estádio, se é que pode ter esse nome de tão acanhado. De mãos dadas, subia a alameda que levava a um recinto verdadeiramente religioso, a tal Tapadinha.

Como ainda não era alfabetizado, tudo o que compreendia vinha da gestualidade paterna. O Atlético, hoje na 3ª divisão, mas na época time intermediário que, às vezes, aprontava para os grandes, Benfica, Sporting, Porto e Belenenses. Meu pai era um apaixonado pelo time, tipo visceral, e devoto me tornei. Lembro-me como se hoje fosse, o Atlético jogando contra o Lusitano de Évora, outro que despencou, e o nosso time ia bater um escanteio – lá, pontapé de canto ou esquinado – e perguntei-lhe se nosso time já marcara algum golo – lá é assim – dali. Sorriu e disse: já vi! Se verdadeiro ou não, nunca soube, mas nunca esqueci essa alegria. Sem saber o que era gol olímpico, soube da suposta façanha, e o menino em mim se regozijou. Lembro-me também que todos os goleiros – lá, guarda-redes – usavam boné. Perguntei-lhe o porquê, essa obsessiva curiosidade que nunca me abandonou.

Deu-me alguma resposta solar que aquiesci. Na verdade, nunca tive tanta felicidade num campo de futebol quanto nessa época em que nada entendia e apenas observava as atitudes paternas, e imitava. Quando o time ganhava, era a glória, passava no bar do Maravilha, seu amigo, e tomava uma taça de vinho. Estava terminado o culto à vitória dos nossos.

Mesmo não alfabetizado, sabia o nome de todos os jogadores, a começar pelo Ernesto, o guarda-redes. As cores? Não, não era rubro-negro. Listras verticais amarelas e azuis, auriceleste.

Quis o tempo que visitasse esse templo lúdico outras vezes, para decepção do agora adulto que passou a achá-lo apequenado e decadente, vivendo situação pré-falimentar e habitando divisões inferiores. Mas o paciente leitor pode notar duas leituras fundamentais que em mim se exerceram: a linguística, que me levou ao Vasco; e a gestualidade paterna ao Atlético. E é do valor dessas leituras diferentes que quero prestar contas, as mais importantes para qualquer ser. Mas há ainda um valor mais nobre e essencialmente humano.

Na última visita que fiz à Tapadinha – não vale imaginar qualquer relação erótica –, encontrei uma senhora zeladora do pedaço. Lavava uniformes, cuidava dos armários dos jogadores, coisas afins. Indaguei como poderia adquirir um fardamento – lá tem esse nome – do Atlético. Informou-me que seria difícil, talvez na maior loja de material esportivo de Lisboa, na Rua Almirante Reis. Não lhe sabia o nome. Mas, lá fui e a encontrei. À porta, um senhor que via o movimento, quis saber o que desejava. Seu nome, Ernesto.

Contei-lhe que era do Brasil, torcedor do Atlético, repeti-lhe toda a escalação do time da década de 50 e, embora sportinguista, ficou deveras impressionado. Por acaso do destino, não tinha apenas o mesmo nome do guarda-redes, era também o dono da loja e produzia todo fardamento para os grandes clubes de Lisboa, e me falou ser impossível encontrar fardamento do Atlético. Só o produzia sob encomenda do clube, o que era raro. E que ninquém ia atrás de camisolas da terceira divisão. De repente, parou, pensou, e falou: vou produzir um fardamento original do Atlético para sua senhoria. Constrangido, ponderei que estava voltando na noite seguinte para o Brasil. Disse-me: mas então, torna-se impossível! Novamente parou, pensou, e peremptório: esteja amanhã aqui às 16h que estará pronto.

Sabem o que aconteceu? O senhor Ernesto simplesmente parou a produção dos uniformes usuais para fazer um único e exclusivo para mim. E mais, sem ônus. Podem ter noção de seu prejuízo? Mas essa linguagem não se aprende, é inata; da pessoa que ama o que faz, se comove com o interesse raro do outro, e que ainda tem a generosidade de agradar um forasteiro. Grande Ernesto! Até hoje me emociono quando penso numa figura que soube ler com emoção um fragmento de minha infância e premiá-la, absorvendo todo o ônus. Restou-me apenas minha gratidão na forma de um abraço e de um tímido beijo. Em sua honra mantenho o fardamento intocado.



# CAPÍTULO VIII SOBRE PEDAGOGIA

"Feliz aquele que ensina o que sabe e aprende o que ensina."

Cora Coralina

### O QUE DEVERIA SER

Publicado no látrico nº 14. abril/outubro de 2005

Aula é esclarecimento. É seu núcleo indissociável. Claro que depende de informações – dados –, mas que devem ser elementos para saber a que nos ater e ao que esclarecer. As informações, que devem ser fidedignas e extraídas de um corpo de provas, isoladas, têm pouco valor para o saber. Precisam ser conectadas, articuladas, para que componham um contorno de saber. O que faz isso é o esclarecimento. É a ponte que nos leva das informações ao conhecimento. Atualmente, as aulas tendem a reduzir o saber a dados. Estes fatos puros, em si, não constituem ciência. Múltiplos, indiscriminados, só desorientam. Ou burlam a verdade transitória da ciência. Precisa entrar neles a voz da razão lógica analítica para associá-los, depurá-los, torná-los coerentes, totalizantes, para que formem um corpo de saber inteligível a quem os percebe, a plateia. Dados isolados são memórias, é isso que as projeções numa sala de aula, por quaisquer meios, nos trazem. São material de erudição, sendo sua principal propriedade a extensão; sua lógica, o acúmulo. E sabemos que isso, com a democratização das informações, qualquer base de dados nos fornece. Por isso, porque oferecê-los a uma distinta audiência se estão facilmente acessíveis e ordenados?

O papel do professor não é a erudição – memória – ; é a cultura, cuja fonte é a reflexão. É esta que gera a compreensão, sua grande propriedade. Não só no sentido lógico – lógica é a ética de guem pensa -, mas também no sentido da validade e limites do conhecimento. Portanto, sua intencionalidade deve ser sempre interpretativa. Assim sendo, o verdadeiro professor interpreta a si e o conteúdo. Faz dos elementos brutos, palavra e dados, um conjunto inteligível que toca sua audiência, a modifica. Professor é aquele que sintetiza a experiência acumulada de dados; pois os assimila, integra, totaliza, num conjunto sistêmico que é a interpretação ou a teoria. E estas, por mais complexas que sejam, devem ser vertidas da maneira mais simples possível, utilizando-se dos meios didáticos mais apropriados, que podem ir da analogia à metáfora. Portanto, do conhecido ao desconhecido. Estamos a ver que interpretar ou teorizar nada tem de ruim. Só como exemplo, teoria é o clarão da ciência. Tem a importância do estilo para a arte. Fazer uma apresentação teorizante é engendrar mecanismos que levem em conta dados, esclarecimento e, seu principal fator agregado, a reflexão.

Então, pergunto-lhe caro leitor, tem assistido muitas aulas com essas características? Como audiente, tem sido esclarecido? Têm tornado claro, iluminado, seu compreender? Ou têm-lhe ministrado dados em profusão impossíveis de serem retidos por limitações próprias da mente humana?

Então, também cabe a pergunta: como se aprende medicina? As aulas têm importância? Aprende-se medicina com leitura, muita leitura; e prática, é claro! Mas para compreender o que advém da leitura e da prática é fundamental o esclarecimento. É aí que entra o professor.

Boa parte das novas tentativas pedagógicas em medicina são decorrentes desse desvirtuamento do sentido que deve ter uma aula. Passou-se do esclarecimento à simples difusão de informações. É preciso retomar a função original. A outra é meritória, fazer do aluno um agente mais ativo. Mas ainda fica faltando a mais importante: ensinar o aluno a pensar. Deveria ser a via final comum. Aprender e ter gosto pela própria produção intelectual. Claro que é o mais difícil. Depende de cabeça propensa do aluno, e que o mesmo agregue disciplina, esforço e curiosidade; e de agudeza de espírito do professor, no sentido de aplicar rigor e método na separação de provas e crenças. Destas, bastam as inevitáveis. E o resto? Depende da imprevisibilidade do gênio humano.

### É DIFÍCIL!

Publicado no látrico nº 14. abril/outubro de 2005

Poucos professores admitem, mas manifestar-se em público não é fácil. Primeiro, é necessário dominar a técnica expositiva, e associála aos diversos veículos pedagógicos de suporte. Um seminário é completamente diferente de uma conferência. Uma reunião científica com poucas pessoas tem um andamento absolutamente diverso de uma aula, porque os objetivos são diferentes e os agentes envolvidos têm papéis peculiares. Em comum, a necessidade de dominar-se a si, o conteúdo, e a capacidade de fazer com que a plateia se concentre no ator. Sim, ator.

Todo professor é um ator que dramatiza um conteúdo científico. Só que não treinou para isso, nem foi dirigido para a tarefa. Quando muito, assimilou o conhecimento, ou seja, tem fluência sobre o mesmo. Isso não quer dizer que saiba sumarizá-lo de maneira simples e conveniente, vestindo sua linguagem de modo adequado para cada exposição. Dominar a técnica pedagógica - como elaborar uma transparência e como usá-la no retroprojetor; como planejar um diapositivo com o essencial e com as cores pertinentes; como programar o movimento de imagens e como legendá-las com propriedade linguística num meio eletrônico e computadorizado; como usar o quadro de giz com poucos traços e palavras – é alcançável com o tempo, desde que se treine muito.

Compatibilizar o suporte pedagógico a si próprio, e fazer do mesmo mero acessório, e não vitrine, para um ator que não pode ser obscuro, nem ficar escondido na penumbra e, portanto, tem que ter força para se fazer presente nos giros da audiência, é que leva mais tempo. E só surtirá o efeito desejado se o ator também dominar a técnica de palco, e tiver domínio linguístico associado. Sim, porque o bom professor sabe a sequência a seguir, ou a terá projetada, mas seu discurso tem que ser improvisado, ou seja, as palavras que utilizará nunca devem ser conhecidas adrede. Fará um improviso linguístico em cima dos conceitos que escolheu, estes sim, previamente conhecidos. Isso significa correr riscos. Mas que fique claro: improvisar linguagem é possível e necessário; improvisar conceitos, impossível. Um ator que esqueça sua fala, se experiente, improvisa; ou terá no ator com quem contracena alguém para servir de escada, isto é, para ajudá-lo a retomar o fio do texto.

O professor que está proferindo uma conferência se encontra solitário, numa arena perigosa. E não poderá, de súbito, criar ideias ou conceitos. Perderia qualquer pretensão lógica. Foi essa dificuldade, o medo do famoso branco, que fez com que se ligassem rigidamente a trilhos de expressão (meios pedagógicos). Mas o que deveria ser simples condução, ajuda para não haver descontinuidade, virou feitiço contra o feiticeiro. Tornou o sujeito oculto, fez desaparecer o ator principal. Em seu lugar, só projeções, com a voz quase em off . Só locução, a personagem escondida. É necessário resgatar o sujeito, o tribuno, cada vez mais raro. Basta presenciar, pelas tevês específicas, nossos oradores da Câmara e do Senado. Poucos se salvam. Não sabem reportar, muito menos comentar. Que dirá convencer. Ocasionalmente aparece alguém enchendo nossa alma. Mas quando se examina a plateia, clama no deserto. Alguns beiram o ridículo na ausência de lógica e sensatez.

Apenas como ilustração, há pouco, um tal de sua excelência Isidório, e olha que é pastor, assumiu a tribuna para contar de maneira mambembe a humilhação que sofreu ao ter sido "acometido" por um toque retal. Nada contra o profissional, mas contra o desumano ato médico que fê-lo ver estrelas e purgar desonra irreversível. Incontinenti, exigiu a mudança imediata da técnica. Ah, essa mania legisferante de determinar como deveria ser o trabalho, os costumes, e os impostos de todos nós, completamente dissociada da realidade...

Mas voltemos à nossa seara. A maioria dos professores entra na docência por acaso. Não tiveram na paixão, como vocação criadora, o elemento que fez acender a centelha. E que só faz sentido se se associa ao senso de responsabilidade e ao sentido de pro-

porções. Talvez, por isso, e pelos salários indecentes e pela dificuldade de utilizar meios adequados, os professores não se sintam motivados no crescimento pedagógico. É uma pena para o país. Porque não encantarão com sua verve uma plêiade de novos talentos, que seriam contaminados pela paixão de fazer outros pensarem, se educarem, que nada mais é do que estar preparado para saber distinguir o falso do verdadeiro.

Sem essa chama vivificadora, talvez os futuros professores se comportem, como em Macbeth, "como pobres cômicos que se pavoneiam e agitam, por uma hora em cena, sem que sejam, depois, ouvidos; e que contem apenas histórias idiotas, cheias de fúria e tumulto, nada significando". Ao ler o último parágrafo de Shakespeare, percebemos que o que é clássico na arte poderia ser desastroso na comunicação científica. E entendemos porque Freud, que só falava sobre o que descobrira e conhecia, tinha tanto receio do palco. Ora glória, ora debacle!

#### À BEIRA DO LEITO

Publicado no látrico nº 14, abril/outubro de 2005

Naguela tarde, na enfermaria de Urologia, minha turma de prática devia ter uns quinze alunos. O professor que nos acompanhava, depois de uma olhada geral, escolheu um indigente (era assim que se chamava o não contribuinte dos anos sessenta), colocou-o em posição sem dizer Ihufas, todos os alunos em volta, os outros pacientes olhando de esquelha para o leito do indigitado, talvez aliviados por não terem sido escolhidos, mas já antevendo futura eleição. Não havia presença nem do tradicional biombo de madeira e "pano de saco". A um aceno, a irmã de caridade lhe oferece as luvas e abre o pote de vaselina. O giro com o dedo adsorve um pouco da substância graxa, e sem qualquer preâmbulo executa o toque retal. Demorado, mas cuidadosamente descrito. Em seguida, pede a todos que experimentem o procedimento. Havia luvas e vaselina suficiente.

Hoje em dia esta cena seria impensável. Mudam-se os tempos, mudam-se os modos, no caso para melhor. Não há mais indigentes, sumiram por decreto. Sem dúvida, há mais respeito; talvez no grito, não na formação. Por carência familiar, escolar e de modelos. Estes últimos fundamentais, como veremos.

Claro que todas as escolas médicas têm que ter manequins suficientes para treinamento de manobras que possam ser humilhantes ou perigosas. De fato, os têm? Claro que todos os alunos deveriam ter computadores para acessar o vasto mundo virtual da medicina. Na realidade, os têm? Claro que os alunos deveriam frequentar escolas com programas bem sistematizados e treinados. Isso ocorre? Claro que deveriam ter professores que, para além dos títulos, fossem assíduos, diligentes e instigantes. E bem remunerados. Poucos o são.

Atualmente, muitas escolas adotam o moderno Aprendizado Baseado em Problemas. Tem méritos? Claro que sim. Mas não substitui velhas práticas consagradas pelo tempo. Infelizmente, em muitas escolas, o ABP teve apenas o condão de fixar o professor aos alunos por um período mais longo, sem significar maior ganho na arte de pensar. Em vez de uma aula modorrenta, com rápido sumiço do professor; um contato mudo, sem o calor da provocação de ideias.

Claro que tudo deve se renovar, mas desde que essencial. É o caso do treinamento em novas técnicas. Mas há coisas que não devem mudar, em face de sua eficácia e completude para a formação do aluno que vai exercer uma função social complexa e nobre como é a medicina. A medicina ambulatorial em seus diversos matizes e a medicina à beira do leito continuarão imprescindíveis. Núcleo do ensino e da educação médica. Era assim no tempo de Osler e continua assim no umbral da bioengenharia.

Na sala de reuniões, o professor ouve atento o relato sumário do caso, proferido pelo aluno ou pelo médico residente. Dirige-se à beira do leito, aborda com respeito o paciente, faz-lhe perguntas pertinentes, examina-o sempre que necessário, coloca-o a par do que foi realizado e, subsequentemente, a distância do mesmo, discute as principais hipóteses como fazer o diagnóstico diferencial, a sua impressão diagnóstica e o que deve ser feito para concluir com êxito sua suspeita clínica. Baliza também sua conduta terapêutica provisória. A partir do caso, provoca o aluno e/ou médico corresponsável para integrar os aspectos biopsicossociais. Se se necessita alguma informação mais delicada do paciente, se estabelece como fazê-lo. E estimula uma eventual pesquisa bibliográfica. Um único caso passa a ser uma inesgotável fonte para uma escuta produtiva, um ver atento (observação), o treinamento de certas habilidades, o desenvolvimento do raciocínio clínico, o cultivo de atitudes, e o exercício baseado em provas e em bom-senso dos procedimentos diagnósticos e terapêuticos que se fazem necessários.

Há algo mais rico que começar no paciente e terminar no paciente? E como recompensa aprender muito e adquirir experiência?

Claro que devem ser selecionados os casos à visitação; claro que isso não dispensa outros métodos; claro que depende de professores experientes que sirvam como modelos à iniciação e ao desenvolvimento dos incipientes; e claro que certos professores por talento próprio obtêm melhores resultados. Mas a questão é: existe atividade didática mais produtiva e completa do que essa no ensino e na educação médica? Humildemente desconheço. E cada vez rareia mais em todo o mundo. Por isso, não me sai da cabeca aquela velha expressão francesa, aqui adaptada livremente: quanto mais se muda, menos se sai do lugar. Então, façamos poucas coisas, mas boas. As que foram comprovadas pelos luminares da medicina à beira de qualquer leito. Com toques respeitosos.

#### **AULA DE CONCURSO**

Publicado no látrico nº 14, abril/outubro de 2005

Lembram-se de Candelabro Italiano? Aquele filminho que era mais um mostruário das belezas italianas e que, de quebra, tinha a radiosa Suzanne Pleshette? Não? Então, outra referência: a música tema era Al Di Lá. Pois é, nem a visitação às obras-primas d'Itália, e nem a mulher. Um dos objetos de desejo da minha geração foi aquele blazer vermelho do Troy Donahue. Que saiba, nenhum dos meus companheiros chegou a ter um. Por quê? Primeiro, ninguém usava blazer. Segundo, não se tinha pecúnia. Terceiro, e mais importante, válido ainda hoje, para se ter algo tão vistoso precisavase ter umas duas dúzias no armário, para poder usá-lo, à socapa e à luz de velas, uma vez por ano. Caso contrário, o primeiro que repetisse aquela visão logo diria: - Lá vem o vermelhinho! Não embarcar em tal desejo chama-se princípio de realidade. É, pois, necessário compatibilizar desejo com realidade. Mesmo que o Caetano e os psicoterapeutas nos digam que não sabemos onde colocá- lo. E é esse princípio que deve estar à testa de qualquer professor.

Certa vez fazia parte de uma banca, quando o professor que ministrava aula, talvez tendo lido na noite anterior que era necessário interagir com a plateia, lá pelas tantas, aproximou-se – e, logo, de guem! – do presidente da mesa e tascou-lhe uma pergunta. O emérito ficou quedo, impassível. O concursando não se fez de rogado, crispou a face, e tascou-lhe, de novo, a mesma pergunta. O emérito, e não sem razão, não mais ficou impassível, ao contrário, tornou-se hirto, com aquela visão de o impossível acontece. O silêncio era constrangedor, e o agora naufragante professor, mudo e em pânico, foi fazendo desaparecer sua aula. Não recuperou mais o fio da meada. Deixou de saber o que era conteúdo e forma. Atrapalhou-se todo, e seu blá-blá meio desconexo colocou-o a pique. Mas, como alguns concursos não são pra valer, e como não houvesse adversários, passou. Não me lembro se summa cum laude.

O episódio descrito é para salientar que não devemos fazer em aula o que não sabemos ou podemos. Interagir pode ser bom, mas há que se saber como fazê-lo. Qualquer audiente fica em pânico quando lhe dirigimos a palavra. Melhor seria fingir que se pergunta, e imediatamente o próprio professor responder. Seria um faz de conta pertinente. Não podemos ter uma criação ilusória de fato como se realidade fosse. A isso se chama pensamento desejante, e, mais uma vez, não dá pra confundir desejo com realidade.

Há muitas maneiras de se ministrar uma aula, com os recursos pedagógicos mais variados, mas necessário se faz saber utilizá-los. Senão, é melhor esquecê-los, e ficar só com banquinho e violão, tocando a música que se sabe.

Do que se constitui uma aula? De presença. Não só uma aula, mas qualquer comunicação interpessoal, tem na linguagem verbal sua essência, embora signifique apenas 7% de seu conteúdo. Pesquisas mostram que 55% resultam da expressão facial ou de outra linguagem corporal; e que 38% advêm da inflexão de voz (Osborne; Aprenda a falar bem; Ed. Nobel; 1999; pág. 17). Ora, o fato de a linguagem verbal entrar com tão pouco a torna muito nobre. De fato, temos que procurar expressar o pensamento sempre com a maior clareza possível. Vestir o pensamento com simplicidade elegante. Palavras servem à análise. A linguagem corporal e a inflexão de voz devem dar força à representação, criar um mundo encantatório às palavras, mas, sobretudo, induzirem à veracidade e comunhão, de modo a facilitar o entendimento e a apreensão por parte dos audientes. Claro que há coisas que não se exprimem por palavras. Para isso, a linguagem gestual pode, às vezes, exprimir o inexprimível. Tom e gesto a serviço da palavra. Se um estado interior for inefável pela palavra, a gestualidade o fará. Se um professor mentir, ou se não estiver certo de um determinado conceito, seu corpo o denunciará. Basta saber lê-lo.

Costuma-se dizer que uma imagem vale mil palavras. De fato, às vezes, só uma imagem consegue sintetizar algo. Mas devemos no-

tar que as imagens raramente prescindem de palavras. Exemplo: a charge sem legendas. Então, ficamos assim: as palavras servem para análise e as imagens para síntese. Necessário se faz harmonizá-las. O que não pode haver numa aula é saturação de informações, impossíveis de serem retidas pelo cérebro humano. Só as necessárias e fidedignas, baseadas em provas, para pródigos esclarecimentos e reflexões.

Ademais, seria desastroso falar em ambiente permanentemente escurecido sem que o professor pudesse exprimir sua gestualidade. Por igual, pior seria, se à luz do dia, com palavras, afrontássemos um emérito.

#### **PERIGO À VISTA**

Publicado no látrico nº 14, abril/outubro de 2005

Todas as profissões têm seus riscos. Umas mais do que outras. A de professor não poderia ser exceção. É sempre uma fonte de potenciais conflitos, e os fatores de insegurança aumentam cada vez mais. Basta observar a violência demandada nas escolas públicas da periferia das grandes cidades.

Se você é um professor interativo já deve ter tido dificuldades ao por em cena uma aluna fóbica ou tentar estimular um aluno impulsivo-agressivo. Em tempos politicamente corretos, o pêndulo se deslocou do professor todo-poderoso, que poderia colocar qualquer aluno em ridículo, para o discente cheio de dedos e direitos. O que continua igual é a impressão dos professores de que a maioria dos alunos são fracos, como se não tivessem direito à ignorância; e a crença dos alunos de que sejam sempre injustiçados. Quando vão bem, foi por mérito próprio. Quando vão mal, o professor errou na nota, sempre a mereceriam maior.

Já conheci professores que foram ameaçados com armas – tipo: "se não aumentar minha nota, estouro seus miolos!"; e não é filme – e aluno que ficava na primeira fila mostrando arma para professor.

Seja como for, o que não é possível é abster-se do dever de ensinar (colocar o entendimento dentro do aluno) ou de educar (estimular o aluno a transformar conteúdos e emiti-los à sua maneira com lógica e propriedade).

Penso ser relevante durante uma aula não apenas esclarecer, mas associá-la a seu valor agregado, a reflexão. E os exemplos devem ser os do dia a dia, terem configuração prática.

Certa ocasião, estava explicando que informação não muda comportamento. Para fazê-lo, necessitaria ser processada, assimilada e transformada em convicção, em processo volitivo. Dava o exemplo das gravidezes indesejadas. Apesar de terem as informações necessárias e mais claras, de poder entendê-las melhor, as estudantes de medicina continuavam engravidando. Exemplo prático e infeliz. Uma garota estava grávida de um colega, e lógico que ambos vestiram a carapuça. Pessoalmente não tinha a menor ideia do que estava acontecendo, só o soube quando vieram me cobrar a suposta falta de compostura. Nessa hora, pra que desculpas; estão sempre cheios de razões, sempre com a ideia de que violamos sua intimidade publicamente. Ossos do ofício. Nunca por causa de fatos assemelhados deixei de fazer em aula o que penso pertinente para estimular o aluno a pensar.

Pior passagem teve um professor conhecido meu. Estava arguindo os alunos em sala de aula, quando se deteve à frente de uma aluna que estava na primeira fila, de pernas cruzadas, e perguntou-lhe o que seria, para si, cidadania. A mesma, alto e bom som, disse: – O equilíbrio de direitos e deveres que exercemos na noite de ontem, professor! (sic) E vá querer explicar que nem sabia seu endereço... A propósito, a ninfa passou por média. Era muito boa!

#### **ESTAR PRONTO**

Publicado no látrico nº 17, abril/junho de 2006

O que é ser culto? É em essência saber distinguir o falso do verdadeiro. Implica entender o que é lido. Mas ainda é pouco. É necessário também saber analisar determinado conhecimento e ajuizá-lo quanto à sua possível veracidade ou inverossimilidade, e suas tendências evolutivas nesse espectro.

Para isso, o culto tem que ter engenho e técnica. E também, sobretudo, a dúvida sistemática cartesiana como filtro, a que diz não se poder tomar como verdadeiro o que não pode ser demonstrado como tal.

O corolário deste preâmbulo é que o culto tem bom-senso e ajuíza bem. Como consegui-lo? Só com muita leitura e com o esforco adicional de se refletir sobre a mesma. Agindo como um jardineiro durante a poda: deixando o mínimo necessário para que o crescimento intelectual seja vigoroso. O culto filtra tudo, principalmente suas crenças, e fica sempre com as provas, quando existem, e que devem se aperfeiçoar constantemente quanto à sua qualidade. Portanto, o culto tem um grau de ceticismo benfazejo. Na sua mente tudo é transitório, das crenças mais arraigadas às provas mais recentes. E não se sente mais pobre com isso, ao contrário, está até mais leve para perseguir, via curiosidade e rigor, em novos caminhos e novas provas. Quando não as há, continua sereno em suas crenças. Mas sabe-as crenças.

Claro que o ensino, qualquer um, deveria prover essa competência, ensinar a ler e entender o que é lido. Mas temos grandes restrições institucionais. Então, como regra, só evolui verdadeiramente nessa senda quem tem esforço próprio, quem procura persistentemente avaliar o certo e o errado, o falso e o verdadeiro, realidade e fantasia, razão e delírio, senso comum e excentricidade, liberdade e tirania, absoluto e relativo. Isto é, quem educou sua mente para os debates culturais, cívicos e científicos. O meio para obter esse bom fim é a leitura meditada e discutida dos clássicos. Entenda-se clássicos aqui como leituras, quaisquer que sejam, que a cada releitura geram novas sacadas, inesperadas possibilidades. E servem a qualquer homem em qualquer lugar, para que seja consciente da realidade do mundo, do funcionamento das instituições e do entendimento básico da psique humana. E, no caso do médico, acresçam-se os livros científicos, pois lhes dão base à sua ciência.

Ao homem comum é o que basicamente necessita para o funcionamento de seu dia a dia, recriando seu repertório e fugindo aos clichês. Isso, ao médico e outros profissionais, não é suficiente, pois necessita ter sólida base argumentativa baseada em provas. Ou seja, necessita estar pronto, aquinhoado para leitura e interpretação sem a camisa de força ideológica, livre para um autoexame isento e crítico, que o convença e se torne convincente.

É essa análise crítica do que seja científico que o impede ser maria vai com as outras que o torna ciente do que seja uma zona cinzenta e sua constante mobilidade para o território das crenças ou das provas. Isto é, desde que tenha essa base de educação ampla e liberta, acrescida de metodologia científica, está preparado para descortinar o mundo da ciência e da pseudociência. Coisa que, infelizmente, nem todos conseguem, e sem a qual não há progresso científico. Por que mais importante do que crer, é saber, embora ambos estejam amalgamados.

Ah, ia esquecendo. Não há atalho, o processo é lento mesmo. E só assim definitivo.



## CAPÍTULO IX SOBRE POLÍTICA

"O desejo de recompensa é um dos mais fortes incentivos para a conduta humana.

O segredo da fidelidade humana está em fazer o desejo coincidir com a obrigação."

**Alexander Hamilton** 

#### **PÁTIOS**

Publicado no látrico nº 14. abril/outubro de 2005

Naquele final de manhã entrei no pátio e o rádio da cantina tocava alto A Whiter Shade of Pale, megassucesso de Procol Harum. Na dialética vigente, isso era ora "festivo", ora alienado, música tinha que ser explicitamente contestatória. Nessa hora, era também um problema; havia aula no único anfiteatro do velho edifício de quase dois andares, meio quadrado, que dava para esse recinto, e que abrigava a faculdade de medicina. O silêncio, pois, se fazia necessário. Regra pouco seguida. O pátio era nosso, o amávamos, e nele mandávamos. Portanto, a regra era a da hora. E o vozerio dependia do calor da discussão ou da gozação.

Embora fosse o espaço externo de uma escola privada, era, sobretudo, uma área de aprendizado e desenvolvimento, desimpedido e com poucos limites, onde colocávamos em disputa, um pouco atabalhoadamente em face do pouco entendimento e inexperiência, o que líamos, víamos e, às vezes, até o que refletíamos.

Nas conversas e nos murais tínhamos o espaço livre, sem censura – apesar dos olheiros –, onde treinávamos nossas ideias. Isso é sempre importante, ainda mais naqueles dias difíceis. O que era fácil, bem distinto, o bem e o mal. Só existiam dois lados, e todos pareciam saber o lado certo, sem hesitações. Diferente de hoje, em que há uma pluralidade esmaecida, indistinta, em que a identificação pessoal parece sempre falsa. Naquele tempo não, éramos sempre os mocinhos numa luta intrépida contra os bandidos ideológicos. Atores de um seriado cheio de perigos, com a certeza de que nos salvaríamos todos e com um final redentor. E o pátio encerrava esse cenário de convencimento e postura.

Todo o jovem que mergulha no mundo abissal das ideias e dos conceitos necessita de um teatro de treinamento, local de erro e imprecisão sem dano, sítio adensado de sociabilidade, de conflito e diálogo, para organizar algumas das ideias que persistirão ao longo da vida e outras caducas durante o próprio crescimento. Um "tempo perdido", essencial à formação. Mas dizia que o burburinho brotado desses encontros e desalinhos também gerava problemas in loco. O prof. Arnaldo Moura era um dos que não apreciava. Ministrando as aulas de Propedêutica às segundas, quartas e sextas, às 13h, horário que concentrava maior número de alunos saídos do refeitório do Dava (centro acadêmico), o rei da seguência que usava apenas voz, verve e poucos traços no quadro – ainda – negro, vez ou outra saía do tal anfiteatro e vituperava silêncio aos que riam ou discutiam alto nesse espaço de supostos gladiadores mentais. E o silêncio se fazia... por pouco tempo. Também achava um saco o barulho quando estava em aula. Mas o pátio tinha língua e tons próprios, era a mais perfeita expressão da frase de Rosa Luxemburgo, para usar uma recorrente na época: "A liberdade é sempre e exclusivamente a liberdade de quem discorda de nós".

Quase todos os professores por ali passavam. Alguns ficavam momentaneamente a jogar conversa fora ou a ensinar, como se não tivessem outros afazeres. Ladoski, da fisiologia, um deles. Me pergunto se, na correria de hoje, teriam a mesma disponibilidade. E não posso deixar de evocar que só o que é lento perdura.

Havia, claro, coisas chatas. Como ficar perfilados no início das manhãs de segundas para hastear a bandeira e cantar o hino puxado pelo "velho Brasa" da Anatomia, outro exemplo de mestre. Hoje reconheço que um pouco de civismo não fez mal a ninguém. E recordo que apesar das ligações do mesmo com a caserna, ninguém o confundia com a repressão vigente. Apreciávamos seus gestos medidos e explicações concatenadas. Um educador sob medida, no rigor e na analogia.

Mas voltando àquela manhã que não a sei se ensolarada, certamente não chovia, um dos grupinhos que com frequência se formavam, e do qual fazia parte, estava reunido discutindo o filme da véspera. *No Calor da Noite*, de Norman Jewison, com Sidney

Poitier. Sem cerimônia fui entrando na discussão e emitindo minha opinião. Pensava ser um filme sem nuances, onde o bem e o mal estavam claramente definidos, todos os negros eram bons e todos os brancos maus. Não havia subtons. Ora, dizia, a vida não é assim, o espectro social é bem variável, não existindo tão nitidamente esse maniqueísmo. Para quê! Esta última palavra foi fatal. Um amigo meu, fitou-me sério, e renegou-me ao papel de verme plagiário. Tinha, segundo ele, descaradamente usado a mesma opinião escrita por Paulo Perdigão – viria a ser programador da grade de filmes da Globo e, talvez, o maior exegeta do clássico Shane – na Manchete daquela semana. Acho que só eu não tinha lido a revista. E isso lá adiantava alguma coisa? Tinha cometido o major dos pecados, decalcado ideia alheia, num tempo em que se prezava cada um na sua, com suas próprias ideias, desde que fossem sempre as da cartilha, o manual de ação. Ao ser flagrado com prova tão contundente, e de revista burguesa, o que dizer? Nada. Enfiei a viola no saco e figuei quieto, desmoralizado, e com a pecha de ser maria vai com as outras.

Hoje, mesmo sabendo ser impossível provar em tal circunstância não estar imitando alguém servilmente, e que fora mera coincidência, usaria, de gozação, a força de uma máxima breve e incisiva do poeta T.S. Eliot, e teria dito que os poetas imaturos imitam e poetas maduros roubam, tiraria um sarro e não ficaria compungido. Será? Não seria mera "boutade" de racionalização defensiva? Talvez, a posteriori é mais fácil saber o que dizer ou fazer. Naquela manhã... fez-se frio em meu viver. Ficou-me mais pesado do que o samovar do Kruschev no inverno russo. Tanto que relembro o fato até hoje. Muitas estações depois, entendo que ser articulado num debate é um imperativo. Não para ganhar uma competição verbal, mas para valorizar os parceiros de discussão. E para colocar meio a meio razão e emoção.

Mas o fato descrito foi para salientar a saudade, a lembrança doce dos pátios das minhas vidas. Porque todos se incorporaram a mim em fases diferentes da minha formação. E todos os colégios em que estudei, públicos ou privados, eram providos. E, não sei porque, estão desaparecendo. Estão sepultando os mais ricos espaços de convivência. Ora, quem não tem cafés com mesas onde se possa discutir e escrever durante horas, como os parisienses, devem ter pátios para ao menos dialogarem. E os havia. Foi neles que exerci o equilíbrio de direitos e deveres, onde assumi minha cidadania. Foi neles que comecei a distinguir ideias falsas de verdadeiras, a operar o sentido da retórica, a testar limites e respeito, a saber dizer sim e não. Foi neles que engoli alguns sapos e cometi algumas bravatas. Foi neles que desabrochei para a precariedade do ser e para a riqueza do vir a ser. Foi neles que radicalizei para buscar a sensatez. Mas nenhum me tocou tanto e tão profundamente quanto o último. Que não existe mais. Morreu. Como fenecem precocemente a maioria de nossas instituições, sem dar à luz seu destino. Ou se perdem nas entranhas de outras. Mas em mim não se sombreia a lembrança do pátio que conheci palmo a palmo e foi cenário de minha adultícia, o do velho prédio da faculdade de Ciências Médicas na Praca Rui Barbosa. De frente para a Santa Casa, defronte para meu horizonte.

#### CERTEZAS DA DÚVIDA E DO SONHO

Publicado no látrico nº 9, marco/abril de 2004

Houve tempo em que os homens se batiam por certezas e morriam por valores morais. Ao ler esta frase de Franco Noqueira, sou possuído por certa nostalgia. É, vivi um pouco desse tempo. Pelo menos seus estertores.

Nós, jovens, na década de sessenta, fazíamos uma revolução. Pensávamos ser possível mudar o mundo. Melhor, consertaríamos o mundo. Afinal, tudo era encontro, da flor ao sexo, das utopias mais desabridas à revolução da mente, escancaravam-se as portas da percepção. E tudo nos parecia possível e permissível. Era proibido proibir. A imaginação nos levaria ao paraíso, terrestre naturalmente!

Todos os sonhos pareciam exeguíveis, questão apenas de tônus pessoal e coletivo. Todos à nova ordem. Ah, santa cequeira e ingenuidade. Sob a capa da liberdade, da igualdade e da justiça social, o que o "Maio Global" de 68 conseguiu foi apenas uma licença para melhor fazer amor. Ou nem isso, já que o mundo continua sendo a convivência de contrários e, portanto, se reduz a conflitos e interesses. O que o amor pode fazer e por isso o buscamos incessantemente é mediar e sobrepujar os conflitos, esse o seu grande mérito. Embora seja de emanência mais individual do que coletiva, essa sua limitação.

Maio de 68 não fez eclodir nenhuma luta de classes, nem balançou qualquer sistema político. Sua origem anarquista começou na libido, continuou na erótica e desembocou na geleia geral atual. Foi mais uma luta de gerações. E nós, jovens, só queríamos fornicar, essa a verdade. Os políticos apenas tentaram pegar o vácuo atrás do movimento, como sempre. Mas guem viveu achou boa a zorra. E foi.

Todo sistema organizado tende, depois de certo tempo, a se esclerosar. As instituições entram em degenerescência como qualquer organismo vivo. Ao contrário do que fazemos como médicos, que é tentar reparar funções orgânicas que tendem à falência inevitável, as instituições podem ser vitalizadas, transformadas, fortalecidas. O Maio de 68 não se baseou em grandes ideais humanos, mas vitalizou uma cultura sonolenta, já sem *élan*, aliás, semelhante à atual. Pela sua própria origem não tinha condição de estabelecer o que seria factível, ou as metas com seu ponto de equilíbrio. Faltava-lhe visão política real do que alcançar. Alcançou-se apenas a maior liberdade sexual, e esta ainda graças à pílula. Mas, de quebra, vitalizou-se a cultura, com melhor entendimento do que estava à sua margem.

Depois disso foram-se as certezas políticas, afrouxaram-se os valores morais e sumiu-se a esperança que descortinávamos num horizonte cheio de possibilidades. Hoje faltam-nos bandeiras claras e visíveis. Pelo menos que envolvam emocional e motivacionalmente grandes agrupamentos humanos. Toda política de Estado é econômico-financeira, e dessa não entendemos nada. É fria em seus números, distantes na possibilidade de a influenciarmos. Quando muito, a duras penas, controlamos a economia pessoal.

Olho esses anos da juventude e vejo uma ebulição inconsequente, mas não a renego, pois alimentou o fervor das ideias e o tempo se encarregou de temperá-las. Também, quem mandou ler Yeats? "Os melhores carecem de convicções, os piores estão cheios de intensidade passional". Ontem, como hoje, o equilíbrio é necessário. E se se foram as grande utopias, sobraram outros consolos: música, poesia e, principalmente, a revolução da ciência. Embora saibamos que até esta não esgota o real. Certezas? Só a bendita dúvida, que nos permite pensar. E a imaginação, que nos permite sonhar. Enquanto existirem dúvida e imaginação, a humanidade continuará a ter fome de ideais. E a desenhar um horizonte de possibilidades. Nos, médicos, sempre faremos parte da difusão dos sonhos humanos. Sabem por quê? Porque pensar também é sonhar, nem que seja com o rigor da ciência.

#### **HORRORES**

Publicado no látrico nº 31, janeiro de 2013

Ao ler o sofrimento de Viktor Frankl num campo de concentração e sua luta para manter a sanidade, podemos pensar: ufa!, que bom que tudo isso acabou. Não, não só não acabou como continuará enquanto houver regimes totalitários, seja à esquerda ou à direita, porque a primeira coisa que qualquer absolutismo faz é tirar a liberdade de expressão. Os nossos jovens, que vivem num país de quase total liberdade, não sabem o preço de sua privação. Sejam os extremos de direita ou esquerda, como nazismo ou comunismo, todos se equivalem nos métodos de coerção. Basta dizer que, neste momento, na Coreia do Norte existem mais de 200 mil "inimigos do povo" em campos de concentração sob regime de trabalhos forçados, torturas e execuções sumárias. E crianças nascidas nesses campos que simplesmente não conhecem o significado de liberdade.

Volto a dizer, hoje, o que Viktor Frankl enfrentou, milhares continuam enfrentando. Por isso, a recusa firme e destemida a qualquer totalitarismo deve ser profissão de fé individual. Qualquer complacência ou leniência aos extremos deve ser combatida, e os intelectuais, jornalistas, ou quaisquer setores de formação de opinião, não podem se abster de suas obrigações libertárias, sob pena de estarem mancomunados aos catecismos extremistas, já que estes têm as mesmas afinidades estruturais como bem apontou Hannah Arendt em as Origens do totalitarismo ou Friedrich Hayek em O caminho da servidão.

Não nos iludamos, todos os totalitarismos se julgam portadores de uma superioridade moral e longe estão de cultuar o valor da liberdade individual, sem o que não existe pluralidade de opiniões, o que é assegurado constitucionalmente por qualquer democracia que se preze. Imperfeitas, sabemos, mas as menos ruins das formas de governo. Pois permitem manter as diferenças entre os indivíduos, já que o igualitarismo é um sonho rousseauniano de uma noite de verão, porque não leva em consideração o desejo e as aspirações individuais, que permitem criar e inventar o novo e distribuí-lo na medida do possível, já que todos não são iguais, e a preguiça deita raízes.

Por isso, direitos e deveres, sim, devem ser equitativos, com reparações aos que com doenças genéticas ou adquiridas, ou por impossibilidade social, não conseguem autonomia individual, não conseguem perseguir sonhos e anseios básicos por conta própria.

Um regime democrático é um regime de contenção, não de repressão. De liberdade, não de intolerância. De modo que cada um possa contribuir para um alcance social mais digno, a seu modo e dentro de suas possibilidades, preservando a liberdade e a autonomia de ser, sem ditames ideológicos de submissão. Só assim poderemos ter um horizonte sem cercas eletrificadas, a não ser aos hostis do convívio humano civilizado. Que também os há, terroristas ou doentes, já que a liberdade absoluta do homem também é uma utopia. Bonita na poesia. E nos gabinetes dos que não têm contato com a realidade. Os inocentes da ingenuidade ou os concupiscentes do alheio.

#### HORRORES SEMPRE

Publicado no látrico nº 31, janeiro de 2013

A 2ª Grande Guerra estava praticamente terminada em 13 de fevereiro de 1945 (acabaria meses depois) e os ingleses, num raid aéreo, destruíram cirurgicamente Dresden. Quase nada restou. Já em ruínas, voltaram a bombardeá-la para que não houvesse qualquer recomposição civil. Ainda por cima, os americanos completaram o serviço. Morreram dezenas de milhares de civis. Tudo foi destruído, de moradias a bringuedos. Essa incineração também ocorreu em Hamburgo e Colônia. Quando as forças por terra chegaram, russos, americanos e ingleses fizeram o trabalho final, que consistiu de estupros em massa, muitos coletivos, e outras barbaridades que é melhor não descrevê-las. E se mantiveram os campos de concentração de Auschwitz e Theresienstadt por algum tempo, agora com novos inquilinos. O que significa isso? Que guerra é guerra, sempre uma tragédia, e os civis são sempre os que pagam o maior preço. O peso da degradação. O humano, quando desprovido de contenção da lei, é sempre brutal, desenvolvendo os instintos da barbárie. Sem lei e organização social – por mais superficiais que sejam –, a barbárie come solta, sem freios nem contenção. O totalitarismo é o responsável pela falta da costura ética, quaisquer sejam suas cores, daí nosso repúdio ao poder sem limites. Da direita à esquerda, com os radicais de sempre. Como consequência, a população civil sofre por anos de carência, carestia e falta de instituições organizativas básicas para a decência humana.

## ANOTAÇÕES NECESSÁRIAS

(Reflexões à guisa de provocações)

Publicado no látrico nº 31, janeiro de 2013

A capacidade de síntese é a função mais nobre da mente. Qualquer emanação cerebral subjaz a essa função. Que embora tenha componente genético é, sobretudo, uma habilidade cognitiva treinada. Para desenvolvê-la, há que haver conhecimento, inteligência linguística e muito esforço na capacidade de terçar ideias, opiniões, conceitos, sempre com lógica implacável. Há mentes que, por mais que se esforcem seus detentores, estão mais para bobinas ou novelos, enroladas em si mesmas.

Para desafiar o leitor nessa nobre arte do discurso curto e pleno de significado, fazemos abaixo anotações sobre o pensamento conservador, raro em nosso meio, tendo em vista que a ditadura inclinou boa parte da intelectualidade para a esquerda, para o dito pensamento progressista. Há sempre a necessidade de avaliarmos todos os ângulos de uma questão. Por isso, conclamamos à reflexão sobre o direito e o avesso dessas anotações, e, se possível, encontrar outros atalhos que melhor definam suas conviccões, baseadas no hábito dos costumes e na introjeção de novos conceitos, de modo a equilibrar a razão – que não explica tudo - com os afetos, que tudo permeiam. Reflexão é a solução.

- Não se deixe levar por imagens que movem ou comovem, prefira as que esclarecem.
- Qualquer catecismo ideológico é sempre precário e tendencioso.
- O sentimentalismo é uma falsificação do sentimento que, exibido em público, normalmente denuncia um canalha.
- Toda mentalidade radical, por recusar a complexidade, é sempre pueril.

- "Conservadorismo" e "progressivismo" s\(\tilde{a}\)o sempre complementares.
- Seria você capaz de forjar um ideal de honra e dever, temperado por uma vida de renúncias, sem levar em conta a poesia das utopias?
- Segundo Gustave Thibon, o grande homem de direita é sempre profundo e estreito, e o grande homem de esquerda é sempre profundo e desordenado.
- Segundo o filósofo inglês Michael Oakeshott, governar é um sistema de "direitos, deveres e formas de reparação".
- Tudo que é revolucionário é desastroso e incoerente.
- Reformular é a maneira certa, porque baseada no estudo, distinguindo o que merece ser preservado do que merece ser alterado. É a chamada abordagem aos pedaços.
- E Edmund Burke escreveu: A raiva e o frenesi destroem mais em meia hora do que a prudência, a deliberação e a previdência conseguem construir em 100 anos.
- Desconfie de grandes sistemas de pensamento e prefira formulações baseadas no que a empiria humana nos legou ao longo da história.
- Racionalismo exagerado é passional. Tão desordeiro quanto as emoções não dominadas.
- Use o hábito e a razão como aliados. E coloque uma pitada de emoção.
- A padronização política e econômica nunca funcionou.
- Qualquer totalitarismo é o caminho da servidão.
- O ser humano não é perfeito, se muito, percorre a trilha da perfectibilidade. Ao longo dos séculos.

- Como endeusar a razão se é um instrumento limitado? Como dar vezo apenas às emoções se nos tornam incontroláveis?
- Escreveu Isaiah Berlin: total liberdade para os lobos significa a morte dos cordeiros. Portanto, pensar politicamente é pensar num universo de escolhas, e de sacrifícios, e de compromissos.
- Sem levar em conta alguns valores primários, dito absolutos, é gerar uma sociedade enferma e indecente.
- O ser humano é mais regido pelo temperamento do que pelas ideias.
- Não nos enganemos: a razão está sempre submetida aos afetos, à paixão. Esse enunciado é de David Hume, filósofo inglês.
- Espaços mais apropriados à reflexão dos médicos: hospital e necrotério.
- · Vivemos uma época frouxa de valores onde os limites são evitados, onde as virtudes não mostram sua força.
- Os virtuosos se encolhem e não mostram seu caráter, a prática de suas virtudes. Estas, como instrumentos musicais, quanto mais praticadas, mais virtuosas.
- A organização democrática é a menos ruim porque procura institucionalizar as tensões da vida em grupo, distribuindo poderes menos concentrados. Os chamados pesos e contrapesos.
- O pior da democracia é que deu aos idiotas a consciência de seu poder numérico. E aos banais se acharem, tendo opiniões rastaqueras com ares cultos. É o homem massa de Ortega y Gasset.
- Nunca devemos cair na tentação dos polos extremos do relativismo e do absolutismo.
- Politicamente é importante diferenciar a "política da fé" da "política do ceticismo". A primeira, busca a perfectibilidade hu-

mana, inexistente; a segunda, entende que governar não é ser paternalista, e sim governar uma "ordem superficial", permitindo aos homens perseguir seus fins por sua conta e risco.

- Somos imperfeitos, jamais conseguiremos adquirir toda a informação disponível. Isso deveria nos trazer certa humildade intelectual.
- A dúvida e o hábito fazem a crítica do pensamento. O ceticismo é a prudência do juízo.
- O que é o hábito? É um comportamento repetido que deu certo num cenário dominado pelo acaso e pelo risco.
- A minoria, em qualquer área, sempre carrega a maioria. Repare nas famílias: o mais ponderado e justo é o que tem maior ônus.
- Médico tem que ser cético. Deve carregar seu ceticismo como uma bússola, para duvidar da razão, dos sentidos e dos projetos racionais como um todo. Só assim é livre e não sectário da própria ciência.
- A ética do estoicismo visa colocar sob controle a desordem das paixões. É uma luta que enobrece a vida.
- Para Santo Agostinho, a raiz do pecado está no orgulho.
- E por falar em santos, o que é a Bíblia? Um livro que descreve a condição humana e suas agonias.
- Como na pesquisa, a vivência humana também é uma dança cega de tentativa e erro.
- Todos os políticos deveriam pensar na próxima geração, e não na próxima eleição.
- Sabe aquele que fala o que vem à cabeça mesmo não sabendo nada? É o novo bárbaro.

- · A família, a religião, os sindicatos, os interesses múltiplos e contraditórios garantem mais a liberdade do que as boas intenções do político e/ou do partido e/ou de um sistema de ideias.
- O ser humano tende a não saber o que quer e se entedia com tudo o que tem.
- As ditas ciências duras ainda podem entregar remédios e robôs, as ciências humanas nada mais têm para entregar. Com as exceções de sempre.
- Produzir riqueza tem a ver com originalidade, inteligência, capacidade de disciplina. Nada disso tem a ver com "igualdade".
- O psiquiatra inglês Theodore Dalrymple diz que o ressentimento é um dos sentimentos mais fortes e duradouros da experiência humana.

N.A. Adaptado de Coutinho/Pondé/Rosenfield.



# CAPÍTULO X SOBRE ARTE

"O essencial é saber ver, saber sem estar a pensar, saber ver quando se vê e nem pensar quando se vê, nem ver quando se pensa."

Fernando Pessoa

#### BAILE DA VIDA, TEATRO DA VIDA

Publicado no látrico nº 15, novembro/dezembro de 2005

Quando ministro da Cultura de De Gaulle, o escritor e político francês André Malraux cunhou a expressão "museus imaginários". São aqueles livros de arte, de qualidade gráfica impecável, que apresentam uma galeria com as principais obras dos publicados. Além do grande apoio aos museus franceses, resolveu universalizar suas obras colocando-as ao alcance de estudantes e/ou estudiosos de qualquer parte do mundo. Muitos de nós, antes de visitarmos pessoalmente o Louvre, já o conhecíamos, em parte, por meio desses museus imaginários.

Pois bem, deem-se à seguinte tarefa: pequem um desses volumes e selecionem um tomo de modernos. Procurem o nome Edvard Munch e verão que era um pintor noruequês (1863-1944), expoente do Simbolismo e precursor dos expressionistas. Foi só para localizar. O cara me interessou porque queria aprender a viver e não conseguia. Por quê? Primeiro, porque é difícil mesmo. Segundo, porque sua bipolaridade e dependência guímica não deixavam (tinha problemas com álcool). Resultado: pintou a turbulência de sua própria mente, impossível de organizar. Pintou suas angústias, seus sentimentos mais profundos, e com isso muitos dos movimentos interiores do homem moderno.

Como não entendo nada de pintura, a impressão da primeira visão foi a de um pintor estranho e ruim. Estranho sim, mas ruim? Logo percebi meu mau juízo e três coisas mais: 1) Aprendi a reconhecer um Munch imediatamente, era personalíssimo. Ora, isso é qualidade, e não ruindade; 2) Causava-me desconforto. E olhem que já estava habituado a muitos pacientes estranhos; 3) Suas figuras expressavam um relevo de solidão e desilusão que só encontrara no americano Hopper (1882-1967). Como conseguência, foi se tornando um dos meus preferidos a ponto de utilizá-lo em aulas. E pude compreender sua mira: "A natureza é o meio, não o fim. Se é que deve ser procurada".

A Dança da Vida é um retrato da vida. Duas mulheres solitárias extremam a tela. São as figuras da inocência, a virgem, ansiosa por juntar-se à dança; e a da viúva, expressando a morte da sexualidade. No meio, um padre, o suposto equilíbrio humano, envolvido pelos cabelos esvoaçantes da mulher. E há outro casal, onde a libido de um é a rejeição do outro. E há figurantes, muitos. Como na vida. É uma festa vazia, nada se resolve. A força pictórica está na dor, na desilusão, no constante reinício, embora permaneça uma nesga de esperança. Apagam-se as luzes da dança, abre-se a claridade do estádio com seu espetáculo de arquibancadas e relvado. Inicia-se uma imensa psicoterapia de grupo.

Em princípio, tudo é previsível. Agitação, paixão, aditivos químicos, vitupérios, e os vilões de sempre, que vestiam preto e hoje escondem-se atrás de outras cores. É dada a saída e a mesmice se instaura, como na vida. Toques previsíveis, comportamentos pouco amistosos, de quando em vez um gol suado. Um grito de alegria, abraços e acenos rápidos, cabeças caídas, satisfação ou decepção, nada mais igual. De repente, o inesperado. Ou guase. A casualidade em ação. A possibilidade da rara bicicleta, do drible desconcertante, do passe milimétrico, do cruzamento certeiro, da defesa impossível, do toque de classe, da mão que ajuda. É a vida no seu melhor estilo, é a vida! Daí ser o grande teatro. Onde o preparo, o planejamento, a dedicação, o esforço, a organização, o talento, ditam a causalidade. A lógica sublinhando o esperado. E, às vezes, de novo, a subida ilógica do pequeno, do mais fraco, torcendo as dobraduras do destino. É a vida! E que vida! Gols imponderáveis ou gols de superioridade real? Os dois, sempre os dois. Mas a previsibilidade é a regra; o acaso, o molho que dá gosto a um esporte que dilacera, disseca almas, mas também dá tônus. E munição pra galhofa. E daí, qual a correlação entre baile da vida, teatro da vida e medicina? Observação. Medicina é antes de tudo observação. E correlação. Embora o ser humano seja predominantemente visual e verbal, se não treinar o que tem de melhor não alcançará o status da imprevisibilidade, daguilo que poucos vêem. Tudo será previsível, pequeno. Só se torna imprevisível quem, além do talento, treina a visão com persistência, quem consegue ir além do olhar. Ou, no dizer do poeta, transvê. Portanto, observar é transver e correlacionar. E a arte e a vida nos ajudam na observação interior do que não se revela, do obscuro, da sombra que se quer fazer luz. Baile e teatro, visões de quem não quer ficar só. De quem quer transver coisas e outros.

### **PAIXÃO DE ARTISTA**

Publicado no látrico nº 18, julho/outubro de 2006



Nosso artista Paixão é um apaixonado pelo Le Penseur. À maneira de Rodin, só na revista látrico produziu dois. Por que à la Rodin? Porque embora O Pensador seja o mais famoso (verdadeiro ícone da escultura universal, tanto que qualquer turista ao visitar Paris, quer logo comprar uma réplica em miniatura), o grande escultor francês, só na inacabada porta do inferno, baseada no Inferno de Dante, lavrou vários. Rodin era assim, um obsessivo. Embora não lhe faltasse um variado repertório de ideias, formas e temas, quando obcecado com uma, produzia protótipos e esculpia alguns com pequenas variações, o que demonstrava sua permanente insatisfação com o que criava. Tanto melhor para nós, a exaustão de seu perfeccionismo gerou algumas obras-primas. Mas não pense que seu gênio tenha sido reconhecido precocemente. Muito ao contrário. Expôs algumas vezes sem a menor repercussão e, para variar, com críticas acerbas. Mas tinha a perseverança dos imprescindíveis. Na sua solidão - ficou anos encafuado - treinava e aperfeiçoava sua força natural. Portanto, o lirismo sensual de O Beijo ou a intensidade trágica d'Os Burgueses de Calais levaram tempo para vir à luz. Embora dominasse suas referências, era cegado pela originalidade. E era lento, o que reduzia sua produção. Mas sua lentidão era calculada. Permitiu torná-lo um mestre nas superfícies anatômicas. E isso não sobejava, queria dar um espírito a suas esculturas. E conseguiu. A mestria de suas reentrâncias, com extensão e profundidade peculiares, permitiu-o expressar a sensação de movimento. Essa a sua revolução.

O espírito de suas esculturas nos vem da sensação de movimento. Não tinha medo de suas verdades. Assumiu-as com a paixão que detona a vocação criadora, mas sem perder o sentido das proporções. O resultado está lá no Musée Rodin: um espectro de saliências e reentrâncias que vai do desespero quieto ao vendaval de desejos. Quer um exemplo? Quando faz um nu é sempre uma nudez desamparada, absoluta, e única. Alia à paixão e à proporção o senso de responsabilidade autoral. Não faz o que os outros fazem, registra a sua marca, sempre uma digital criativa e singular. Por isso, produziu uma obra fundamental: a que cresce sempre, feito um bosque. Daí ser a paixão de tantos artistas.

Todo verdadeiro artista prima pela originalidade. Foi o que fez nosso Paixão, e também o que fez nosso escultor Luiz Gagliastri com *Gabiru Lamentador*. Penso ter sido seu primeiro "pensador". Uma de suas primeiras peças. O artista original esculpe sua terra, sua gente com carne e osso, mesmo que forjada no ferro. O pensador de Rodin é o homem que percebe o horror e a beleza do espetáculo humano por que pensa. Embora abstraído e mudo, está pleno de visões e pensamentos. Grávido de possibilidades. O corpo inteiro se faz cérebro, este mente, porque está em ação. O pensador de Gagliastri não pensa, se lamenta. O corpo não se concentra, se desfaz; não tem músculos, é permeável à ruína; as mãos não sustentam o peso das ideias, clamam sua falta. As lágrimas são pregos que espetam nossa sensibilidade e se perdem sem regar o terreno porque não há seara. Só há desespero, sem esperança.

Um pensador é francês, regado a iluminismo, todos o querem; o outro é nordestino, seco no horror da esterilidade de ideias e fome, todos o rejeitam. Um gabiru lamentador, triste imagem de nossa desatenção. Ambos, paixão de artistas que revelam o sublime e a barbárie.

#### CARAVAGGIO, GRANDEZA HUMANA?

Publicado no látrico nº 19, janeiro/março de 2007

O périplo era igual ao de qualquer turista, as sensações também; fome, sede e os pés doendo. Mas o que dispõe sempre ao sacrifício é a busca da surpresa. Às vezes, um tesouro; só para ver, claro. A cidade, a eterna Roma com suas Sete Colinas. Quem tiver um mínimo de pernas e gostar de arte, tira de letra. Principalmente se cortar em diagonal o centro histórico. É tudo concentrado. Depois de visitar todos os lugares antecipadamente definidos, e ter os baratos previstos com as Pietás e os Moisés nos mármores de Michelangelo, isto é, de ter feito a lição de casa; se guer mais, o inesperado. E tive. O primeiro, não tão inesperado, já ouvira falar, o êxtase de Santa Tereza, absolutamente impressionante desculpem a adjetivação, uma espécie de orgasmo exaltado no mármore, na igreja de Santa Maria da Vitória. Um momento de graça do Bernini. Que nem era carente desse toque divino; já o fora geneticamente. Agora, o segundo, foi mesmo acaso.

Passávamos, eu e minha mulher, em frente à Igreja de S. Luigi dei Francesi, e entramos como quem não quer nada. Mas havia um sítio na igreja, a Capela Contarelli, que acumulava algumas pessoas. Vimos que se se colocasse uma moeda em determinada urna, a luz se fazia, e em pelo menos dois sentidos. Dois imensos retábulos acolhiam pinturas sobre a vida de São Mateus. Foi a primeira grande encomenda de Caravaggio, nascido Michelangelo Merisi, em 1571, e a minha conversão à arte do pintor. O que mais me encantou foram as figuras humanas com luz arrebatadora imergindo do fundo escuro. Essa maneira de iluminá-las dava-lhes uma expressividade que nunca tinha visto, e fazia exceder os detalhes. Estava convertido ao claro-escuro. Amor que se perpetuou.

Mas como foi complicado o artista que substantivou o termo caravagismo, que é caracterizado pelo realismo das representações e pelo vigor dos contrastes, de sombra e luz.

É que o mesmo era meio santo e monstro, mais para luciferino; tinha a ambivalência do gênio repulsivo. Era uma personalidade psicopática, não conseguia formar vínculos, e olha que não faltaram mecenas, graças ao talento artístico exuberante. E agregava ainda crises explosivas (*exploit disorder*) associadas a um furor violento. Tanto que matou um desafeto numa briga e, procurado pela Justiça, foi obrigado a se tornar meio nômade. Nápoles, Malta, Sicília, foram lugares onde viveu um tempo, sempre esbanjando sua criatividade única. Sim, única, porque passou a ser um divisor de águas na arte pictórica.

As suas pinturas mostram muito dos seus traços de personalidade: realismo, individualismo, desrespeito, violência e exaltação. Qualis vita, finis ita. Tal vida, tal morte. Algo que ansiava muito, o perdão pelo assassinato, aconteceu, mas não teve tempo de voltar a Roma. Morreu antes, de malária, em 1610, com apenas 38 anos. Suficientes para revolucionar a arte pictórica. Porque colocou nas telas a luz da alma, do espírito em conflito, como se quisesse aclarar e subordinar o vulcão emocional que existia em si, e sempre pronto para explodir. Se mais lavras não emitiu foi graças à expressividade de sua pintura, à luminosidade das figuras humanas. Claridade que, na verdade, queria para si.

#### **GUERNICA**

Publicado no látrico nº 20, abril/julho de 2007



Observe o painel Guernica. Nele, pintado em 1937, Picasso demonstra que sua arte prescinde da ideia de formas descritivas. Ao contrário, a obra provoca no observador um resultado de curiosidade e horror jamais explicado na arte figurativa. Picasso esquarteja formas, humanas ou não. E ainda entremostra seus prazeres, dos touros às mulheres. Tão fugidios e devastadores quanto a guerra. Fá-los serem violência particular porque não correspondidos. Já que na sua vida tudo era assimétrico, de mão única, no sentido dos seus desejos. Como na vida de todos que têm poder. No seu caso, sempre canalizados para sua expressão pictórica ilimitada.

Cria fragmentos simples em preto-azulado e branco-sujo de animais aterrorizados e mulheres gritando. E filhos mortos. A morte provocada, ou destinada. Um conjunto de sofrimento e morte assolador. Sim, a morte e o sofrimento na pequena cidade basca bombardeada pelos aliados alemães do general Franco na guerra civil espanhola. O resultado catastrófico resume o homem lobo do homem, o homem criador da desumanidade, da violência gratuita ou oportunista, que desintegra o que levou milhões de anos para se apresentar nesse cenário. E que num átimo se destrói, se desumaniza.

Ao ser perguntado sobre o que representava, inventou uma das mais belas sínteses de horror, mostrando seu gênio instantâneo: são animais, animais massacrados! Guernica é o nosso sofrimento. E sempre será. O sofrimento dos sensíveis, que repudiam a animalidade. A esperança dos aperfeiçoados, que rejeitam a barbárie.

#### **CHORO DE MULHER**

Publicado no látrico nº 20, abril/julho de 2007



Esta é uma mulher que chora. Seu luto é um painel de sentimentos rígidos, cortados e distorcidos. Tudo é deslocado, da anatomia às cores, provocando uma sensação de desconforto e singularidade. Como se suas emoções trágicas fossem únicas, e doessem em nós. E o cubismo de Picasso distorcendo e fragmentando para nos chocar, insensíveis que somos à banalidade da dor. Jogando na nossa cara o sofrimento peculiar de uma mulher que chora. Que chora nossas lágrimas impossíveis.

## **IMPRESSÕES**

Publicado no látrico nº 21, agosto/dezembro de 2007

O Impressionismo se caracterizou por nos transmitir impressões fugazes, evanescentes, dos fenômenos da natureza. Fugia do estável, dos contornos precisos, para dar forma à sugestão, força ao transitório. Por isso, adorava neves, neblinas, auroras e crepúsculos. Sua matéria-prima eram as sensações do artista. Este nunca recortava, apenas delineava, sugeria. Fugia, pois, do nítido, dissolvia as formas. Situado no período de 1860 a 1880, não foi propriamente uma escola artística unificada. Talentos e egos eram excessivos para tal delimitação. Como sua arte, os artistas estavam em trânsito, experimentavam, em busca de outros alvoreceres. Basta citar como representantes, o Monet das Ninfeias (Nenúfares) ou o Cézanne da frase famosa: "Sou a consciência da paisagem que se pensa em mim". É mole?! Esse grupo de jovens audaciosos e ambiciosos mostrou o caminho à arte moderna. Ou seja, Cézanne resultou em Picasso. Um dos seus mais lídimos representantes foi Renoir. Avesso às coisas desagradáveis da vida, buscou nos premiar com a profusão de cores e luz de alegria pueril. Para o alto era seu lema. Tanto que em vez de fundos pretos usava o azul-vivo, o azul do céu, para representar as sombras. Mesmo sendo um sofredor crônico, tinha artrite reumatoide, deixava de lado suas dores, e nos agraciava com as mais lindas inutilidades: nus, festas, jardins, pores-do-sol. E mulheres. Muitas mulheres. Mulheres bonitas, sorridentes, bem vestidas e, às vezes, nuas. Quer dizer, mulheres como devem ser, com a alegria de viver.



# CAPÍTULO XI SOBRE PERSONALIDADES

"No mundo atual, grande parte das pessoas não quer mais perder tempo com subjetividade, reflexões e discussões. A grande presença dos motivadores e dos manuais de autoajuda na sociedade é um retrato da atual cultura imediatista, individualista, descartável e das coisas óbvias, redundantes, banais e medíocres."

Tostão

#### AS RONDAS DO DR. VANZOLINI

Publicado no látrico nº 17, abril/junho de 2006

Como dizemos em medicina, o doutor é sui generis. Homem de muitas rondas, algumas prolíficas. Onde sua virtude? Saber ao que se ater.

Durante o curso nunca assistiu a uma visita seguer. Os colegas, no período clínico, mostravam-lhe os doentes e suas doenças nas enfermarias para que pudesse fazer as provas e simplesmente passar. Não que fosse relapso. Fez o curso médico por que, embora precocemente interessado em zoologia, um dos amigos de seu pai, André Dreyfus (1897-1952), criador da genética no Brasil (segundo o doutor, embora não fosse um cientista de mão forte, foi o primeiro professor de Biologia da USP, tinha uma cultura geral extraordinária e grande visão universitária), conversando em sua casa lhe disse: "Olha, se você quer fazer zoologia de vertebrados, não venha para a faculdade, porque zoologia de invertebrados é muito boa, mas a de vertebrados não existe. Vá para a faculdade de medicina, onde você vai ter anatomia, histologia, embriologia e fisiologia, no curso básico, de primeiro nível. O resto você rola com a barriga".

Foi o que fez. E no que se tornou? Entre 1963 e 1993 tornou-se um dos mais consagrados zoólogos brasileiros. Embora aposentado, ainda ativo no museu de Zoologia. Mas, como? Depois de formado foi para Harvard (1948 e 1949), privou com gente de primeiro time - Ernst Mayr, E.O. Wilson e Dobzhansky, aquele da famosa frase: "Qualquer fenômeno biológico ou é entendido à luz da seleção natural, ou não tem sentido nenhum" –, aprendeu que o cientista, em primeiro lugar, deve ser generoso. Não é importante eu ter a coisa, o importante é que a coisa esteja à disposição de todo mundo.

Mas claro que essa visão antecedeu sua formação científica; já antes, quando compositor, colocava à disposição de todos suas obras, para que cantores as divulgassem. É isso: antes de zoólogo famoso, o dr. Vanzolini foi grande compositor. Dono de uma organização melódica ímpar, conseguiu imprimir uma marca pessoal. O que é espantoso? Não tinha formação musical, era um intuitivo, e tinha, claro, um grande ouvido. Sua consciência musical veio de orelhada (de auditu, para os refinados), de tanto escutar música pelo rádio – falamos dos anos quarenta e cinquenta –, da sua propensão e da ajuda de músicos amigos com quem saía à noite (Luiz Carlos Paraná, um deles). Suas famosas canções foram compostas nesse período, embora viessem à luz, na voz de Márcia ou Noite Ilustrada, no início dos sessenta, quando estava de saída da boemia e se recolhia ao recato do cientista.

Mas a pergunta que todos fazem: por que o doutor abandonou a música? E no apogeu! Simples, porque morreram os amigos com quem gostava de discutir suas músicas. Notem que coisa semelhante ocorre em outras atividades. Dou exemplo. Digamos que um médico seja poeta. Muitas vezes não o sabemos, porque seus trabalhos não vêm a lume. Acha sua obra desimportante, por não ter com quem conversar a respeito. Alguém para dar uns pitacos, dizer que isso e aquilo não está bom, que deve ser modificado, depurado, ou simplesmente para reassegurá-lo de que é de boa qualidade e que vale a pena. Sem concessões e com firmeza.

Todos precisamos de alguma forma estar enturmados, dialogando, para que o trabalho seja avaliado e qualificado. A solidão criativa só nos remete ao tapinha nas costas para receber a cortesia: bom, hein? Nada de crítica. Pois, só criticamos a quem respeitamos ou queremos bem. E está por perto. O resto é esquecimento. Como numa reunião científica. Vale a pena discutir ideias com quem as tem. Com quem pensa diferente e é embasado.

Lembro que o saudoso Otto Lara Resende, grande texto, quando escrevia algo de maior fôlego, às vezes enviava ao amigo Dalton Trevisan com o seguinte lembrete: "seja cruel!". Quando o doutor não teve mais com quem trocar ideias a respeito de suas composições, afastou-se do grande público. Tinha nome e prestígio,

não poderia se dar ao luxo de produzir piequices. Na solidão dos amigos mortos, preferiu a carreira solo de cientista, o ostracismo. Consequiu? Claro que não. Sabem por quê? Porque sempre teve um texto primoroso, seja nos papers científicos, seja nas letras de suas composições. Nosso biólogo-compositor, homem de muitas rondas, nos deixou uma que é uma obra-prima, Ronda, pela simplicidade da colheita na realidade. Composta em 1945, gravada por Inesita Barroso em 1953 e tornada sucesso na voz de Márcia, em 1960, dava mostras que ciência e música podem conviver em harmonia e até se realimentar. Tal qual tantas associações. Sua tese sobre a existência de ilhas de ecossistemas criadas a partir da alteração climática, com uma espécie de lagarto (descreveu muitos) da floresta amazônica, é um exemplo de sua produção científica. E suas espécies de letras, provam isso. E na letra de Ronda, a persistência e obsessão de todo o pesquisador sobre o incerto da atividade: "d'essa busca inútil eu não desistia". Não desista, doutor. Continue não se parecendo com nada, só consigo mesmo. Alma de poeta, na música e na biologia.

#### O GIGANTE E O APRENDIZ

Publicado no látrico nº 19, janeiro/março de 2007

Como no futebol, em que os estádios viviam cheios, naquele tempo, anos sessenta, as aulas inaugurais também. E não apenas de calouros. E dizer que vivíamos os sessenta...

Como a Faculdade de Ciências Médicas tinha um anfiteatro acanhado, a aula seria proferida no, ao lado, Colégio São José. Conferencista, o prof. dr. Mario Braga de Abreu. Para mim, conferente, tudo novidade. E aquele vozeirão de barítono inicia a preleção. Sem papéis, projeção, sem nada, só a presença física e as ideias.

Nunca tinha visto, com tanta propriedade, alguém com algumas ideias condutoras improvisar o discurso. Notem bem, as ideias fundamentais não eram improvisadas, o que dava suporte à fala havia sido pensado com rigor, o veículo da fala, sim, foi de improviso. Fiquei encantado.

Estava ali alguém que, enquanto falava, ocupava todos os espaços do salão. Pensei comigo: é assim que tem que ser. Depois disso ouvi grandes tribunos, independentemente de minha filiação a suas ideias, basta-me lembrar Carlos Lacerda no Guaíra.

Mesmo na faculdade, tinha o prof. Arnaldo Moura, senhor sequência, com a aula metrificada, sem desvios. Mas o que me encantou é que quando ainda prevalecia – e acabou? – o discurso do pseudointelectual, ou seja, a fala da cultura como ornamento, verniz pleno de clichês, o chamado bacharelismo pejorativo, usado como passaporte para o alpinismo social, encontrei densidade numa fala basicamente filosófica, não científica. Numa expressão, encontrei horizonte intelectual.

Passou um tempo e me tornei seu aluno. As aulas científicas eram iguais, fala pura. E sempre com um sentido muito prático. Mas, algumas coisas passaram a me incomodar como, ao final das mesmas, a célebre pergunta: alguém tem alguma dúvida sobre o assunto prelecionado ou sobre algo da medicina?

Aquilo fazia escola. Tanto que outros assistentes, menos votados, também passaram a usá-la. Mas o que era mero impressionismo nuns, era desafio verdadeiro no dr. Mario. Isto é, passei a compreender que ele próprio se desafiava, corria riscos, estava sempre em expansão, não parava, queria ir além de si mesmo, não sabia qual o seu alcance, mas sabia que podia mais. E queria mais, sabe-se lá a que custo! A síntese que encontro para conceituar esse seu estado de espírito é um fragmento do poeta português do século XVI, Sá de Miranda: "Comigo me desavim.../não posso viver comigo, /nem posso fugir de mim". O todo, numa inquietação permanente. Não sei bem o porquê, mas enfiei na cabeça que às vezes se equivocava (e quem não?). Sempre desconfiei de personalidades abrangentes, não faço parte da maioria das pessoas que gosta de pessoas fortes e autossuficientes; não podendo sê-las, adoram vê-las. Senão me engano, ai meus desenganos, quem disse isso foi o Oscar Wilde.

Mas a prova de sua percepção e inteireza ocorreu num exame final. Um colega meu era tão inteligente quanto dispersivo; por isso, enrolador. Quando não sabia, inventava, mas com persuasão. No segundo embuste, o velho Mario – era a expressão carinhosa dos alunos – dirigiu-se à sua pessoa tonitroante: – O senhor está tentando me enrolar; está dispensado!

Esse episódio mostra que não era afeito a concessões. Julgo que não foi tantas vezes homenageado pelos alunos quanto deveria sê-lo por não ser populista, pela firmeza de caráter.

Passados três anos e, já professor, caí nas suas graças. Taí algo que também não sei o porquê. Posso compreender ter sido apreciado pelo dr. Arnaldo Moura, afinal, enquanto discente, fui por três anos seu monitor na Propedêutica. E sei-o, não que me dissesse. Não era homem de elogios fáceis, nem de falar dos outros, a não ser em circunstâncias muito especiais; procurava seguir à risca

as palavras de Henry James: "Masters talk about things; servants, about people".

Mas, porque a partir de certo momento passou a assistir algumas aulas minhas. Costumo dizer que foi minha estrada de Damasco. Se o mestre assistia, estava liberado para me apresentar a qualquer plateia. Foi apreço por elipse.

Com o dr. Mario foi diferente. Sempre houve algumas estranhezas. Pressuponho por ser clínico. Embora tudo sempre muito amistoso.

Quando começou a residência médica no Hospital de Caridade em 1973, inicialmente cirúrgica – viria a ser também clínica em 1975, concedeu-me um módulo de clínica para seus residentes. Nesse momento, um pouco de seu ajuizamento apressado... Achava que eu era rico. Talvez por andar limpo e arrumado. Ou por apenas ser professor. Ocorre que em 1975 caí um mês de cama. Ao me visitar, e dar as ordens costumeiras de quem devia me atender e que tais, talvez constatando a minha penúria, se rendeu à realidade.

Colocou-me à disposição um apartamento que tinha em São Paulo e se pôs a dispor de ajuda pecuniária, caso necessário. Não sei se por pena ou apreço, começou a me indicar pacientes. Foi nesse momento que ocorreu algo inusitado que marcou minha memória. Um caso em comum e incomum. Um padre apresentava queixas digestivas. Radiografado – não havia endoscopia – , o exame revelou um estômago infiltrado com uma úlcera suspeita. Operado, carcinomatose peritonial. Congelação, confirmação, nada se fez, prognóstico fechado. No pós-operatório imediato, o padre pergunta:

- Doutor Mario, como foi a cirurgia?

Sereno respondeu:

Sua cirurgia transcorreu sem incidentes!

Não era costume revelar-se o que as pessoas tinham quando o prognóstico era reservado. Lembro até hoje o remédio da receita, Begefós, um multivitamínico.

Tempos depois retorna o padre, bem e disposto, e o professor, que atendia numa sala do primeiro andar que dava para uma recepção que mais parecia um salão, apinhado de pacientes, surpreendeu-se ao vê-lo, e passou-o à frente de todos. Depois de palpar o abdome e nada encontrar, disse:

– Padre, precisamos tirar uma chapa para ver como ficou sua cirurgia por dentro.

Seriografia de esôfago, estômago e duodeno consumada, a surpresa, tudo limpo! Olhou para mim e falou: "Um dia entenderás!"

Até hoje, neca dulcineca. Esse caso está nas prateleiras de minha memória como aqueles frascos com órgãos em formol nas salas de patologia. De vez em quando o revisito e mantenho a curiosidade. O padre, não lhe sei o nome, não sabia. Ninguém sabia além dos médicos, os milagres andam escassos e ninguém intercedeu ao comitê celestial.

Há algum tempo, um grupo de um hospital universitário americano tinha um *grant* para estudar esses casos de evolução neoplásica inusitada. O que faz, contra todas as probabilidades estatísticas, com que um câncer dominante volte a se subordinar ao sistema imunológico?

Não sei que caminhos perigosos continuou trilhando o pároco, apenas acompanhei de viés o caso, mas qualquer um de nós, depois de longo caminho profissional, tem casos incomuns, assemelhados ou não, para evocar, o que me faz lembrar o ditado espanhol: "Yo no creo em las brujas, pero que las hay, las hay".

E me ocorre outro pensamento; por que uma pessoa que teve tantas habilidades, conhecimento e experiência, publicou relativamente pouco, embora com reconhecimento nacional mais do que sobejo, haja vista os prêmios e honrarias? Já estava entrado em sua confiança quando começou a me segredar coisas do tipo, temos tanto maior poder quanto menos o exercermos! É maquiavélico e sabia-o. Exercia todo o seu poder com os subalternos, os que não podiam atingi-lo, e precavinha-se com os maiores. Realpolitik, mano. Relembremos um diálogo (im)pertinente a propósito de evento ocorrido com o dr. Mario e seu assistente, dr. Ravazzani. É um primor de realismo político.

E há o contraponto, traduzido por manuscrito de um paciente, publicado neste livro e que mostra a verdadeira idolatria que despertava em alguns pacientes. Quer dizer, nele tudo cabia, dos pequenos atos às grandes performances. A largueza filosófica contrastando com a simplicidade do homem comum. Do homem de vestes corretas, mas sem afetação; do homem que comia sobremesa de banana com pinhão.

Atrás, falei em performance. É isso. Mário foi um performático quando nisso não se falava. Essa palavra que é da civilização televisual. Nele, a escrita aderia à fala e a fala se dava em presença, a fala era performance.

Essa personalidade que permeava tudo, e que tudo parecia comandar, teve desgostos profundos. Um dos quais, os rumos que tomou sua guerida Faculdade de Ciências Médicas. E sobre isso nada pôde fazer.

Também os grandes homens são limitados. E haja resiliência com as perdas e mudanças. A propósito, recordo o jovem jornalista Otto Lara Resende entrevistando Getúlio Vargas, então ditador. A uma pergunta insolente, o presidente respondeu:

- Meu filho, você ainda é muito jovem para saber que nem um ditador pode tudo!

Mario morreu como não deveria, nem queria. Todos nós queremos a boa morte. Súbita, sem sofrimento e sem dar trabalho.

Mormente os que são autônomos, independentes, autossuficientes. Mario o era, e a desejava boa. Mas o acidente vascular encefálico provou-o ao final. Martírio para um nobre.

Para festejar essa grande personalidade, com centenário de nascimento celebrado em 2006 passado, e cujo passamento foi em 1981, só me ocorre o poema *As Ruínas de Selimunte*, de Murilo Mendes.

O poeta carrega de solenidade toda uma simbologia que une o cósmico ao humano, a ruína e a elevação, a medida e a desmedida, a catástrofe e a sobrevivência, o nascimento e a extinção. O poeta soleniza o horizontal e o vertical. O horizontal da ciência de Mario, e o vertical da cultura humanística.

No dizer de Italo Moriconi, o "desígnio humano, que nada mais é senão o desenho transcendente intuído entre fragmentos, elaboração de formas, movimentos intencionais de busca". O "velho Mario" sempre buscou, sempre quis estar além de si próprio.

"Correspondendo a fragmentos de astros, A corpos transviados de gigantes, A formas elaboradas no futuro, Severas tombando Compõem, dóricas, o céu largo. Severas se erguendo, Procuram-se, organizam-se, Em forma teatral suscitam o deus Verticalmente, horizontalmente.

Nossa medida de humanos
— Medida desmesurada —
Em Selimunte se exprime:
Para a catástrofe, em busca
Da sobrevivência, nascemos."
Saudade de uma personalidade com espírito; só não a sente quem não viveu...

#### PERSONALIDADE DO CINEMA

Publicado no látrico nº 19, janeiro/março de 2007

Se você, dileto leitor, é da minha geração e viu com encantamento no final dos anos sessenta Easy Rider ("Sem Destino"), uma metáfora da busca da liberdade, para alguns do desespero, há de ter notado um advogado alcoólatra, intelectual, que roubou a cena no filme. Numa película eminentemente visual associada a uma trilha sonora que funde a sensorialidade brotada da natureza humana na exploração do meio, Sem Destino nos dá um painel das duas consciências americanas. Uma puritana, reprimida, que nega o prazer, e procura sublimá-lo no trabalho; outra, selvagem, instintiva, representada pela nudez indígena do continente com sua malemolência. Duas consciências em conflito permanente, ainda hoje irresolvido. Pois bem, nesse ambiente sensorial (note que estão numa comunidade *hippie*), sobressai um ator que é o oráculo do filme, o falador, o profeta do destino trágico de Wyatt (Peter Fonda) e Billy (Dennis Hopper).

A personagem do tal advogado, George Hanson, é o ator Jack Nicholson. Sua primeira aparição no cinema e em grande estilo. Todos o notaram. Continuamos a notá-lo até hoje. Essa a verdadeira personalidade, a que não se extingue. Jack costuma dizer, citando um professor seu, que 85% de uma personagem é igual a você, e que 15% fazem a diferença, e esse deve ser o desafio. Desafio que sempre encarou como necessidade de deixar sua impressão, sua marca registrada. E quase sempre o faz. Com uma competência e vitalidade que também nos impregna. Essa a marca do grande ator.

George Hanson foi o início, brilhante. O fim não o sabemos. Esperamos que não seja igual ao da condição americana, conflitiva e irresolvida. Jack tem as duas consciências, mas sempre pareceu resolvido, de sua condição sexual ostensivamente libertária à sua atuação profissional sempre criativa e imprevista. Os 15% dagui sugerem apenas a mais-valia da competência e da criação. Assim o saúdo, cem anos de arte cognitiva.

#### **FRANCIS**

Publicado no látrico nº 20, abril/julho de 2007

"I'm contradictory, I contain multitudes" - Francis

Leia A sangue frio, de Truman Capote, na excelente tradução de Ivan Lessa, e saberá o que estou tentando lhe dizer. Ou, se quiser ficar mais estimulado, veja o filme Capote e depois leia o livro.

A isso se tentou chamar "novo jornalismo". Fato e ficção juntos, atos e personagens dissecados. Dar uma dimensão humana aos fatos. E é isso que Francis, mesmo sem guerer, e às vezes errando muito, fazia no jornalismo cultural.

Francis traduzia o que deva ser o verdadeiro papel do intelectual, o ser anticlichê, que prospecta o avesso do que é apresentado, que passeia pelo imprevisto, que não dá as mãos à pasteurização do saber, embora, às vezes devido a sua falta de sistematização, a sua condição de autodidata, o fizesse com algum grau de idiossincrasia. Ao contrário de alguns acadêmicos que sistematizam demais mas não põem alma em seus textos.

Claro que também foi prejudicial, sem o querer. Principalmente para jovens jornalistas que pensavam em vir a ser um Francis, em ter o seu talento sem incorporar os anos de boa leitura crítica e, sobretudo, de crítica de leitura. E de observação de comportamento. É isso, observava como um médico, clinicamente. Daí a riqueza de alguns de seus textos, inimitáveis.

Com um enorme ego, era vidrado em pessoas, famosas ou não, e por uma particularidade: era tímido. Restava-lhe observar e ler. Não era um homem de ação, e sim de reflexão. Que despejava sem aparar os excessos. Não havia meio termo.

Tudo ou nada. Tinha uma certa indolência em revisar seus textos. Em seguir o conselho de Hemingway, no qual acreditava, que para fazer um bom texto é preciso cortar, cortar, cortar.

Como disse Sartre, introspecção é retrospecção. Se analisava os outros com propriedade, falhava na autoanálise. Por isso se expunha em demasia, dando muita munição aos desafetos, alguns chegando ao destempero (vide a calhordice de Fernando Jorge em *Vida e obra do plagiário Paulo Francis*).

Sua tão temida agressividade se transmutava em passividade quando conhecia as pessoas. Passava a ter dificuldade para criticá-las. Mostrando que, no fundo, era blandícia em pessoa, e que sua agressividade era mera defesa. Não à toa, amava gatos, tinha três. Foi também um performático. Como comentarista da Globo ou no programa de cabo Manhattan Conection, exerceu sempre seu espírito crítico, contraditório e desafiante, com uma pose que exercida por qualquer outro seria de uma canastrice atentadora.

Em si não, os esgares e meneios davam o contorno exato à crítica ou ao elogio. Demarcavam com propriedade o assunto ou personagem.

Na verdade, criou uma *persona*, talvez baseada na sua experiência como ator e diretor de teatro. E, por isso, virou personagem humorístico, com o qual se deliciava. Sabia-se humorista sem sê-lo. Enfim, a performance, no texto ou no vídeo, era sua marca registrada, impossível de ser herdada ou copiada sem resvalar para o caricatural. Era único.

Provocado por Francis, sempre procurei fazer o dever de casa; desidratar seus artigos, conferir seus conceitos, rebater ideias, me apropriar do sentido. E, por isso, me faz falta, mesmo depois de quase 20 anos de sua ausência. Aqueles que não o fizeram nada perderam, e podem apregoar sua insignificância. Insignificância que, na verdade, está estampada nos cadernos culturais atuais. Waal!!!

#### DeBAKEY

Publicado no látrico nº 24, junho de 2009

Noite. Véspera do Ano-Novo de 2005. Súbito, aquela dor torácica lancinante que tantas vezes dissera atingir o acme imediatamente. Solitário no aposento, sabia que podia morrer a qualquer momento, mas não gostava de preocupar ninguém, por isso não avisou sua segunda esposa, Katrin (enviuvara em 1972), e a filha, recém-chegadas de Galveston. Dúvida não havia. Apesar de seus 97 anos, atribuídos por si próprio aos genes e à ausência do cigarro, os checapes periódicos que fazia no hospital em que trabalhava mostravam estar bem. Claro que eletro e enzimas seriam de valor para afastar infarto, mas a subitaneidade da dor atingindo seu máximo instantaneamente no tórax e atrás não abria brecha para outra hipótese, dissecção aguda de aorta. Defrontava em si próprio o que mais estudara. Olhou-se no espelho, e mesmo sendo noite reparou a lividez; como estaria sua pressão?

Tinha classificado as dissecções de aorta em tipo I, a que começa na aorta ascendente imediatamente por cima da valva aórtica; tipo II, que se limita a aorta ascendente; e tipo III, que começa na origem da subclávia esquerda, ou imediatamente distal à mesma. Ainda subdividida a última em Illa se limitada à aorta descendente e IIIb se chegasse à bifurcação da aorta abdominal ou fosse além. Por ironia, não fora em sua classificação que pensara, mas na de Stanford. Talvez pela simplicidade e prognóstico imediato. Esta divide a dissecção em tipo A, que sempre envolve a aorta ascendente, podendo envolver qualquer outra parte; e tipo B, que não envolve a aorta ascendente, mas pode envolver qualquer outra parte.

Se do tipo A (proximal ou ascendente), o tratamento é cirúrgico imediato com substituição da aorta envolvida e, às vezes, da valva aórtica. Sem cirurgia, 90% de mortalidade. Se do tipo B, não envolvendo aorta ascendente, o tratamento inicial é clínico. Cirurgia

quando há complicações. Sabia que mesmo que fosse a do tipo B necessitaria de internação. Betabloqueadores (metoprolol ou labetalol) e/ou nitroprussiato por via endovenosa são importantes para reduzir as forças de cisalhamento e, assim, limitar a propagação da dissecção.

Tinha consciência de tudo e certeza no autodiagnóstico, apesar disso, deu uma de avestruz, deitou num sofá e tentou dormir. A esposa, que percebera a movimentação, quis saber do que se tratava; em resposta, recebeu um suposto diagnóstico de dor muscular.

Michael DeBakey, filho de imigrantes libaneses católicos, formouse médico em Nova Orleans, em 1932. Já durante o curso demonstrava habilidade técnica e deu vezo à sua inventividade, pois, aos 23 anos, durante a faculdade, desenvolveu a bomba peristáltica, dispositivo mecânico que seria base para a futura circulação extracorpórea.

Em 1939, com seu mestre Alton Ochsner, postulou a ligação entre o uso do tabaco e o carcinoma pulmonar. Nesse período, também iniciou os reparos de vasos com o uso de próteses de poliestireno. Na década de cinquenta desenvolveu as técnicas de endarterectomia e de *bypass* coronário, a popular "ponte de safena". Desenvolveu, em conjunto, a famosa classificação que leva seu nome, bem como a técnica para correção cirúrgica da dissecção, que também leva seu nome.

Foi um dos primeiros a gravar em vídeo seus procedimentos na década de sessenta. Isso o tornou uma das maiores lendas da medicina estadunidense do século XX. Em função de seu nome lendário operou muita gente famosa, incluindo chefes de Estado, um dos notórios sendo o russo Boris Yeltsin, em quem realizou bypass quíntuplo. Como não poderia deixar de ser, foi premiado com títulos e comendas.

Mas a senhora DeBakey notou que tal dor muscular não passava, e também a inquietude do marido. Preocupada, chamou os

doutores Attar e Loebe, amigos que logo acorreram. Os mesmos consentiram o diagnóstico de dissecção e o professor concordou em realizar exames detalhados que a confirmassem, embora ainda embromasse por dois dias.

Exames realizados, a confirmação: o dr. DeBakey possuía o tipo II de dissecção, segundo sua própria classificação. O prognóstico também estava estabelecido. A cirurgia, necessária. Quase centenário, tinha receio das prováveis complicações físicas e mentais que poderiam advir. Como tantos médicos, começou a crer piamente na regressão espontânea. Preferiu o tratamento clínico, e em sua casa.

Os colegas, mesmo vivendo o desconforto permanente de um eventual desenlace, controlavam sua pressão - fator primordial - e lhe davam sustentabilidade nutricional. Periodicamente, ia ao Hospital Metodista, onde trabalhava, para verificar o "tamanho do estrago". Seis dias depois do início dos sintomas, outra surpresa: o estoico professor insiste em ministrar a aula que estava preparando na véspera do Ano-Novo. Era uma reunião da Academia de Medicina, Ciências e Engenharia do Texas, da qual fora um dos fundadores. E quem pode dizer não a alquém tão personalista, severo, autoexigente e compromissado? Na plateia, diversos prêmios Nobel; e como sempre há um político, no caso era a senadora Kay Bailey. Para aumentar o suspense, os que o atendiam estavam na primeira fila.

Pálido, dispneico e falando lentamente, uma síncope podia fazer parte do enredo. Quiçá a morte heroica ao vivo e a cores. Que nada. Concluiu a palestra sem incidentes. E ainda assistiu a posterior, adivinhe sobre o quê? Certo, riscos letais de aneurismas dissecantes de aorta. O respeitável DeBakey relutava em aceitar sua condição. E não admiraria se, no coffee break, tivesse pedido à senadora Bailey algum grant para sua instituição. O suporte de home care não melhorava sua clínica, o que era de esperar.

Teimoso, insistia em não ser internado. Como sempre fora rude e ríspido com os membros de sua equipe, ninguém tinha ascendência para lhe determinar o que deveria ser feito. Enquanto isso, a hipertensão se deteriorava, a falência renal se fazia presente, o estado nutricional declinava, e a dispneia ficava incômoda aos circunstantes. O aneurisma, em 7,5 cm. Instalou-se estado confusional e instabilidade hemodinâmica.

O dr. Noon, velho colega e amigo, sabia que não poderia postergar mais. Ou operava imediatamente o amigo ou condenava-o à morte. DeBakey já não podia tomar decisões. Buscou apoio na família, deixando claro o possível desfecho. A família concordou. Não os anestesiologistas. Ninguém queria anestesiar um velho de 97 anos, em tal estado de gravidade, com um pedido de DNR (do not resuscitate) e com uma nota que o mestre escrevera em seu prontuário recusando-se à sua própria cirurgia.

Desesperada, a senhora DeBakey procura a dra. Shenaq, anestesiologista e grande amiga do professor, com o qual trabalhou por 22 anos e, agora, atuava no Hospital dos Veteranos. Quando chegou ao Metodista, a dra. Shenaq defrontou-se com o dr. Naples, chefe do corpo de anestesiologistas que, furioso, disse que a acusaria de agressão física caso tentasse o procedimento.

Impasse mais uma vez criado. Foi acionado o comitê de ética do hospital. Em uma hora, todos reunidos e sem decisão. A tendência era seguir as leis do Texas, que garantem aos médicos seguir os desejos do paciente ou da família em sua impossibilidade. Não faltavam argumentos e obtemperações. E delongas. Quando irrompe na sala, aos gritos, Katrin: "Vocês estão deixando meu marido morrer sem ter sido feito algo para salvá-lo". A discussão termina, a cirurgia logo inicia, sete horas de duração, e a parte da aorta danificada é substituída por uma prótese de dacron de 21 cm. Assemelhada à que DeBakey desenvolveu na década de 50 e você, prezado leitor, sabedor que em quase todos os bons filmes o mocinho morre no final, nos pergunta: houve *bad end*? Espere só um pouco porque a aflição continua. A evolução é dramática.

Submetido à traqueostomia, gastrostomia, sessões de diálise, seis semanas de ventilação mecânica, drogas vasoativas, infecções

hospitalares, confusão mental ou irresponsividade, e você ainda pensa que o paciente se salvou, certo? Pois acertou. Michael DeBakey, que sempre foi um osso duro de roer, também era duro na queda.

Certa manhã, o dr. Lunn, chefe da equipe de pneumologistas da UTI, provavelmente não tendo com quem deixar a filha Elizabeth de oito anos, leva-a em sua visita. A menina, para passar o tempo, desenha numa folha um arco-íris. Enquanto o pai discute o caso com outros médicos, pede para entregar o desenho ao confuso velhinho. Como num filme de emoções baratas, faz-se um brilho nos olhos do professor, e o resto você já sabe, a recuperação seque seu curso. No dia 16 de maio o doutor recebe alta. Volta duas semanas depois, devido à hipertensão. Para quem passara pelo que passou, não seria heroico morrer na praia. Pressão controlada, agradecimentos de praxe, e vida que segue.

Aos íntimos o agradecimento era substantivo. Sabia que o trabalho de toda a equipe fora benfeito, meticuloso, zeloso. Como era o seu. A alta luta e a tenacidade de muitos resultaram numa bela vitória. Voltou à rotina de aulas e visitas até julho de 2008, quando morreu naturalmente, em Houston, Texas. O cowboy da habilidade técnica e da inventividade morreu serenamente a dois meses dos 100 anos.

N.A. Agradecimento ao colega dr. René Santos pela parceria neste artigo.

# **CLINT, UM PADRÃO?**

Publicado no látrico nº 29, dezembro de 2011

A primeira vez que assisti a um filme seu, um faroeste spaghetti – assim eram denominados – do Sergio Leone, já me impressionou. Estava ali na tela do Cine Avenida, ou seria o Ópera, em frente? Não me lembro bem; era década de 60... Mais do que um ator, um personagem, apesar da banalidade do filme. É, também gosto de banalidades, mesmo faroestes ruins, como adoro os Três Patetas.

Apesar de não fumar, bom exemplo, tinha uma cigarrilha cortada ao meio e não acesa no canto da boca. Aquilo fugia do banal e dava ao rosto pétreo, sem emoções aparentes, apenas cálculo e eficácia, uma face humana ao pistoleiro justiceiro. Bastou essa primeira fase italiana para me viciar no ator. Como se, modestamente, previsse sua ascensão e um futuro clássico do faroeste, Os Imperdoáveis. Não previ a do Sergio Leone. Quem lembra de Era uma vez a América sabe de seu talento como diretor.

O spaghetti abriu as portas do ator em seu próprio país. De volta à América, atuou em Dirty Harry, na linha da justiça com violência. Depois, foi aprimorando os roteiros em que trabalhava e, para isso, chegou a trabalhar de graça. Todo o trabalho que se antepõe ao sucesso é duro, por maior que seja o talento. Mais de cem filmes depois no currículo, um terço como diretor, e nos anos oitenta perfeitamente ativo, ninguém discute seu talento. Bastariam os dois Oscars como diretor para avalizá-lo. Mas, como disse, talento não basta. Muito trabalho com disciplina e determinação são necessários ao sucesso que se prolonga. E nesse sentido, Clint Eastwood exagerou. Foi obsessivo demais no trabalho, o que lhe custou cinco casamentos e sete filhos com mulheres diferentes, isto é, prolífico disperso. E só se aquietou e encontrou paz no último, já sexagenário, quando encontrou Dina Ruiz, com quem vive há mais de uma década e, só agora, curte uma filha pela primeira vez. O que mudou? E é aí, fora do interesse cultural, o que pode ser mais útil para nós, médicos. Sua boa forma como octogenário vem da genética e do exercício. Uma você não escolhe, a outra pode praticar. Não foi a parte emocional que o ajudou. Essa foi um desastre até sua maturidade tardia. Só veio a suscitar sua veia romântica, e se livrou de angústias e dúvidas já sexagenário. Chegou à conclusão e à vivência de que não é preciso sofrer para produzir e viver o que é valioso. Sejam filmes ou vida domiciliar. Como o ator italiano Vittorio Gassman, que só descobriu o que é o casamento depois de alguns, e que, por isso, dizia que deveríamos ter duas vidas, uma para ensaiar e a outra para representar, como no teatro. Ambos, depois de muito ensaiar, conseguiram na vida real representar seus melhores papéis, o de pessoas, não de personagens.

Clint está aí, agora sem seu desespero quieto, produzindo arte para nos comover e refletir. E seu segredo maior é o de sempre: viver bem só se concretiza quando queremos aprender permanentemente, quando queremos expandir nossos limites, mas de forma serena e sem pressa. E sabem o que mais? Clint queria ser músico na juventude. O acaso mudou seu rumo, mas ficou perene a sensibilidade musical, haja vista as trilhas sonoras de seus filmes enquanto diretor. Para você, paciente leitor, ter um gostinho de sua arte musical, vá ao site da revista *látrico* e sintonize a trilha *Other Things*, e tenha uma bela audição na voz de Diana Krall para a composição de Clint, *Why Should I Care*. Durão sim, mas com sensibilidade. Clint não é só visão, é também audição, e não menos importante, reflexão.

#### DOIS PESOS SEM MEDIDAS

Publicado no látrico nº 31, janeiro de 2013

Pense alguém capaz de ser sempre contra a vulgaridade e ao mesmo tempo interessado em pensar as coisas. Pense alguém que fez do ceticismo uma indignação permanente capaz de levar à criatividade. Pense um filósofo sem sê-lo, e num terapeuta sem formação. Pense alguém capaz de reduzir a pompa, a empáfia e a pretensão humanas. Pense alguém que sempre teve nos poderes públicos e nos poderosos de todas as estirpes seu alvo predileto e sempre achou nobre desconstruí-los. Enfim, pense alguém que, iconoclasta, sempre usou como armas a criatividade, a clareza e a leveza linguística. Um? Não, penso em dois. Ivan Lessa e Millôr, que nos deixaram este ano empobrecendo nossas letras. Ivan usava o texto e a palavra, Millôr, bem, Millôr usava quase tudo, homem de muitas linguagens, polímata e poliglota.

Millôr, comecei a lê-lo como Vão Gôgo na revista O Cruzeiro. Ivan n'O Pasquim, na década de sessenta. Junto com Paulo Francis foram a trinca que deram substância ao hebdomadário, tendo os humoristas como pano de fundo. Criticavam a soberba e a fragilidade humanas sempre com bom humor. Foram terapeutas de muita gente ao minorar seu desespero com o riso. Seus textos, embora se declarassem sem estilo, recendiam estilo. Desde o primeiro parágrafo sabíamos de guem se tratava. Basta uma frase, um haicai, um desenho ou um prefácio, e lá estava a marca inconfundível do Millôr desnudando o ser vaidoso, soberbo, de preferência figura pública reles e que se achava, e que emoldurava em tacanhice e provisoriedade sua trajetória pequena e sem rumo. Bastava aquela prosa sem ornamentos, mas com verve, assemelhada ao linguajar da Ipanema de então, com o viço de guem sabe e finge não saber, para detectarmos o Ivan vintage.

De memória prodigiosa, conhecia todos os meandros da música popular brasileira e americana. Hoje sinto imensa falta dos dois. Millôr fica para outro capítulo. Termino com Ivan, o cultor de miudezas que fazem a vida valer a pena. Uma história para dar relevo ao nosso observador social. Certa vez estava no Fred's, no Rio, e o grande Billy Eckstine cantava *Blue Moon*. Abrahão Medina, o empresário, e Sonia Dutra, em uma mesa próxima ao palco, não paravam de falar. Eckstine parou de cantar e delicadamente pediu que silenciassem. Isso dá bem a medida de nossa descompostura, de nosso excesso de informalidade. Ivan, que a tudo observava, ficou puto com a falta de civilidade. Sabia ser litúrgico, ainda mais com um ídolo como Eckstine. A propósito, noutra ocasião, na BBC em Londres, onde trabalhava, imitou tão bem Billy que o deixou boquiaberto.

Esse era Ivan, um homem mais velho que seu tempo no frescor de uma jovialidade perene que carregava um passado de bom gosto e apuro que nunca soçobrou. Nem mesmo com sua decadência física. Acometido de grave DPOC, graças aos três maços de cigarros diários, nunca se eximiu da responsabilidade do vício. Pelo contrário, sempre fez graça da própria decadência respiratória sem transferir para a indústria do tabaco sua culpa, e sem deixar de alertar para o mal que o mesmo fazia. Morreu aos 77 anos, em 8 de 2012, e é como se um irmão mais velho tivesse tombado, herdeiro de sua pena implacável e de sua liberdade de espírito. Para que tenham um gostinho dessa lacuna intelectual, publico a seguir um texto de sua lavra, com a ironia e a destreza de um esgrimista das palavras. Uma grande pena. Em duplo sentido.

### **RUBEM: PONTO E VÍRGULA**

Publicado no látrico nº 32, junho de 2013

Este seria o centenário de Rubem Braga. Colheu-o um câncer de pulmão em 1990, graças ao cigarro companheiro de uma vida. Mas o príncipe de nossa crônica semeou muito, tornou clássica sua forma de escrever.

Sabemos que cronos, em grego, significa tempo. Mas, ao contrário da tradição europeia que revestiu a crônica sempre de um caráter histórico, longo, geralmente contando as proezas dos poderosos, Rubem deu-lhe um modo curto, mais adequado à modernidade da pressa, da rapidez sem sentido, sem tempo para reflexão. E aí está seu paradoxo, apesar da efemeridade o cronista faz um recorte do cotidiano vivido que, apesar de conciso, convida o leitor a pensar sobre sua própria vida; sim, estabelece um contrato de minutos, mas que deve ser preenchido com uma reflexão sobre a banalidade de sua vida. Como o faz? Explorando o fragmento vivencial com ironia, melancolia, humor, ou dando-lhe uma vertente lírica. Enriquecendo esse momento de emoção. Tanto pode ser o spray de barbear quanto uma memória de infância, tudo vale, desde que descrito com uma intuição linguística que torne o vulgar memorável, às vezes cortejando a eternidade, elevando a crônica à condição de alta literatura. Para isso, usa a experiência pessoal e a sensibilidade; e o resultado é que nos faz sentir seu tempo com significado. E, em nós, o recorte prosaico torna-se memória.

O estilista do ponto e vírgula, que nos parece sempre necessário – embora destinado a desaparecer –, nos oferece não um manjar comum, mas sempre um banquete que não nos fartamos de consumir, cuja degustação vai além do tempo. Impregna nossos sentidos com o sabor da prosa: "O lombo era o essencial, e a essência era sublime. A faca penetrava nele tão docemente como a alma de uma virgem pura entra no céu. A polpa se abria levemente enfibrada, muito branquinha, desse branco leitoso e doce que tem certas nuvens às quatro e meia da tarde na primavera."

Rubem deve estar cozinhando bem assim no Olimpo. Só escreveu crônicas. E precisava mais?

#### **POETINHA**

Publicado no látrico nº 32, junho de 2013

O título nada tem de diminutivo. Na verdade, foi exagerado em tudo: mulheres, poemas, música e álcool. E encontros, muitos encontros, nada recusando à vida, embora a sua própria terminasse num grande desencontro. Ou seja, a paixão o dilacerou. Mas durante o percurso criou, e como criou, esbanjando seu talento na paixão dos suicidas que se matam sem explicação, diria Drummond, o contido. Claro que não se matou de moto próprio, gostava demais da vida para fazê-lo. Matou-se pela incontinência; e o edema agudo pulmonar aos 66 anos foi o epílogo desse derramamento do qual somos beneficiários. Poetinha, o diminutivo é sua marca de sensibilidade, e você sabia que é inútil resistir à vida. Neste seu centenário de nascimento, agradecemos tua dedicação à música popular brasileira e a elevação que lhe deste, afinal, não é qualquer um que observa a menina que vem e que passa num doce balanco a caminho do mar. Tua obra, Vinicius, ainda será celebrada. Precisamos de mais anos, como em seu poema Epitalâmio:

"Foi preciso um ano de namoro fechado, irmão presente, Para me dares, louco, de repente Tua mão, como um pássaro assustado."

Só assustaste, porque de homem te tornaste menino, e brincaste com a vida. E nós curtimos a brincadeira, poetinha.



# CAPÍTULO XII SOBRE AMOR

"Amar não significa olhar um para o outro e sim olhar na mesma direção."

Saint-Exupéry

## **SE VOCÊ QUISER**

Publicado no látrico nº 29, dezembro de 2011

Não sou afeito a caminhadas, mas, se desejar, flanarei com você por Paris. Tipo andar errático, buscando o que o dia nos oferecer. Amo museus, é certo que por visitações não muito prolongadas. Por você abro mão, prolongo-as, ou se quiser, desprezo-as. Até para nos sentarmos em simples bancos de jardim apenas para observar e conversar. Observação do acaso e conversa romântica. É, não me via romântico, mas com você descobri um lado obscuro que clareou sentimentos. Aquela coisa que mexe e enternece. Isso! Você me deu uma visão solar, mais romântico impossível.

Não sei se é a idade, quando já apagamos muitas velas existenciais e tudo se torna mais urgente, mais necessário. Julgo que não. Em outras vertentes me tornei menos apressado, mais dono de mim, e com mais tempo para reflexão. E mais certezas. E embora muito tenha lutado contra emoções invasivas, tá bom, me rendo, ao seu olhar, ao seu sorriso, ao seu bem-guerer. E Paris é o palco perfeito para nossa representação amorosa. Com plateia dispersa e não atenta. Assim é melhor, porque não precisamos seguir roteiro imposto, só as emanações do momento. Você gosta de andar na chuva. Se guiser, faço o mesmo, contrariando meus padrões de correção cotidiana que planeja e desenvolve uma vida regular e segura. E existe segurança? Eu me julgava imune a sentimentos epifânicos, desnorteadores do ego. Pois, faliu a cidadela do controle, foi invadida por memes que bloqueiam a autonomia e dirigem a liberdade para um único foco: você. Se você guiser, viro Paris para descobrir um bistrô só nosso, de comidinha insuspeita e benfazeja, regada a vinho do vale do Loire. Mais não posso pagar. Ih, esqueci, no momento, nem isso. Mesmo que o hotel seja de segunda. Mas há uma esperança: jogarei na loteria. Quem sabe não tenha uma segunda sorte? Claro, não a mesma que tenho com você, mulher imprescindível. Há algo que não preciso pagar, que está ao meu alcance, se você quiser. Cantar-lhe-ei uma Aleluia, a do Leonard Cohen, e encontrarei o paraíso do amor. Naturalmente, se você quiser e apreciar o canto de um pássaro livre e enamorado, e que não tem a voz nem o arranjo do Michael Bolton para essa *Hallelujah*. Mas nem tudo é possível, meu amor.

## À SOLTA

Publicado no látrico nº 32, junho de 2013

Para fazer meu tempo e rumo sem compromisso, a não ser o da hora, me entrego a um papo imprevisto, a uma visão de requebro erótico, a uma estranheza que não decodifico na errância da gestualidade. Já solto para não misturar sentimentos, apenas suscetível às surpresas da descoberta, me cubro de palavras e moralidades vãs, naufragadas pela força do destino. Agora solto para exercitar tempo sem custo, lento, como lentas devem ser as curvas do amor; como atenta deve ser a escuta. De um ruído, de um pingo, do farfalhar de lençóis cúmplices, do pio que ignoro mas cujo voo elíptico imagino, enquanto entretido nas coisas do lugar, puro e simples. E que me permito usufruir à nossa maneira, do nosso jeito, amorável em sentido e significado. Celebrado no borbulhar transparente, comungado nos odores únicos, úmidos de afeto, encarnados de história. À solta para expressar o indizível e para sentir o inefável, para flutuar na imponderabilidade das belezas procuradas e vistas, para ir ao encontro do pasmo revelado, e que estava perto, muito perto, cegos ao que é essencial. E sorrir para o abismo das emoções. Fugazes, mas de alcance azul. E se derramar sem medo.

#### PROSA A DOIS

Publicado no látrico nº 32, junho de 2013

As mãos estão sempre reunidas, congraçadas, em busca do que há de verdadeiro em mim e em ti. Em mim, não sei bem, é sempre algo provisório, se desenhando de uma maneira etérea, nada concreta, imaterial. Mas quando vejo o resultado de tuas mãos, em letra precisa, iluminando um texto carente de leitura, sinto um choque de reconhecimento. Não é apenas meu estilo que fica menos ruim, é meu entendimento que se alastra, desanuvia pensamentos embrionários, fazendo desabrochar uma concretude até então só delineada, vaga em sua sombra. Sim, ao te ler, surge em mim a evocação da analogia, a certeza do conceito, a incerteza da prova, a esperança da clareza. Pois, teu texto me conquista, me dá liberdade, me torna mais solidário. E aí, meus alinhavos gráficos ganham proporção, reduzida é certo, mas claros e concisos para mim mesmo, e me espanto com o milagre da prosa, operando transformações, ditando o ritmo de meu próprio destino, incerto, mas carregado de significado. E dizer que são apenas símbolos, referências para lugares, coisas, ideias e seres. Tua prosa une nossas mãos e mentes.



# CAPÍTULO XIII SOBRE MÚSICA

"A música é maior aparição do que toda a sabedoria e filosofia."

Ludwig van Beethoven

# **AULA DE COMPOSIÇÃO**

Publicado no látrico nº 14. abril/outubro de 2005

Sinal Fechado é uma aula prática de como se compõe. Sabe aquela pessoa que você gosta e não encontra há tempo? E de repente se faz presente no inesperado da ocasião e pressa? E com quem se troca meia dúzia de palavras aflitas que não correspondem ao corpo das afinidades e afetos? E pior, que pelo andamento acelerado da vida de ambos, pleno de necessidade de sobrevivência e escassez de tempo, pressentimos que só outro inesperado organizaria novo encontro? Pois fazer com que esse diálogo, delicado e nervoso, chejo de significado e ao mesmo tempo fortuito, com aquela simplicidade que leva você a pensar "essa até eu!", atinia o reluzente estado de pepita acabada em fina ourivesaria, embora pareça joia comum, o grande mérito do compositor.

Não se vê nos versos de Paulinho da Viola uma única frase de efeito, como a de Coisas do Mundo, Minha Nêga!, quando, desesperado, além do perdão pede também que a nêga o ensine a viver, pois "as coisas estão no mundo! Só que eu preciso aprender". Não, só se vê o comum no devido lugar, perfeito, irretocável, como raramente ocorre, isto é, com a simplicidade da perenidade. E a fugacidade das promessas não cumpridas. Cheias de reticências...

Encontro fechado na pressa inconsistente, No deseio de um futuro tranquilo. Ralado no dia a dia de sinal trocado. Verde, amarelo, vermelho. Encarnado assim.

#### **Sinal Fechado**

Olá! Como vai? Eu vou indo. E você, tudo bem? Tudo bem, eu vou indo, correndo Pegar meu lugar no futuro... E você? Tudo bem! Eu vou indo, em busca

De um sono tranquilo... quem sabe? Quanto tempo! Me perdoe a pressa, É a alma dos nossos negócios... Qual, não tem de quê! Eu também só ando a cem! Quando é que você telefona? Precisamos nos ver por aí! Pra semana, prometo, Talvez nos vejamos... quem sabe? Quanto tempo! Pois é... quanto tempo! Tanta coisa que eu tinha a dizer, Mas eu sumi na poeira das ruas... Eu também tenho algo a dizer, Mas me foge à lembrança! Por favor, telefone! Eu preciso beber Alguma coisa, rapidamente... Pra semana... O sinal... Eu procuro você... Vai abrir! Vai abrir! Eu prometo, não esqueço, não esqueço...

Por favor, não esqueça, não esqueça,

Paulinho da Viola

Adeusl

### TALENTO PURO, PENA A REALIDADE

Publicado no látrico nº 13, janeiro/março de 2005

Tinha que ser subestimado. Preto, pequeno, cego de um olho, feio e, ainda por cima, casado com uma loira de fechar o comércio, a sueca May Britt, coisa impertinente nos anos sessenta. Não importava ser grande cantor, com bom repertório e à vontade em qualquer estilo, num tempo em que as canções tinham bom gosto e a audiência era exigente. Não importava ser ator, dançarino, grande imitador. De Nat a Satchmo, Dean a Lewis, Cagney a Bogart, era sempre convincente. Mas quando imitava Marlon Brando a casa caía, tal sua performance, verdadeira obra-prima de alteridade. Em suma, o maior multi-instrumentista vocal e geral que já ouvi, o showman que deixava sua plateia cansada e extasiada, mercê à variedade de interpretações, um carrosel de emoções subentrantes, como você, caro leitor, pode comprovar com a audição do CD At the Cocoanut Grove. Nesta gravação faz um "medley" de West Side Story só com bongô, que é de arrepiar. Já ia esquecendo, e o sapateador? Seu desempenho ao vivo de Mr. Bojangles \*, uma ode de Jerry Jeff Walker a Bill Robinson, talvez o maior sapateador de todos os tempos, era hipnotizante. Sim, Sammy Davis Jr. também era sapateador, dos melhores. Não à toa, o chairman da sua patota, Frank Sinatra, era vidrado no seu talento, e a audiência do Sand's de Las Vegas também.

Tudo o que escrevi até agora, com muitos adjetivos propositais - normalmente me enjoam -, foi no intento de dar relevância e ornamento a um grande artista, e contar minha emoção ao ser presenteado por um amigo com uma gema que não conhecia: Sammy Davis, Jr. Sings and Laurindo Almeida plays, gravado em junho de 1966 em Las Vegas.

Toda aquela vitalidade que conhecia dá lugar à intimidade, à cumplicidade de um cantor com seu microfone, sublinhada pelas cordas de Laurindo, um artista à frente de seu tempo. É... nosso Laurindo, exilado com sua arte no Hemisfério Norte. Aliás, solista de outras esferas com sua exatidão sensível, num dueto de música pura, sem adoçantes, em que um canta, outro toca, e nós nos embevecemos. Remédio nobre para momentos de ocultação e saudade.

\* Os mais novos, admiradores de rock, e fãs do inglês Robbie Williams, podem ouvi-la no CD ou DVD Swing When You're Winning, em que mostra toda a versatilidade de seu talento.

#### A VOLTA POR CIMA

Publicado no látrico nº 17, abril a junho de 2006

Já pensou você chegar em casa de madrugada, sem qualquer preocupação, e a tua mulher acordar e dizer:

#### – Ô Noite, tudo bem?!

Pois é, isso existiu. E olha que o "Ô Noite" não era irônico não, era afetivo mesmo. E o nome do cara era esse mesmo. Os da minha geração conheceram. Noite Ilustrada. Te ocorreria alguém ter esse nome? E ser celebridade? Estou contando esta história porque Mário de Souza Margues Filho, esse seu nome verdadeiro, e negro claro, foi afortunado por um acaso feliz. Além do talento vocal. Estava em Além Paraíba, cidade mineira que nem eu nem você conhece por ser ponto ínfimo no mapa, mas que tem um nome pr'além de charmoso.

Transcorria um show comandado por Zé Trindade – seu bordão mais famoso: garotas, chequei! –, comediante do meu tempo (estou me tornando um cara de priscas eras!), quando o sr. Mário faria um número musical. Zé Trindade começou a anunciar o número, mas, súbito, a memória o traiu, não encontrou o nome do cantor nos engramas encefálicos. O agora intruso entrava no palco com a revista Noite Ilustrada no bolso. Que cena! O humorista num átimo, depois de breve gaguejada, não teve dúvida e anunciou: "Com vocês, esta grande revelação... Noite Ilustrada".

E, como todo grande achado, assim ficou. Estava criado o nome artístico. Ficou tão famoso que até sua mulher, Denise, o chamava de Noite. Lembro essa história, contada por Zuza Homem de Mello em A Canção no Tempo, volume dois, porque o Noite protagonizou um dos melhores momentos na vida do dr. Vanzolini. O doutor chegava de uma ronda pela Amazônia, sempre atrás de seus lagartos, quando teve grande surpresa ao ouvir sua música no rádio, na voz do cantor, e disputando os primeiros lugares nas paradas. Lá ficaria meses. E faria a fama dos dois para o grande público, cantor e compositor. Mas por que o último foi mestre?

Vejamos. O doutor foi um dos raros compositores paulistanos a ter uma obra pequena (umas 50 canções), mas da maior qualidade; com um refinamento de texto e uma inserção social de dar inveja. Aquela coisa de médico e pesquisador que transvê a realidade. Observa. Atente para a densidade psicossocial: "chorei,/não procurei esconder/ todos viram,/ fingiram/ pena de mim, não precisava/ ali onde eu chorei qualquer um chorava/ dar a volta por cima que eu dei/ quero ver quem dava..." E terminava soerguido: "Levanta, sacode a poeira e dá a volta por cima".

Sim, Vanzolini é um grande observador. Mas sabe que compor, poetar, ou qualquer outra coisa, é um ato de esforço. Vem uma frase, uma ideia e, a partir daí meu caro, é luta pura. Ou na síntese de Augusto dos Anjos: vem da psicogenética e da alta luta.

Vanzolini prima por um grande texto não só na música, mas também em seus escritos médicos. Precisa refazer dez vezes? Refaz. Só assim se compreende que tenha sido recompensado pela dicionarização no *Aurélio* da expressão "dar a volta por cima", como ato de superação, de transpor dificuldades. E ter a recompensa de grandes sucessos musicais e de ter proporcionado noites mais amenas aos bares da vida. Sintetizadas no Noite. Este, Deus o tenha, clareou os dias de muitos com um simples estribilho. Afinal, há sempre gentes precisando dar a volta por cima!

#### TRILHA SONORA

Publicado no látrico nº 21, agosto/dezembro de 2007

Cada um tem a sua. Pessoal e intransferível. Tão arbitrária quanto imprevisível é a vida. E médicos não fogem à regra. Um flerte, um amor, uma passagem difícil, tudo tem fundo musical. Pouco conta a qualidade; os dados da vivência, jogados ao acaso, determinam as melodias. Que perduram. Varia a quantidade, jamais o esquecimento. Não raro, pessoas podem tracar os momentos marcantes de sua biografia por meio da música. Às vezes, voltam ao passado comprando discos impossíveis de se ter quando da primeira audição. Colecionam cantores, ocasionalmente compositores. Aprimoram o gosto, refinam os ritmos, elaboram melhor as letras. Numa palavra, evoluem. Buscam estilistas vocais, aqueles capazes de impregnar sua marca mesmo numa canção menor. Isto é, de torná-la um clássico. De render o gosto popular permeando classes sociais.

A música é assim mesmo; supera conflitos. Outrossim, também pode marcar grandes desilusões. Amores impossíveis, términos imprevistos, ou a simples constatação do ser. Amores e ódios de intensidade polar, ou a mornidão sentimental da maioria silenciosa. Basta atentar para os compositores populares que tornam palpáveis nossos sentimentos como Caetano Veloso em Ela e eu: "Sinto a força rara desta dor/ clara como a luz do sol que a tudo anima/ Como a própria perfeição da rima". Ou Noel Rosa em Fita amarela: "Quando eu morrer/ Não quero choro nem vela/ Quero uma fita amarela/Gravada com o nome dela". Ou ainda Sinhô. antecipando o poder da genética, em Fala meu louro: "Quem é bom já nasce feito".

Destacamos a força da composição na língua. É vocação para vencer barreiras, ser cosmopolita, universal, sem perder as raízes da boa música. Esperamos ter acertado. Se não tivermos conseguido, registramos nosso pesar nos versos de Chico em Pois é: "Nosso mais-que-perfeito está desfeito/E o que me parecia tão direito/Caiu desse jeito sem perdão".

É o ser humano tateando o caminho da perfectibilidade. Pelo menos na música. Com direito ao desfeito.

## LETRA DE MÚSICA, SERÁ POESIA?

Publicado no látrico nº 25, dezembro de 2009

Pergunte ao Tinhorão e, certamente, dirá que não. Vinicius teria dito que sim. Aí está toda a ambivalência da questão que se arrasta indefinidamente. O primeiro, crítico musical, não toleraria considerar as letras de música popular brasileira como poesia. O segundo, poeta, letrista e compositor, entre outras coisas, provavelmente colocaria suas letras no mesmo patamar de sua poesia. Dirijamos o olhar para outros países. Um poeta americano torceria o nariz para as letras de Stephen Sondheim ou Bob Dylan, jamais considerando-as poemas, pelo prosaico motivo de serem mercantis. Um poeta francês então consideraria verdadeiro anátema situar Jacques Brel – lembram-se de Ne Me Quitte Pas? – ao nível de Valéry, e com toda razão.

Voltando ao Brasil, aqui somos mais complacentes e, excetuando os Tinhorões, facilmente colocaríamos Arnaldo Antunes, compositor e poeta que é, como poeta, se só fosse letrista. E um interessado no assunto, Nelson Ascher, diria que em nossa pobre América Latina qualquer letrista de protesto vira poeta, mesmo não o sendo, por supuesto! Para piorar a confusão, quase toda poesia modernista brasileira é escrita em versos livres e liberta de rima. enquanto a maioria das letras de MPB são metrificadas e rimadas, portanto, mais parecidas com poesia.

O busílis é que os compositores querem o status de poetas, enquanto grandes poetas, como o falecido Bruno Tolentino, cometeram diatribes homéricas na imprensa leiga se insurgindo contra isso. Afinal, dizia, os recursos que podem ser usados em poesia e até uma parte de sua expressividade seriam impossíveis nas letras musicais. Para que se tenha uma ideia mais precisa, tente lembrarse de uma poesia que musicada tenha ficado boa. Há exceções, claro, como That Day, de Nikki Giovanni.

O problema real é que o assunto é sempre mal colocado. Há limites claros entre as duas formas de expressão, e há também um terreno neutro, uma fronteira imprecisa, onde as duas podem tocarse. Mas a luta subjacente é mais por prestígio. Quem é poeta não quer ser reduzido a mero letrista, mesmo quando corteja a música popular como foi o caso de nosso Paulo Leminski. Já os letristas adoram ser considerados poetas, sentem-se no Olimpo das letras.

Como é fácil notar, tudo questão de vaidade. Para ilustrar a intersecção do tema, damos exemplo. Quem negaria a Chico Buarque o *status* de poeta em *Construção?* Basta este fragmento: "E tropeçou no céu como se fosse um bêbado/E flutuou no ar como se fosse um pássaro/E se acabou no chão feito um pacote flácido". Não tenho quaisquer dúvidas quanto à assinatura de um Drummond nesses versos. Como dúvida não tenho que bastaria a Chico esta letra para estar no panteão da MPB. Então ficamos assim: depende do que se está analisando.

Há poesia que não é poesia, de tão ruim. E, às vezes, as letras musicais podem conter alta poesia. É, há ainda, bem mais raro, poesia que vira boa melodia. Escutem, na voz de Dianne Reeves, *That Day*, exemplo da última afirmação. Mas, para além dessa polêmica, há algo mais expressivo, pensamento e poesia são siameses, estão sempre muito próximos, e há sempre música no fundo de ambos. Para nosso deleite.

### **PÉROLAS**

Publicado no látrico nº 25, dezembro de 2009

Other Things é um presente que dou aos passadinhos, como eu, para que possam recordar grandes momentos. Mas, claro, aproveito a oportunidade para introduzir (epa!) alguns cantores novos e também composições menos conhecidas. Com critério único: qualidade. Novos são Deborah Cox, Matt Dusk, Vonda Shepard, mas não tão novos assim; digamos, menos famosos. E com um detalhe: privilegiamos o piano. Que tal o solo das teclas para uma letra belíssima (neste texto estou cheio de superlativos, uma recaída romântica) de um dos meus compositores preferidos, Jimmy Webb, na voz rascante de Joe Cocker com um feeling desesperado dizendo que a lua é uma senhora muito severa?

Que tal o velho Clint Eastwood de tantos faroestes como um dos letristas em Why Should I Care? Se você não sabia, é um grande jazzófilo, bissexto em composição. Dê uma espiadinha na trilha sonora de seus filmes (exemplo: As Pontes de Madison) e se convencerá.

Que tal o piano único de Nat "King" Cole em Let There Be Love? Harmonia de voz e piano é isso aí.

Que tal um bom poema emoldurado por boa melodia? Raro, não? É o que fizeram com *That Day*, poema de Nikki Giovanni, Terri Lyne Carrington e Dianne Reeves. E Dianne interpreta à soberba.

E que tal Peter Jones, você não o conhece? É brasileiríssimo, já emplacou Fly Me To The Moon na trilha internacional da novela Mulheres Apaixonadas, da Globo, e dá um show em Where or When. Sim, temos cantor internacional da melhor qualidade.

E que tal descobrir, para quem não o conhece, o velho – literal – Roger Whittaker? Nascido em Nairobi, Quênia, estudou na África do Sul, fez universidade no País de Gales, ganhou muitos festivais, e depois o mundo. Sua voz personalíssima é um veludo só. Experimente *Time In The Bottle*, de Jim Croce.

E que tal o balanço sincopado, também único, de Stacey Kent? Que jamais cantaria em português como o fez Diana Krall em seu último trabalho, *Quiet Nights*, por um bom e simples motivo: sotaque. Stacey canta em inglês e francês como se fosse autóctone, sem se perceber de onde é. E deixou claro que jamais cantaria em português.

Isso é personalidade. Nina Simone em *Don't Let Me Be Misunderstood* é covardia, embora apoiada por ótimo arranjo. O seu *Lord* (Senhor), tem a pungência dos poucos que sabem rezar. É do álbum de 1964, *Broadway... Blues...Ballads*.

E que tal (encha-se de que tais) os pequenos prazeres aflorados de maneira contida por Matt Monro? Na minha opinião, é o senhor dicção. Você sabe, jamais em qualquer tempo... pena que tenha morrido de hepatocarcinoma nos anos oitenta. Mas deixou gravado um enorme tesouro de clássicos do cancioneiro internacional. Evidente que cortejou o popular, por isso tão abrangente.

De um álbum histórico de Astrud Gilberto tirei *The Face I Love,* de nosso Marcos Valle. Ninguém que conheça boa música pode deixar de ter *Beach Samba,* de 1967. Este álbum criou o que veio a ser chamado "brazilian-jazz classic", ao incorporar arranjos de Eumir Deodato e Don Sebesky e músicos do porte de Ron Carter e Toots Thielemans. Uma pérola.

Sinatra sempre convence entoando poesia, certo? E quando a poesia é de Joe Raposo e fala de um lugar onde havia um campo de futebol onde as crianças brincavam e riam e que se acabou, é nostalgia pura. Sinatra torna a poesia palpável, materializada. E nada mais precisa ser dito, a não ser sublinhar o arranjo de Gordon Jenkins com uma entrada, quem diria, de violoncelo e que cria o clima para a densa interpretação. Don Altobello certa vez definiu a diferença entre escutar Sinatra e ouvir Sinatra.

É a mesma diferença de o sol se pôr ou apreciar um entardecer: a primeira sensação é física, superficial; a segunda é emocional, total. Que poderia eu acrescentar a isso? Nada!

Ou melhor, apenas que devem continuar ouvindo Other Things e a belíssima (é para isso que existem superlativos) voz de Deborah Cox na composição de Harburg e Lane, Look To The Rainbow. Aqui, o piano de cauda enegrece mais a voz da cantora, que parece cantar à capela, como se piano não houvesse.

Se você não conhecia a voz de Matt Dusk, pode ter certeza, ainda vai ouvir muito. Basta apreciar alguns standards americanos que já gravou para se convencer.

E que tal ouvir a canção mais perfeita já composta? E na mais bonita voz feminina que o comitê celestial deu ao mundo? Minha opinião pode ser defeituosa, mas é o que penso de How Deep Is The Ocean, de Irving Berlin. A mesma opinião tenho de Clair De Lune, de Debussy, na música clássica.

Agora esqueça a *Unforgettable* do Nat King Cole, esplêndida como tudo que gravou – excetuando suas versões para o espanhol –, e ouça a de Lou Rawls. Não tem para ninguém, é a primeira colocada, batendo inclusive a que Johnny Hartman gravou em 1963 com John Coltrane.

Do álbum (nem chequei a me acostumar com o CD e agora a música vem do ar, de alhures.) Guilty Pleasures, revival da dupla Barbra Streisand e Barry Gibb, tiramos Golden Dawn. E o diamante lapidado que é a voz de Barbra mais uma vez pode ser apreciado.

E se o leitor não conhecia a voz de Michael Feinstein, que foi secretário de I. Gershwin, e tem regravado com tons originais parte da obra dos Gershwin, aqui o apresentamos com a Orquestra Filarmônica de Israel cantando uma canção de Jerry Herman, I Won't Send Roses.

Falar de Bassey e Bennett é escusado, mas uma palavra sobre Vonda Shepard é necessário. Quem assistiu a série Ally McBeal conhece sua voz e piano. E não poderíamos fazer homenagem melhor ao poeta e compositor Bob Dylan senão com *Don't Think Twice, It's All Right*.

Enfim, temos certeza de que não estamos jogando pérolas aos porcos. Nos é dada a sensibilidade devida aos médicos. A sensibilidade daqueles que transformam simples contas de vidro em pérolas vivenciais, ou seja, que esclarecem, reasseguram e fornecem a esperança que a ciência pode dar, e que a arte pode embalar. Pérolas de significado e beleza. Pérolas de outras coisas, para você que nos acompanha. Ouça em nosso sítio. É nossa contribuição às coisas calmas e amorosas.

#### **ESCOLHAS**

Publicado no látrico nº 26, julho 2010

Escolhas são sempre difíceis. Entre isto ou aquilo, silenciamos. Ou tememos. Ou rejeitamos. Raramente abraçamos. Na vida e na música. Entre o isto ou aquilo nunca se sabe bem qual é melhor, por isso, o conformismo prepondera, a expansão se faz exígua. Melhor ficar com o primeiro, costumeiro, que embora possa ser bom, nada mais acrescenta. O novo, estranha-se. Mesmo que se entranhe. Mas é o mesmo que mostra outros caminhos, dimensões diferentes, ou simplesmente novos. Ou seja, nada de novo, mas diferente. E nisso pode estar a água fresca de uma nova fonte que sacia nossa curiosidade ou necessidade. Perrier dos sentidos, a descortinar paragens inesperadas; sons estranhos que, breve, se harmonizam e criam o noviço arranjo que faz diferente o sabido. E, consentindo, torna o saber de segundo grau, penetrando a alma qual brisa fresca que varre o abafado da mesmice, das bagatelas inúteis, que estorvam a percepção. Melhor viver escolhendo o que ouvir, olhar, perscrutar; sentir os novos sons que vêm de cada um e cada outro, que se entrelaçam em escolhas. Escolhas da ousadia da madureza. Na vida e na música.

#### **PALAVRAS E SONHOS**

Publicado no látrico nº 31, ianeiro de 2013

A trilha sonora de uma vida não é só embalada por palavras e sonhos. Frustrações contam muito. E para cada revés é necessário preencher a vacuidade existencial com uma nova possibilidade. E não adianta mentir para si próprio. Qualquer sonho vazio, ou seja, sem intenção nem vontade, não entra na conta do horizonte vislumbrado. Não tem alcance, é uma melodia dissonante sem pauta nem palavras. É amargura que só a disposição de dar a volta por cima, de ter uma inclinação cimeira, guardará a realização prometida. Sem a cequeira da vitimização nem a penumbra da imobilidade, sem o verbo jogado ao vento nem o esforco inconseguente. A trilha de nossa vida necessita do encaixe de melodia e letra, onde entra o sonho e a epifania e, às vezes, o abandono. Sendo o pior de todos, a ausência de si. A seleção Words and Dreams perfaz um círculo de grandes composições, arranjos e solistas, preenchendo um todo imaginário de embalo e direção, seguindo nosso tempo e rumo.

#### JOE COCKER

Publicado no látrico nº 32, junho de 2013

Quando em 1969 ouvi pela primeira vez With a Little Help From My Friends, dos Beatles, na voz de Joe Cocker, imaginei tratar-se de um cantor negro. Tive também a percepção, desta vez correta, do que significava a palavra "feeling".

Ninguém até então, para mim, tinha sido tão visceral. E a guitarra de Jimmy Page completava a sensação de coesão, de organicidade, que conseguia alterar meu estado de consciência. Quando vi sua apresentação em Woodstock, entregando o contorcionismo de seu corpo à voz, foi espanto e defesa, e depois entrega. E me lembrei de Aldous Huxley, citando Burroughs, a propósito da mescalina mexicana, que se se abrissem as portas da percepção tudo pareceria como realidade infinita. Nada mais psicodélico do que isso para época. Cocker não era só drogado, funcionava como uma droga. Depois, bem, depois deu no que deu. Afundou-se em álcool e outras drogas, e o destino não quis que morresse. Ao contrário, deu-lhe nova chance nos anos oitenta para expressar seu feeling e se consagrar definitivamente. E misturar melancolia com júbilo de espírito, sensibilidade com tonicidade, para nos fazer comungar um sentimento único, o amor que se despedaça para voltar inteiro.

Na edição 32 da revista látrico há uma seleção de uma trilha imperdível, a do homem que finalmente se encontra em sua sede infinita. Vale a pena comungar.



# CAPÍTULO XIV POEMAS

"Da briga do homem com os outros surge a retórica; da briga do homem consigo mesmo nasce a poesia."

William Butler Yeats

#### **SONDAGEM**

Publicado no látrico nº 11, setembro/outubro de 2004

Como libertar as lembranças apagadas?

Como abrir o livro do passado e mobilizar humores esquecidos? Como mergulhar dentro de si e descobrir um oásis num vale de lágrimas?

Como reordenar fatos, corrigir distorções, revelar emoções ocultas e elaborar trajetórias?

Como buscar sonhos primevos sem a lanterna de popa?

Como compor o retrato sem aclarar a verdade de si próprio? Como extirpar o cerne agressivo sem repressão, e transfigurar

limites e respeito?

Como fundir o tempo encoberto do ostracismo na terra firme da ação?

Como refletir sobre o horizonte sem os movimentos passadiços? Como lidar com medos e incertezas sem prospectar fragilidades?

Como ser definido sem reconhecer os erros repetidos?

Como relativizar perdas e restaurar inteirezas?

Não que a experiência sirva ao porvir, mas não assentaria os pés no presente?

Como recompor a vida e deixar herança não erodível?

Como se libertar, e por consequinte, aliviar os outros das argolas do preconceito?

Como contar um drama sem sentimentos fugidios e o filtro de uma consciência madrasta?

Não que a experiência exonere o caminho, mas não daria húmus à inconsistência hodierna?

Não que exista um ideal de conduzir a vida, mas não começaria pelo melhor a cada circunstância?

E que melhor?

E se verdadeiro, como evitar a obsessão do certo mutável? Não que a liberdade e a felicidade possam ser plenas, mas não começariam por um ser e viver consentâneo com o de pensar? Mas onde o pensar encontra a liberdade se o seu núcleo é a dúvida?

Como evitar as interrogações e viver em paz? Mas como ser autônomo sem interrogações?

N.A. Com a colaboração involuntária de Dulce Critelli.

### **OBSESSÃO**

Publicado no látrico nº 19, janeiro/março de 2007

Campeando a sombra intestina, Recorro aos erros previstos e revistos, E soçobro nos retratos do passado. Não adianta, são lanternas de popa, E me acusam da neblina por vir. Coleção em branco e preto Colorindo vãs expectativas De um feitiço indesmanchável

# **DECLÍNIO**

Publicado no látrico nº- 23, novembro de 2008

Já fiz todas as escolhas possíveis; profissão, casamento, filhos. Palavras e livros. Até o que não escolhi já se foi. Restam miudezas, atos sem importância.

Relevantes foram as decisões maiores tomadas no verdor da inconsciência. A partida para o mar alto de todas as possibilidades sem mapas nem experiência.

Notem, buscas e invenções, denodo e deveres, horizontes nublados, até mesmo a noite branca, tudo se pôs, e à espreita das miudezas que restaram.

Oculta, sobrou uma vontade, lírica, de começar tudo de novo. Mas pra quê? Se agora, tudo que era grande, são apenas miudezas?

### **SOMBRAS**

Publicado no látrico nº 26, julho de 2010

Chegou, postou-se limitada com fácies de pedra, expondo alexitímica paralisia.

Continuou, vítima inconsequente e pendente, umbigo doloroso do mundo com olhos viscerais ressentidos.

Amuou ideias caducas, órfã de um destino irremovível, estuário de minquado repertório.

Terminou, portfólio de cruzes assumidas sem razões, erguidas nas sombras das ilusões, exercidas em vivência latente.

Maga de amores impossíveis, derreteu sentissências avulsas, fragmentos de larvas gélidas, torrentes despidas e amorfas.

Partiu, à sua semelhança, deixando rastros de nada.

N.A. Ah! Quantas vezes os médicos dão assistência a este padrão de não viver. Quantas vezes veem seus esforços se dissipar na ausência de possibilidades.

## **PERDAS**

Publicado no látrico nº 32, junho de 2013

Perdi a infância, e parte de suas flores raras.

Perdi lances, times e filmes, que não reconheço mais como verdadeiros.

Perdi tendências ao alcance. soltas na leveza da evaporação.

Perdi projetos, firmeza e fluência, nos veios permeáveis do ser.

Perdi, e não senti, esperanças alheias, erodidas ao correr do incerto.

Perdi, e senti, convicções possíveis, percorridas em desafios impróprios.

Perdi, sobretudo, certezas e sonhos, mas não perdi as dúvidas, pérolas do acaso.

### **SOBRE O AUTOR**

João Manuel Cardoso Martins nasceu em Portugal, em junho de 1947. Seus pais, José e Maria do Carmo Martins, vieram para o Brasil no início da década de 50, radicando-se na região de Londrina, no Norte paranaense, que experimentava o período áureo do café. Contudo, para a família, os primeiros anos transcorreram com muito trabalho e poucos recursos financeiros. A vida humilde não foi suficiente para conter o sonho do então jovem seguir a carreira médica. Sem uma escola de graduação ainda instalada na região, rumou à capital, Curitiba, onde em 1966 iniciou o curso de medicina na antiga Católica (hoje PUCPR), sob o estímulo e ajuda de algumas pessoas, inclusive professores, que vislumbraram um talentoso expoente da medicina.

A difícil jornada foi premiada com a graduação, em 1971. Ali, reviu o plano de retornar ao interior diante dos novos desafios que se apresentaram, inclusive o precoce ingresso na docência, na mesma escola médica. Um reconhecimento à sua competência e perseverança, respaldadas por intensa pesquisa e dedicação à leitura. Especialista em clínica médica e reumatologia, nestas mais de quatro décadas atuou com intensidade na profissão, ajudou a formar gerações de médicos e a propagar ética e conhecimento. Assim, credenciou-se com naturalidade para ascender a uma cadeira na Academia Paranaense de Medicina.

Disposto a interagir um pouco mais com os médicos, sobretudo os mais jovens, o prof. João Manuel passou a produzir, em 2002, uma coluna no Jornal do CRM-PR, publicação impressa. Ganhou o sugestivo nome de "látrico". Mais que incursões na cultura, nas artes e na profissão, o espaço pretendia estimular o médico e o estudante de medicina a ler, a exercer seu senso crítico, a formular ideias, a pensar num futuro: o seu, o de seus pacientes, o da atividade médica. A coluna ganhou corpo, virou encarte e repercutiu tanto, positivamente, que foi transformada em revista, que chega em 2013 com 33 edições nos meios físico, eletrônico e científico.

Integrante por anos da Comissão de Comunicação do CRM-PR, o prof. João Manuel inaugurou a série de *Cadernos do Conselho* apresentando dicas para o médico no seu cotidiano. A publicação estimulou a produção do livro *Jaculatórias, sugestões para o dia adia do médico*, lançado em 2009 pelo Conselho Federal de Medicina. Em 2010, ele recebeu do Conselho do Paraná a "Medalha de Lucas – Tributo ao Mérito Médico", comenda inspirada no patrono do médico e que visa reverenciar profissionais de destacada atuação em defesa da ética, das causas sociais e humanitárias e da difusão do conhecimento. Em 2013, foi laureado pelo CFM com a comenda "Moacyr Scliar, de Medicina, Literatura e Arte".

No seio familiar, a medicina se reafirma totalmente presente na vida desse eminente médico. A esposa Maria Isabel é pediatra, enquanto outros dois filhos são médicos: João Luiz, psiquiatra, e Victor Emanuel, clínico geral. Tem ainda duas filhas: Flávia, advogada, e Juliana, comunicadora.

### **SOBRE OS ORGANIZADORES**

#### **Gerson Zafalon Martins**

Médico pneumologista, perito judicial e professor universitário. Conselheiro do CRM-PR por 25 anos, foi também seu presidente. Desde 1999 representa o Paraná no CFM, tendo ocupado diversas funções diretoras e comissões e câmaras técnicas. É responsável pelo Centro de Pesquisa e Documentação e editor da Revista Bioética.

#### **Luiz Sallim Emed**

Médico especialista em nefrologia e clínica médica, professor universitário e dirigente hospitalar. Foi conselheiro do CRM-PR por várias gestões, tendo exercido a presidência de 1996 a 2003. Também fez parte do CFM como conselheiro suplente. É autor de diversos trabalhos científicos e foi coordenador do Conselho Editorial das publicações do CRM-PR.

#### Hernani Vieira

Jornalista, ex-editor do jornal Gazeta do Povo (Curitiba). Com 32 anos de experiência na área da saúde, atua desde 1991 como assessor de comunicação do Conselho Regional de Medicina do Paraná.



